

DA POLIFONIA A SINFONIA: ACORDES DAS ESCOLAS RURAIS DE UBERLÂNDIA NA
CANÇÃO AMBIENTAL

Leonardo dos Santos Gedraite

Monografia apresentada para a obtenção do grau
de Licenciatura no Curso de Ciências Biológicas
da Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia - MG
Julho - 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DA POLIFONIA A SINFONIA: ACORDES DAS ESCOLAS RURAIS DE UBERLÂNDIA NA
CANÇÃO AMBIENTAL

Leonardo dos Santos Gedraite

Monografia apresentada para a obtenção do grau
de Licenciatura no Curso de Ciências Biológicas
da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Dr^a. Camila Lima Coimbra/FACED/UFU

Uberlândia - MG
Julho – 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DA POLIFONIA A SINFONIA: ACORDES DAS ESCOLAS RURAIS DE UBERLÂNDIA NA
CANÇÃO AMBIENTAL

Leonardo dos Santos Gedraite

Aprovado pela Banca Examinadora em: / / Nota: ____

Nome e assinatura do Presidente da Banca Examinadora

Uberlândia, 31 de julho de 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DA POLIFONIA A SINFONIA: ACORDES DAS ESCOLAS RURAIS DE UBERLÂNDIA NA
CANÇÃO AMBIENTAL

Leonardo dos Santos Gedraite

Dr^a. Camila Lima Coimbra
FACED-UFU

Homologado pela coordenação do Curso de
Ciências Biológicas em __/__/__

Coordenadora: Dra. Celine de Melo

Uberlândia - MG
Julho - 2017

DEDICATÓRIA

Dedicado a onça que cativou minha vida e a nossa nova biblioteca.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão eterna a Professora Camila, que, além de uma ótima orientadora, é uma pessoa incrível. Adorei compartilharmos nossos caminhos durante esse período.

Agradeço a prefeitura de Uberlândia por permitir a realização desse estudo.

Minha gratidão eterna as escolas que me receberam de portas abertas e contribuíram imensamente para a realização desse trabalho, além de serem a razão desse trabalho existir.

Sem o apoio incondicional da minha família seria impossível ter realizado esse trabalho: Papito, Gg, Urso, Suely, Vini e Carla, muito obrigado.

E sem dúvida nenhuma o companheirismo, suporte e paciência para aguentar meu estresse durante a elaboração desse texto, da minha amada Mariana foram essenciais para conseguir finalizar esse TCC a tempo.

RESUMO

A educação ambiental e a educação rural abarcam diversos conceitos distintos sob o mesmo nome e são temas que têm mudado constantemente nas últimas décadas, porém, apesar de serem relacionados, geralmente são trabalhados separadamente. Uma situação complexa, visto que a maioria dos conflitos ambientais do século XXI ocorre na zona rural e a educação ambiental é a maneira de permitir que a sociedade rural afetada possa se expressar nesse processo. Esse trabalho teve como objetivo verificar por meio de entrevistas reflexivas os conceitos de educação rural e de educação ambiental que professores e gestores de escolas rurais de Uberlândia utilizam atualmente. Os resultados indicam que as escolas rurais de Uberlândia, para os entrevistados, são caracterizadas por possuir salas com poucos alunos, uma grande rotatividade dos estudantes e um público particular, com costumes sociais próprios. No entanto, a prática pedagógica e o conteúdo são os mesmos da zona urbana, só mudando a interação professor-aluno durante a rotina diária. Para a maioria dos entrevistados não deveria haver uma diferença no conteúdo entre zonas urbanas e rurais. Já no quesito educação ambiental vemos duas vertentes distintas em prática: uma conservadora, baseada no dever de preservar o meio ambiente, e outra transformadora que tenta fazer com que o estudante perceba que é parte desse meio ambiente e pode agir para transformá-lo. Ambos os temas são tratados nas escolas de maneira pontual, através de projetos, que geralmente tem sua origem em agentes externos (governo e/ou empresas privadas), sendo que a educação ambiental geralmente fica a cargo do professor de ciências. A partir das entrevistas verificou-se que é necessário um debate entre as diferentes concepções para projetos mais efetivos e um meio interessante de fazer isso seria através da formação continuada dos educadores, fato que se demonstrou efetivo nas ações de uma das escolas entrevistadas.

Palavras-Chave: Educação_Rural, Educação_do_Campo, Educação_Ambiental, Saber_Ambiental, Uberlândia_MG.

ABSTRACT

Environmental education and rural education encompass several distinct concepts under the same name and are topics that have changed constantly in the last decades, but despite being related, they are usually applied separately. Since most of the environmental conflicts of the 21st century occur in rural areas and environmental education is the main pathway that allows the affected rural society to have voice in this conflicts. This study aimed to verify through reflective interviews the concepts of rural education and environmental education that teachers and principals of rural schools in Uberlândia currently use. The results indicate that the rural schools of Uberlândia, for the interviewees, are characterized by having classrooms with few students, a great turnover of students and the students have their own social customs. However, the pedagogical practice and the content is the same as the urban zone, with the differences being addressed only during the daily routine by the teacher-student interaction. For most respondents, there should be no difference in content between urban and rural education. Considering environmental education, we see two different concepts in practice: a conservative one, based on the duty to preserve the environment, and another one “the transformative” that tries to make the student realize that they are part of the environment and can act to transform it. Both themes are addressed in the schools in a timely manner, through projects, which usually have their origin in external agents (government and/or private companies), and environmental education is usually under the responsibility of the science teacher. It was verified, emerging from the interviews, that a debate between the different conceptions is necessary for more effective projects and an interesting way to do this would be through the continuous formation of the subjects, a fact that was demonstrated effective in the actions of one of the schools interviewed.

Key-Words: Enviromental_Education, Rural_Education, Enviromental_Knowledge, Uberlândia-MG.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	
AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
LISTA DE ANEXOS	v
LISTA DE APÊNDICES	v
1. INTRODUÇÃO	6
1.1. Apresentação: as encruzilhadas	6
1.2. Justificativa teórica e Problemática.....	15
1.3. Objetivos.....	21
2. METODOLOGIA	23
2.1. Definição do universo amostral	23
2.2. Métodos para obtenção de dados	26
2.3. Processo de análise dos dados	28
3. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS.....	30
3.1. Grupo 01: a escola rural.....	30
3.1.1. Primeira categoria analítica: pequeno número, grande espaço	34
3.1.2. Segunda categoria analítica: rotatividades e permanências	43
3.1.3. Terceira categoria analítica: o atalho do bugre.	50
3.1.4. Quarta categoria analítica: a cidade vai ao campo	53
3.2. GRUPO 02: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	62
3.2.1. Quinta categoria analítica: ética e dever	62
3.2.2. Sexta categoria analítica: “Eubiente e a ação transformadora”.....	71
3.2.3. Sétima categoria analítica: “o caminho das águas: o rio e a chuva”	77
3.2.4. Oitava categoria analítica: “colonizando a ilha”	81
3.3. O PASSAR DO TEMPO NO CAMPO	86
3.3.1. Mudanças	86
3.3.2. O tempo formativo e desenrolar da história.	93
4. CONCLUSÃO: DA POLIFONIA A SINFONIA	96

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Termo de anuência prefeitura gestão prefeito Gilmar Machado	101
Anexo B – Termo de anuência prefeitura gestão prefeito Odelmo Leão	102

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Texto do contato inicial.....	103
Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	104
Apêndice C - Transcrição da entrevista com a Diretora Baru (da E.M. Cerrado)	107
Apêndice D - Transcrição da entrevista com Diretora Buriti (da E.M. Cerrado Rupestre) ...	115
Apêndice E - Transcrição da entrevista com Diretora Cajuzinho (da E.M. Cerradão).....	122
Apêndice F - Transcrição da entrevista com Diretora Genipapo (da E.M. Mata Seca).....	130
Apêndice G - Transcrição da entrevista com Diretora Gurguri (da E.M. Mata de Galeria) ..	136
Apêndice H - Transcrição da entrevista com Professores Mangaba e Murici (Ciências - 9º ano da E.M. Cerrado Rupestre).....	143
Apêndice I - Transcrição da entrevista com professor Pequi (Ciências - 9º ano da E.M. Cerrado).....	155
Apêndice J - Transcrição da entrevista com professora Araticum (Ciências - 9º ano da E.M. Cerradão).....	170
Apêndice K - Transcrição da entrevista com professora Gravatá (Ciências - 9º ano da E.M. Mata Seca).....	180
Apêndice L - Transcrição da entrevista única com Diretora Araça, pedagoga Bicuíba e professora Barbatimão (Ciências - 9º ano da E.M. Vereda)	192
Apêndice M - Transcrição da entrevista única com Diretor Camboatá e professora Gabiroba (Ciências - 9º ano da E.M. Mata Ciliar)	218
Apêndice N - Transcrição da entrevista única com Diretora Bacupari e professora Jatobá (Ciências - 9º ano da E.M. Campo Limpo)	239

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação: as encruzilhadas

A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?

Guimarães Rosa - Grande Sertão: Veredas

Cada história tem um começo, uma apresentação necessária. E cada começo é uma escolha, um recorte. Me apresento aqui por meio das minhas escolhas, um retrato formado pelos recortes que obtive na vida, e que formaram a trama desse mosaico que você tem em mãos. A pergunta que temos que fazer é como um paulistano urbano acabou escrevendo sobre escolas rurais mineiras e educação ambiental?

Como todas as coisas importantes no planeta, minha vida profissional começou a partir do acaso. Paulistano da gema, nasci e cresci em São Paulo, capital, tendo um estilo de vida urbano. Graças à influência de uma excelente professora e afinidade com o conteúdo que vinha estudando até então, decidi que tentaria seguir a carreira de biólogo no vestibular, já que não me via em nenhuma outra profissão.

Durante essa etapa incerta de preparação para o vestibular, acabei escolhendo um processo seletivo qualquer no mural do curso pré-vestibular que fazia para treinar para os vestibulares mais famosos na região (Fuvest, UNICAMP), apenas porque a prova seria realizada próxima de casa e a data do exame era conveniente. Prestei e passei.

Então fui olhar onde era essa universidade, a Universidade Federal de Lavras, que eu nunca tinha ouvido falar, e como era o curso de biologia lá. Gostei do quadro de professores, pois a maioria dos professores eram agrônomos ou biólogos, e não médicos e dentistas. Já sabia que não desejava um curso relacionado à medicina, pois pretendia seguir carreira como biólogo, trabalhando como cientista, fosse na universidade ou como um geneticista em um grande

laboratório. Em hipótese alguma queria me relacionar com a medicina ou com a espécie humana diretamente, odiava contato social e conversas.

Então tomei minha primeira decisão: com apoio da minha família optei por ir cursar essa faculdade, ao invés de ficar fazendo o curso pré-vestibular. Achei que compensava, pois mais tarde eu poderia tentar transferência para uma universidade de São Paulo (na época a USP figurava como prioridade na minha cabeça) ou vestibular e eliminaria algumas matérias, ao invés de ficar decorando fórmulas para uma prova de vestibular.

Foi uma decisão corrida, pois passei na segunda chamada e vi o resultado quase no último dia. Tive apenas uma semana para conversar com meus pais, juntar a documentação necessária e ver no mapa aonde era Lavras. Por sorte, minha família deu um suporte muito grande e em menos de um mês eu havia mudado completamente minha vida (era um vestibular de meio de ano): um garoto da cidade, que nunca havia saído de casa, da capital, mudara para o interior de Minas Gerais.

Logo após as primeiras semanas de aula, a universidade entrou em greve. E essa não foi qualquer paralisação, mas uma longa greve que duraria seis meses e nos faria perder o semestre. Durante a greve optei por ficar em Lavras (novamente meus pais apoiaram essa decisão) e ir atrás do meu sonho. Por pura insistência consegui um estágio: saí batendo de porta em porta nos gabinetes dos professores da biologia, me apresentando como calouro (com uma quinzena de aula apenas) e pedindo para fazer qualquer coisa, explicando que queria estagiar e aprender mais sobre algum tópico durante a greve (que jurava que ia ser rápida).

Consegui um estágio no laboratório de citogenética, com a então coordenadora do curso de biologia. De início eu lavava vidrarias utilizadas por outros e pegava água destilada no laboratório de microbiologia. Com o tempo e a insistência, pois passava praticamente todas as

horas livres do dia no laboratório, aprendi as técnicas básicas, li os livros e artigos essenciais e acompanhei todos os alunos do laboratório por um tempo (tanto os de graduação, quanto os de pós-graduação), ajudando nos projetos deles. Ao fim dos seis meses da greve já tinha um projeto próprio, vinculado a uma aluna de graduação (hoje professora lá) e quando as aulas retornaram já possuía um vínculo de iniciação científica voluntária. Até hoje sou muito grato a todos os membros do laboratório daquela época, que aturaram minhas perguntas, indicavam leituras e ensinavam como operar equipamentos e as técnicas básicas. Sem eles não poderia ter chegado aonde cheguei.

Permaneci nesse laboratório por dois anos e meio, passando de projeto em projeto, de iniciação científica voluntária a uma bolsa de iniciação científica do CNPq. Participei de diversos congressos, apresentando trabalhos e colaborando nos meus primeiros artigos científicos. Na primeira metade da graduação já vivia a prática científica, rigorosa e metódica. Minha orientadora, na época, estava envolvida com cargos administrativos, primeiramente na coordenação do curso e posteriormente na pró-reitoria de pesquisa. Hoje, vejo que isso foi uma oportunidade excelente, pois além de prover os recursos para o laboratório (reagentes e bolsas), ela me inseriu no mundo administrativo da universidade (fui representante discente no colegiado do curso, auxiliando a elaborar a análise do currículo do curso, visto que o curso de ciências biológicas era novo, com menos de três anos de existência; fui representante da minha sala, e fui representante discente nas reuniões de departamento). A desvantagem dessa situação é que minha orientadora tinha pouco tempo disponível para nos orientar, o que ficava a cargo das discussões com os pós-graduandos do laboratório e indicações de leitura. Isso fortaleceu uma postura autodidata em mim.

Esse período foi muito importante na minha vida, pois pude vivenciar de maneira plena a universidade. Mergulhei de cabeça e tinha certeza que seria um cientista. Dava pouca importância às aulas (tirava o mínimo para manter a média da bolsa), e muita a todas as outras

atividades. Fui membro de duas chapas do Centro Acadêmico; auxiliei na organização de semanas acadêmicas da Biologia; organizei calouradas e festas; participei do grupo de estudo em Comportamento e Bem-Estar animal (um grupo de estudos interdisciplinar junto ao departamento de medicina veterinária); ajudei a fundar e compus a diretoria de projetos da Biológica Jr (Empresa Junior da Biologia); fui monitor da disciplina de Ecologia Geral e participei de estágios voluntários em outras áreas.

Uma mudança importante ocorreu no decorrer da graduação: percebi que a rotina diária de um laboratório era muito repetitiva, o que me cansava um pouco. Ao mesmo tempo fui apresentado, por dois pós-graduandos do setor de zoologia ao mundo da herpetologia. O garoto urbano foi para o mato pela primeira vez.

Foi uma experiência única, esse misto de fascínio pela natureza, que era desconhecida para mim, com o ato de estudar anfíbios (um grupo zoológico que considero ótimo para um zoólogo em formação, já que tem muito “contato manual” com os animais) me hipnotizou. Durante esse período resolvi sair do laboratório, juntei com mais alguns graduandos e escrevi um projeto (meu primeiro projeto de ecologia e o primeiro projeto escrito totalmente por mim) e fui procurar um orientador, já que nenhum professor da UFLA trabalhava com herpetologia e os dois pós-graduandos haviam terminado os campos e estavam saindo da universidade. Consegui um professor da UFLA que seria minha “barriga de aluguel” assinando os tramites burocráticos e um professor de outra universidade, a Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) que nos colocou em sua licença de coleta e auxiliou na identificação dos espécimes coletados.

Novamente foi um período recheado de descobertas, também baseado na autonomia e no autodidatismo. Durante esse período estava formando minha consciência profissional e cívica, e tinha grande estima pelas instituições científicas e pela preservação ambiental. Acreditava

que era meu dever, por ter tido minha educação pública financiada pelo governo, retornar o resultado dessa educação de maneira a promover a conservação da natureza, principalmente através da pesquisa científica aplicada.

Após o final da graduação fui direto para o mestrado, seguindo a linha da ecologia aplicada e conservação de anfíbios. Nesse processo, seguindo o fluxo do rio, abandonei o sul de Minas Gerais e fui para o interior paulista, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a UNESP, campus São José do Rio Preto.

Foi um momento de realização muito grande para mim, seguir o sonho de virar cientista. Consegui ser aprovado no programa com bolsa, trabalhando no laboratório que eu queria (era especializado em girinos), um projeto no Parque Nacional Grande Sertão Veredas (graças a um apoio da Paula, uma das pessoas que me iniciou no mundo da herpetologia durante a graduação da UFLA e agora era chefe do parque). No entanto, não consegui pegar a vaga com a pesquisadora que eu pretendia que fosse minha orientadora, pois ela tinha apenas duas vagas. Para não perder a inscrição consegui um outro orientador, uma outra “barriga de aluguel”, que era vinculado no programa de pós-graduação, mas era lotado em outra universidade e em outro município.

Novamente foi um período que fortaleceu o meu autodidatismo, já que meu orientador não era exatamente da minha área (não era ecólogo e não trabalhava com conservação). Também sofri um choque muito grande, pois a minha formação inicial na UFLA era voltada para uma ecologia aplicada e conservacionista, mais ampla. Já o paradigma da UNESP era de uma ciência mais pura, voltada para teoria e com grande cobrança para publicação de artigos em periódicos internacionais. O clima competitivo era muito mais forte na UNESP, com cada aluno preocupado mais com o seu projeto e os professores com as fontes de financiamento. Existia bem menos interação entre professores e estudantes do que eu convivi durante minha

experiência em Lavras. O clima que imperava no laboratório e na universidade era o de sacrifício e abnegação em prol da ciência e da produtividade, para sobressair-se através de uma atividade meritocrática (publicação de artigos).

Esse choque de cultura e a vivência que tive durante minhas coletas do parque fizeram com que eu repensasse algumas das minhas convicções, inclusive a própria efetividade da ciência para conservação da nossa biodiversidade, que era um valor que eu tinha como bússola para minha carreira. Sentindo o clima de competição, a cobrança para publicação e vendo as opções que meus colegas de curso faziam, abrindo mão de várias coisas na vida para seguir a carreira acadêmica, decidi abandonar temporariamente a carreira acadêmica após o mestrado.

Então, entrei no mercado de trabalho de consultoria ambiental, participando do processo de licenciamento ambiental (elaborando estudos de impacto ambiental e relatórios voltados ao meio biótico, especialmente sobre a herpetofauna). Essa experiência foi muito rica, pois permitiu que eu viajasse pelo Brasil, conhecendo diversas realidades diferentes (do Sul, ao Norte, passando pelo Nordeste e o Pantanal) e exercesse um trabalho que eu considerava muito mais efetivo para conservação prática, apesar das inúmeras dificuldades e pressões das empresas grandes.

Após um tempo nessa vida de viagens e projetos me vi cada vez mais fazendo trabalhos repetitivos e vendo que havia pouco crescimento pessoal. O ritmo constante de viagens impedia que fizesses outras atividades, como estudar uma língua estrangeira. Na época era o auge do programa Ciência sem Fronteiras e, após visitar meu irmão na Alemanha, decidi tentar voltar para a academia, pensando em uma bolsa Ciência sem Fronteiras para um doutorado pleno no exterior.

Decidi parar de trabalhar temporariamente (voltando a atuar apenas como autônomo) e tentar um curso de licenciatura, tanto para melhorar minha formação pessoal como para abrir mais

opções de carreira, pensando principalmente no exercício da docência no ensino superior futuramente. Também percebi que, dada a situação de mudança no licenciamento ambiental (tanto em termos de legislação, quanto em termos de mercado) eu poderia exercer uma influência mais forte na conservação do meio ambiente através da educação, especialmente da educação ambiental, do que atuando tecnicamente no processo de licenciamento. Tive algum contato com programas de educação ambiental, durante a época que trabalhei em empresas de consultoria, mas queria me aprofundar mais nos aspectos epistemológicos do ensino e suas ramificações na educação ambiental.

Acabei ingressando através do processo de portador de diploma no curso Ciências Biológicas, grau licenciatura da UFU. Tentei aproveitar ao máximo as disciplinas que tinha afinidade, apesar da dificuldade de fazer um curso trabalhando, pois continuei atuando no ramo de licenciamento ambiental para me sustentar durante a graduação, ainda que de maneira mais esporádica.

Meus planos iniciais foram frustrados, pois no momento que estava cursando a licenciatura ocorreu um corte no programa Ciência Sem Fronteiras na categoria de doutorado pleno, impedindo financeiramente a ida ao exterior. No entanto, Uberlândia me providenciou diversas outras alegrias e oportunidades. Então, aproveitei a licenciatura para estudar e conhecer outras visões concorrentes com o cientificismo pesado que fez parte da minha formação inicial, mas sempre com uma postura crítica.

Durante o curso de licenciatura pude aproveitar a biblioteca da UFU e as diversas disciplinas do núcleo educativo para complementar minha formação. As discussões e embates sobre as diferentes visões de mundo, paradigmas cientificistas e outros mais amplos, que ocorreram nas disciplinas da licenciatura foram muito importantes para moldar a minha visão pessoal de ciência, que permeia esse trabalho.

Interessante também ressaltar que o fato de estar fazendo uma segunda graduação, tendo entrado como portador de diploma (o que permitiu que obtivesse equivalência das matérias específicas que já tinha cursado no bacharelado da UFLA, eliminando cerca de 80% do curso), fez com que eu fizesse poucas disciplinas por semestre (entre uma e quatro), dessa maneira me dedicando mais as disciplinas e tendo mais tempo para estudar. Ao mesmo tempo, por ser a segunda graduação, estava mais maduro e pude aproveitar melhor as partes que me interessavam do curso.

No momento final do curso acabei selecionando uma orientadora por afinidade, respeito a sua postura profissional e aplicação das teorias defendidas. A professora Camila, responsável pelo componente de Didática Geral no meu curso, me apresentou ao mundo das escolas rurais, uma das suas linhas de pesquisa, e fui atraído pelo tema, pois acredito que acompanhe os meus ideais de contribuição significativa para a conservação do meio ambiente.

Decidi realizar o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC unindo as duas temáticas, ambiental e rural, abordando a educação ambiental nas escolas rurais de Uberlândia, mas exercitando uma visão de pesquisa diferente da que eu estava acostumando, elaborando um objeto que fosse científico, mas superasse a academia e pudesse ser usado na prática, contribuindo de alguma maneira para educação ambiental.

Para começar a me familiarizar com esse novo mundo metodológico e teórico, decidi por fazer uma pesquisa na área da educação de modo a averiguar a realidade existente sem preconceitos teóricos e/ou práticos. Assumi a minha falta de conhecimento aprofundado nessas áreas e optei por, aproveitando a oportunidade, usar o TCC como um mecanismo para conhecer a realidade dessas escolas, um instrumento exploratório.

Para isso decidi partir dos próprios sujeitos imersos no processo educativo (professores e gestores), compreendendo os conceitos de educação ambiental e de educação rural que eles

possuíam. Meu objetivo principal é obter um quadro da situação atual, com todas as visões existentes, para então começar a me aprofundar. É mais observar e entender o que os sujeitos pensam do que tentar aplicar as teorias do universo acadêmico nesse universo amostral.

Esses foram meus acasos até chegar aqui, nesse momento e nesse tema. Um desafio pessoal desenvolvido nesse trabalho de pesquisa, iniciando um percurso em outros campos, numa outra encruzilhada, com campos teóricos e metodológicos ainda não habitados por mim. Assim, esse TCC é fruto de uma experiência de aplicar outras visões de mundo e ter um contato inicial com duas áreas que não possuo conhecimento teórico aprofundado: a educação ambiental e a educação rural, mas que cruzaram a minha trajetória de tal forma que hoje fazem parte importante de minhas indagações. O princípio que norteia meu trabalho é respeito e imparcialidade, respeitando todas as visões existentes no meu universo amostral (as escolas), ainda que contraditórias ou diferentes das minhas opções teóricas. Acredito que, até mesmo pela minha falta de bagagem nesses campos teóricos, essa seja a opção que permita uma melhor coleta de dados e representatividade da realidade, assim como seja a mais respeitosa com meus sujeitos.

A cada entrevista marcada, e realizada, surge uma nova visão desses sujeitos que participam de uma prática educativa com características e configurações diferenciadas. A cada momento vivido, aumenta meu respeito e consideração pelas profissões de professor e gestor, em uma realidade considerada quase insignificante pela maioria urbana, mas capaz de provocar conflitos e indagações essenciais que, espero, tenham sido reflexo desse movimento de pesquisa vivenciado no TCC.

Por fim, gostaria de ressaltar que os sons permeiam esse trabalho, que teve como o objetivo principal ouvir as diversas vozes que existem na educação ambiental e nas escolas rurais de Uberlândia, através de entrevistas, sempre respeitando as diferenças em cada voz. Essa é a

polifonia do título, um conjunto de vozes, e de conceitos, distintos que coexistem ao mesmo tempo nas escolas rurais. Um objetivo modesto deste TCC é justamente pegar essas vozes distintas, identifica-las, e propor meios que elas possam existir de maneira mais harmônica, com um objetivo conjunto, formando uma sinfonia.

1.2. Justificativa Teórica e Problemática

Existe uma crescente tendência de alteração nas escolas rurais, atuando em diferentes contextos, principalmente no que se refere ao fechamento, à diminuição do número de alunos e de recursos, geralmente motivados pelo êxodo rural e pela alteração das relações sociais e trabalhistas no campo nas últimas décadas (VENDRAMINI, 2015).

Na história educacional brasileira, o surgimento da educação rural com uma identidade própria ocorreu pela primeira vez com a promulgação da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934, durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-1934). O movimento mais famoso desse período foi denominado *ruralismo pedagógico*, que tinha como principal idealizador e representante Sud Menucci (SILVA, 2016). Esse movimento surgiu embasado por motivos políticos e visava atender demandas do poder hegemônico de maneira a deter o êxodo rural, fixando o trabalhador rural no campo.

O ruralismo pedagógico defendia um conteúdo resumido apenas a práticas sanitárias e a adoção do que era considerado o conhecimento mínimo necessário para os rurícolas exercerem suas atividades, segundo ideário positivista. Além do conteúdo enxuto, a pedagogia deveria exaltar a existência rural, em detrimento da urbana e incentivar a permanência dos estudantes no campo (PRADO, 1995).

No entanto, apesar do ideal de valorização do campo professado pela política do ruralismo pedagógico, a realidade encontrada era muito distinta. Professores em distritos e áreas rurais recebiam menos que suas contrapartes urbanas (BARROS, 2013), as escolas rurais tinham carência de vários materiais básicos, como livros, lousas e estrutura que atendesse os alunos, geralmente ocorrendo na própria casa dos professores ou lugares cedidos (BARROS, 2011; SILVEIRA, 2011), professores que lecionavam no campo tinham muita dificuldade de progredir na carreira (na época isso geralmente era sinônimo de ser realocado para cidade e dependia da anuência de um superintendente da secretaria de ensino) (BARROS, 2010). Além disso, os professores geralmente eram urbanos (ou seja, cresceram, habitavam e eram formados nas cidades), com isso acabavam adotando os ideais positivistas de progresso vigentes na época, exaltavam as cidades, e a qualidade de vida existente na área urbana (SILVEIRA, 2010; GONÇALVES; LIMA, 2011; LIMA, 2016).

Uma prática interessante, que demonstra essa valorização do urbano, eram os exames finais das escolas rurais. Esses exames eram tratados como solenidades, onde a escola era preparada para o evento, professores e alunos usavam roupas especiais para a ocasião e um inspetor de ensino vinha da cidade para avaliar a escola e retratar o momento (LIMA, 2016; GONÇALVES; LIMA, 2011).

Essas características deram forma a pedagogia para escolas rurais brasileiras, permanecendo inalteradas por muito tempo e ainda ecoam em práticas educativas contemporâneas existentes no território nacional (MAIA, 1982). Recentemente, no final da década de 80, surgiu um outro paradigma sobre a educação no ambiente rural: a educação do campo. Uma política pedagógica com o surgimento vinculado aos movimentos sociais, que partindo dos próprios agentes do campo, e está crescendo cada vez mais no território nacional, apesar da resistência dos setores tradicionais de educação (SOUZA, 2008).

Durante os anos 60 também começou a surgir o movimento ambientalista, principalmente depois da publicação de *primavera silenciosa* (CARSON, 2002) que impulsionou a criação de movimentos sócio ambientalistas em maior escala. O que era um tema ainda embrionário passou rapidamente a ser um assunto constante na sociedade (CASCINO, 1999), gerando debates crescentes e culminando em políticas internacionais, como a Conferência de Estocolmo e a RIO 92.

Esses movimentos e reuniões levaram a uma reflexão do impacto da nossa sociedade no planeta e levantaram discussões morais e éticas sobre nossos deveres para as gerações futuras no que concerne a preservação do meio ambiente e dos recursos naturais. Tratados internacionais foram elaborados, como o Tratado de Estocolmo e a Agenda 21, com o comprometimento de diversas nações em alterar práticas danosas ao meio ambiente, como a emissão de gases que geram efeito estufa e o desmatamento. Também foram criados diversos conceitos como espécies ameaçadas, desenvolvimento sustentável e preservação ambiental.

Porém, uma das mais fortes deliberações que ocorreram durante esses debates foi da importância da educação das futuras gerações para efetividade da preservação do meio ambiente e continuidade do ambientalismo. Surgiu, então, o conceito de educação ambiental – práticas educativas necessárias para introduzir conceitos ambientais e de cidadania nos conteúdos educativos.

Inicialmente, esse conceito de educação ambiental foi vinculado a conceitos éticos e morais, principalmente com o dever de conservar para gerações futuras, e idealizado para o ensino como parte da cidadania. Uma cidadania planetária que entende a posição da humanidade no planeta Terra e age para conservar recursos naturais e a natureza como um todo (GADOTTI, 2000).

No Brasil, a educação ambiental tornou-se lei em 27 de abril de 1999, pela Lei Nº 9.795 – Lei da Educação Ambiental, onde em seu Art. 2º afirma:

A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.

Apesar da educação ambiental já existir como direito constitucional (art. 225, §1º, inciso VI) (LIPAI *et al.*, 2007; MEDEIROS *et al.*, 2011a), a criação dessa lei foi importante para a expansão da educação ambiental no território nacional e para criação de uma política nacional sobre o tema. Esse fato destaca o Brasil, pois é o único país da América Latina que possui uma política nacional específica para a Educação Ambiental (MEDEIROS *et al.*, 2011b).

Esses dois temas aparentemente desconexos, a educação rural e a educação ambiental, tem um vínculo não usual, mas importante, pois a matriz econômica do Brasil, desde sua formação como nação independente até os dias atuais, é formada, principalmente, pelo agronegócio e pela mineração. Ambas atividades de exploração diretas dos recursos naturais.

Essas atividades atuam diretamente nas áreas interioranas do país, que são principalmente áreas rurais. Seja por conversão da vegetação nativa em pastagens e plantações, seja pela abertura de lavras e minas, as atividades geram conflitos sócio ambientais (PORTO *et al.*, 2009).

Esses conflitos já tornaram parte da política nacional, com grupos distintos, como os ruralistas, representantes das classes dominantes oligárquicas, e os ambientalistas, representantes de movimentos sociais e empresas do terceiro setor (BELFORT, 2012). No entanto, as pessoas mais afetadas por esses conflitos (populações indígenas e rurais, camponeses e quilombolas) raramente têm conhecimento dos conteúdos abordados nesses conflitos e raramente têm voz política para atuar neles.

Nesse contexto, Uberlândia é um município vinculado ao ambiente rural, tendo sua origem em fazendas e pastagens aliada a um rápido crescimento de sua área urbana no século XX, baseado no transporte de bens rodoviários (MOTA, 2013). Esse crescimento foi impulsionado por conflitos e exploração do trabalho (MACHADO, 2009), incluindo conflitos ambientais (MENDONÇA; LIMA, 2000).

De maneira análoga a Uberlândia, os conflitos ambientais também ocorrem próximos às áreas rurais no restante do país, sejam em assentamentos dos movimentos sociais, seja pela presença de empreendimentos nas áreas rurais, como fazendas produtoras de alimentos para grandes indústrias ou usinas geradoras de energia nos rios. Esse cenário reforça a importância da educação ambiental e da educação rural para o município, que necessita educar a população rural para dar voz a ela e permitir sua participação efetiva nos conflitos ambientais da área.

Além disso, a educação ambiental é essencial para despertar no discente a consciência de preservação e de cidadania, fazendo-o entender, desde cedo, que o futuro depende do equilíbrio entre homem e natureza e do uso racional dos recursos naturais (MEDEIROS *et al.*, 2011b). Também precisamos ter cada vez mais claro o papel político da educação ambiental: ela não é apenas um acessório da educação, mas é uma educação que envolve a reconstrução do sistema de relações entre as pessoas, a sociedade e o ambiente natural (ZAKRZEVSKI, 2007).

O acesso à educação é um direito constitucional de todos os brasileiros, garantido no artigo 3 da Constituição Federal de 1988, além do capítulo sobre direito à educação (art. 205 a art. 214), e a educação ambiental é uma área obrigatória no ensino, conforme Lei já citada.

A educação rural, modalidade educativa brasileira, tem liberdade de adaptação garantida pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e no artigo 28 estabelece que:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - **organização escolar própria**, incluindo **adequação do calendário escolar** às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.
(grifo nosso)

Considerando as exigências educativas legais expostas acima, assim como a importância da educação ambiental para resolução e compreensão dos conflitos na sociedade brasileira contemporânea esse Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo caracterizar como é abordada a educação ambiental nas escolas municipais rurais de Uberlândia, sob a ótica de professores/as e gestores/as da educação de 8 (oito), das treze (13), escolas municipais, consideradas de zona rural, em Uberlândia .

Baseado nos artigos utilizados para fundamentação teórica dessa introdução, foi formulada uma hipótese central que permeia esse trabalho, a de que, devido às raízes históricas do processo pedagógico das escolas rurais da região (SILVEIRA, 2010; GONÇALVES; LIMA, 2011; LIMA, 2016), não existe uma pedagogia própria para o ambiente rural sendo exercitada atualmente em Uberlândia.

As predições oriundas dessa hipótese são de que o ambiente pedagógico das escolas rurais se encontra dominado por filosofias, pedagogias e um modo de vida urbano, principalmente devido a revolução tecnológica que permite um fluxo constante entre o rural e o urbano, diminuindo as distâncias geográficas e as barreiras de informação e comunicação. Hoje, a

população rural pode acessar com facilidade a área urbana e a nossa hipótese parte da ideia de que a maioria dos professores são urbanos, vindos da cidade, onde são formados e habitam, indo para o ambiente rural apenas para ministrar as aulas. Essa desconexão com o ambiente rurícola potencializa o êxodo rural e acaba gerando uma prática pedagógica sem relação com o campo. O resultado é um ensino padronizado entre campo e cidade, que elimina as potencialidades intrínsecas do ambiente rural, como a possibilidade de uma educação ambiental muito mais aprofundada devido à maior proximidade com a natureza. Uma decorrência direta disso seria uma formação educativa que não permite a participação da população rural no processo de tomada de decisões socioambientais na região.

Conforme explicitado na apresentação, visando evitar que essas predições e hipóteses baseadas na teoria influenciassem negativamente durante a elaboração do trabalho, optamos por trilhar caminhos metodológicos diferentes do cientificismo e não testar essas hipóteses diretamente. Seguimos por uma abordagem explorativa de imersão nesse universo amostral visando sempre abarcar a complexidade (no sentido de MORIN, 2002), sem emitir juízo de valor, de maneira que fosse possível analisar a complexidade dessas relações existentes e obter informações mais precisas sobre a ótica dos próprios sujeitos imersos dentro desse universo amostral. Os nossos objetivos principais encontram-se a seguir.

1.3. Objetivos

a) Geral

Explorar a realidade das escolas de zona rural do município de Uberlândia, sob a ótica da Educação Ambiental, por meio das opiniões e vivências dos sujeitos imersos no processo (professores/as e gestores/as).

b) Específicos

1-) Definir o significado de “o que é ser uma escola rural” para os sujeitos imersos no processo educativo (Gestores/as das escolas e Professores/as de Ciências do 9º ano) das escolas de zona rural de Uberlândia;

2-) Definir o significado de educação ambiental para os sujeitos imersos no processo educativo gestores/as das escolas e professores/as de Ciências do 9º ano) das escolas de zona rural de Uberlândia.

2. METODOLOGIA

Para conseguir atender nossos objetivos e respeitar as decisões tomadas durante o percurso de formulação desse trabalho, buscamos selecionar metodologias que tenham um rigor de análise, mas permitam obter dados livremente, de maneira que os resultados não sejam apenas a observação de alguém externo ao universo amostral, mas possam surgir dos próprios componentes desse universo, trazendo em conjunto à complexidade do sistema estudado. Uma decisão importante tomada é que tentamos trabalhar com o sistema inteiro (p. ex.: todas as treze escolas rurais do município de Uberlândia) e não com apenas um componente (p. ex.: uma escola ou um professor específico), ainda que tenha sido necessário fazer um recorte nos componentes por motivos práticos (ver item 2.1). Então, para permitir que os componentes pudessem se expressar livremente, e resguardar esses indivíduos, optou-se por manter o anonimato total, tanto de instituições quanto de pessoas dentro desse trabalho. Para manter o anonimato dos entrevistados foram adotados critérios de codificação (LAVILLE; DIONNE, 1999): as escolas tiveram seus nomes reais alterados para nomes de fitofisionomias do Cerrado e as pessoas (professores/as e diretores/as) tiveram seus nomes substituídos por nomes populares de plantas do Cerrado.

A metodologia será dividida em definição do universo amostral, métodos para obtenção dos dados e processos de análise desses dados, definidos em mais detalhes abaixo:

2.1. Definição do universo amostral

A definição do universo amostral, inicialmente, partiu dos agentes que compõem o processo de educação rural no município, tendo como base a Secretaria Municipal de Educação (S.M.E.) e as escolas rurais de Uberlândia. Para isso, adotamos os critérios de classificação escolar vigentes no município, partindo da listagem disponibilizada pela S.M.E., que definem

treze escolas rurais atualmente em exercício no município de Uberlândia (E.M. Antonino Martins da Silva, E.M. Carlos Tucci, E.M. do Moreno, E.M. Dom Bosco, E.M. Domingas Camin, E.M. Emílio Ribas, E.M. Freitas Azevedo, E.M. José Marra da Fonseca, E.M. Leandro José de Oliveira, E.M. Olhos d'Água, E.M. Profª Mª Regina Arantes Lemes, E.M. Sebastião Rangel e E.M. de Sobradinho).

Foi realizado um encontro com a equipe da Secretaria Municipal de Educação da gestão do prefeito Gilmar Machado (2013 -2016), para obtenção do termo de anuência e entrevista presencial, porém no momento histórico desse contato (novembro e dezembro de 2016) ocorreram dificuldades intrínsecas ao universo amostral que dificultaram o início do trabalho. Esse período foi um momento de transição entre duas gestões da prefeitura de Uberlândia, incluindo uma troca quase total dos gestores. Devido a essa questão de final de processo, essa gestão da S.M.E. requisitou que a entrevista não fosse gravada e não assinou o termo de consentimento de participação no estudo, porém forneceu material documental, tanto das ações realizadas pela prefeitura quanto do projeto de ensino para as próximas décadas, o Plano Municipal de Educação (2016-2022) e forneceu um termo de anuência para realização do estudo dentro das escolas (Anexo A). Dada as circunstâncias, e por uma análise documental fugir do escopo desse trabalho, optamos por não utilizar esses documentos na análise. Posteriormente, a pedido da S.M.E., agora na gestão do prefeito Odelmo Leão (2017-2020), repetimos o processo de apresentação do projeto e requisição de anuência dessa nova gestão. Fomos recebidos e nos foi fornecido um novo termo de anuência para realização do estudo dentro das escolas (Anexo B), mas não houve tempo hábil para realizar a entrevista presencial por incompatibilidade de horários, pois a secretária estava atribulada com o início dos trabalhos da nova gestão. Dada essa situação de poucos resultados optou-se por retirar o grupo alvo da Secretaria de Educação da análise desse TCC.

A tentativa inicial de contato ocorreu com todas as escolas, porém o contato inicial foi justamente nos últimos meses de gestão, o que gerou uma taxa muito baixa de resposta. Um novo contato foi feito durante janeiro e fevereiro de 2017, com oito escolas respondendo em tempo hábil para a realização do estudo (as escolas não serão identificadas por questão de anonimato), que formaram nosso universo amostral.

Dentro das escolas rurais, optamos por utilizar um grupo composto por duas classes: gestores/as das escolas (diretores) e os/as professores/as de Ciências do 9º ano. A escolha dessas classes foi baseada nas seguintes asserções: muitos dos projetos de educação ambiental surgem de fontes externas à escola (por exemplo, ONGs ou empresas) (LOUREIRO et al., 2007), passando necessariamente pela direção/gestão da escola. Além disso, devido ao caráter interdisciplinar da educação ambiental é importante que exista a participação da direção/gestão escolar para promover a integração dos professores (GUERRA; GUIMARÃES, 2007). Por isso, a direção é um componente essencial para entendermos o panorama da educação ambiental.

Normalmente, a educação ambiental, apesar de ser um tema transversal e interdisciplinar em essência, é vinculada por afinidade com o conteúdo ao professor de Ciências (em maior grau) ou Geografia (em menor grau) (BIZERRIL; FARIA, 2007; OLIVEIRA et al., 2007). Como os professores de Ciência são mais comumente citados como responsáveis pela execução dos projetos de educação ambiental nas escolas, foram escolhidos como grupo alvo, pois devido à restrições temporais na execução do projeto era inviável entrevistar as duas classes.

O 9º ano foi escolhido por dois motivos: primeiramente padronizar o estudo, visto que todas as escolas rurais municipais de Uberlândia possuem essa série, e posteriormente quebrar a visão de Educação Ambiental vinculada a um conteúdo específico. Como na rede municipal os conteúdos que predominam no 9º ano são “matéria e reações químicas”, conteúdos

vinculados mais as disciplinas de química e física e que, geralmente, não são diretamente relacionados à educação ambiental, a adoção dessa série como padrão gera uma ruptura na relação direta entre a educação ambiental e um conteúdo específico (por exemplo, ecologia).

Dentro das escolas estudadas dezesseis (16) participantes foram entrevistados (8 diretores e 8 professores), sendo que um professor de uma das escolas se recusou a participar e em outra escola ocorreu a substituição do professor do 9º ano, e optou-se por entrevistar ambos os professores, o antigo e o novo.

2.2. Métodos para obtenção de dados

Para averiguar as concepções de cada um dos participantes selecionados foi utilizada uma metodologia de questionário semiestruturado baseada na entrevista reflexiva (SZYMANSKI et al., 2010a). Seguindo orientações metodológicas das próprias autoras (SZYMANSKI, 2010), esse método consiste em considerar que, da mesma forma que quem entrevista tem/busca informações, quem é entrevistado também está processando um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o interlocutor e organizando suas respostas para aquela situação (YUNES; SZYMANSKI, 2005). A proposta da entrevista reflexiva supõe que a entrevista é um encontro interpessoal que inclui a subjetividade dos protagonistas que, juntos, vão construir um novo conhecimento através do encontro de seus mundos sociais e culturais, numa condição de horizontalidade e equilíbrio das relações de poder. A reflexividade tem “o sentido de refletir a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão da mesma pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado, que é uma forma de aprimorar a fidedignidade” (SZYMANSKI, 2001, p. 197). Nesse TCC temos uma intencionalidade que vai além da mera busca de informações, pretendemos criar uma situação de confiança para que o entrevistado se torne mais receptivo, colaborando para, além de trazer informações e dados, auxilie na construção do conhecimento e do discurso. O objetivo

principal da escolha do método de entrevista reflexiva é a grande participação que essa metodologia permite ao entrevistado, elaborando um conteúdo final com sua participação. Dessa maneira, o método permitirá obter uma visão menos enviesada teoricamente e mais pragmática, com conceitos que realmente são aplicados nas escolas rurais uberlandenses.

A entrevista foi dividida em seis etapas: 1ª Etapa: Contato Inicial; 2ª Etapa: Entrevista por email; 3ª Etapa: Síntese inicial e Entrevista presencial; 4ª Etapa: Síntese final; 5ª Etapa: Devolução dos dados aos entrevistados para aceitação; e 6ª Etapa: Finalização das Entrevistas.

Os participantes foram contatados inicialmente via e-mail pelo pesquisador, meio pelo qual ocorreu a apresentação ao projeto (o texto do contato inicial está disponível no Apêndice A) e o envio do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B).

Das treze escolas rurais contatadas, inicialmente, via e-mail recebemos apenas um questionário respondido, sendo que a resposta foi elaborada pela Vice-diretora da escola em questão e não passou pela análise da Diretora. Posteriormente, foi feito contato telefônico e agendada uma visita presencial. Dada a baixa taxa de resposta optou-se por descartar essa etapa da análise, utilizando apenas os resultados das entrevistas presenciais. É importante ressaltar que a participação na pesquisa era livre, com o participante podendo abandonar essa pesquisa em qualquer momento, sem nenhum problema para qualquer parte. Também foi deixado clara a questão do anonimato total garantido para o participante.

Os participantes estavam cientes dessas condições e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (encontram-se arquivados com o responsável pelo projeto), porém os mesmos não serão anexados nesse texto para manutenção do anonimato dos participantes.

Durante a conversa presencial (3ª Etapa) foram apresentadas as seguintes questões desencadeadoras:

- 1-) Gostaria que você se apresentasse. Há quanto tempo atua no cargo? Qual foi sua história profissional?
- 2-) Para você, o que é ser uma escola rural? Vantagens, desvantagens, particularidades...
- 3-) Para você, o que é educação ambiental? Vantagens, desvantagens, particularidades...
- 4-) Ao longo desses últimos 10 anos, baseado na sua experiência, você viu alguma mudança na educação ambiental? E na escola rural?

Além das questões desencadeadoras, foram apresentadas a “expressão da compreensão inicial” (SZYMANSKI, 2010) do questionário enviado por e-mail e colocadas questões adicionais, para esclarecimento ou aprofundamento, dependendo de cada caso. Após a finalização dessa etapa, ocorreu a síntese inicial das entrevistas, com as informações sendo transcritas e foi elaborada a compreensão do entrevistador sobre a entrevista, “expressão da compreensão inicial” (SZYMANSKI, 2010) (4ª etapa). Essa síntese, que incluía as transcrições originais e a compreensão do pesquisador, foi apresentada a cada entrevistado para aprovação final. Foi explicitado para o entrevistado que, caso julgasse necessário, ele podia alterar quaisquer informações que quisesse (5ª etapa). Após o retorno dessa etapa foram finalizadas as entrevistas, com as alterações requisitadas (6ª etapa).

2.3. Processo de análise dos dados

A análise dos dados seguiu as orientações metodológicas de Szymanski *et al.* (2010b), considerando a análise como um processo contínuo entre entrevistar, transcrever, reviver, analisar, categorizar e dialogar com textos de referência. Foi utilizado o modelo aberto de definição para criar as categorias analíticas (LAVILLE; DIONNE, 1999): foi realizado um

recorte dos conteúdos das entrevistas codificadas e, a partir dos recortes mais importantes, foram criadas categorias para análise. A análise final do conteúdo adotada nesse trabalho é o método da “análise qualitativa do conteúdo de maneira a elaborar uma construção iterativa de uma explicação” (LAVILLE; DIONNE, 1999).

3. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

As transcrições codificadas que foram usadas como dados básicos para análise encontram-se disponíveis nos apêndices C – N. Para facilitar a discussão, e permitir a identificação de cada voz dentro da polifonia do universo amostral, os recortes de conteúdo foram divididos em dois grandes grupos: “A escola rural” e “A educação ambiental”. As categorias analíticas criadas, oito no total, foram divididas entre esses dois grupos (quatro categorias para cada grupo) visando um texto orgânico, que permitisse uma discussão mais fluida. No início de cada categoria segue um texto introdutório explicando o motivo de sua importância e a razão pela qual ela foi criada.

3.1. Grupo 01: a escola rural

Nesse grupo estão as respostas referentes à questão desencadeadora dois, que busca sintetizar o que é ser uma escola rural na visão dos participantes. O quadro 01 resume as principais respostas, vinculando-as com as categorias analíticas. É interessante notar que as escolas possuem perfis diferentes (por exemplo: algumas escolas estão localizadas longe da área urbana, em fazendas; outras são escolas localizadas em distritos, dentro de uma área urbana menor; e algumas encontram-se próximas a zona periférica da área urbana de Uberlândia), mas várias respostas tiveram um conteúdo similar. As categorias analíticas criadas para esse grupo são: “A cidade vai ao campo”, para tratar as respostas relativas à comparação entre escolas urbanas e escolas rurais; “O Atalho do Bugre” para tratar as questões específicas do público rural que surgem nas respostas, as particularidades citadas; “Pequeno número, grande espaço” que engloba as respostas relativas às particularidades da prática docente nas escolas rurais e “Rotatividades e Permanências” para tratar das respostas que englobam aspectos da realidade rural que influenciam a escola.

Quadro 1 - Quadro síntese das respostas à pergunta desencadeadora: o que é ser uma escola rural na sua experiência?

QUADRO SÍNTESE DA RESPOSTA: O QUE É SER UMA ESCOLA RURAL NA SUA EXPERIÊNCIA?			
RESPOSTAS TEMAS CENTRAIS	FREQUÊNCIA		CATEGORIA
	N	%	
É uma escola urbana localizada na área rural do município.	2	12,5	A cidade vai ao campo
A escola rural é totalmente diferente da urbana	1	6,25	A cidade vai ao campo
É uma escola com um público diferenciado	14	87,5	O Atalho do Bugre
Poucos alunos por sala	15	93,75	Pequeno número, grande espaço
Grande rotatividade dos alunos	15	93,75	Rotatividade e Permanências
Proximidade afetiva maior com a escola	7	43,75	Pequeno número, grande espaço
Problemas logísticos de transporte	6	37,5	Pequeno número, grande espaço
Carência econômica e afetiva dos alunos	6	37,5	Rotatividade e Permanências
Gerações na escola: pai e filhos estudaram no mesmo local	4	25	Rotatividade e Permanências
Identidade cultural própria	8	50	O Atalho do Bugre
Parte disciplinar é mais tranquila	3	18,75	Pequeno número, grande espaço
Alunos com menos bagagem cultural	1	6,25	Pequeno número, grande espaço
Conhecimento de mundo restrito	8	50	Pequeno número, grande espaço
Ritmo de estudos diferente/ Dificuldade de acesso às informações	2	12,5	Pequeno número, grande espaço
O conteúdo deveria ser adaptado as particularidades, mas não é	1	6,25	A cidade vai ao campo
O conteúdo deve ser o mesmo da escola urbana	15	93,75	A cidade vai ao campo

Fonte: Pesquisas de Campo 2017

3.1.1. Primeira categoria analítica: pequeno número, grande espaço

“.... Acho que o quintal onde a gente brincou é
maior do que a cidade.
A gente só descobre isso depois de grande.
A gente descobre que o tamanho das coisas há de
ser medido pela intimidade que temos com as
coisas...”
Manoel de Barros

Essa é uma categoria de distâncias. A fala do “ser rural” permeia essas distâncias, que são a distância curta, a proximidade, e a grande distância, a vastidão. A maioria dos entrevistados começam a caracterizar o “ser uma escola rural” com o fato de haver poucos alunos na sala (94%, ver quadro 01) e também devido à grande rotatividade dos alunos (94%, ver quadro 01) (será discutido em uma outra categoria mais detalhadamente). Começamos com a distância curta, que é, principalmente, devido ao menor número de alunos. Esse pequeno número de alunos por sala é uma característica marcante que influencia a prática pedagógica da maioria dos professores e diretores, provavelmente por isso é mencionada direta, ou indiretamente, pela maioria dos entrevistados.

Na zona rural...O quantitativo de alunos. Bem menor. (Diretora Genipapo, Escola Mata Seca).

E aí eu fui... já comecei trabalhando com zona rural, mas zona rural a gente geralmente tem escola com menor quantitativo de alunos. (...) Por exemplo, aqui na nossa escola, a zona rural. Você tem um número muito menor de alunos, você não tem problema, por exemplo com fila de espera, com excesso de alunos em sala de aula, ou fila de espera para matrícula. É... então as especificidades do rural em termos ass... em alguns termos, ela passa por aí...(Diretora Gurguri, Escola Mata de Galeria)

É assim, a vantagem da tranquilidade, né. Nossos alunos são mais tranquilos, é um número menor de alunos em cada sala né, com relação a zona urbana. (Diretora Cajuzinho, Escola Cerradão).

Esse número reduzido de alunos permite uma proximidade maior na relação professor-aluno e também entre a família e a escola. Professores podem acompanhar melhor o desenvolvimento individual dos alunos, têm facilidade para trabalhar os conteúdos em sala de aula e a escola pode dar mais atenção aos problemas de cada aluno. O número menor de alunos também influencia a parte disciplinar, já que geralmente existem menos problemas de indisciplina, os alunos são descritos como mais tranquilos e mais próximos da escola. A distância na relação encurta, a escola e o aluno se aproximam.

Em contrapartida a gente tem poucos alunos por sala, então a gente consegue... pedagogicamente a gente conhece o aluno, e a gente trabalha nessa questão de desenvolver as habilidades daquele aluno, então dá para você trabalhar mais o particular do aluno. O que não acontece numa sala de 40 alunos. Porque eu também dou aula em uma escola urbana e então a gente percebe essa diferença, né. Aqui a gente conhece o aluno, a família do aluno, com o que o aluno trabalha... a família do aluno trabalha. E lá na escola urbana a gente não tem esse contato direto com o aluno (Professora Gravata, Escola Mata Seca).

Então isso... embora eu considere o ensino aqui, porque tem mais proximidade, menos alunos e tem, vamos dizer assim, mais facilidade para trabalhar em sala (Professora Gabiroba, Escola Mata Ciliar).

Tem muito essa questão aqui, né. A Bacupari sempre trabalhou essa questão social com os alunos. Né. E..., assim, essa questão do precisar, né? Quem precisa de uma atenção maior, né, a gente sempre olhou isso e sempre procurou resolver esses problemas. Assim, o que a gente pode ajudar, né, no que a gente pode ajudar... (Professora Jatobá, Escola Campo Limpo).

O componente indisciplina, que a gente tem dificuldade em escolas de zona urbana, é... é... aqui é menor. Então você tem alunos que são mais respeitosos, apesar de que a gente tem muitos problemas também, só que assim, a escola é menor, tem uma quantidade menor de alunos (...) Então enquanto lá [NT: na cidade] você tem uma porcentagem maior de aluno que te enfrenta, que te... né que atrapalha sua aula, aqui não, aqui você tem uma quantidade bem menor... (Professora Araticum, Escola Cerradão)

A outra distância é a vastidão, o longe. Primeiramente é a distância geográfica, que se interpõe entre o aluno e a escola. Ela gera dificuldades logísticas, seja administrativamente

pelo maior custo do transporte, como na prática, quando a distância até a escola é grande e existem problemas, como lugares inacessíveis dependendo das condições climáticas (p. ex.: vans escolares atolando). Essa distância acaba afetando diretamente o dia-a-dia escolar, os exemplos claros são alunos que acordam muito cedo para chegar na escola, gastam muito tempo dentro do transporte escolar e iniciam suas atividades escolares com fome e sono. Problemas de uma realidade que têm que ser abordados na prática escolar.

Nosso problema maior aqui é a questão financeira e esbarra principalmente, por exemplo, no transporte. (Professora Murici, Escola Cerrado Rupestre).

As nossas dificuldades aqui, a primeira é com o transporte. Nossos funcionários todos moram na zona urbana né..., todos em Uberlândia. Não tem nenhum morador aqui, né... Só... Aqui é só os alunos mesmo. Então é, dos pequeninhos até o 9 ano, né. Do primeiro ao nono ano, num único turno, de manhã. Né, uma realidade diferente. A gente tem aluno aqui que é pego quinze para as cinco da manhã. Né, tem que acordar de madrugada, né. As vezes chega um pouquinho sonolento (...) Outra dificuldade que a gente sente aqui na zona rural é o acompanhamento da família na escola, então quando a gente faz reuniões não tem como os pais virem. Então esse acesso a família na escola é complicado, por serem carentes, a maioria não tem veículo, não tem transporte. O transporte é para o aluno, as vans são postas para o aluno. Então muitos pais dependem de uma carona, ou de o patrão trazer (Diretora Cajuzinho, Escola Cerradão).

Outra dificuldade que eles têm também, é que nós temos alunos que acordam três e meia da madrugada. (...) Por que? Porque ele é o primeiro a ser pego pelo transporte. E aí ele vem, tem que andar todo um percurso, e chega aqui as vezes vinte para as sete, por aí. E ele... as vezes ele chega já reclamando de problema estomacal. Náusea...

É. Aluno chega com fome. É... e com problema mesmo, náusea, dor de cabeça... muito comum. Às vezes eu tenho que ligar para um pai. E aí o pai não pode vir buscar... tem todo aquele, estou trabalhando, é só ele, e tal. Então assim, são diferenciais que, na cidade não tem, né. Isso num... num... E tem vezes que dificulta até as reuniões também, quando a gente vai fazer uma reunião com os pais, a frequência é mínima. Porque, a esse horário estou tirando leite, a esse horário estou na granja, então não posso sair, né. Esse horário tem... A dificuldade do transporte. Eu não tenho condução... Né? Então nós enfrentamos vários problemas...

Tem, e igual, eles chegam com fome. O Camboatá, né, a... a direção, a vice direção, tem que dar comida para os meninos. Porque num... num... chega sentindo dor de estômago, dor de cabeça... E a gente pergunta, o que você comeu hoje? Não, não comi não. Porque acorda cedo e meio que

acorda de certo na correria né, porque nessa tão... até o nono ano... e aí você acorda lá três e meia, quatro, cinco. É o máximo, é os que acorda mais cedo... mais tarde...

(Dialogo com Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar).

A distância também afeta o exercício dos professores. Muitas vezes devido ao número de aulas e a distância entre a casa do professor e a escola, os professores acabam indo para a escola menos dias e concentrando os horários de aula durante esses dias, ficando com poucos ou nenhum horário de módulo, o que dificulta a realização de projetos para além da sala de aula.

Ahmm... o Camboatá falando, a nossa dificuldade, eu acho, na zona rural. Tem a questão de a gente ter que vir e sair né... igual eu venho aqui três dias na semana. Nos três dias que eu venho, eu dou cinco horários seguidos. No ano passado eu ficava um pouco mais, mas aí eu fico cinco horários seguidos. Então são cinco horários em sala de aula. A gente termina e a van já está esperando. Então assim, tem uma... e aí por conta disso, o Camboatá não teve na época apoio suficiente, eu acho, de nós, né Camboatá? (Professora Gabiroba, Escola Mata Ciliar).

Essa distância maior supera a mera distância física, ela atinge também um aspecto cultural, fazendo parte da identidade do aluno. A vastidão gera a identidade e essa identidade é vista por óticas muito diferentes. A distância geográfica muitas vezes impede o deslocamento constante do aluno para a cidade, causando efeitos muito particulares. Primeiramente temos a questão da socialização: para muitos alunos o contato social fora do núcleo familiar se dá primariamente no ambiente escolar, devido as distâncias geográficas entre as fazendas. A escola passa a ser um ambiente social de encontrar o outro e desenvolver habilidades de comunicação e troca de experiências, até mesmo uma fonte de diversão.

Não sei se eu poderia chamar isso de isolamento. Mas assim, o fato como essas crianças vivem, na sua grande maioria, a interação social maior, ela se dá na escola. Porque o que acontecem com crianças que vivem, por exemplo, vamos pegar o bairro Morumbi. Elas estão... elas vão na feira, elas vão no açougue, elas vão na padaria, elas conversam com o vizinho, elas pegam um ônibus. O nosso aluno aqui, muitos não. Entendeu? Então a interação social, a ampliação de vocabulário, de conhecimento de mundo, ela é restrita. Por mais que falemos, eles têm celular, eles têm internet, mas só ter alguma coisa e não usar ela para. Não é, né, não é aquilo que melhorar aquilo que eu chamo de conhecimento de mundo. Então, por exemplo, uma vez que nós fomos ao Teatro teve que... Tsc, ao teatro, ao cinema. Teve criança que foi a **PRIMEIRA VEZ** [**nota de transcrição: ênfase na voz**] que ela foi ao cinema na vida. Difícil imaginar isso em Uberlândia, né? Mas é fato. (Diretora Baru, Escola Cerrado).

Muitos trabalham, saem daqui da escola e tem trabalhos muito pesados. E eu vejo que, às vezes, para eles a escola não é muito assim... eu que... eu vou seguir isso na vida. A escola as vezes é mais socialização. Eu vejo muito isso. Que as vezes, assim vem para a escola em um momento para encontrar com os colegas e o estudo aqui, ele não é valorizado (Professora Araticum, Escola Cerradão)

A escola ela passa a ser um ponto de referência para ele, não só um ponto de estudo. Ela passa a ser um ponto de encontro para ele. E isso, e assim, me fez perceber que aqui parece que eles valorizam mais a escola (Diretora Genipapo, escola Mata Seca).

Então eu vejo assim, a gente... A clientela é diferenciada. Eu estava comentando... ainda mais a gente que atendemos o pessoal que... que... de famílias de assentados, de famílias que vieram para morar, para viver da terra, né. Então essa clientela é diferenciada. Eu tenho aluno aqui não conhece a cidade. Tem alunos que vem de outras regiões... e mesmo daqui mesmo, tem crianças que não conhecem o centro de Uberlândia (Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar).

A escola para eles as vezes entra como uma diversão, né, porque muitos aqui, você fala em Shopping, é uma coisa surreal.

G: - Cinema? É uma coisa assim, então assim, o que a gente pode fazer com eles, para chegar, ao mesmo nível, vamos dizer assim, de conhecimento, né Camboatá...

Que é a questão da cultura e tal. Que é diferente a questão dos alunos... eu dou aula no estado, eu dou aula em uma escola extremamente carente, mas meus alunos lá, eles vão ao cinema com os pais. Vão ao clube, um negócio assim, que para eles, isso é assim. É muito diferente. Ir ao cinema... Eles estão combinando. O nono ano está combinando de ir ao cinema. Umas coisas que eles combinam meses antes para poder ir...(Dialogo com Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar).

Nossos alunos não tem uma praça, nossos alunos não tem um shopping... O único dia que eles vão lá é quando eles vão fazer as compras do mercado. Quando o patrão leva para fazer a compra e as crianças vão, né. (Diretora Bacupari, Escola Campo Limpo)

Ao mesmo tempo o universo cultural é outro, distinto. Os meios de informação são outros, a vivência é outra. A vastidão molda o aluno de maneira própria, muito diferente do ambiente urbano. A distância geográfica muitas vezes impede o deslocamento constante do aluno para a cidade, gerando uma visão de mundo e um conjunto de interações próprios, que são vistos diferentemente pelos professores, que em sua maioria são urbanos. Muitas vezes o choque entre essas culturas causa estranhamento. O principal desses estranhamentos é a “falta de bagagem cultural”, citada pelos professores, que pode ser considerada sob duas óticas, a primeira é a falta de acesso à informação, a segunda sobre costumes e modos de vida diferentes dos das áreas urbanas. Considerando a dificuldade ao acesso à informação é importante ressaltar que, em muitos casos, o acesso aos meios de comunicação em massa (jornais, tv) ou fontes de informação é bem restrito em comparação com as escolas urbanas. Outra dificuldade é a realidade de vida ou acesso a materiais de estudos além do livro escolar (revistas, livros, etc.), assim como o apoio dos pais na realização das tarefas, pois muitas vezes esses pais não estudaram.

A escola de zona rural para mim ela tem algumas particularidades sim. Eu acho que aqui a gente encontra alunos com uma pouca bagagem cultural, coisas que traz, assim de... de informação para a gente na sala de aula, assim, por exemplo: as vezes você vai discutir alguma coisa, e eles não... eles não... daquilo que... que você está falando. Então eles têm essa bagagem cultural menor, para a gente poder puxar, à partir daquilo ali para a gente poder trabalhar. Eu acho que essa é uma das particularidades. Eu também acho eles um pouquinho mais fracos em conteúdo... eles acho que eles têm um pouco mais de dificuldade. (...) Agora na... na... em Uberlândia, na cidade, a gente já tem menino que tem uma qualidade melhor. Uma qualidade melhor de escrita, uma qualidade melhor de leitura, de acompanhar o que você fala. Então a gente tem essa diferença, tem vantagem e tem desvantagem, né. Que aqui a gente tem um material mais bruto né, lá você já pega o menino mais... você tem assim... o menino tem mais coisa para te oferecer (Professora Araticum, Escola Cerradão)

Então isso... embora eu considere o ensino aqui, porque tem mais proximidade, menos alunos e tem, vamos dizer assim, mais facilidade para trabalhar em sala, tem essas questões que não nos

ajudam. É... né, que eles não têm as vezes acesso as coisas externas, então eles ficam mais presos ao mundo da escola. (Professora Gabiroba, Escola Mata Ciliar).

Então, assim, eu trabalho em uma escola da zona urbana e você vê uma característica diferente dos alunos. É uma outra vivência de mundo. Que eles... que eles têm. Apesar dos nossos alunos terem tecnologia, mas não são todos que estão sempre assim. É um ou outro, que a gente vê que tem uma condição melhor, que tem um acesso, que as vezes tem um notebook que pode fazer... assim, acessar e tudo, fazer um trabalho. Então é mais limitado nesse sentido. (Professora Araticum, Escola Cerradão)

Olha a escola rural ela é totalmente diferente da escola urbana: as demandas são diferentes, o público é diferente, o acesso à informações, pelos alunos em casa, é diferente, o ritmo de estudos dos meninos é diferente (...) Como uma criança que vive em um barraco de lona, sem acesso a água tratada, sem acesso a energia elétrica... como que essa criança vai desenvolver uma habilidade na escola? Como que eu vou passar uma pesquisa? Aí você... aí entra na questão da própria didática. Como que eu vou passar uma pesquisa para um menino fazer se ele não tem acesso nem a energia elétrica. Tem... tem... Como que eu vou passar uma tarefa de casa? Ele não vai fazer. Não tem nem lugar para ele sentar em casa. Como que ele vai fazer essa tarefa? Então ele tem que fazer essa tarefa na sala de aula mesmo. A maioria das vezes os pais são analfabetos. Como que vai orientar a criança em uma tarefa de casa? Então o que eu tenho que passar como tarefa de casa? Coisas que o menino realmente... que ele dá conta. É uma leitura do livro... Então o livro didático, na escola rural ele é um apoio. Porque o aluno não tem outra fonte de pesquisa. Entende? (Professora Gravatá, Escola Mata Seca)

Tem essas questões que não nos ajudam. É... né, que eles não têm as vezes acesso as coisas externas, então eles ficam mais presos ao mundo da escola (Professora Gabiroba, Escola Mata Ciliar).

As práticas culturais também são bastante diferentes, como, por exemplo, o início da vida profissional, do trabalho, que no campo é muito cedo, sendo frequente os estudantes trabalharem junto com seus pais em atividades agrícolas sendo parte ativa nas finanças dos seus núcleos familiares (ajudarem na roça, tirarem leite, etc.). Muitas vezes esses trabalhos manuais são árduos e ocupam grande parte do tempo do estudante no contra turno, dificultando o estudo nesse período e também influenciando na vida escolar (os estudantes chegam cansados). Outros aspectos culturais são diferentes dos ambientes urbanos, como o hábito de caçar citado pela professora Barbatimão e a constituição de relações matrimoniais

cedo na vida. As relações de trabalho familiar também contribuem para a transmissão da cultura do campo, pois no trabalho junto com os pais é transmitido conhecimento, ocorre à perpetuação de saberes e fazeres da vida do campo.

Olha trabalhar em uma escola de zona rural, eu vejo como diferencial a questão é... é... dos alunos, e o tipo de vida que eles têm, diferente dos alunos da cidade. Né. Eles já... eles vivem no ambiente rural, eles participam da vida das famílias, é na questão da... do trabalho. Eles já, desde bem cedo, desde bem pequeno, eles já participam desse trabalho. Tudo que envolve a questão rural eles têm conhecimento. (...) Porque os nossos alunos, é... 99% são trabalhadores nas fazendas. Não são donos de fazendas. São trabalhadores, são empregados, das fazendas aqui da região.

Então. Eles começam a lida bem cedo, então eles já começam a ter um conhecimento, sobre a terra, sobre o cuidado, né, com os animais. Isso eu acho um diferencial muito importante, e que a gente pode aproveitar na... na questão pedagógica. (...)

(...) tem alguns conceitos que... que são natos deles, que a gente, é difícil até de... de... adentrar. Porque assim, é comum um aluno falar para você assim, tia é... esse final de semana eu comi capivara, eu comi tatu. É... paca. Né. Para eles isso é normal. Até mesmo, pela... como a Bicuiba falou, até mesmo, como são trabalhadores e não donos, tem aquela dificuldade financeira, né. Então acostu... é costum... e mesmo a questão cultural, sócio-cultural deles, que já vem de... de gerações. (Diálogo com Professora Barbatimão, Pedagoga Bicuiba e Diretora Araça, Escola Vereda).

Então tem isso também, alunos nossos que as vezes vão muito bem até o meio do ano, arrumam um emprego e daí param, porque tem que sustenta... tem que ajudar a sustentar aquele núcleo familiar deles ali, da zona rural, porque eles... né, na cultural deles já está na idade de trabalhar, então abandona e depois volta (...) ao mesmo tempo, eles também param uma vez para ajudar a família, mas daí não dá certo no emprego e eles voltam a estudar... Ou então se casam. Não é isso Camboatá?

A gente tem caso aqui de meninos que se casam muito cedo também... Porque está... está no... está enraizado na cultura deles que é a partir daí, entendeu, que vai a vida.

(...)

Eu desde novinha, assim, sempre estou em zona rural. Então muita coisa que eu converso com os meninos, igual recentemente eu estava conversando com eles... Tem um aluno nosso que está sentindo dor nas mãos. E ele virou para mim e perguntou Gabiroba o que você acha que eu tomo? Olha, você precisa ir a um médico? Mas o que você está fazendo? Olha eu acho que é o leite, eu estou tirando leite. Mas você está tirando leite na mão? Eu tiro... E olha, Meu pai e minha mãe,

quando eles tiravam leite na mão, eles não conseguiam posição para dormir. Eles ficavam a noite inteira assim, sabe... Então assim, assunto deles eu entendo, a gente para a aula para poder trocar uma ideia. (Professora Gabiroba e Diretor Camobatá, Escola Mata Ciliar) .

Muitos trabalham, saem daqui da escola e tem trabalhos muito pesados. E eu vejo que, às vezes, para eles a escola não é muito assim... eu que... eu vou seguir isso na vida. A escola as vezes é mais socialização. Eu vejo muito isso. Que as vezes, assim vem para a escola em um momento para encontrar com os colegas e o estudo aqui, ele não é valorizado. (...) Acho que é isso mesmo, assim, as particularidades que eu vejo da escola, e uma coisa que me entristece a gente é essa perspectiva de... do estudo. De não seguir o estudo. Então a gente sabe, muitas vezes, no nono ano quem vai continuar e quem não vai continuar. Sabe que muitos querem na verdade um ofício e não pega, assim, a escola, como uma coisa, assim, que (...) não vê que isso pode levar eles até mais lá na frente, ter uma perspectiva de melhora... de melhor de vida a partir da escola (Professora Araticum, Escola Cerradão).

É... O menino chegava aqui, mas ele tinha... Porque o nosso horário é invertido né? Os maiores a tarde? Porque eles ajudam a tirar leite. Entendeu? Então os maiores ajudam a tirar leite... (Diretora Bacupari, Escola Campo Limpo)

É interessante ressaltar aqui que esse estranhamento ocorre porque a maioria dos professores/diretores é de origem urbana (n=13) e/ou atualmente reside na cidade (n=14), estando imerso em uma rotina completamente diferente dos alunos. Ao mesmo tempo essa visão de mundo e vivência distintas, que podem ser vistas como empecilho em determinadas visões (“pouca bagagem cultural”), pode ser importante em outros momentos, como veremos mais a frente, por exemplo a proximidade com a natureza facilita na hora de trabalhar certos conteúdos.

A vastidão, a distância grande também ultrapassa a questão geográfica local, tendo um componente temporal. Muitos alunos vêm de famílias que necessitam de trabalho e frequentemente realizam fluxos migratórios em busca do trabalho, por exemplo mudando de residência frequentemente para acompanhar a produção de avicultura nas granjas. Esse aspecto é também muito marcante na escola rural, e será tratado na próxima categoria.

3.1.2. Segunda categoria analítica: rotatividades e permanências

“.... Rude vento noturno arrebatou-me.
Para longe da terra, nu e impuro.
Perdi as mãos e em meio ao oceano escuro
Em desespero o vento abandonou-me (...)
Um deserto menino me acompanha
Na viagem (que flores desse caos!)...”
Manoel de Barros

As mudanças que ocorrem na vida são mais sentidas no campo. Conforme foi falado na primeira categoria, a grande rotatividade dos alunos (94% ver quadro 01) é a segunda resposta tema mais citada. A rotatividade também é uma distância, mas uma distância temporal. Os alunos frequentemente saem e voltam para a escola em um mesmo ano, ou então chegam alunos novos vindos de longe, de outros lugares e tempos, que ficam pouco e saem. Essa é uma característica do campesinato brasileiro, que é essencialmente desterritorializado (MARTINS, 1981), sendo obrigado a realizar movimentos migratórios para sobrevivência.

Outra desvantagem que a gente percebe, principalmente aqui, na nossa escola é a questão da rotatividade de alunos. (Diretora Cajuzinho, Escola Cerradão).

[alguns alunos vem] Das Fazendas. Daí tem os setores né, onde a proxi... escola é mais próxima daquele local. Então é muito flutuante. Principalmente da Bahia né, então a gente recebe muito aluno do estado da Bahia. A sazonalidade aqui é... referente a plantações, traz muito migrante (Professor Mangaba, Escola Cerrado Rupestre).

A questão da... da mudança dos alunos. Por exemplo, a gente recebe um aluno, ele fica dois, três meses e aí ele sai e vai para outra escola. Então existe uma rotatividade dos alunos. E as vezes a gente começa o trabalho e a gente não finaliza esse trabalho com o aluno. E, às vezes, a gente já está desenvolvendo um trabalho e o aluno chega na metade do ano, no final do ano... Então, assim, é complicado por isso.(Professora Gravatá, Escola Mata Seca)

Rotatividade? Tem demais. É o que eu te falei, eu vou lá no Morumbi pego uma família para trabalhar aqui na fazenda. Aí o pai fica um... dois meses. O pai... lá da cidade, ele não dá conta de acompanhar o trabalho da roça. Não ter sábado e domingo, para ficar atoa.... Porque tem que tirar o leite todo dia. Ele não aguenta. Ele não consegue ficar, aí o que ele faz? Ele muda.

É, ou volta para cidade, ou vai para outra fazenda tentar em outro lugar. A vou mexer, com granja, porque tem muitas granjas por aqui, da Sadia. E daí, de lá, ele muda de novo. Então tem alunos

que entram aqui, vai lá para o [NT: Nome do colégio removido por questão de anonimato]. E volta duas, três vezes, durante o ano. (Diálogo com professora Jatobá e Diretora Bacupari, Escola Campo Limpo).

A rotatividade é MUITO grande. Até mesmo por isso... é... é... uma das questões né, como a maioria, são trabalhadores rurais, não deu certo. Veio lá do Norte, ou veio da sede para cá, e tal... e começa a trabalhar, então ele traz os filhos. Aí um mês e não deu certo, ele sai. Aí tem... nós temos alunos aqui, que vai lá para o norte, sai daqui e vai para o norte, fica dois, três meses e depois retorna novamente. Então assim, a rotatividade na zona rural é... E você vai perceber isso, que essa rotatividade não é só aqui.

(...)

Sabe... É essa rotatividade, ela é muito grande. Eu eu ainda acredito, que a rotatividade ela seja tão quão, ou maior do que a zona urbana.

(...)

E te digo que ela aumentou bastante de um tempo para cá, por essas questões econômicas. Sociais... que vem transformando a vida dos trabalhadores né. Então hoje o fazendeiro não tem mais condição de ter o mesmo número de empregados que ele tinha antigamente, então ele reduziu bastante e muitas famílias ficam mudando de um lado para outro. Um aluno que está aqui, ele fica um mês, e vai para outro lugar, depois ele pode voltar. Ou ele pode passar um ano e depois voltar, daqui um ano. (Diálogo com Diretora Araça e Pedagoga Bicuiba, Escola Vereda).

Essas mudanças são sempre atreladas a questões do mercado de trabalho, principalmente relativo ao núcleo familiar e o trabalho dos pais. Geralmente as migrações são realizadas porque a família tem uma situação de carência econômica, os pais são sem terra ou trabalhadores rurais pouco especializados e ficam a mercê dos mercados. Essa situação de carência econômica está frequentemente relacionada a outras situações de vulnerabilidade social, como necessidades básicas para a vida (roupa) e até mesmo saúde, e influenciam diretamente na prática escolar.

A gente tem 80% dos nossos alunos são de assentamentos. São alunos bem carentes, a gente tem um ou outro, que tem uma condição social melhorzinha. Assim, a minoria. Né, tipo assim, uns 5%. O restante é tudo carente mesmo. (Diretora Cajuzinho, Escola Cerradão).

Nossas crianças são crianças muito carentes, muito pobres. São crianças que, a tempos atrás eram filhos de fazendeiros, hoje as nossas crianças não são mais filhas de fazendeiros, são filhos de arrendatários. De empregados mesmo. É na maioria são pessoas que estavam passando fome na cidade, que os fazendeiros buscam para vir para cá. Para vir para roça, e eles vem, sem saber nem qual é o trabalho do homem do campo. Crianças que não tem as vezes nem o que vestir. Aqui nós temos. Nem o que comer. Porque são crianças... são pais de quatro, cinco, filhos. Então assim... mas é uma escola que a gente recebe crianças da cidade também. Crianças que vem de ônibus.

Os alunos da manhã, muito engraçado, eles são bem mais pobres do que os da tarde. São alunos que vem... Bahia também, sabe. O pessoal da Bahia que está passando fome, vem para cá. Principalmente de Jacobina. Eles vêm muito para cá, é quatro, cinco filhos. Com os dentes todos estragados, cariados, destruídos, cheios de perebas. Que a gente pede para... para... Nós temos aqui também, eu esqueci de falar, um posto de Saúde.

(...)

Nós temos um aluno que chegou, eu estava de atestado, eu voltei e falei já vou descer os meninos para estar vendo. Daí eu desci todos e falei, uai esses são novos. Daí ele desceu mancando, daí eu fui atrás e tinha um negócio desse tamanho, sem brincadeira, na perna dele. Uma pereba viva, em carne viva. Tinha até vareja.(...) Um pano podre, um pano sujo amarrado, ficou colado. Virou um trem esquisito, aí eu levei no posto de saúde para limpar, a menina falou misericórdia. Então assim, a pobreza deles é assim, é muito, sabe. Piolho. Piolho descendo assim, sabe.

(...)

É... Se você falar na prefeitura, eles falam muito bem de Campo Limpo. Qual que é o diferencial de Campo Limpo? É o cuidado, é o cuidar. Então esses meninos que vem da Bahia, Jacobina principalmente, tem demais... Esses meninos chegam aqui, a gente procura dar um trato primeiro, sabe? A gente leva no dentista, leva no posto de saúde. Organiza roupa. A gente tem um brechó

É. Tem muito essa questão aqui, né. A Bacupari sempre trabalhou essa questão social com os alunos. Né. E..., assim, essa questão do precisar, né? Quem precisa de uma atenção maior, né, a gente sempre olhou isso e sempre procurou resolver esses problemas. Assim, o que a gente pode ajudar, né, no que a gente pode ajudar...

(Diálogo com professora Jatobá e Diretora Bacupari, Escola Campo Limpo).

Então eu vejo assim, a gente... A clientela é diferenciada. Eu estava comentando... ainda mais a gente que atendemos o pessoal que... que... de famílias de assentados, de famílias que vieram para morar, para viver da terra, né. Então essa clientela é diferenciada. Eu tenho aluno aqui não conhece a cidade. Tem alunos que vem de outras regiões... e mesmo daqui mesmo, tem crianças que não conhecem o centro de Uberlândia. E... eu vejo também como muito carente. Eu jogo que, eu gosto de estatística, eu jogo que 80% dos nossos alunos são carentes. E muito carentes.

Em tudo, em questão material, em questão afetiva...

... é... a... como que eu vejo a zona rural né? A gente tem uma clientela bem mista, diferente, bem mista né. Então a gente tem os meninos... os filhos dos assentados, tem filhos de quem vem trabalhar nas granjas, tem filhos de empreiteiros, tem o pessoal do abrigo, a gente atende ainda. Então assim, a gente tem uma clientela. (Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar) .

A carência desses alunos ela vai além da carência financeira, chegando na carência afetiva. Os estudantes projetam para escola e professores essas relações emocionais. Essa questão está

também ligada a questão da socialização que foi discutida na categoria inicial. Como as relações sociais fora do núcleo familiar são escassas para esse público, os laços afetivos forjados nas relações escolares tornam-se muito mais intensos.

E o outro problema que nós enfrentamos também é a falta da estrutura familiar. Não que isso seja assim... (...) É, é... Mas eu vejo que faz muita falta a referência de família para eles. Não que eu ache que tenha... que só assim que vai... Não é. Então tem muito menino que tem... o menino... tem caso aqui que o menino tem o irmãozinho um, a mãe, vai ser a madrasta do outro irmãozinho, o outro o pai é o padrasto do outro, então... Você entendeu? Então a gente tem esse problema aqui. Daí gera uma carência. Já chegou menino em mim... chegar e abraçar e falar que tem vontade de ter um pai. E eu falo, mas cadê seu pai? Não, eu tenho padrasto, tal... A gente também enfrenta isso aqui.

É, e essa carência também é em parte, um pouco, pela autoestima. (Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar) .

A rotatividade traz situações para o contexto escolar que precisam ser elucidadas, a situação inicial é a descontinuidade do processo de ensino: o estudante começa um conteúdo e um trabalho pedagógico junto ao professor, migra no meio do processo, para então retornar perto do final, ou não. Quando é utilizado um paradigma escolar urbano, com a continuidade do conteúdo ao longo do ano, a aprendizagem fica comprometida devido a essa movimentação, necessitando de atenções especiais. Outro problema pedagógico vinculado à rotatividade é o fluxo de estudantes vindos de outras regiões do país, que possuem ritmos de ensino diferentes, assim como a ordem dos conteúdos que eles vêm trabalhando. Para esses estudantes a ruptura na continuidade do processo de ensino é ainda mais intensa, gerando uma situação educacional que precisa ser levada em consideração.

A questão da rotatividade de alunos. Isso prejudica um pouco o... o andamento da..., com relação a qualidade da educação. Daí você pega o menino, né... igual chegou pra nós essa semana né, principalmente do nordeste. A gente tem recebido bastante, Bahia, Ceará, né. Região do nordeste a gente tem recebido bastante aluno. Daí a mãe vem: Tem um pouquinho de paciência com minha filha, porque lá ela não aprendeu o que aprende aqui. Então assim, a gente percebe a dificuldade do aluno, né. Aí a gente tem os projetinhos de reforço né.

É, a gente sempre teve. Um projeto para esses alunos que tem uma certa dificuldade, uma maior dificuldade em relação aos conteúdos. Essa questão da rotatividade prejudica bastante. É... Prejudica bastante, porque a gente teve casos aqui do aluno sair [NT: da escola] hoje, daqui a quinze dias eles volta, daqui a um mês ele sai de novo, o mesmo aluno, e de repente passa dois meses o aluno volta. Por transferências de granjas né... (Diretora Cajuzinho, Escola Cerradão).

São alunos que vem... Bahia também, sabe. O pessoal da Bahia que está passando fome, vem para cá. Principalmente de Jacobina (Diretora Bacupari, Escola Campo Limpo).

Então a gente recebe muito menino oriundo do Nordeste, do maranhão, até do norte também. No caso, do Pará. E... do norte de Minas principalmente, então a gente recebe... Há uma... tem uma quantidade de alunos que são da escola desde novinhos, né, mas tem uma rotatividade também, grande. Porque o pai arruma emprego, a granja precisa de mão de obra e busca, daqui a pouco não deu certo com o patrão e já está mudando. (...) É, esses alunos que vem, por exemplo, de outras regiões, Maranhão, Nordeste... A gente chega aqui com casos de alunos que chegam para nós, que... para gente ele tem que estar no 6º ano, a gente vai avaliar, a criança não sabe escrever, não sabe interpretar, não sabe nada... Então tem que ter todo um trabalho em cima disso. Muitos né, chegam para gente fora de faixa, dessas regiões também, e semianalfabeto. Nós estamos com casos aqui extremos, então assim, a rotatividade é muito grande. (Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar) .

Uma pergunta difícil. Aqui, o que a gente tenta, como esse aluno as vezes ele vem de um estado para cá. De um estado... Por exemplo, norte e nordeste, nós estamos recebendo muitos alunos. Aí um... ele... ele está totalmente é... é... desvinculado do que está... do que é a questão pedagógica aqui, do que estão as disciplinas.

Todo...Aí então, nós temos que começar a ajudar esse aluno para ele inserir nesse processo. Só que aí a gente cai num problema, quando a gente está com ele...

... Conseguindo, ele vai embora. Aí ele pode ir para outro estado, ou para a região mesmo. Ou ir para a cidade.

Às vezes, aí, até cai nessa questão da educação ambiental. Quando a Camila é... a Barbatimão começa a fazer o trabalho, que ele já começa a ter essa conscientização, né. Entra uma turma, que pensa totalmente diferente, porque a gente falou, as vezes a questão é mais cultural do que (...) Econômica, e daí você tem que... que... meio que parar ali e tentar colocar esse aluno sabe, pensar da onde a gente tá.(...)

E olha, é uma coisa triste de se ver. Nós estamos com aquele aluno que chegou do nono ano, né Barbatimão, ele veio do nordeste do país. Ele não... Ele não sabe somar, ele não sabe diminuir, ele pouco escreve o nome. No nono ano! Conhecimento ambiental ele não tem nenhum.

(...)

É uma realidade constante nossa. Constante. Ultimamente eu te digo que tem chegado mais alunos do Norte de Minas e nordeste do país. E tem sido uma luta... árdua para poder colocar esse aluno, encaixar ele, e... e... ele conseguir inserir ali e começar o processo pedagógico.

(...)

E é uma coisa muito triste de se ver. Por exemplo, esse aluno do nono ano...

(...)

Já está muito tarde né...

A gente sabe que num... num tem condições, que ele não deveria estar aqui... [NT: no nono ano, aponta para o diário para exemplificar isso]. Mas o que e como fazer para vencer essas etapas? Não podemos voltar...

Como que a gente vai fazer tudo que ele precisa? Não. (...) Porque eu olho... ele não vai ter, quando ele chegou, ele parecia um bichinho, né. Porque ele tem medo de ser ajudado, ele tem vergonha. Ele chega ali num ambiente aonde ele vê que todo mundo está caminhando, e ele vendo uma coisa que ele nunca viu... E isso?

E outra coisa que chama a atenção é, mesmo quando, né, são esses casos de norte e nordeste, muito é a questão do... do currículo nacional. Que não é o mesmo.(...) Então os alunos são prejudicados e eu acredito que o movimento em relação a padronização deveria ser levantado, (...). Para o aluno acompanhar, é muito difícil, principalmente no ensino fundamental, que é a base de tudo.

(Diálogo com Diretora Araça, Professora Barbatimão e Pedagoga Bicuiba, Escola Vereda).

Ao mesmo tempo em que existe uma rotatividade grande, a escola rural também é um local de permanências, de raízes. Alunos que estudam na mesma escola durante todo seu percurso escolar, estreitando de maneira forte os vínculos emocionais com a escola e com os professores. Essa situação é potencializada pelo menor número de alunos, que gera uma maior proximidade na relação professor-aluno. Também existem núcleos familiares de estudantes que ficam no campo, no mesmo local durante gerações, e a escola se torna uma ligação familiar também pois os pais, tios e parentes frequentaram a mesma escola, as vezes até mesmo com a mesma professora. Isso contribui para um aumento da relação afetiva com a escola, com a criação de vínculos para além do processo educativo.

... Porque na cidade você não sabe quem que é o pai, quem que é mãe. Você vê o pai uma vez ou outra... Então em cada sala, o sexto ano é uma... eu acho que é um exemplo bom para eu te dar, tem... tem... 17 alunos. Desses 17 alunos, tem 5 que eu dei aula ou para pai, ou para o pai e para mãe, ou para o tio... (Diretora Bacupari, Escola Campo Limpo)

“... Eles estão mais próximos da escola e por estarem as vezes num ciclo que, um é parente do outro... As fazendas são mais próximas... Então tudo faz com que esse aluno viva mais dentro da escola. A escola ela passa a ser um ponto de referência para ele, não só um ponto de estudo. Ela passa a ser um ponto de encontro para ele. E isso, e assim, me fez perceber que aqui parece que eles valorizam mais a escola...” (Diretora Genipapo, Escola Mata Seca).

“...Tem uma quantidade de alunos que são da escola desde novinhos, né. (...) No tratar com eles, a gente tem um tratamento diferente, né Camboatá?

Porque é mais amoroso, assim, é... é mais... ah, eles são mais delicados com a gente, são mais apegados com a gente. Eles saem daqui, eles voltam para nos visitar. Hoje a gente está com uma aluna, tinha uma aluna visitando. Ontem tinha uma aluna visitando. Então sempre tem aluno visitando, eles sentem saudades do clima daqui, de como a gente lida...” (Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar).

A escola rural é um ambiente paradoxal, a cara de uma classe é mutante, um misto de movimento e mudança com permanência. Ao mesmo tempo que a maioria dos rostos mudam, saindo e chegando a todo momento, seja por motivos locais (como casamentos e trabalhos na região) seja pelo fluxo de distantes chegando. É interessante imaginar as diferenças de costumes e vocabulários que chegam a todo momento, com sotaques de outras regiões, outros conhecimentos e outros percursos vindo até a escola. E ao mesmo tempo tem os rostos que ficam, que fixam a paisagem da sala. Rostos que são similares aos rostos do passado, quando um professor deu aula para o pai, o tio e agora para o filho.

A sala de aula da escola rural é um ambiente particular, é inegável que essa percepção emerge durante o dia-a-dia. Os professores sentem isso principalmente devido a distância curta, a

proximidade que se instaura junto ao aluno. E aí emergem mais diferenças, particularidades inegáveis desse aluno da zona rural, que formam a terceira categoria.

3.1.3. Terceira categoria analítica: o atalho do bugre.

“... Você não é de bugre? – ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda
em estradas -
Pois é nos desvios que encontra as melhores
surpresas
e os ariticuns maduros....”
Manoel de Barros

A sala de aula da escola rural é uma sala de aula urbana (essa questão será trabalhada posteriormente, na quarta categoria), mas o interessante é notar que mesmo assim a ruralidade ela entra na sala de aula, ela é presente. Como no poema de Manoel de Barros, se a ruralidade não entra pela estrada principal (a linha pedagógica adotada) a ruralidade pega um desvio, atalha por meio dos alunos, de maneira inegável. Isso salta aos olhos dos professores e diretores, com a grande maioria deles (88%, ver quadro 01) afirmando que eles trabalham com um público diferenciado.

A escola do campo vai, de certa forma, é, ser flexível ao público que ela atende, e a nossa... A nossa não, não digo a nossa, mas as escolas rurais da rede elas não fazem isso (...) Porque o homem do campo tem, é, certas, vamos dizer assim, diferenças na rotina do que o homem da cidade. Então, a escola não atende essas especificidades, de certa forma é o homem do campo que se adapta, e de certa forma eu acho que a escola rural, como ela tem as burocracias, o... o... o... a rotina de uma escola da cidade. (Professor Pequi, Escola Cerrado)

É uma escola que ainda mantém muito as características de zona rural, né. Porque os alunos aqui são, a maioria são moradores da região. É uma região, uma comunidade que preserva muito as tradições(...) tem um grupo em específico (...) que tem muito as características da zona rural, né. Eles têm quanto a vocabulário, eles têm quanto a hábitos, eles tem quanto a algumas... é... como é que eu vou te dizer? É.. Comidas, então tem esses hábitos. Tanto é que, por exemplo, algumas festas que nós temos aqui, nossa é muito marcante para eles, né Mas as crianças têm ainda muito

essa..., essa..., como é que eu vou te falar? Essa tradição. Isso, né. (Diretora Baru, Escola Cerrado).

É o que difere assim? As vezes o contato dos nossos alunos é maior com o campo. Essa questão do plantar, de estar mais próximo com a natureza, com certeza isso é maior. (...) Mas porque trabalhar isso com eles, na zona rural? Porque eles estão em contato direto com isso. Posso te dizer que não é a maioria que está em contato, mas eu tenho números significativos de que... moram nas fazendas, que ainda tem um contato com o campo muito direto (Diretora Buriti, Escola Cerrado Rupestre).

Por exemplo, eu trabalho muito com o quintal da escola, então assim, a aula prática, ela flui naturalmente na sala de aula aqui. Então é muito mais fácil... Por exemplo, eu estou trabalhando aqui cadeia alimentar. Então eu saio com eles, eles observam os seres um se alimentando do outro. Eles têm essa vivência prática, então assim, os conceitos do livro, que as vezes são bem complexos... Por exemplo, herbivoria. Muito complexo, né? Entender um termo desse, memorizar um termo desse. Um aluno do 6º ano, então eu saio com ele e é... o pé de coco ali, eles viram as lagartas se alimentando daquela planta. Então isso é muito mais fácil de ser trabalhado, esse... essa proximidade com o ambiente, deles poderem observar, fazer experimentos em sala. Então, acontece de forma muito natural. (Professora Gravatá, Escola Mata Seca)

Mas também a gente acaba tendo contato com os meninos que tem outra prática de vivência com a natureza (...) Então a escola rural ela acaba tendo algumas especificidades assim, que quando você fala, os meninos já conhecem e as vezes te dão até uma aula. Mas eu sinto que uma escola de zona rural ela tem essa... essa... especificidade quando você vai tratar alguns assuntos, assim, de agricultura, de pecuária, eles vão ter mais exemplos e se inteirar de ver mais e... e... da própria hidrografia. O que vejo de especificidades são essas, alguns exemplos e vivências que eles têm lá no campo. E se a gente for tratar aí o problema do alimento com muito agrotóxico, com muito veneno. Eles sabem. Eles sabem e sabem muito bem, tem uns que até chegam a falar assim, nossa professora tem coisa lá de casa que eu mesmo não como. Tem uns que chegam a falar isso. É... quando vê o que está acontecendo lá na hora de produzir... Então enquanto professora eu via menino, quando a gente tratava as questões ambientais.... Porque elas sempre saíram, sempre saíram para aspectos que a geografia aborda, né. E, às vezes, até extrapolava, porque, em um diálogo, a criança vai colocando riquezas que as vezes você nem pensava que ia aparecer. (Diretora Gurguri, Escola Mata de Galeria).

Olha trabalhar em uma escola de zona rural, eu vejo como diferencial a questão é... é... dos alunos, e o tipo de vida que eles têm, diferente dos alunos da cidade. Né. Eles já... eles vivem no ambiente rural, eles participam da vida das famílias, é na questão da... do trabalho. Eles já, desde bem cedo, desde bem pequeno, eles já participam desse trabalho. Tudo que envolve a questão rural eles têm conhecimento.

(...) Então. Eles começam a lida bem cedo, então eles já começam a ter um conhecimento, sobre a terra, sobre o cuidado, né, com os animais. Isso eu acho um diferencial muito importante, e que a gente pode aproveitar na... na questão pedagógica. (Pedagoga Bicuiba, Escola Vereda).

(Professora Jatoba, Escola Campo Limpo).

É a questão, os dois lados da moeda né, eu sempre trabalho isso como..., eu faço sempre essas comparações, mesmo que, né comigo mesmo, em relação aos meus alunos, que eu tenho na cidade e os que eu tenho aqui. São os dois lados da moeda mesmo, por exemplo, para mim é muito mais fácil trabalhar a questão ambiental no sexto ano, que está dentro das diretrizes, com os alunos daqui. Porque eles têm noção. Cadeia alimentar. Eles sabem qual que é o predador, eles já sabem qual que... Eles sabem como funciona esse ciclo natural, diferente do que ocorre com os alunos da cidade. Muitas vezes você fala assim, a um Preá, uma onça, que que é isso? Não sabe, ou sabe só de ouvir falar. Eles já têm essa vivência do ambiente natural deles, mas ao mesmo tempo que eles já tem essa vivência, como a Alessandra disse, é muito complicado. Quando eu cheguei aqui, em 2011, era comum eles falarem, nossa entrou uma onça lá, meu pai está doidinho para matar. Porque tava pegando a galinha. Aí até você chegar e falar, olha a onça é um animal que está em extinção, tem outras formas, e explicar que é o ser humano que invadiu o ambiente. Para eles é difícil essa compreensão, eles já têm esse dogma na cabeça deles, não invadiu a fazenda, é nossa... Mesmo que seja outro trabalhador, tem que matar... E essa questão da caça é interessante de colocar, porque nem sempre a caça deles é por alimento. (Professora Barbatimão, Escola Vereda).

Então assim, assunto deles [NT: **Referente a vida rural, conforme exemplo da dor na mão por tirar leite**] eu entendo, a gente para a aula para poder trocar uma ideia. (Professora Gabiroba, Escola Mata Ciliar).

Podemos ver que a questão levantada da “pouca bagagem cultural” se inverte nessa categoria. O conhecimento de mundo deles sobre a natureza e a realidade agrícola é muito profundo e, às vezes, maior até mesmo do que o do professor. Com isso os alunos trazem riquezas que não eram esperadas para a sala de aula. Do mesmo modo essa proximidade com o natural facilita o ensino de determinados conteúdos (p. Ex.: a herbivoria como a professora Gravatá ressaltou). A identidade deles passa a ser uma ferramenta pedagógica importante, que pode facilitar a aprendizagem, porém é pouco aproveitada.

Do mesmo modo eles têm modos de vida e tradições diferentes da zona urbana. Vimos como alguns deles influenciam a dinâmica da escola rural, como início cedo da vida adulta (seja no

casamento ou no trabalho) que gera uma rotatividade local, porém outros, como as culturas próprias (seja o modo de fala, as crenças ou as festas tradicionais) invadem a sala de aula, trazidos pelos alunos. Esses aspectos culturais não são necessariamente adotados pedagogicamente, mas fazem parte da rotina escolar.

É interessante ressaltar que aqui que o choque cultural, o estranhamento da primeira categoria volta a tona. Os professores e gestores percebem nitidamente essa diferença de culturas, ao definir o público das escolas rurais como diferenciado. Mas pouco se aprofunda na discussão sobre a ótica cultural deles, a diferença é geralmente percebida como contraste com a realidade urbana (ele tem um isolamento maior, menor bagagem cultural) e trabalhada na rotina diária da escola, durante a interação professor-aluno.

Essa relação entre urbano e rural, no aspecto educacional, que surge dessa diferença cultural é trabalhada na quarta categoria: cidade vai ao campo. É importante ressaltarmos como professores e diretores veem esse choque de identidade, quando a ruralidade entra no processo de ensino.

3.1.4. Quarta categoria analítica: a cidade vai ao campo

“.... Sou bugre mesmo
me explica mesmo’
me ensina modos de gente
me ensina acompanhar um enterro de cabeça
baixa
me explica por que um olhar de piedade
cravado na condição humana
não brilha mais que anuncio luminoso?
...”
Manoel de Barros

A maioria dos professores e gestores das escolas rurais é de origem urbana (n=13) e/ou reside na cidade (n= 15), isso é interessante ressaltar porque, mesmo implicitamente, eles trazem a

vivência e a cultura urbanas em seus modos. Além disso, eles fazem sempre o deslocamento da área urbana para a zona rural, da cidade para a escola. A escola é um lugar onde os diferentes modos de vida se misturam. Ressalto aqui porque esse tema é importante quando consideramos a análise dessa categoria, talvez uma possível explicação.

O que mais chama a atenção nas respostas temas é que a maioria dos participantes, não diferencia a prática pedagógica e o conteúdo para as escolas de zona rural, apesar de poucos dizerem isso abertamente (n=2). A percepção é que o público é diferente da zona urbana, mas a escola não.

Uma escola rural na verdade, a única diferença da escola da cidade é o fato dela estar localizada na área rural do município. Mas ela não atende exatamente as especificidades do tipo de público que ela atende. (Professor Pequi, Escola Cerrado)

Porque acaba que não tem um... algo específico da zona rural para ser trabalhado. E, na minha opinião, isso deveria ser trabalhado. Isso é cultural, isso é valorizar, né ... eu vejo que há essa falta do trabalho com as escolas rurais. Vem algumas coisas. Vem. A secretaria, sempre que aparece, eles trazem. A gente já teve projeto de viola, as vezes tem algum seminário. Mas eu acho que isso deveria ser mais efetivado. [NT: A pergunta era “O conteúdo é o mesmo da cidade?”] É o mesmo. (Diretora Baru, Escola Cerrado)

Então assim, é uma escola comum. Como as demais. Em termos, assim, de conteúdo, a gente procura desenvolver um bom trabalho. Preocupamos com a qualidade da educação. Não é porque é zona rural que é coitadinho. Não, a educação é de forma única, né. Então a gente tem o planejamento, tem os nossos objetivos, as nossas metas a cumprir com nossos alunos. Então assim, eu achei até interessante o depoimento de uma mãe que o filho saiu daqui no meio do ano passado e ele chegou lá [nota de transcrição: Uberlândia], nós estávamos adiantados. Ele ficou lá revendo toda a matéria, aquilo lá. Por um lado a gente sabe que está caminhando né? (Diretora Cajuzinho, Escola Cerradão).

A nossa escola ela tem... eu sou... eu trabalhei como professora na zona urbana e eu não percebo diferenciações nem na estrutura física, nem tão grande..., nem no público que a gente atende. É o que difere assim? As vezes o contato dos nossos alunos é maior com o campo. Essa questão do plantar, de estar mais próximo com a natureza, com certeza isso é maior. Mas em relação ao comportamento eu não vejo tanta diferença. (Diretora Buriti, Escola Cerrado Rupestre)

Eu acho que é um privilégio, não é Mangaba [NT: Ser uma escola rural]? Mesmo porque a estrutura da nossa escola, não sei se deu para perceber, não é uma estrutura que fica aquém das expectativas de nenhuma zona urbana.

Aqui não é classificada como escola do campo, apesar de ser um distrito. A gente tem até os trabalhos, propostas nesse sentido, mas ela não é caracterizada como escola de campo. E por ser um distrito, ela não é tão, basicamente voltada para o campo. Ela segue um currículo, o currículo nacional né? Com as diretrizes é... é... propostas pela secretaria de educação, no caso o CEMEPE, e inclusive nos participamos. Mas assim não específico voltado ao campo. (Professora Murici, Escola Cerrado Rupestre)

E aí eu fui... já comecei trabalhando com zona rural, mas zona rural a gente geralmente tem escola com menor quantitativo de alunos. ... Depois eu até quero falar das especificidades porque sempre tem alguma coisa, mas hoje o urbano e o rural se interagem o tempo todo, assim. Você quase... pelo menos nas experiências que eu tenho, as vezes você quase nem diferencia muito a questão assim, do rural e do urbano, em vários contextos de vida, do cotidiano mesmo das pessoas. Acho que hoje fica até difícil você delimitar assim. (Diretora Gurguri, Escola Mata de Galeria)

Então o livro didático, na escola rural ele é um apoio. Porque o aluno não tem outra fonte de pesquisa. Entende?

Não. Você tem que fazer as adaptações. O livro didático, ele vem com conteúdo mesmo, né. O conteúdo propriamente dito ali. (Professora Gravatá, Escola Mata Seca)

O programa nacional do livro didático da escola do campo. Existe. Existe esse programa, mas por exemplo, se a gente for fazer uma análise do livro, igual a gente fez durante o projeto, ammm... O livro ele é um livro voltado justamente para essa coisa. Do tipo, saia do campo, não fique no campo. Ammm Ao mesmo passo que em outras coleções de livros, porque né a gente foi mais analisando coleções que chegam mas não são utilizadas. Porque a coleção do livro do campo ela não é utilizada (risos) ela só chega para a gente analisar e escolher. Na verdade, ela é do primeiro ao quinto, não é nem do sexto ao nono. Eeee Então, por exemplo eu acho que existe ali um certo desvalorização da identidade (sic). Quando eu falo assim na construção do material didático, em todo esse processo aí. Pelo menos eu... eu vejo assim...(Professor Pequi, Escola Cerrado).

Cinema? É uma coisa assim, então assim, o que a gente pode fazer com eles, para chegar, ao mesmo nível, vamos dizer assim, de conhecimento, né Camboatá...

...com os da... da... da zona urbana, a gente tenta. Então a gente trabalha... a questão de conteúdo é muito parecida. No tratar com eles, a gente tem um tratamento diferente, né Camboatá?

É, e a... se você colocar então as duas são muito parecidas, zona rural com zona urbana, mesmo com as diferenças... eu digo quando a gente trata, né, mesmo com as diferenças entre eles. E... realmente a gente tem um desperdício, digamos assim, a gente não consegue sair do nosso currículo, do que a gente tem que fazer, entendeu? As provas quando vêm, vêm da mesma

maneira, então a gente tenta lidar da mesma maneira da zona urbana, porque se não nossos meninos ficam para trás. (Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar).

E o interessante é que o discurso dos professores e dos diretores não é apenas de que a escola rural é igual a escola urbana pedagogicamente, mas de que ela DEVE ser igual em termos de conteúdos e objetivos pedagógicos. A grande maioria dos professores e diretores afirmam isso categoricamente em seu discurso (94%).

Todos os animais. E é muito forte isso, em relação... é tem essa diferença, mas o ensino de educação ambiental, eu não acredito que seja diferente. Porque, por exemplo, os alunos que tem aqui, todos são muito conectados...(...) Eles sabem tudo que acontece em Uberlândia, tudo que acontece no mundo (...) não tem mais essa distância, essa diferença.(...) Porque hoje a globalização né, ela está em todo lugar.

Tem muitos autores que defendem né, que na zona rural tem que ter um ensino diferenciado. Eu, por exemplo não concordo.

Eu não concordo também.

Até porque esses alunos que estão aqui, eles estão em Uberlândia todo dia, se deixar... Falta aula, hoje vou para cidade (...) A vivência deles campo/cidade é muito intensa.

Então não adianta nada, não adiantaria, você, para o público que a gente tem aqui, você dar uma educação voltada somente para o rural, sendo que o destino deles, o futuro deles, o que eles realmente almejam, está lá na cidade. Então seria assim, parti. Já chegou aqui, algumas teorias, algumas pessoas, sugerindo isso, mas eu, particularmente não acredito que isso funcionaria aqui.

Primeiro porque assim, quando a gente fala assim, aqui é um distrito, a gente está falando com um distrito. Não, porque a gente percebe que essa informação chegou também nas fazendas, sabe. Tem alunos nossos que não precisa mais a gente ter aquela preocupação, nossa o aluno tem que ir lá na cidade para fazer uma pesquisa por causa da internet. Não, eles têm isso lá, né. No campo.

Eles ficam sabendo coisa antes da gente. Os alunos daqui, os mais interessados, chegam professora a senhora viu, saiu a reportagem desse animal, aconteceu isso, isso. Igual, encontraram uma serpente gigante lá, eles souberam antes de mim. Eu cheguei aqui, aí que eu fui pesquisar. (Professora Barbatimão e Pedagoga Bicuiba, Escola Vereda).

[NT: O conteúdo é o mesmo da cidade?] É o mesmo. Mas eu não discordo que tem que ser, porque o menino vai enfrentar é tudo. Mas eu acho que tem que ter um... uma parcela para isso, né. Nós, dentro da medida do possível, a gente trabalha. (Diretora Baru, Escola Cerrado).

Tem um material, deixa eu cortar um pouquinho, da... da educação do campo né? Os livros específicos para a educação do campo. Você sabe disso?

Engraçado, eu não tinha... sinto essa diferença. Sabe da educação na zona rural e na cidade lá, em uma escola central, que é a que eu dava aula. Então muitas vezes aqui, os alunos daqui que a gente já teve, eles conseguiam ter um rendimento melhor do que os da cidade.

É. Eu não vou pegar e trabalhar com ele horta, gente. Não vou trabalhar só horta com ele. Ele que vai me dar aula de horta. Você entendeu, se ele mexe com plantação, ele que vai me dar aula de horta. Sobre isso, não sou eu que vou explicar para ele como ele vai plantar.

Escola rural eu acho que não tem que mudar currículo porque o menino é da roça. Porque ele não é menos inteligente do que o da cidade. Eu acho que a gente tem que aproveitar o que ele tem em casa e trabalhar na escola. Porque quando você trabalha a plantação, o que que ele plantou, o que que ele vai plantar. Ele pode chegar em casa e fazer a diferença. O que ele aprende na escola fazer diferença lá. Nossos alunos não tem uma praça, nossos alunos não tem um shopping... O único dia que eles vão lá é quando eles vão fazer as compras do mercado. Quando o patrão leva para fazer a compra e as crianças vão, né. Então, eu acho que o ensino não tem que ser diferenciado, eu acho que tem que ser aproveitado o que eles têm, e trabalhar. Isso não significa que... a lá na cidade, lá na cidade eles ensinam equação. O que eu vou fazer com equação na minha vida? Se tem tantas outras coisas que eu vou poder aproveitar no meu dia-a-dia. Então eu acho que assim, não é mudar o currículo não, que é lá. Lá no alto mudar, não é lá, nem é lá. Não é vir de cima para baixo, eu acho que deveria sentar com os professores, o que que essa criança está precisando aprender? É isso que a gente fazia no projeto estrela. O que que essa criança precisa para ela, para ela lá fora. Que leitura de mundo que ela tem que ter?

A gente trabalhava até, por exemplo, a química, né, com os meninos aqui [nome do projeto removido para manter anonimato]. Só que trabalhava diferente. Eu não dava para eles um texto de quatro páginas lá, de reação química para ele decorar. Não, então vamo, vamo fazer assim ó. Então vamos entender o que que é, e sempre trabalhando assim um texto claro, pequeno e uma atividade prática por cima. Então ele fazia. Então é isso.

Porque, porque o governo faz propaganda para o homem voltar para o campo né? Então, aí o homem volta para o campo. O que que ele tem para oferecer para o filho dele? Como que um... uma criança que não tem um curso de inglês aqui, um curso que pode ser oferecido para o filho dele, vai competir com um menino lá no vestibular, que fez o curso de inglês na cidade? Como que uma criança daqui vai competir com uma criança que vê jornal? Vê televisão, que tem internet, tem tudo... Entende? Então assim, eu acho que não tem que ser um currículo diferenciado em questão de conteúdo, mas acho que tem que ser diferenciado em questão deles aqui (...) Eu acho que zona rural não tem que ser diferenciada, a gente tem que trabalhar todos os conteúdos com aluno, mas dentro da realidade deles. (Professora Jatoba e Diretora Bacupari, Escola Campo Limpo).

A visão principal nas escolas de zona rural é que o conteúdo, o livro didático e a prática pedagógica têm que ser a mesma da cidade, pois o “futuro” do aluno rural é ir para o ambiente urbano para completar seus estudos. Podemos ver que a ruralidade entra nas escolas rurais pelo atalho, não pelo caminho principal. A essência de uma escola rural é a mesma de uma escola urbana, a única diferença é a prática do dia-a-dia, onde a ruralidade insiste em ser presente e não pode ser ignorada, até mesmo pela proximidade maior entre professores e alunos. Então vemos adaptações práticas na rotina, como a professora Gravatá adaptando o conteúdo do livro didático ao trabalhar ele durante a aula, ou quando os alunos trazem um assunto da realidade deles e a aula é interrompida para um diálogo com a Professora Gabiroba.

A ruralidade também entra na escola através do meio externo, do entorno das escolas. Os projetos externos, sejam eles trazidos por órgãos públicos (como no caso do projeto dos violeiros da diretora Baru ou o Projeto Sanitarista Mirim que foi aplicado em diversas escolas) ou por empresas privadas (as parcerias com empresas na escola Cerrado Rupestre).

É claro que tem, na concepção de cada professor... Aí entra a bagagem cultural, volta, direciona, mas não especificamente para aquela... para falar assim, aqui tem um currículo diferenciado por ser uma escola rural. Não. É o mesmo currículo. A abordagem que cada profissional dá... Então nós estamos abertos, né, a esses projetos de educação ambiental, que até nos dão suporte, financeiro até muitas vezes. (Professora Murici, Escola Cerrado Rupestre)

. É... O que é legal da escola rural é que já existem projetos externos que as vezes chegam para a escola, justamente para a gente tentar trabalhar o campo. Então nós temos a Empresa que faz parceria com a gente. É, nós temos um projeto “Sanitarista Mirim”, o qual incentiva as crianças a ter contato com o campo. Eles têm informações sanitárias, que são extremamente importantes, e as crianças são as multiplicadoras disso em casa. Então a gente percebe esses projetos externos, tentando atuar para que o campo se aproxime mais das nossas crianças. Porque assim... Crianças que são... moram no distrito de [Nota da transcrição: distrito omitido para manter anonimato], muitas delas, às vezes, não têm acesso a fazenda, mesmo morando numa zona rural, vamos dizer assim.

Então, eu... eu... comportamental eu não vejo tanta diferença. Em relação as propostas da escola... A proposta da escola, eu vejo mais influência desses projetos externos aqui do que propriamente da escola.

Mas porque trabalhar isso com eles, na zona rural? Porque eles estão em contato direto com isso. Posso te dizer que não é a maioria que está em contato, mas eu tenho números significativos de

que... moram nas fazendas, que ainda tem um contato com o campo muito direto. (Diretora Buriati, Escola Cerrado Rupestre)

A gente está começando um projeto para estar trazendo mais experiências de vivências do pessoal de zona rural para dentro da escola. Então a gente vai começar com o nosso jardim e daí, do jardim a horta, e as ervas medicinais e comestíveis. Então a gente quer ver se os meninos mesmo trazem é..., qual a relação que eles têm, com uma flor ou outra, ou com uma planta ou outra, da relação de vivência deles mesmo. É claro que não vai ser é, assim, no caso das plantas, não serão plantas do Cerrado. Porque não cabe aqui, né. Serão exóticas, mas de toda forma a gente quer... a gente quer resgatar, mesmo que seja das exóticas, alguma coisa que eles já tenham em casa mesmo, que as vezes já era da avó, da roseira. Exótica, mas é... já aclimatada aqui, de coisa que eles trouxeram mesmo para gente, uma Dália. Não é? Não vai ser assim, uma espécie... as vezes comprada lá e simplesmente colocada, porque a gente, no momento, achou bonita. A gente vai querer essa parte da beleza também, da delicadeza... (Diretora Gurguri, Mata de Galeria)

Nós tivemos um projeto sanitaria mirim aqui a alguns anos atrás, nós fizemos três anos consecutivos, isso foi muito bom, sabe, muito bom mesmo. O pessoal do IMA veio, e deu palestras para os meninos, a gente foi em algumas fazendas. Por mais que a gente tente incutir na cabecinha deles, a prática que eles vivem em casa é diferente. (Diretora Cajuzinho, Escola Cerradão)

A realidade é que a escola rural atualmente é um pequeno espaço onde a cidade vem até o campo, onde os alunos convivem com conteúdo externo. O rural chega na escola por vias indiretas, seja trazido pelos alunos, de uma forma impossível de ignorar que é agregada a rotina diária da escola, seja através de projetos externos que vem até a escola trabalhar essa questão. É interessante notar que atualmente a escola rural não é pensada como um projeto contínuo que aborde essa questão. A ruralidade vem através de projetos, que podem ter origem externa (maioria) ou interna (minoria), e são abordados de maneira pontual e descontínua. Os projetos vêm até a escola, são aplicados durante um período e depois vão embora.

Quando pensamos em educação para zona rural também percebemos que implicitamente a política educacional vigente também incentiva o êxodo rural. O aluno rural só tem acesso ao ensino fundamental na zona rural, caso ele deseje prosseguir nos estudos obrigatoriamente ele tem que ir para a zona urbana. Essa percepção já está inclusa no imaginário dos alunos.

Em relação a educação ambiental, aqui na escola teve um projeto chamado “sanitaria mirim”, lembra Bacuparí? A Bacuparí sabe melhor... Daí tinha que diagnosticar problemas ambientais aqui dentro da escola. Todos eram agentes ambientais. Aí eles diagnosticaram um problema que estava sendo muito comum o desperdício de alimento durante o lanche. E eles conseguiram, hoje foi sanado esse problema não é Bacuparí.

Hoje o desperdício é quase zero.

Quase zero.

E esse projeto também trabalhava a questão da importância do trabalho desenvolvido no campo e a importância desse aluno, que está aqui, um dia permanecer no campo. Também ajudando a família. Porque sempre a visão é ir para fora, mas o que que você pode fazer, estudando, aperfeiçoando, adquirindo conhecimento, e do campo?

Então isso aí foi uma coisa que eu achei que... porque quando... antes do projeto a gente via assim, quase que a maioria, né Barbatimão, pensava assim, né. Eu vou estudar e vou para tal lugar. Ah, eu vou para Uberlândia, daí eu vou para outro lugar, outro estado. Aí muitos abriram a cabeça e conscientizaram que eles poderiam, com todo o conhecimento que eles vão adquirir, melhorar a vida da família aqui no campo. Inclusive nós visitamos uma fazenda, que é bem próxima aqui, não é Barbatimão?

Aonde os três filhos do produtor rural é... estudaram, fizeram graduação na UFU, na época que nós fomos eles estavam concluindo o mestrado e trabalhando no campo. Melhoraram a vida da família.

Algumas questões devem ser refletidas quando discutirmos as escolas rurais: Qual é o objetivo da escola rural e para que a escola prepara o aluno? Apesar de não ser o objetivo principal do trabalho é interessante refletirmos sobre a visão implícita no discurso dos entrevistados, considerando os adjetivos utilizados em várias das entrevistas e de como a comparação com o ambiente urbano é constante no imaginário da escola rural. A escola rural tem um “público particular”, diferente, mais “isolado”, “possuem um conhecimento de mundo restrito” e têm uma “bagagem cultural” menor. Esses alunos tem um “problema de autoestima” e “tendem a imaginar que os alunos da cidade são melhores”. A escola não deve tratar eles como “coitadinhos”, mas “fazer com que eles cheguem ao mesmo nível de conhecimento”. Os educadores acham “interessante o depoimento de uma mãe que o filho saiu daqui no meio do ano passado e ele chegou lá [nota de transcrição: Uberlândia] e nós estávamos adiantados” ou alunos que saíram da escola e foram cursar a universidade. Alunos

que desistem da escola ou apenas terminam o nono ano e decidem ficar na zona rural com seu núcleo familiar “entristecem os professores”.

Quando avaliamos alguns documentos históricos da educação rural em Uberlândia, podemos ver que muito desse imaginário ainda persiste de eras passadas. Na época do ruralismo pedagógico, ainda na década de 1934, existia um programa do governo para conter o êxodo rural, os professores deveriam exaltar o campo e ensinar conteúdos específicos para a vida rural, geralmente relacionados a higiene e práticas agrícolas. No entanto, uma análise dos cadernos de uma escola rural da época mostra que os ideais positivistas da época imperavam nos professores, que eram em sua maioria urbanos, e se refletiam nos cadernos dos alunos. As atividades abordavam temas da cidade, como praças famosas de Uberlândia e parques e a área urbana era vista como civilizada e fonte de progresso (SILVEIRA, 2010; GONÇALVES; LIMA, 2011; LIMA, 2016).

Atualmente a questão do conteúdo é diferente, ambas as escolas (rurais e urbanas) têm o mesmo conteúdo, mas o discurso e as comparações existentes no ambiente escolar rural ainda são de valorização da vida urbana. Até mesmo a questão da continuidade dos estudos obriga que os alunos das escolas rurais migrem para cidade, caso queiram ir além do ensino fundamental. A comparação é clara: historicamente no ruralismo pedagógico a escola deveria manter o aluno no campo, mas o imaginário escolar exaltava a cidade. Atualmente o imaginário escolar continua exaltando a cidade, porém o aluno agora é obrigado a abandonar o campo. Essa é uma questão estrutural no Brasil, politicamente (e até mesmo ideologicamente) o rural é pensando como agrícola, como atividade financeira/trabalho, e não como lugar de moradia, como cultura, como vida.

Temos que refletir se essa questão deve continuar a ser tratada assim, ou se devemos levar em consideração a realidade do aluno do campo. E como fazer isso dando oportunidade para esse

aluno manter suas particularidades rurais, caso seja de seu interesse, de maneira que ele possa continuar seu estudo?

3.2. GRUPO 02: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nesse grupo estão as respostas referentes a questão desencadeadora três, que busca sintetizar o que é educação ambiental na visão dos participantes. O quadro 02 resume as principais respostas, vinculando-a com alguma das categorias analíticas. As categorias analíticas criadas para esse grupo são: “Ética e Dever”, para tratar as respostas relativas a educação ambiental como dever; “Eubiente e a ação transformadora” para tratar as questões da educação ambiental como entender que fazemos parte do meio ambiente e somos uma parte transformadora; “O caminho das águas: o rio e a chuva” que engloba as respostas relativas processo de educação ambiental nas escolas, se ele é contínuo ou pontual e “Colonizando a ilha” para tratar das respostas que englobam aspectos de como o meio externo influencia os projetos de educação ambiental.

3.2.1. Quinta categoria analítica: ética e dever

“um trovão pergunta
outro ao longe responde
pingos nos is”
Alice Ruiz

O que chama a atenção nas respostas sobre educação ambiental é que elas foram divididas em dois grandes grupos: o grupo que trata educação ambiental como um dever (essa categoria) (n=8, 50% das entrevistas, ver quadro 02) e aquele que considera a educação ambiental como o processo de colocar-se como parte do meio ambiente (a segunda categoria) (n=5, 30% das entrevistas, ver quadro 02). A ética e o dever são as categorias mais comuns de ouvir na nossa sociedade, que engloba a educação ambiental como um processo de dever. O exemplo mais citado é: “Você não pode jogar lixo no chão” e nós devemos preservar a natureza para as gerações futuras.

É uma pergunta assim... complicada nos dias atuais, né. Porque assim, educação ambiental é muito amplo né? (...) Mas assim, a visão que a gente tem, assim, enquanto professor, né, é passar um pouquinho, né, dessa conscientização para os nossos alunos. Porque assim a gente tenta um mínimo passar, embora a gente... aqui a gente não pratica muito, a gente, os professores fazem né um trabalho, com os meninos, desde o primeiro ano, né, mais principalmente na área de ciências, geografia, né. Mais ... interligado. As matérias afins. Com... e vai trabalhando essa conscientização com eles, então assim, eles já chegam na escola com outra visão. Com relação aos assentamentos, vários desmatamentos por conta desse assentamento, né, então, assim né, aquela coisa assim, meio que você vive em uma realidade rural, onde eles... eles praticam ações nocivas ao meio ambiente, né, agrotóxicos, tudo né... tem uma fazenda gigante aqui, que tem lavoura, soja né. Então eles lidam com isso o tempo todo, aí não usam os equipamentos do agrotóxico, batem veneno de qualquer jeito né, então assim..... É uma coisa que assim, é muito difícil, a gente tenta com a teoria incutir aquela responsabi..., mas, Ah não tia, mas meu pai faz isso a muitos anos. Né. Tipo lavar o recipiente que vem o agrotóxico no rio e reutilizar aquela vasilha. Então isso é comum para os nossos alunos aqui. Eu acho, assim, que a dificuldade maior seria a conscientização mesmo, né. Tornar-se consciente, né, que ela precisa do meio ambiente e procurar alternativas de formação, alguma coisa assim, para tentar divulgar. (Diretora Cajuzinho, Escola Cerradão)

Porque é uma atitude, a questão ambiental, é uma mudança de atitude. É cultural isso. Então, não vai ser de um dia para o outro que a gente vai conseguir superar, e vamos dizer assim, minimizar todas as questões, que são bastante amplas. (...) Então eu procuro encaixar, colocar, assim as relações pessoais, interpessoais, nessa problemática. não foca somente a fauna e a flora, e os ambientes, mas também (...) já tira aquela visão antropocêntrica da ecologia.

É eu penso em educação ambiental como uma prática individual, da seguinte maneira: A gente começa pelo exemplo, então nada mais natural, que eu ter uma prática e cobrar a partir da minha prática, sendo um educador ambiental. E acredito que a transmissão desses valores para a comunidade escolar vai render frutos, com certeza, porque a palavra enverga, mas o exemplo arrasta. Então eu acho que é por aí, essa forma de trabalhar a educação ambiental. Não adianta eu ter um discurso, e a minha prática ser outra. (Professor Mangaba, Escola Cerrado Rupestre)

E uma dificuldade muito grande é a pessoa assimilar e colocar isso em prática. Por exemplo, a gente sempre fala muito com os alunos, pelo menos eu falo. Eles jogam lixo no chão. Aí eu fico assim, nossa lá na sua casa sua mãe deixa você jogar isso no chão? Não, ela não deixa não. Se eu jogar ela me bate. Pois é, você está aqui e você fica tantas horas, porque você não faz? Aí ele começa a pensar. A impressão que dá é que a teoria eles têm, se chegar para qualquer aluno aqui e perguntar da dengue, né que a gente já fez o trabalho, já fizemos redação. Eles vão saber. Mas eles não colocam em prática. (Professora Barbatimão, Escola Vereda).

Quadro 2 - Quadro síntese das respostas à pergunta desencadeadora: o que é educação ambiental na sua experiência?

QUADRO SÍNTESE DA RESPOSTA: O QUE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA VOCÊ?			
RESPOSTAS TEMAS CENTRAIS	FREQUÊNCIA		CATEGORIA
	N	%	
Se ver como parte do meio ambiente	5	31,25	Ética e Dever
Cuidar do meio ambiente	2	12,5	Diferenças entre as concepções geracionais
Ação transformadora	2	12,5	Diferenças entre as concepções geracionais
Ir além das datas temáticas	3	18,75	O Caminho das águas
Conscientizar o aluno	4	25	Ética e Dever
Dever de preservar/ Responsabilidade ambiental	8	50	Ética e Dever
Não faço educação ambiental	1	6,25	Colonizando a ilha
Projetos externos	9	56,25	Colonizando a ilha
Educação ambiental como rotina	4	25	O Caminho das águas

A gente briga, briga, briga aqui com os meninos, né. A questão do lixo, porque aqui o maior problema que a gente tem é a questão do lixo dos meninos. Que eles jogam o papel de bala. Essa educação ambiental, eu acho que ela tinha que começar em casa. Se eu te levar em algumas casas aqui, você vai assustar. Tem lugares aqui, que você olha debaixo da mangueira, tem tanto lixo... Tanta sacolinha. Sabendo-se que a vaca, se comer a sacolinha, ela vai morrer... mas tem. Eles acabam de comer a comida e joga. Então, na verdade, a... essa educação ambiental eu acho que ela deveria começar do menor para o... para os espaços, né. Porque a gente trabalha com as crianças aqui, pensando-se que a gente vai trabalhar com seus pais, não é? Não é?

Mas a maioria dos pais não fazem...

Não fazem! É isso que eu estou te falando...

A questão do agrotóxico, né, que eles usam. Eu acho que é uma questão muito grave, né. E eles tem esse manuseio direto(...) Uma coisa assim, como é que eu te falo... Não acreditar. Que eu acho que não tem outra definição. Ele não acredita que aquilo é tóxico...

E que pode vir a fazer mal.

... e que pode matar ele. Eles não conseguem acreditar. Eles acham que, por exemplo, não, assim... ah, você é mulherzinha, por isso que você está de máscara, de luva. Você entendeu.

Aí a gente tem um projeto. Esse projeto é... são com os alunos da tarde, é aquele lá que você está vendo, a caçambinha ali fora. Eles vêm de manhã uma vez por mês, para organizar a escola. Aí eles vêm, limpam a escola todinha, recolhe o lixo, coloca lá. Se você olhar... hoje a escola está limpa, aí eles passam na sala de manhã, aí eles fala, nossa, puxa mas é difícil hein. Aí eu falo, para vocês verem, o quanto é cansativo, o quanto é difícil manter limpo. Pronto. Então a gente tenta fazer isso com eles. Sabe? Coloca o lixo no bolso, coloca o lixo em uma sacola, depois você vai lá e descarta o lixo. Mas é o que a Jatobá falou, é um trabalho assim... de formiguinha, sabe. Bem lento.

Eu acho que essa educação ambiental é o que a gente está falando aqui mesmo, é a questão de casa. Sabe, mas eu acho que muitas vezes um pouco da pobreza de espírito mesmo, quando uma pessoa não tem nada, né. Então, nada é nada, né. (Professora Jatobá e Diretora Bacupari, Escola Campo Limpo).

Essa categoria pode ser enquadrada na Educação Ambiental Conservadora, conforme classificada por Guimarães (2004): é uma educação ambiental que mantém o paradigma hegemônico da sociedade atual. Ela não incentiva ao pensamento crítico, ao ativismo ou a

discussão política, sendo que a discussão ambiental é reduzida ao ambiente local, sem estabelecer ligações de causa e efeito, ou uma relação mais profunda com os agentes do processo.

O aluno encara esse tipo de educação ambiental como um dever, uma obrigação, sem entender as consequências, por exemplo, que o seu ato de jogar o lixo no chão pode causar. E, ao mesmo tempo que existe um diálogo na escola, existe uma prática diferente no núcleo familiar, como foi evidenciado pela fala da Diretora Cajuzinho. Esse conflito entre teoria e ato acaba gerando uma prática educativa vazia, não significativa: como a professora Barbatimão ressalta, eles têm a teoria, mas não a colocam em prática. Uma interessante reflexão dessas falas é de que a escola sozinha não dá conta do diálogo, é necessário que haja uma integração da sociedade, principalmente dos núcleos familiares dos alunos, para que essa educação ambiental seja efetiva.

Uma crítica a esse modelo de educação ambiental é que cria uma separação entre o meio ambiente e o estudante. O meio ambiente é algo externo, é a floresta, o Cerrado... Eu tenho que preservar esse algo externo, que eu não conheço direito, não tenho nenhuma relação emocional, porque é um dever. O vínculo e a relação não existem para o estudante, não leva a uma prática reflexiva (JACOBI, 2005).

Ao mesmo tempo podemos analisar essa modalidade de educação ambiental sob a ótica do hipermodernismo de Lipovetsky (2005, 2007). Para o filósofo francês nossa sociedade vem passando por mudanças nos seus paradigmas, principalmente na questão ética e do dever. Diferente da modernidade, onde o dever ocupava uma posição de destaque (seja o dever com a pátria no período das grandes guerras, seja com o modelo político-econômico durante a guerra fria), na hipermodernidade o individualismo prevalece sobre o coletivo e o senso de dever é modificado para atender essa alteração. Surge uma cultura inédita que prega mais

propriamente as normas do bem-estar do que as obrigações supremas do ideal. A ética aparece em todos os lugares, mas deve ser uma ética fácil, não existe mais um sacrifício pessoal em prol de outra pessoa.

O exemplo ambiental usado pelo autor em seu livro é muito interessante: nunca se doou tanto dinheiro as causas ambientais e, no entanto, a participação cívica, em termos de tempo gasto nunca foi tão pequena. A hipótese elaborada pelo autor é que existem mais doações, porém cada pessoa doa menos do seu tempo e dinheiro. Elas agem de maneira ética quando isso não é um sacrifício pessoal. Essas hipóteses e dados foram elaborados para a sociedade francesa, porém creio que podemos fazer um paralelo interessante com nossa sociedade atual e inclusive levantar essa hipótese para explicar o efeito da falta de ação, exemplificado pela professora Barbatimão.

Outra vertente um pouco menos baseada no dever, mas ainda relacionado a essa categoria é o “cuidar do meio ambiente”, ou conscientizar para o cuidado do meio ambiente. É um discurso com menos negatividade na sua formulação (não se usa o imperativo negativo, como “você não pode demorar no banho” ou “não jogue lixo no chão”) e gera uma ligação levemente emotivo-afetiva, com relação ao cuidar, nutrir. Mas na maioria das vezes esse discurso mantém a mesma relação com o paradigma hegemônico.

Bom, para mim o conceito de ambiental é cuidar do ambiente. Mas quando eu penso o ambiente, é tudo. Eu estou no ambiente. Né? Então sou eu, o que está em volta de mim, as pessoas que tão em volta de mim. É todo esse espaço. Né, é tudo isso. É cuidar disso. Eu vejo como esse trabalho de conscientização mesmo. E ação.

Eu tenho um projeto interno. Né, nós estamos com um projeto interno junto a monitores, e ele vai ser ampliado junto aos demais professores, sobre o cuidado desse espaço. No sentido de... de... de cuidar desse ambiente. Cuidar e como nós podemos melhorar ele. E tudo, não é só o ambiente árvore, planta, jardinagem. Também. Mas também o cuidado com a sala, o cuidado com o colega... (Diretora Baru, Escola Cerrado)

[NT: Educação ambiental] é um assunto que deva estar MAIS presente. A gente tem que começar desde lá, a educação infantil. EU cuidar do meio ambiente que eu estou. Que eu faço parte dele. Eu estou na cadeia, ali do meio ambiente. E outra coisa, o meio ambiente ele me devolve o que eu coloco nele. Sabe o que esse meu aluno ele tem que aprender em relação ao meio ambiente? Ao cuidado?... A questão de eu cuidar melhor do ambiente que eu estou inserido. E a gente tem que atentar a que? O meio ambiente é o que? O meio ambiente é aonde eu estou inserido! E seu eu não cuidar, eu não estou cuidando de quem? De mim. Vou deixar essa terra para quem? (Diretora Genipapo, Escola Mata Seca)

3.2.2. Sexta categoria analítica: “Eubiente e a ação transformadora”

“a coruja pousa
no alto da lâmpada
Sai chiando”
Alice Ruiz

A denominação dessa categoria surgiu a partir de uma terminologia utilizada pelo professor Pequi em sua entrevista. Ela representa uma outra visão de educação ambiental, mais próxima da educação ambiental crítica de Guimarães (2004) e da educação ambiental reflexiva de Jacobi (2005). A base dessa categoria é que o estudante deve conseguir se enxergar como parte do meio ambiente, incluindo as relações que ele possui com a natureza e o local onde vive. De onde vem a água, qual o custo ambiental da energia e para onde vai o lixo são questões interessantes que podem ser trabalhadas com esse conceito de educação ambiental.

É a definição é meio confusa, mas eu acho que educação ambiental é como se trabalhar com os alunos de forma que eles se enxerguem como parte daquele ambiente. Mas, como parte transformadora, então por exemplo da mesma forma que nós temos que passar para eles que existe o fator humano modificando o ambiente, por um lado negativo, existe também a possibilidade de modificar o ambiente pelo lado positivo, e que eles são agentes para isso. Assim quando a gente fala de educação ambiental parece que ela só é trabalhada na escola quando vem algum projeto. E que seja só uma função do professor de ciências ou de biologia, e na verdade isso não é verdade prefeitura eu gosto de trabalhar com os meninos muito o trabalho de feira de ciências. Então a gente sempre faz trabalhos voltados para parte ambiental. Mas nos últimos dois anos eu tenho

tentando, pelo menos, trabalhar com os meninos de uma forma que..., por que os meninos têm a noção de que o meio ambiente é tudo aquilo que está fora da escola. Tipo assim, é a floresta, é o Cerrado, é o Parque do Sabiá, é o rio, é a fazenda. É isso que é o meio ambiente para eles. Não, eles não conseguem se enxergar como parte daquilo ali, então eles não conseguem nunca chegar ao ponto de querer falar assim: não, eu consigo modificar isso aqui por um lado positivo. Então nos últimos anos eu tenho trabalhado com eles mais ou menos nesse sentido. Até fiz um trabalho na outra escola, mas foi na área urbana, que é, que a ideia trabalhando com os meninos surgiu, era uma turma muito boa, que era, amm, a gente trabalhou “EUBiente”, então, tipo, era como se eles conseguissem se enxergar como parte daquele ambiente que eles deveriam transformar, que inicialmente, a gente trabalhou com eles que era a escola. Como a gente pode transformar a escola. Então para mim educação ambiental é isso, é começar do ponto de que essa criança tem que se ver como agente transformador do lugar que ela vive. (Professor Pequi, Escola Cerrado)

Então para mim, pensar no ambiente é pensar no espaço em que eu vivo. Então assim, eu penso muito mais no formato micro, vamos dizer assim. As vezes na minha casa, no espaço da escola... O cuidado no ambiente em que eu vivo, menor, para que isso seja propagado num todo.

Mas quando eu penso em educação ambiental é eu tentar transmitir para as crianças alguns critérios para preservar esse ambiente onde a gente vive...

Até dentro da escola isso acontece, a gente acaba restringindo a educação ambiental só para um professor de ciências, ou as vezes um professor de geografia. Então a gente precisa as vezes mudar um pouco isso e entender que a educação ambiental pode ser... interdisciplinar, vamos dizer assim. O professor de história pode trabalhar isso, quando a gente pensa no ambiente onde, onde... esse aluno vive, né. Mas isso assim, é na minha concepção, quando a gente pensa no ambiente como o espaço onde a gente está. (Diretora Buriti, Escola Cerrado Rupestre)

Eu vejo a educação ambiental assim, de forma, mais ampla né. Porque o que agente as vezes vê circulando pela escola é um dia de preservação é aquele dia do meio ambiente, é aquele discurso muito jargão. Né. Que você tem que preservar, que você tem que cuidar, e as vezes, assim, não leva muito para aquele ambiente que a pessoa, o aluno está vivendo. Porque é aquele ambiente que a gente está é que é, é que deve ser cuidado e respeitado né, independente se é dia da árvore, se é dia do meio ambiente, se é dia daquilo, daquilo outro. Então eu acho que tem um pouco desse componente do ambiente onde a gente ocupa né. Que envolve vários fatores, né, desde, sei lá, lixo. (Professora Araticum, Escola Cerradão)

Olha a educação ambiental ela é bem ampla né? Porque assim... é um todo, não tem como eu separar a educação ambiental da educação do próprio corpo, das questões culturais, da própria comunidade. Então assim, a educação ambiental ela tem... tem que ter uma visão mais geral. Ela não pode ser uma coisa simples. Quando fala em educação ambiental, já vem logo, aquela... Não joga lixo no chão. Isso está muito mais além dessas questões, está muito mais ligado a mudança... do próprio comportamento dos alunos. Não é uma questão de adestrar a criança, é dela compreender o ambiente. Que ela faz parte desse ambiente, que ela está inserida nesse ambiente e

que... a nossa espécie ela faz parte, ela convive com os outros seres e tem essa interdependência com o ambiente. Não separar a criança do ambiente. Não separar o ser humano do meio ambiente, né. Porque parece que é uma coisa tão diferente e não é... Nós estamos inseridos no mesmo contexto. E assim, como que as práticas do dia-a-dia deles influenciam esse ambiente e como elas estão sendo influenciadas, né. E aqui ainda mais, porque é uma escola rural. Então essas práticas que os pais exercem, né, nas fazendas, elas precisam ser orientadas também. No ano passado nos trabalhávamos com a horta, . Então assim, é uma série de questões, bem delicadas, e a educação ambiental ela vai permeando esse dia-a-dia. Não é uma coisa, assim, estruturada, eu não dou aula de educação ambiental, mas a educação ambiental ela sempre permeia as conversas que vão sendo estabelecidas. Isso, isso. Não tem uma... um projeto fechado que eu vou explicar sobre educação ambiental, a gente vai fazer algum trabalhinho. Não.

É difícil de lidar mas já melhorou bastante a questão do lixo, nossa, a gente passava até os... os próprios passeios eram cheios de lixo. Hoje a quantidade de lixo é menor. A criança está com a informação, mas... até chegar em casa e processar isso. É uma coisa cultural. Muito forte, né.

Não adianta desvincular a educação ambiental com as próprias condições de vida que esses alunos levam, né, a gente tem agora... recentemente... um assenta... não é um assentamento. Um... um... loteamento novo, nas chácaras. Então virou um novo... praticamente um distrito. Sem água tratada, sem esgoto, sem coleta de lixo... E nós temos alunos nossos aqui que vem... De lá. Né, que eram de outras fazendas, eram de fazendas, eram do distrito, que pagavam aluguel e que para sair do aluguel foram para lá. Então, como que eu vou falar para uma pessoa dessa não queimar o lixo? O que que ela vai fazer com o lixo? Ela vai ter a paciência de guardar esse lixo e trazer para descartar aqui no distrito? Então assim, a condição social ela está completamente ligada a questão ambiental também. Quando a gente fala educação ambiental a gente está ligado também com doenças, então se um local não tem saneamento básico, então a criança vai vir doente para a escola. Então assim, a saúde pessoal está ligada a essa saúde ambiental também. (Professora Gravatá, Escola Mata Seca)

Primeiramente a minha preocupação, quando você fala em educação ambiental, é primeiro fazer com que o aluno entenda o que que é isso. Conscientizar ele da necessidade... sobre o que é meio ambiente e tal, conscientizar ele sobre a necessidade de preservar, mostrar o que está acontecendo no mundo, né, igual aconteceu em São Paulo é... está ameaçado de acontecer novamente, eu estava vendo uma reportagem falando que as... as... barragens já estão com um nível muito baixo, apesar das chuvas, terem sido mais intensas, né. Então primeiramente seria conscientizar eles dessa necessidade. Agora a importância de se preservar. É... porque o que eles trazem de casa, eles contam, o pai caça, a matou uma Paca, né, professor o senhor já comeu paca?

Bom, para mim, a educação ambiental ela... ela vai um pouco além de ambiente, eu acho. Porque assim, eu penso o seguinte, nossos alunos eles ainda não estão conseguindo lidar nem com a realidade deles. Primeiro. E eu acho que fica difícil, você sair de uma... dessa condição, por exemplo, para pensar porque não desmatar determinado lugar se eles ainda não estão conseguindo nem entender aonde eles estão, não estão conseguindo entender o que que isso afeta... não estão

conseguindo... Entendeu? Então eu penso assim, quando a gente trabalha as aulas de ciências, né, e as aulas, não só de ciências, quando eu levo os meninos para o laboratório de ciências, eu tento levar eles para a casa deles. Cobra, por exemplo, o exemplo da cobra. Porque que não deve matar, né, a serpente? Porque que... é... Qual que é a importância dela em uma cadeia alimentar? Né. Lá na sua casa está aparecendo muito sapo? Está tendo muito besouro, essas coisas? Então assim, eu tento fazer um pouco, eu acho que vai um pouco para a casa deles a educação ambiental. Antes. Converso, eu dou muito exemplo. É eu dei... Eu dou muito exemplo da minha casa também, porque meu pai é produtor rural, então eu vivo dentro dos impactos ambientais né?

Eu estou DENTRO deles. Então eu sei tudo que o meu pai faz de errado. Tudo que eu já tentei colocar para ele de... ó, isso aí é errado. Que ele NÃO faz...

Eu fico preocupado... Às vezes eu estou ali, dando aula de geografia né, eu falo da questão ambiental, falo... mas não saio com o menino ali fora porque tem alguém que me alerta, olha pode cobra aí na mata ciliar. A gente tem uma aqui próxima, e eu nunca levei um menino para visitar ali. Ah vai que, né, uma cobra e tal. (Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar)

Sim, sim. É muito complicado. E o que a gente tenta né, fechando aí, pelo menos o que eu tento, é encaixar esse aluno como parte do ambiente. Tem aluno que pensa, nossa o meio ambiente é lá. Eu sempre aço a dinâmica no início do ano. Do 6º ano. Faz um desenho aí do meio ambiente, do que vocês mais gostam. Muitos não se inserem nesse ambiente é lá, e o ser humano acima de tudo e de todos, então eu tento colocar isso muito... Essa questão em sala de aula, que nós fazemos parte do meio ambiente. Exatamente por nós fazermos parte do meio ambiente, as consequências estão vindo e caem sobre a gente, além de cair sobre as outras espécies. Essa questão ambiental, eu acredito que trabalhando dessa forma, quando a gente se sente parte, a questão de preservar, de conservar fica muito mais fácil né?

Quando eles conseguem perceber, nossa se eu joga esse poluente no rio, eu que vou comer o peixe do rio, vai chegar em mim. Ou se eu lanço agrotóxico demais na planta, eu vou comer. Então isso a gente trabalha muito com os alunos, essa percepção, do todo. Eu faço parte disso. E eles até mudam muito. Inclusive quando a gente trabalha a questão do ser humano como animal. Eles odeiam falar... nossa eu não sou animal...

Para mim, educação ambiental é educação para vida, porque o ambiente é tudo, né. O que eu trabalho, é o nosso corpo, a nossa casa, o nosso quarto, a cidade... tudo. O planeta como um todo, então é uma forma né... educação, é você se preparar para viver nesse ambiente, para viver consigo mesmo, com os outros... é uma questão de organização para poder viver. Então educação ambiental para mim é o básico para vida. Se você não se educar, você não consegue viver bem consigo, você não cuida do seu corpo, você não cuida da sua família, da sua casa, do seu ambiente, muito menos colabora para o geral, para a cidade, para o estado. Então para mim educação ambiental é isso. É o preparo para a vida, do indivíduo para o mundo, e assim a gente consegue compreender melhor o mundo...

Eu acho que você não tem nem como educa-lo né sem... sem mostrar assim, como eu vou me educar, educar criança fora de um contexto. Porque a educação ambiental ela está num contexto, porque ela está no geral, não tem como separar né..., é... é... é aquela coisa, que eu acho que se trabalha desde... deveria se trabalhado desde casa, entendeu? Aquela bagagem que você deveria trazer já um conceito é... estruturado de casa.

Eu também vejo dessa forma. A educação ambiental, ela é o todo. É só... é... é... O respeito a nossa casa comum. Todos deveriam ter esse conceito formado, mas a gente vê que as pessoas, muitas vezes, elas deixam... é... é como a Barbatimão colocou. Ela... é... se não se educar. Se isso, depois, vai gerar problema para mim. Eu penso assim, não, a educação ambiental ela está só lá fora, ela não... eu não faço parte disso não. Ela faz... o problema está é só lá fora. Eu tenho visto um trabalho que está sendo feito pela igreja católica sobre os biomas, foi lançado agora na campanha da fraternidade, daí eu estou achando interessante algo que está acontecendo no ambiente aonde eu moro. Como a igreja tem conscientizado as famílias a respeito da importância, do cuidado com o meio ambiente, e como a pessoa, que está ali, na sua casa, pode fazer o bem para a natureza, eu, ultimamente estou vendo que meus vizinhos, agora que conscientizaram da importância de colocar o material reciclável lá fora, para o caminhão passar. Ninguém colocava. Eu... eu ainda colocava o meu lá fora e... eu pensava, será que já passou porque não estou vendo ninguém colocar. Aí agora, eles estão colocando. Como que eu, dentro da minha casa, eu posso contribuir para a natureza. Então, olha que penas coisas que a pessoa pode ajudar e pensa que não é importante. (Professora Barbatimão, Diretora Araça e Pedagoga Bicuiba, Escola Vereda).

Esse conceito de educação ambiental é um pouco mais profundo, porque abarca uma miríade de relações complexas, partindo da própria realidade do aluno. É algo difícil de trabalhar devido a sua heterogeneidade, pois além da ação envolve outros agentes que fogem do ambiente escolar. O exemplo acima da professora Gravatá é ótimo para ilustrar esse conceito: o fato de os alunos viverem em um local sem saneamento básico e sem coleta de lixo afeta diretamente a prática escolar, inclusive entrando na questão da saúde (tanto do aluno quanto da escola, já que diversas parasitoses podem ser compartilhadas). Partir dessa realidade para trabalhar a educação ambiental é extremamente importante, especialmente se trabalhada de maneira crítica. O fato de não ter coleta de lixo leva a família do aluno a queimar o lixo. Qual é o problema desse ato para o meio ambiente? E para a família do aluno? O que pode ser feito para solucionar o problema? A educação ambiental sobre essa ótica frequentemente acaba

envolvendo questões políticas, cívicas e relações entre agentes sociais, além da relação entre os conteúdos científicos e os saberes populares.

Durante as entrevistas dois e projetos de educação ambiental foram mencionados na escola vereda, bastante interessantes para exemplificarmos essa questão:

É legal você lembrar de hidrelétrica, né Bicuíba. A gente desenvolveu um trabalho muito interessante... Inclusive a gente foi premiado lá na UFU né, na ciência viva... É sobre os impactos que as hidrelétricas, né as PCHs, nessa região, causaram. Era uma turma muito boa, os alunos entrevistaram várias pessoas da região e a gente fez um levantamento, uma pesquisa mesmo, sobre os impactos que essas hidrelétricas causaram. Eles foram nas fazendas, perguntaram, e tiveram assim, é... a percepção, né, dos moradores. Em respeito a flora, a fauna, a temperatura... Eles falam que mudou muito, os animais que eles costumavam ver no rio, não veem mais. A transposição de locais...

E a gente descobriu vários aspectos, que se você tiver interesse, eu posso te mandar o trabalho. Inclusive ele vai ser publicado pela revista da UFU... Porque ficou bem rico, eles pediram para publicar. A gente descobriu, por exemplo, das promessas dessas empresas. Você lembra Bicuíba? Prometeram que iam vir fazer coisas para a escola, para os alunos, para os moradores... No início eles fizeram, depois eles não fizeram nada mais.

Exatamente. E não tem fiscalização né. Implantou, pronto, acabou. E as pessoas realmente são muito passivas. Quando a gente fez esse projeto, as entrevistas, era muito interessante. As pessoas sabiam. Nossa faltou isso, falaram que ia fazer isso... em relação... é... que eu achei interessante, da consciência deles, em relação ao resgate de fauna e flora. Falaram que ia tirar os bichos, ia tirar as plantas, só que a gente viu muito pouco. Sabe essa parte inicial assim, eles falaram bastante. (Professora Barbatimão e Pedagoga Bicuiba, Escola Vereda).

O primeiro projeto, onde os alunos fizeram entrevistas com moradores, da região na qual eles estudam, e se informaram sobre impactos ambientais e mudanças decorrentes da instalação de uma pequena central hidrelétrica na região. O trabalho partiu da realidade desses alunos e eles viram como os impactos ambientais afetam o meio ambiente, incluindo a vida deles. Seja pela mudança dos animais que existiam na região, pelas plantas e animais que morreram por não terem sido resgatados, mudança nos fatores abióticos (temperatura) e também os impactos sociais do empreendimento (pessoas que perderam terra, que tiveram que mudar). Através da

ação dos estudantes eles puderam compreender melhor o local no qual eles vivem e também os impactos oriundos da necessidade de energia elétrica que temos como sociedade. O segundo projeto foi em menor escala, apenas na escola, mas eles identificaram problemas ambientais existentes nesse local e propuseram ações para saná-los, ações que foram efetivas. Nesse projeto, além de eles entenderem que fazem parte daquele meio ambiente eles foram uma a parte transformadora.

Esses dois conceitos de educação ambiental encontram-se em existentes paradoxalmente nas escolas rurais de Uberlândia. Transitam concepções muito diversas do que seja a educação ambiental, para além do dever, ampliando as questões éticas que perpassam nossa concepção. A próxima categoria aborda exatamente a aplicação desses conceitos, de que maneira a educação ambiental é trabalhada nas escolas.

3.2.3. Sétima categoria analítica: “o caminho das águas: o rio e a chuva”

“chuva de verão
você volta todo ano
a cada estação”
Alice Ruiz

Podemos fazer uma analogia com o processo de educação ambiental e dois eventos relacionados a água, os rios e a chuva. A educação ambiental pode ser trabalhada de maneira pontual, geralmente relacionado as datas comemorativas (semana do meio ambiente, dia da árvore, dia da água, etc.) ou em projetos esporádicos (ocorrem em determinado ano, ou determinadas épocas do ano), como a chuva. Ela também pode ser trabalhada de maneira contínua, ao longo de todo o ano letivo. Ambos os modos fornecem água e podem gerar uma colheita, no entanto cabe uma reflexão sobre qual modo seria mais interessante.

A maioria das escolas trabalha a educação ambiental por meio de projetos pontuais (n=9, 56%, ver quadro 2), que ocorrem em determinados anos, ou meses, e depois se encerram. Esses projetos podem ser muito efetivos (como os exemplos utilizados na sexta categoria), porém a grande desvantagem é que acabam não tendo continuidade, como parte do projeto pedagógico das escolas.

Independente da minha função, é necessário que as crianças pensem no espaço em que elas vivem e preservem esse espaço. No caso da zona rural, fica parecendo que a gente tem um compromisso até maior, porque eles estão voltados para um campo, que precisa ser cuidado, que a gente está destruindo constantemente, e que as vezes esse olhar da criança do campo deveria ser até mais abrangente do que eles têm hoje. Então eu acho que o primeiro passo, na verdade, é a gente levar essa noção de ambiente, de espaço para eles e de preservação desse espaço. E eles serem os multiplicadores disso nesse espaço rural e no espaço urbano que eles convivem normalmente.

É, esses projetos externos que tinham, já pensavam um pouco disso, é... essa questão da preservação, principalmente das nascentes, ao redor aqui... a própria questão da utilização de produtos no plantio, principalmente agrotóxicos...

Mesmo eles estando distantes da gente aqui, as vezes é... os nossos alunos do quinto ano, todos os anos, a pelo menos uns seis anos participam do ciência viva.

É já tem uns seis anos que a gente participa e sempre é relacionado a questão ambiental. . Isso é uma constante na escola. Mas é muito pontual. (Diretora Buriti, Escola Cerrado Rupestre).

É... Tenho paixão também pela questão ambiental, né, com esse ruralismo, horta... E a vontade é de... A vontade minha era de estar sempre trabalhando com projeto nessa área, produção de muda, conscientização ambiental, coleta seletiva de lixo... né? Reaproveitamento de... de... de... material orgânico, e tal., né. Mas assim, fica mais à vontade né. Nas poucas vezes que eu desenvolvi alguma coisa, nós encontramos um obstáculo maior que nos impede de continuar.

Então, mas acho muito pouco. Muito pouco um ano... Deu muito certo naquele período né, um trabalho muito bonito na época e tudo. Serviu! Teve aluno que chegou aqui e me contou, olha professor, eu estou... lá em casa eu fiz um canteiro assim e assado, você me dá um pouquinho de semente? Então teve um resultado. Mas o que eu fico chateado é das coisas não ter uma... sequência. Né.

Não teve apoio suficiente, eu acho, de nós, né, de nós, outros professores. Tem a questão também da gente ser mais conteudista né, tem que cumprir e tal, um determinado currículo e aí, eu acho, que o Camboatá fica mais chateado nessa parte, não teve assim... não foi geral.

Foi um trabalho... foi um trabalho desenvolvido mais ele e os meninos, e assim, com todas as dificuldades... Ele quase sozinho, não é Camboatá?

(Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar)

A outra opção é diluir a educação ambiental em projetos de longo prazo ou em políticas institucionais, dessa maneira trabalhando esse tema de uma maneira contínua. Temos exemplos de escolas rurais que optam por esse modelo:

Bom, para mim o conceito de ambiental é cuidar do ambiente. Mas quando eu penso o ambiente, é tudo. Eu estou no ambiente. Né? Então sou eu, o que está em volta de mim, as pessoas que tão em volta de mim. É todo esse espaço. Né, é tudo isso. É cuidar disso. Eu vejo como esse trabalho de conscientização mesmo. E ação.

Eu tenho um projeto interno. Né, nós estamos com um projeto interno junto a monitores, e ele vai ser ampliado junto aos demais professores, sobre o cuidado desse espaço. No sentido de... de... de cuidar desse ambiente. Cuidar e como nós podemos melhorar ele. E tudo, não é só o ambiente árvore, planta, jardinagem. Também. Mas também o cuidado com a sala, o cuidado com o colega... (Diretora Barú, Escola Cerrado)

E assim, como que as práticas do dia-a-dia deles influenciam esse ambiente e como elas estão sendo influenciadas, né. E aqui ainda mais, porque é uma escola rural. Então essas práticas que os pais exercem, né, nas fazendas, elas precisam ser orientadas também. No ano passado nós trabalhávamos com a horta, . Então assim, é uma série de questões, bem delicadas, e a educação ambiental ela vai permeando esse dia-a-dia. Não é uma coisa, assim, estruturada, eu não dou aula de educação ambiental, mas a educação ambiental ela sempre permeia as conversas que vão sendo estabelecidas. Isso, isso. Não tem uma... um projeto fechado que eu vou explicar sobre educação ambiental, a gente vai fazer algum trabalhinho. Não.

- É difícil de lidar mas já melhorou bastante a questão do lixo, nossa, a gente passava até os... os próprios passeios eram cheios de lixo. Hoje a quantidade de lixo é menor. A criança está com a informação, mas... até chegar em casa e processar isso. É uma coisa cultural. Muito forte, né. (Provedora Gravatá, Escola Mata Seca)

Houve essa tentativa de pensar a questão ambiental como um todo, é... o que as vezes... eu não sei... eu não sei como te dizer, assim... como eu te falei antes. Isso as vezes não era pensando o ano todo, o ano todo, as questões ambientais. Mas muito mais assim, é... em datas comemorativas, as vezes no mês do meio ambiente

E a nossa proposta não é essa. Para esse ano a proposta é trazer as questões ambientais, a questão da preservação, do espa... do cuidado do espaço onde você vive, o ano todo. Que isso vire rotina no dia-a-dia das crianças. (Diretora Buriti, Escola Cerrado Rupestre).

Tratar a questão mais ambiental, mas acaba que é superficial de uma certa forma, porque acaba que o nosso currículo ele vai sendo assim, tão fragmentado é... compartimentado e a gente tem toda uma..., apesar de eu não ser assim rígida quanto essa questão do conteúdo.

Na sala de aula a gente procura é..., conversando com os meninos, uma postura mais de educação ambiental com relação a questão do lixo. Do descarte né... do material, que sempre tem, principalmente de folha né, dos cadernos. Essa questão... Procurando sempre tratar. Mas não como uma área específica, trabalhar a educação ambiental. Ela é diluída no dia a dia.

Voltado para essa questão de educação ambiental. Mas no dia a dia, na nossa práxis né?! (...) vamos economizar um pouco caderno. Vamos jogar lixo no lixo, entendeu. Cotidiana. Sem ter uma formalidade, então essa é a disciplina, vamos trabalhar isso só nesse momento... É uma mudança de postura, de atitude, que a gente pretende, não só nós da área de ciências da natureza, mas todos na escola...e tratamos também a questão do consumismo. Isso é... é uma atitude cultural, (Professor Mangaba, Escola Cerrado Rupestre)

Uma desvantagem do modelo contínuo é que o rio pode passar rápido demais, com uma correnteza muito forte, não dando tempo para uma germinação efetiva. Como o professor Mangaba disse na sua entrevista ao diluir no dia-a-dia a educação ambiental acaba sendo superficial e é difícil perceber se você atingiu algum objetivo concreto, quando não se tem um projeto. A outra opção é como o processo de reciclagem que está sendo adotado na Escola Cerrado Rupestre pela nova diretora Buriti. Uma cópia do projeto foi fornecida por e-mail, porém como o foco desse trabalho não é utilizar uma análise documental, irei apenas descrever brevemente o escopo do projeto aqui.

É um projeto de reciclagem que envolve a escola inteira, durante o ano letivo todo. Os alunos, auxiliados pelos professores, irão transformar a escola em uma mini cooperativa de reciclagem. Os alunos irão aprender que tipo de resíduos são recicláveis e irão coletar o lixo em suas residências e levar para a escola. Esse lixo triado será vendido ao final do ano letivo e a renda oriunda do trabalho será revertida para melhorias no espaço escolar, em um acordo entre alunos e direção. É um projeto com longa duração, além disso ele é uma prática transformadora: alia o conteúdo da educação ambiental dado ao aluno com a prática, no local onde ele vive. Separar o lixo reciclável irá virar uma rotina para essas famílias, durante esse

ano letivo. Caso ocorra a coleta seletiva no local, esses moradores já terão o hábito de separar o lixo.

Além da periodicidade da educação ambiental, outro aspecto importante é a origem desse processo educativo, que será abordado na oitava categoria.

3.2.4. Oitava categoria analítica: “colonizando a ilha”

“silêncio na mata
a mariposa pousa na flor
outro silêncio”
Alice Ruiz

Essa categoria mudamos a analogia para uma ilha, para refletirmos sobre a origem da educação ambiental. Essa categoria engloba tanto a origem da educação ambiental na escola, considerando a escola e o ambiente externo, como dentro da escola, considerando os agentes educativos que compõem essa escola e a relação da educação ambiental como tema transversal. A maioria das escolas trabalha a educação ambiental por meio de projetos externos (n=9, 56%, ver quadro 2), seja por fontes governamentais (como o Projeto Sanitarista Mirim citado anteriormente) ou por empresas privadas.

É meio que na Própria escola mesmo. Assim, eu não vejo nada. Não vejo e não faço. Eu não tenho assim, essa... essa... fórmula, não. Pelas empresas mesmo, é verdade, as empresas que vem nas escolas. Provavelmente a direção vai te dar informação, porque aqui já teve, já teve projeto. Eu não participei, mas eu acho que já teve projetos de empresas aqui, que vieram para cá sim. (Professora Araticum, Escola Cerradão).

É... mas esses projetos, os projetos externos, ou o que essas ONGs apresentam como uma possibilidade, para gente é muito viável, se aproxima muito mais. É, quando a gente fala, por

exemplo, desses projetos externos, para algumas pessoas fica parecendo que é só uma questão financeira. Porque existe isso também. Os projetos têm que ser implantados e eles recebem para ser implantados dentro da escola. Mas pensando em valor e em avanço isso foi um avanço para a educação ambiental, porque eram temas que as vezes nem eram discutidos e que... Eu estou aqui desde 2010... De 2010 para cá, começam a ser discutidos. Por projetos financiados ou não.

Então para gente, a partir do momento que o servidor está disponível e vê isso como importante para escola, vai ser trabalhado nesse espaço. Do contrário não vai. E... então o avanço eu vejo muito mais fora da escola do que dentro dela. Aqui dentro da escola é uma temática sempre abordada, mas nos outros espaços que eu trabalho, e trabalhei, eu não percebi tanto avanço assim na questão ambiental. A própria separação de resíduos sólidos, assim, o tanto que isso é discutido na mídia e o tanto de gente que ganha dinheiro com isso, ou vive só disso, e algumas escolas nem discutem isso. E está presente há tanto... faz quanto tempo? Se está na mídia poderia ter discutido ou estar sendo discutido e ainda não é.

Existem algumas escolas que a própria prefeitura tentou implantar, como uma proposta. Ela até implantou, no município né, a coleta seletiva em alguns bairros...

E isso tentou se passar para a escola, o que deveria ter sido um processo inverso. Deveria ter ensinado primeiro na escola, ter colocado isso como uma cultura mesmo das crianças, que elas mesmo já iriam fazer isso em casa. Não ia precisar de ninguém separar... eu acho importante aliar esses dois. (Diretora Buriti, Escola Cerrado Rupestre).

Eu tenho uma parceira bacana aqui que é a BRF. Apesar de todo estrago que ela faz no mundo (risos) Mas... eu precisei de esterco, quando eu fui tocar a horta, eu fui lá e conversei com um veterinário responsável. Ele me mandou 18 metros de esterco de galinha, que é um dos mais nutritivos, despejou ali. Deu mau cheiro na escola inteira... (risos). Mas nós usamos... (Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar)

O apoio financeiro é muito apreciado pelas escolas, principalmente pelos diretores, pois viabiliza diversos projetos devido ao aporte financeiro (por exemplo a doação de esterco para o projeto de horta do diretor Camboatá na escola mata de galeria) ou ao apoio logístico (como o projeto sanitarista mirim). Muitas vezes esses projetos permitem trabalhar temas que não seriam trabalhados normalmente na escola, como explicitado pela fala da Diretora Buriti, da escola Cerrado Rupestre. Nesse modelo a escola age como uma ilha, sendo colonizada pelos projetos externos.

No entanto essa intrusão também pode ser vista como uma outra ótica. Principalmente quando refletimos qual a concepção de educação ambiental que esses projetos trazem e qual a razão que eles estão sendo executados. Uma crítica interessante é feita pelo professor Pequi da Escola Cerrado:

Quando a Baru [nota da transcrição: a diretora da escola] falou que você vinha aqui eu já imaginei que nossa, aquele pessoal que vem aqui na escola todo ano, fingir que faz alguma coisa, que dá uma palestra para os meninos, assim... Eu sou bem sincero em relação a isso, as palestras que na minha aula elas já estão diluídas ali tipo... aqueles conceitos que eles estão falando ali, tipo uma coisa meio meia boca e eles acham, tipo assim, eles cumprem... assinam o ponto deles provavelmente lá no órgão público ou na empresa privada, e esses trabalhos meia boca vem para escola, as vezes, eu imagino que atrapalha as vezes uma sequência de raciocínio que a gente está fazendo porque eles chegam no dia que eles querem, então falam assim, nós estamos vindo na escola, vocês tem que abrir as portas para nós, e na verdade esse trabalho não tem resultado nenhum, assim com os meninos

Então assim... Que educação ambiental é essa? Eu detesto, eu vou falar com sinceridade, eu detesto fazer trabalho junto com órgão público que não é da área de educação e com órgão privado que vai fazer trabalho na escola para reduzir imposto. DETESTO! Eu não vou falar que as temáticas que eles trazem são batidas, porque não são não, eu acho que a temática ambiental, qualquer ponto dela, nunca é batido, mas assim, a abordagem deles é totalmente tosca, ahm... superficial, e eu acho que as vezes não leva... Não tem um certo respeito com o trabalho que já está sendo feito na escola. Porque muitas vezes eles vem na escola, e aqui na escola eu sou tido como o chato do rolê por isso, por quê, ham., é... quando eles chegam na escola as vezes para perguntar alguma trabalho, muitas vezes eu falo, tipo ó..., sinceramente, sinceramente, não. Não tenho saco mais e... aí então, tipo assim, eles vêm fazem o trabalho de qualquer jeito, porque é claro. Assim, eu não vou criticar a direção por isso porque todas as direções são assim. Elas têm que ter um trabalho administrativo, elas têm que receber pessoas de fora, etc. E tal. Para fazer eventos na escola e tudo mais. Movimentar a escola. Ammmm... Mas assim, eu não tenho saco mais para isso e eu acho que eles não respeitam o trabalho de quem já trabalha nessa parte. (Professor Pequi, Escola Cerrado)

De maneira similar a escola, que funciona como uma ilha, sendo colonizada por projetos externos, a educação ambiental também é tratada como uma ilha pelos professores na maioria das escolas entrevistadas. O caráter interdisciplinar muitas vezes é relegado e fica sobre a responsabilidade do professor de ciências ou de geografia a execução da educação ambiental.

- Eu acho assim que... Por exemplo falta a a... escola ahmm... trazer o aluno para o... o... o... conteúdo ou para o tema transversal de uma forma que ele se veja naquilo ali Os professores não conseguem ainda sair desse protocolo praaa... ter uma prática mais... Até o professor, eu acho que...que.. Se vê obrigado a trabalhar educação ambiental quando ele não gosta, por exemplo ou quando ele não se vê como agente também... quando ele não se vê como agente também. Igual o aluno não consegue se ver como agente as vezes o professor também não consegue se ver como agente. Enquanto o professor também não chegar até a sala de aula amm... vou usar a palavra, não sei se é o correto, mas tipo... Militando em relação ao tema, ele não vai conseguir am... alcançar o aluno e vai continuar fazendo o protocolo para sempre, até ele aposentar. Até porque, como eu falei que é centralizado no... na... no professor de ciências, ou de biologia, ou etc. Ahhmmm Tem também os professores das primeiras séries, das séries iniciais do ensino fundamental, que a formação por exemplo é em pedagogia. Não estou falando que a formação seja deficiente, mas a formação em pedagogia ainda precisa ser bem revista, ammm, para trabalhar áreas específicas. Porque eu acho que a ciência, a educação ambiental, etc. tem que ser trabalhada desde lá, o ensino infantil. E não é porque a preocupação hoje é as crianças vão sair daqui alfabetizadas? Elas não podem ser reprovadas... Elas não podem ser reprovadas, mas elas têm que sair alfabetizadas. Então elas saem mal alfabetizadas. Nem uma coisa nem outra. Difícil. Mas desculpa o desabafo também. (Professor Pequi, Escola Cerrado)

Até dentro da escola isso acontece, a gente acaba restringindo a educação ambiental só para um professor de ciências, ou as vezes um professor de geografia. Então a gente precisa as vezes mudar um pouco isso e entender que a educação ambiental pode ser... interdisciplinar, vamos dizer assim. O professor de história pode trabalhar isso, quando a gente pensa no ambiente onde, onde... esse aluno vive, né. Mas isso assim, é na minha concepção, quando a gente pensa no ambiente como o espaço onde a gente está. (Diretora Buriti, Escola Cerrado Rupestre)

Agora na questão da disciplina, é uma disciplina que quando a gente vai trabalhar, a gente trabalha sozinho, né, Camboatá. É, embora ela esteja... é, nas leis, ela esteja... olha é uma disciplina que permeia todas as outras, né? Você vai ter um negócio de água, por exemplo, olha, Gabiroba você podia fazer isso, Camboatá, você podia fazer isso... Entendeu? É restrito... É como se ciências e geografia fossem salvar uma situação, que eu não consigo entender, porque não dá para colocar, por exemplo, numa aula de matemática, numa aula de... história. (...) Ela tem que estar presente mas, ao mesmo tempo, o currículo fala para você: Olha Gabiroba você tem que... , as diretrizes do município, você tem que dar isso no 6º ano, né. Ao mesmo tempo chegam aí umas provas externas, agora parece que está diminuindo essa questão de provas externas, que vai cobrar EXATAMENTE o currículo do 6º ano. Entendeu? Isso aí não vai cair para o menino, ele vai entender isso aí mais para vida dele mesmo (Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar)

Então, assim, de forma ativa não tem. Então assim quando a gente trabalha ecologia, ou quando a gente trabalha... no sexto ano a gente trabalha ecologia e no sétimo ano eu trabalho é... zoologia, botânica. Aí lá é que eu tenho alguma ou outra inserção, uma ou outra informação que eu falo e tal... É meio que na Própria escola mesmo. Assim, eu não vejo nada. Não vejo e não faço. Eu não tenho assim, essa... essa... formula, não. (Professora Araticum, Escola Cerradão).

Quando consideramos a interdisciplinaridade é essencial a participação da direção da escola, para criar pontes entre os professores e difundir um projeto na escola. O exemplo claro é da Diretora Buriti e sua equipe pedagógica, que mudaram a concepção de educação ambiental da escola Cerrado Rupestre. Antes a educação ambiental era tratada por meio de projetos externos e diluída no meio do dia-a-dia, no conteúdo dos professores de ciência. Esse ano eles estão aplicando o projeto interdisciplinar da reciclagem, que envolve todos os outros professores, e permite abordar com mais profundidade os temas tratados.

Com base nas categorias analíticas podemos perceber que existem duas correntes conceituais em exercício nas escolas rurais entrevistadas: a corrente conservadora e a corrente participativa/transformadora. Uma questão interessante é que o principal fator que separa essas duas categorias analíticas é o tempo de formação: entrevistados que adotaram corrente participativa transformadora declararam ter um tempo médio de exercício de atividade de 8 anos ($n=7$, $DP=\pm 3.35$), já os entrevistados que adotaram a corrente conservadora têm em média 27 anos de exercício de profissão ($n=7$, $DP=\pm 3.15$). Essa diferença apareceu na entrevista da professora Mangaba, sob a ótica dela:

Então ela [NT: **A educação Ambiental**] não foi colocada numa... assim, de uma forma, vou usar esse termo inadequado, rigorosa, né? Assim, fechada, obrigatória [NT: **Como uma disciplina**]. Então por ser uma temática transversal ela passa pela... pelo crivo aí de cada profissional, né. (...). Está vendo que até na... na... Instituição federal, na graduação e na pós-graduação, até está havendo uma abertura de pensamento quanto a essa questão de educação ambiental, porque não

tinha isso. A gente tinha uma disciplina ecologia no currículo antigo, mas que focava a questão de educação ambiental também, mas mais a flora e fauna. Era bem, assim, compartimentado mesmo. (...). Nem só eu, nem a Buriti, tão pouco o Murici somos donos da verdade né. Então a gente tem uma percepção, cada um de nós, pela bagagem cultural mesmo, acadêmica., a gente tem uma visão de determinado ponto (...). Agora, ao longo desse tempo, dessa jornada de trabalho, mudou muito [NT: A educação ambiental]. Mudou. A formação continuada que a gente sempre está fazendo, a gente muda muito a nossa práxis. A nossa formação acadêmica, você passou recentemente por ela, você viu que precisa de várias reformas nessa área também, né. Mas pelo fato, é aonde eu quero chegar e esclarecer, não teve probl... questão de sentir ofendida, mas pelo fato de fazermos educação ambiental, oferecidos não só pela universidade, mas por outras instituições também, ou até mesmo pelo MEC, pode... tão mudando a concepção tradicionalista, revendo vários fatores, várias questões, né, vários pontos, e deixando então, as poucos, não vou falar que a gente deixou totalmente porque isso não acontece, a gente está sempre aprendendo, de ser, de ver a educação ambiental só naquela época do mês de Junho... Pontual. A gente vai permeando no currículo, normal.... (Professora Mangaba, Escola Cerrado Rupestre).

Também é importante ressaltar que no nosso universo amostral a educação ambiental entra majoritariamente na escola através de projetos pontuais, realizados por iniciativa externa, ou é diluída na prática docente ao longo do ano, sem um projeto específico, funcionando mais como uma orientação pedagógica. Além disso geralmente esse processo fica ilhado nas mãos dos professores de ciência e geografia, com a direção servindo de ponte entre a fonte dos projetos externos e esses professores.

3.3. O PASSAR DO TEMPO NO CAMPO

3.3.1. Mudanças

Nesse grupo estão as respostas referentes a questão desencadeadora quatro, que buscam sintetizar, baseado na vivência dos entrevistados como a situação da educação rural e da educação ambiental mudaram ao longo da prática dos entrevistados, principalmente nos últimos 10 anos. É interessante ressaltar que tivemos quatro grandes agrupamentos: (1) Não houveram mudanças (n= 5); (2) houveram mudanças, mas foram pequenas (n= 5), (3) houveram mudanças, mas piorou (n=2); e (4) houveram mudanças, para melhor (n=4). Novamente temos uma diferença entre gerações, como na concepção de educação ambiental.

O primeiro agrupamento, que acredita que não houveram mudanças tem uma média de tempo de exercício profissional de 8 anos (n=5, DP=± 3.57). São professores mais novos e que tem uma concepção participativa/transformadora de educação ambiental. Seguem alguns comentários que indicam o motivo da resposta deles:

Não, não tenho nenhuma percepção disso. Não vejo nenhuma... nada acontecendo, não vejo nenhuma mudança, até porque eu não participo de nada relacionada a isso.... (Professora Araticum, Escola Cerradão).

Não... não percebi grandes mudanças não. Falo hoje dos profissionais porque eu sei dessas formações, assim como eu professora de história não discuto muitas questões porque eu não fui habilitada para isso, eu não tenho formação específica para isso.... (Diretora Buriti, Escola Cerrado Rupestre).

É, quando a gente começa a conversar a gente olha e fala é até difícil, falar dessa preservação. Quando você pensa do lado das indústrias, porque a gente fala aqui, que tem que preservar, cuidar das nascentes, cuidar da... da... dos rios, dos córregos e tal. E daí você vê as grandes empresas jogando todo aquele resíduo nos rios. Infelizmente você vê o Uberabinha, que eu falo assim, é uma das grandes riquezas que nós temos no nosso município, sendo destruído e não poder fazer nada assim. É... te dá uma sensação de... de... impotência (...). Sabe? O meu discurso não está valendo nada. Sabe aquela coisa quando você para assim e fala assim, eu não estou conseguindo é... é... contribuir para esse processo (...) Eu acho que acaba é... caindo nesse. No que eu acabei de falar agora né, que assim, tem questões que... que a gente vê assim. Lógico não vamos desistir, somos brasileiros né, a gente não desiste jamais... Mas com a questão do macaco, a gente sabe que nós vamos falar, falar, mas infelizmente ainda alguns irão morrer. Né, a gente não vai conseguir atingir como um todo...". (Diretora Araça, Escola Vereda).

O agrupamento número 2 percebeu mudanças pequenas. Os entrevistados têm uma média de tempo de exercício profissional de 21 anos ($n=5$, $DP=\pm 9,66$). É um grupo misto, composto em sua maioria por profissionais no meio da carreira. Diferente do outro agrupamento, que tinha uma visão homogênea de educação ambiental, aqui encontramos um misto de concepções.

Para mim seria difícil afirmar, porque o que eu tenho percebido, é que essa... essa ênfase, que é tão necessária, com o cuidado com o meio ambiente, ela já está na cabecinha das crianças. Entendeu? Dos jovens... É que... na minha opinião, é que isso tem que ser fortificado. Porque eu... eu... eu comparo com a minha existência: essas coisas não eram ditas, não eram faladas, a gente não se preocupava, parecia que estava tudo aí ao nosso dispor. Na época. Eu sou bem mais velha que você, né. (...) E aí, é... então assim, na minha época não era assim. Então, por exemplo, eu lembro minha mãe punha o lixo numa lata, lev... é... é... Tinha um outro tipo de cuidado, porque não usava saquinho, não tinha sacolinha (...). E é isso que eu estava te falando. Eu... eu... vejo essa questão de... de... está sendo instaurada essa ideia, mas as vezes eu acho que a ação dela está, ainda está um pouco sem eficiência. A gente está vendo assim, um certo comodismo, que leva a um consumismo e a um conformismo. É muito sério. E é tudo, porque assim, hoje as pessoas querem comprar a abobrinha picada, o milho verde picado, a couve. Aí o que que eles põem? A bandejinha. Bandejinha e bandejinha, então é mais e mais coisa. (Diretora Baru, Escola Cerrado).

Teve mudança sim. Eu percebo: Esta. Os professores... não só os professores, mas quem está na educação em si, está com essa preocupação. Só que eu gostaria que fosse algo mais trabalhado. Sabe a questão da propaganda em si... A questão da conscientização... ser mais consciente (...) Às vezes pegar, sair da teoria e ir mais para prática. A gente precisa ter essa consciência mais ecológica, essa consciência mais de resgatar, de cuidar, de auto se sustentar... e reutilizar sempre..." (Diretora Genipapo, Escola Mata Seca).

Olha... a educação ambiental ela muda né? E... e... e é muito complicado também, porque a gente vive numa sociedade de consumo. Infelizmente nós vivemos né, nessa sociedade de consumo. O tempo todo a gente é impulsionado para consumir...E trabalhar com a educação ambiental numa sociedade altamente consumista... Você falar que isso aqui [nota da transcrição: aponta para um objeto manufaturado pela MARIA]tem muito mais valor do que eu ir ali e comprar um vaso novo, é complicado. Então assim, isso muda muito, né, o conceito que a gente tem de sociedade.Eu acho que é para melhor. Eu acredito que seja... eu TENHO que acreditar que seja para melhor. Né, tenho que acreditar nisso. Porque eu trabalho com educação, então eu tenho a obrigação de achar que eu estou contribuindo para melhorar...Muda. Muda um pouco. Mas ainda a gente está engatinhando, porque mudar comportamento não é fácil. Mudar comportamento, maneira de agir,

maneira de pensamento, é muito difícil. Mas... já tem melhorado, né. A questão... . (Professora Gravatá, Escola Mata Seca).

Não eu acho que esse conceito está vindo de um bolo só. A gente percebe que acaba que através das novas tecnologias mais coisas são, as vezes elas podem estar..., mais coisas elas chegam aos nossos alunos também. Muita gente tem acesso a internet, então a gente acaba vendo assim, um maior conhecimento, uma maior informação, sobre o assunto. Agora é... a gente concretizando mesmo coisas que nos deixariam mais esperançosos mesmo, ainda não estou vendo não...(Diretora Gurguri, Escola Mata de Galeria)

É interessante refletir que a percepção de mudança tem sua origem principalmente fora da escola, partindo da sociedade para então entrar no ambiente educativo. Podemos observar isso na fala da Diretora Baru quando ela diz que esses conceitos “já vêm na cabecinha dos alunos” e na afirmação da Diretora Gurguri “os alunos têm uma maior informação sobre o assunto”. No entanto o pouco da mudança geralmente se refere a prática. A percepção desses entrevistados é de que os alunos possuem um conhecimento sobre o assunto, mas não colocam em prática esse conhecimento.

Novamente é uma ponte interessante com a teoria da hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2007): o assunto ético é extremamente presente no diálogo, no imaginário, mas a ação individual é pontual, quando os interesses pessoais permitem que ela ocorra. Isso pode ser observado também no exemplo da pedagoga Bicuí, presente na sexta categoria, onde os vizinhos dela só passaram a utilizar a coleta seletiva depois de uma campanha da igreja na região. A informação sobre a coleta seletiva existia, mas a prática só ocorreu depois que foi inserido um interesse (o incentivo religioso).

Uma comparação interessante entre esses dois primeiros agrupamentos ocorreu durante a entrevista da escola Mata de Galeria em um diálogo entre a professora Gabiroba, que não percebeu uma mudança, e o diretor Camboatá, que percebeu a mudança:

Uma última pergunta, só para não estender muito, já que vocês têm aula aí... Durante essa experiência que vocês tem aí, nesses cinco anos [NT: aponta para Gabiroba], ou durante esses vinte anos[NT: aponta para o Camboatá], vocês acham que mudou alguma coisa, tanto na prática da educação rural, quanto na prática da educação ambiental? Vocês perceberam alguma mudança, como isso foi, assim, na sua experiência? Eu acho assim, muito pouco, mas acho que teve uma mudança, porque eu estava falando agora mesmo, porque são conteúdos que as disciplinas surgiram recentemente. Daí quando a gente vem e depara com um problema, igual foi o ano passado, igual o anterior... problema de água. Daí de repente está no jornal, as novelas começam a reproduzir aquilo, malhação também... Aí parece que há um interesse maior, então aí o aluno já começa a observar mais. Daí ele já me conta que lá perto tem isso, tem aquilo, que o vizinho faz isso, que o vizinho tira água do rego para ele, larga o debaixo sem... Aqui está chegando, via irrigação da horta, na porta da escola aqui. Não sei se você observou aqui.

(...) Eu, por exemplo, que dou geografia é hoje... os livros, pode ser trabalhando Europa, pode ser trabalhando África, trabalhando América, Brasil, né? Sempre vem um texto trabalhando a questão ambiental, a questão da água, né, a dificuldade que os países passam, traz gráficos... Então eu acho, assim, que teve uma evolução, uma evolução que foi... que foi obrigado a ter, porque há uma preocupação global né, em relação a água. E... está colocando isso na cabeça dos meninos. A questão da energia, e tudo...

Então assim, houve uma evolução, não está como a gente gostaria, mas aí e nem como deveria ser né... Houve uma pequena evolução, mas está faltando muito ainda, né? Eu acho que falta muito. Falta programas, projetos, eu de repente, poderia até... eu entendo que deveria trabalhar com todos os conteúdos, interdisciplinar... Mas de repente, até mesmo ter a matéria específica né?

É, e quando você pega o livro didático, por exemplo, meu trabalho de TCC foi justamente analisar os livros didáticos sobre os aspectos da... da agroecologia, no meu conteúdo, de ciências. Você vê hoje nos livros didáticos traços, pontuais... uma coisa assim, ah, a agroecologia ela vem para substituir a agricultura convencional, fim. Já encerra naquele parágrafo ali. Você não traz um texto explicando o que que é a agroecologia... Mas assim, se você pegar o conteúdo do começo ao fim, você o mesmo conteúdo que está sendo trabalhado a 3 anos atrás, a 6 anos atrás... Os livros as vezes só mudam figuras...

Entendeu? A capa, as figuras e as vezes insere aí um... Porque isso deve estar vindo para eles, de cima para..., você tem que se mostrar mais sustentável no seu discurso. Ah, então vamos inserir um texto complementar, um parágrafo, uma situação só e está bom. Daí já entra dentro do que está pedido. Daí está ok. Então eu vejo isso, os livros são iguais, o currículo também não mudou, a educação ambiental quando você vê ela na legislação, ela é... ela é... ela ainda não é uma disciplina, mas também pode ser uma disciplina, também não está definido também...

No resto ela tem que ser trabalhada, mas como tema transversal.

Um tema transversal que você trabalha quando pode, se você não pode também está tudo certo... É... mas também é uma forma de educar os alunos, não é a questão de ser só uma disciplina, é um

modo de viver, eu acho. E assim, não tem que ser diferente. Então assim, a mudança que eu vejo, ainda é pequena. Pode ser por conta da questão de... ahm... de ser novo né, de ser muito novo a educação ambiental. Então a gente está com quantos anos de educação ambiental... Camboatá faz a conta aí... De 60 para cá.

Depois que saiu a questão da globalização, o assunto de aquecimento global... Aí começou a bater um pouco mais no assunto né. Aí veio a reforma, e tal... Aí veio os temas transversais.

Mas então, às vezes, por isso que a gente olha, por exemplo, eu analisei livros de pouco tempo né, então um espaço curto né, de dez, vinte anos, ainda não é suficiente para eles, né, mud... apesar de que eu acho que é. Porque se você acompanhar uma rede social, se você acompanhar as vezes o google, você tem muito mais, uma gama muito maior de conhecimento do que se você pegar um livro didático de ciências... Da área ambiental.

A evolução foi pequena né.

Foi, porque a gente não conseguimos fazer nossos alunos até hoje encontrar o lixo da sala de aula.

De fazer os meninos né, respeitar o material didático deles, respeitar o que eles usam, a gente não conseguiu nem isso...

Quem dirá partir disso para uma mata ciliar (Professora Gabiroba e Diretor Camboatá, Escola Mata Ciliar)

O agrupamento que percebeu a mudança é composto por quatro entrevistados e têm uma média de tempo de exercício profissional de 23 anos ($DP=\pm 9,14$). Como o grupo que percebeu as mudanças pequenas, esse grupo também baseou seu comentário principalmente na visão de que as mudanças vieram do ambiente externo (o assunto está sendo mais trabalhado na mídia; já está presente nos livros didáticos, mesmo que seja de maneira superficial, etc.).

O último agrupamento é muito particular, pertence a dois entrevistados de uma única escola: Campo Limpo. São profissionais experientes, com uma média de 25,5 anos de atuação profissional ($DP=\pm 0,07$) e que se mantiveram durante todo esse percurso na escola Campo Limpo.

.A 20 anos atrás eu acho que Campo Limpo realmente era uma escola de zona rural. Com alunos de zona rural. Porque esses alunos eles trabalhavam nas fazendas...

Eram os filhos dos fazendeiros...

Eles sabiam plantar, eles sabiam tirar leite, sabia o que que era a fazenda, né. E hoje, a gente não tem isso. Hoje se a gente tiver, o que, uns 30% que sabe, que... que trabalha na fazenda. Que a mãe está na fazenda, que o pai está na fazenda, que sabe mexer com vaca, com horta, com esse tipo de coisa. Então é uns 30% só, porque a gente está numa posição geográfica né, vamos falar assim, que a gente está... a cidade está aqui ó [NT: indica proximidade com as mãos] (...). A escola rural, aqui, mudou totalmente. Porque gente realmente dava aula para alunos de zona rural. Agora não. Agora a gente tem uma minoria...E assim, são crianças que NÃO TEM CONTATO COM TERRA.

Então, por exemplo, o aluno que trabalha... que mora no [nome do distrito removido para manter o anonimato], que é uma chácara, mas não planta nem uma moita de cebola, ele não é da zona rural. Eu acho que ele não é da zona rural.

(...)

Eu acho que os... os alunos antigos eles tinham uma consciência melhor.

Educação de berço.

É. Sabe, eles tinham um respeito melhor. Pra... para tudo, no geral, inclusive nessa questão ambiental. Então eles tinham uma questão dentro da sala, a questão da higiene da sala.

Porque vem de casa, a educação vem do berço. Porque nós não tínhamos tanta tecnologia quanto agora.

Porque agora você não convive mais com o outro. Você convive com seu aparelho de celular...

Que não preocupa em valorizar as coisas bonitas do meio ambiente. Se ela quiser, ela vem aqui e está muito bom, então essa geração ela não... ela não valoriza o que ela tem em volta

Até a questão de roubo, aqui não existia isso. Sabe se você deixasse seu celular aqui, ó, o menino chegava, achava e falava assim: Tia, eu achei esse celular. Não era? Eles achavam dinheiro e entregavam dinheiro para gente. Né, a um tempo atrás. E agora a gente já começou a ter esse tipo de problema..." (Professora Jatobá e Diretora Bacupari, Escola Campo Limpo).

A maioria dos professores (n=13) não citou mudanças na educação de zona rural. Interessante que nesse tema, diferente da percepção sobre a educação ambiental, não vemos uma diferença nítida entre profissionais com mais tempo de experiência e profissionais com menos tempo de

experiência. O silêncio sobre a percepção de mudanças provavelmente indica a inexistência desse movimento na realidade escolar dos entrevistados.

É interessante ressaltar que existe o conhecimento sobre a educação do campo, oito entrevistados citam especificamente a educação do campo (como movimento ou como material didático), ou seja, metade dos entrevistados. Apesar dessa informação, a percepção dos entrevistados é que a realidade que eles vivenciam não mudou.

A mudança, quando percebida foi pontual, inexpressiva (A questão da agroecologia nos livros didáticos que aparece na fala da Professora Gabiroba) ou então negativa, como na fala da professora Jatobá e da diretora Bacupari, que perceberam que os alunos da escola campo limpo não são mais rurais, eles têm perdido essa prática, essa vivência. As entrevistadas relacionam essa percepção ao movimento migratório inverso, pessoas que voltam da cidade para o campo, em busca de uma vida melhor e da proximidade com a área urbana, que vem aumentando (p. ex.: na fala que explicita a existência de alunos que vem de ônibus da área urbana).

3.3.2. O tempo formativo e desenrolar da história.

Algo que se destaca na diferenciação dos grupos criados nessa análise, tanto considerando as concepções de educação ambiental, quanto considerando a percepção de mudanças é o tempo de experiência: Professores com menos tempo de experiência tem uma percepção de vivência e conceitos diferentes dos seus pares mais antigos.

Uma hipótese para explicar esse fenômeno é a mudança na formação dos professores, que se adapta aos processos históricos. Considerando um período histórico, ambos os temas abordados nesse trabalho são temas recentes (tanto a educação rural, quanto a educação ambiental). Quando pensamos no surgimento da educação rural no Brasil, iniciamos o

processo como política pública no ruralismo pedagógico em 1934 (SILVA, 2016). Esse conceito veio se desenvolvendo e ramificando em novas realidades, como a educação do campo, que surgiu através dos movimentos sociais e vem se instaurando em diversos níveis na nossa sociedade, com os primeiros trabalhos sobre o tema aparecendo no final da década de 80 (SOUZA, 2008).

A aplicação da educação do campo nas universidades e políticas públicas de ensino ainda são incipientes, encontrando-se em um processo de luta contra o paradigma hegemônico e adaptação às experiências de sua aplicação, porém nos últimos treze anos é notado um rápido crescimento na abrangência e inserção da educação do campo na nossa sociedade (MOLINA; DE ABREU FREITAS, 2015).

A educação ambiental começou em conjunto com os movimentos ambientalistas na década de 60 e vem se modificando desde então (CASCINO, 1999). O início foi a inserção na sociedade de que o meio ambiente é finito e são necessárias ações para sua conservação, principalmente a educação das gerações futuras. Essa educação ambiental foi se transformando a partir de uma educação ambiental conservadora para uma educação ambiental crítica (GADOTTI, 2000; GUIMARÃES, 2004; JACOBI, 2005). Do ponto de vista legislativo, a educação ambiental surge de forma efetiva no Brasil com a Lei da Educação Ambiental, em 1999 (BRASIL, 1999).

Esse movimento histórico reflete na sociedade no processo de formação de professores, já que as disciplinas de educação ambiental começaram a ser ofertadas obrigatoriamente no ensino superior no início dos anos 2000 (GOUVÊA, 2006; SATO, 2001). É interessante que os próprios entrevistados possuem essa percepção, que pode ser vista na fala da Professora Mangaba na oitava categoria analítica (“A gente tinha uma disciplina ecologia no currículo antigo, mas que focava a questão de educação ambiental também, mas mais a flora e fauna.”).

Os processos de formação continuada podem ser uma alternativa interessante para exercer a mudança e promover um diálogo entre as duas concepções de educação ambiental, assim como refletir sobre a educação rural. Temos um exemplo interessante sobre isso na escola Cerrado Rupestre, que mudou sua forma de exercer a educação ambiental e os próprios professores citaram a importância da formação continuada nesse processo (Entrevista com Professora Mangaba).

Outros professores também citam a formação continuada como uma ferramenta importante:

“... É não teve muita [NT: **Mudança no conceito de educação rural e/ou ambiental**] ... Teve assim algumas feiras, alguns congressos né, que muitas vezes nem chegam para nós aqui, né. Que assim, quando a gente fica sabendo de algum congresso, de alguma coisa assim, já passou. A comunicação é... a comunicação é um pouquinho complicada (...). (...) procurar alternativas de formação, alguma coisa assim, para tentar divulgar. O ano passado a gente participou de um seminário... como é que chama aquele seminário MARIA? Que a gente... daquele senhorzinho que a gente ficou apaixonada nele? Seu JOÃO. Foi um seminário lá na UFU, foi uma semana, o ano passado... Aí veio um sinhozinho que nós ficamos... nós optamos lá..., pelas palestras né. Gente nós ficamos apaixonadas. Assim, o quanto ele foi esclarecedor para nós, principalmente né, a questão de análise da terra. Né e tudo... Então quer dizer a pessoa tem que conscientizar, buscar conhecer, para transmitir, né. Não ficar só na mesmice ali, na comunidade né. Como se diz, tem que abrir as asas e procurar algo para trazer né, é... pra ver o que que a gente consegue melhorar com nossos alunos né. Buscar a formação. Eu achoo...” (Diretora Cajuzinho, Escola Cerradão)

4. CONCLUSÃO: DA POLIFONIA A SINFONIA

“Era um caminho
velhinho,
perdido...
(...)
Não havia traços
de passos no dia
(...)
O caminho agonizava, morria
(...)
Porque são os passos que fazem os caminhos!”
Mario Quintana

A partir dos relatos obtidos nas entrevistas podemos perceber que existe uma polifonia de conceitos e visões de mundo ocorrendo no nosso universo amostral. Às vezes os diferentes sons estão no mesmo ritmo, gerando uma música quase única, como é o caso dos conceitos de educação rural.

Para a maioria dos entrevistados ser uma escola rural é atender um público diferenciado e lidar com as distâncias. Os alunos da escola rural são mais tranquilos, as salas são menores, a distância na relação professor-aluno é menor e a vastidão gera uma série de efeitos, desde a dificuldade logística do transporte até o isolamento maior dos alunos em referência ao mundo dos professores (“menor bagagem cultural”, relações sociais diferentes).

É interessante ressaltar que, apesar de haver duas notas dissonantes, a maior parte dos conceitos de educação rural defende que o conteúdo e processo pedagógico das escolas rurais sejam os mesmos das escolas urbanas e acreditam que essa seja a pauta certa. É interessante ressaltar aqui que pelo menos metade dos entrevistados conhece os conceitos de educação do campo, já ouviram falar e/ou tiveram contato com o material, mas ainda assim defendem que os conteúdos da escola rural sejam os mesmos da escola urbana.

Uma análise mais aprofundada nesse ponto pode ser interessante visto que existe um estranhamento, um choque de culturas, entre os entrevistados e os estudantes. Qual seria a opinião dos estudantes sobre o próprio processo de ensino? A educação do campo surgiu exatamente dessa forma, com os movimentos sociais indicando os rumos educativos que pareciam melhor para os próprios agentes.

Mesmo com essa concepção urbana de ensino, a ruralidade entra nas salas de aulas das escolas entrevistadas, em sua maior parte através dos próprios alunos, e discutida na rotina diária da sala de aula na relação professor aluno. Ou então entra por meio dos projetos externos que chegam à escola.

Já no movimento da educação ambiental vemos que os ritmos são diferentes, gerando um ruído. Temos duas visões principais sobre o que é educação ambiental: uma conservadora, baseada no dever; outra participativa/ transformadora baseada na ação do próprio estudante, inserido no meio ambiente local. A maior parte das ações de educação ambiental nas escolas são ilhadas: realizadas através de projetos pontuais, com origem externa a escola (geralmente promovidos por organizações públicas ou empresas privadas) e ficam restritas aos professores das disciplinas de ciências e geografia.

Existem projetos muito interessantes e efetivos sendo postos em prática, com resultados interessantes. Uma sugestão que surgiu a partir da própria vivência dos entrevistados, e que pode funcionar com um maestro conduzindo a polifonia a uma sinfonia, é a realização de cursos de formação continuada com esses dois temas: (explicitar) Temos o exemplo da escola Cerrado Rupestre, que rompeu com conceitos antigos, através do diálogo e atualização na formação dos entrevistados, está colocando em prática o projeto de reciclagem, que é um projeto de educação ambiental crítico e amplo, podendo ser classificado como “saber ambiental” (LEFF, 2009).

A direção das escolas tem um papel importante na organização dos agentes escolares, para promover a integração necessária a um tema transversal e interdisciplinar. Uma dificuldade que muitos diretores relataram é a falta de formação específica para trabalhar esses temas, devido a formação em áreas distintas (p. ex.: história). Cursos de formação continuada e oficinas de integração, como aquelas realizadas pelo Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE) podem ser políticas importantes para atingirmos a sinfonia, gerando uma educação rural e ambiental significativa e transformadora.

É interessante refletirmos também sobre o motivo do repúdio a educação do campo e a crença de que a mesma educação da área urbana deve ser aplicada na zona rural. Uma das grandes potencialidades das escolas rurais é justamente a possibilidade que a LDB fornece a essa categoria de adequar seu calendário escolar e suas práticas ao ambiente no entorno, podendo ser diferente das escolas urbanas. Essa é uma possibilidade que poderia resolver em partes um problema da rotatividade local (aquela oriunda da migração relacionada as colheitas sazonais) levantado pelos professores.

Cada escola rural tem suas particularidades (p. ex.: algumas estão localizadas em distritos, outras em fazendas) e as particularidades ambientais dos meios de entorno. Um curso de formação continuada que permita o diálogo entre essas realidades, a reflexão sobre os conceitos adotados e permita que, a partir dessa reflexão, surgisse uma educação ambiental integrativa e transformadora, baseada na ação e oriunda de cada escola é a melhor opção para avançar a educação ambiental nas escolas rurais do município de Uberlândia em curto prazo.

5. REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Caroline Abreu; LIMA, Sandra Cristina Fagundes. História do ensino rural no município de Uberlândia-MG (1950 a 1979): os sujeitos e suas práticas. **Horizonte Científico**, v. 5, n. 2, 2011.
- BARROS, Josemir Almeida. Ensino rural primário em Minas Gerais no início do século XX: fundamentos e representações da escola. **Educação em Foco**, v. 13, n. 16, p. 41-66, 2011.
- BARROS, Josemir Almeida. O professor do ensino rural em Minas Gerais: representações da instrução pública primária (1899-1911). **Exedra: Revista Científica**, n. 7, p. 90-100, 2013.
- BELFORT, Nátali da Cruz. Da Reforma do Código Florestal e o Conflito de Interesses entre Ruralistas e Ambientalistas. **Revista de Direito da UNIGRANRIO**, v. 5, n. 1, p. 24, 2012.
- BIZERRIL, Marcelo XA; FARIA, Dóris S. Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 82, n. 200-01-02, 2007.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.
- CARSON, Rachel. **Silent spring**. Houghton Mifflin Harcourt, 2002.
- CASCINO, Fabio. **Educação ambiental: princípios, história, formação de professores**. 1ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 1999
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra** (217 p.). 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GONÇALVES, Silvana de Jesus; LIMA, Sandra Cristina Fagundes. História do ensino rural no município de Uberlândia-MG (1950 a 1979): os sujeitos e suas práticas. **Horizonte Científico**, v. 6, n. 1, 2012.
- GOUVÊA, Giana Raquel Rosa. Rumos da formação de professores para a Educação Ambiental. **Educar em revista**, n. 27, 2006.
- GUERRA, Antonio Fernando S.; GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental no contexto escolar: questões levantadas no GDP. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n. 1, p. 155-166, 2007.
- GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental crítica. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 25-34, 2004.
- JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 2, 2005.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Artmed, 1 ed, Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes. Escola rural: História, memória e representações. **Cadernos de História da Educação**, v. 3, p. 27- 36, 2004.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes. Memória e história das escolas rurais em Uberlândia (1933-1959): a fotografia das instituições escolares como fonte para a história da educação. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/199SandraCristinaFagundesLima.pdf> Acesso em: 12/10/2016.

LIPAI, Eneida Maekawa; LAYRARGUES, Philippe Pomier; PEDRO, Viviane Vazzi. Educação ambiental na escola: tá na lei...Conceitos e práticas em educação ambiental na escola In: MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, p.23-32, 2007

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; COSSÍO, Mauricio F. Blanco. Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: considerações iniciais sobre os resultados do projeto “O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental?”. **Conceitos e práticas em educação ambiental na escola**, p. 57, 2007.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. A História de Uberlândia por outro viés - A sociedade do trabalho. **Educação e Filosofia**, v. 2, n. 3, p. 25-34, 2009.

MAIA, Eni /Marisa. Educação rural no Brasil: o que mudou em 60 anos? **Em Aberto**, v. 1, n. /9, p. 26-33, 1982.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa de et al. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 1, 2011a.

MEDEIROS, Monalisa Cristina Silva; RIBEIRO, Maria da Conceição Marcolino; FERREIRA, Catyelle Maria de Arruda. Meio ambiente e educação ambiental nas escolas públicas. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 92, 2011b.

MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007.

MENDONÇA, Mauro das Graças; LIMA, Samuel do Carmo. Histórico da gestão ambiental no município de Uberlândia. **Caminhos de Geografia**, v. 1, n. 1, 2000.

MOLINA, Mônica Castagna; DE ABREU FREITAS, Helana Célia. Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. **Em Aberto**, v. 24, n. 85, 2015.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MOTA, Hermílon Miranda. Evolução urbana de Uberlândia: uma cidade do Triângulo Mineiro de porte médio e em contínuo crescimento. **Anais: Encontros Nacionais da ANPUR**, v. 10, 2013.

OLIVEIRA, André Luis de; OBARA, Ana Tiyomi; RODRIGUES, Maria Aparecida. Educação ambiental: concepções e práticas de professores de ciências do ensino fundamental. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 6, n. 3, p. 471-495, 2007.

PORTO, Marcelo Firpo et al. Eixos de desenvolvimento econômico e geração de conflitos socioambientais no Brasil: desafios para a sustentabilidade e a justiça ambiental. **Ciência & saúde coletiva**, v. 14, n. 6, p. 1983-1994, 2009.

PRADO, Adonia Antunes. Ruralismo pedagógico no Brasil do Estado Novo. **Estudos sociedade e agricultura**, v. 4, p. 5-27, 1995.

SATO, Michèle. Debatendo os desafios da educação ambiental. In: **CONGRESSO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRÓ-MAR DE DENTRO**. 2001. p. 14-33.

SILVA, Viviane Cardoso. A Educação no campo no Brasil: por uma Educação para a classe trabalhadora camponesa. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, v. 1, n. 1, 2016.

SILVEIRA, Tânia Cristina. A “modernidade” em Uberlândia e o Ensino Rural. **Cadernos de História da Educação**, v. 9, n. 2, p. 543-565, 2011.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 105, 2008.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. **Revista Psicologia da Educação**, v. 11, n. 12, p. 193-215, 2001.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista Reflexiva: Um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. IN: SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, p. 9-61, 3ª ed., 2010.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 3ª ed., 2010a.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, R. C. A. R. Perspectivas para a análise de entrevistas. IN: SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, R. C. . R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, p. 62-86, 3ª ed., 2010b.

VENDRAMINI, Célia Regina. Qual o futuro das escolas no campo? **Educação em Revista**, v. 31, n. 3, p. 49-67, 2015.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva & grounded-theory: estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias. **Revista interamericana de psicología**, v. 39, n. 3, p. 431-438, 2005.

ZAKRZEWSKI, Sônia Balvedi. A educação ambiental nas escolas do campo. In: MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de

Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental:
UNESCO, p.23-32, 2007

Anexo A – Termo de anuência prefeitura gestão prefeito Gilmar Machado



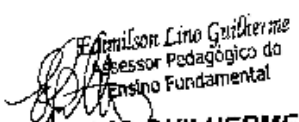
Assessoria Pedagógica de Ensino Fundamental

3239-2888 / 3239-2623

asspedagogica@uberlandia.mg.gov.br

TERMO DE ANUÊNCIA

Entendemos a importância e necessidade da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação/SME e a Universidade Federal de Uberlândia/FACED, junto às **Escolas Municipais da Zona Rural do Município de Uberlândia (Anexo)**, razão pela qual, a Secretaria Municipal de Educação e Assessoria Pedagógica do Ensino Fundamental dão ciência a realização de atividades pedagógicas que envolvam o Projeto: **“Escolas Rurais Municipais de Uberlândia sob a ótica de Educação Ambiental – Um panorama dos anos 2000 a 2015”**, coordenado pelo pesquisador **Leonardo dos Santos Gedraite**, desenvolvido em conjunto com a pesquisadora **Profª. Dra. Camila Lima Coimbra**.


EDIMILSON LINO GUILHERME

Assessor Pedagógico do Ensino Fundamental

Anexo B – Termo de anuência prefeitura gestão prefeito Odelmo Leão

SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO

PREFEITURA DE
UBERLÂNDIA

GABINETE DA SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
sme@uberlandia.mg.gov.br
3239-2617 / 3239-2619 / 3239-2701

AUTORIZAÇÃO

A Secretária Municipal de Educação, no uso de suas atribuições legais, previstas no Art. 2º, Inc. VII da Lei Ordinária nº 12.619, de 17/01/2017, autoriza o estudante **Leonardo dos Santos Gedraite**, do curso de Ciências Biológicas, grau Licenciatura, da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Profª. Dra. Camila Lima Coimbra, a realizar entrevistas com os diretores e professores de Ciências do 9º ano do Ensino Fundamental nas 13 (treze) escolas rurais do município de Uberlândia para desenvolvimento do Projeto intitulado: “Escolas Rurais Municipais de Uberlândia sob a ótica da Educação Ambiental – Um panorama dos anos 2000 a 2015”.

A presente autorização resguarda a autonomia dos diretores e professores de aceitarem ou não a participar da pesquisa, assim como fica a mesma condicionada ao comprometimento da pesquisadora em apresentar os dados obtidos pela pesquisa à Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, antes da divulgação em quaisquer meios de comunicação científica ou não.

Por ser verdade firmamos o presente instrumento em 03 (três) vias de igual teor.

Uberlândia, 25 de Abril de 2017.


Profª Célia Maria do Nascimento Tavares
Secretária Municipal de Educação

Declaro que estou ciente e de acordo com os termos da autorização acima:

 25/04/2017

Apêndice A – Texto do contato inicial

Prazer, meu nome é Leonardo dos Santos Gedraite e estou fazendo esta pesquisa, que é parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade Federal de Uberlândia. Gostaria de saber como vocês veem a educação ambiental e a educação rural na prática. O que significa cada um desses conceitos para vocês. O que é ser uma escola rural? Como vocês trabalham a educação ambiental? O que vocês consideram importante nessas questões, facilidades e dificuldades de ser uma escola rural e de trabalhar a educação ambiental. O objetivo dessa pesquisa é entender como vocês utilizam esses conceitos na prática, dar voz a experiência prática em exercício, e elaborar um documento que pode ser utilizado futuramente para orientação a novas professoras e aos membros da secretaria de educação para formulação de políticas públicas. Seu depoimento é muito importante para nós, pois ao longo de sua experiência vocês devem ter descoberto muitas coisas e conhecer melhor do que ninguém a realidade da prática da educação rural e da educação ambiental. Para obtermos essas informações, é preciso conversar e eu gostaria de saber se poderiam dispor de um tempo para isso, sem prejudicar o seu trabalho ou seu descanso. Inicialmente mandarei um pequeno questionário por email, e depois pretendo agendar um horário para sentarmos e eu poder ouvir essas informações ao vivo de vocês. Gostaria que a participação fosse voluntária, e não há problema algum se vocês não puderem participar. Como considero muito importante tudo o que for dito na nossa conversa, gostaria de gravá-la, com sua permissão, mas já adianto que só eu e minha orientadora, a Professora Camila Lima Coimbra da Faculdade de Educação da UFU, teremos acesso ao que for dito, e, no meu trabalho final usarei nomes fictícios, sem identificação dos participantes com apenas trechos de nossa conversa. Além disso vocês serão os primeiros a ouvirem a gravação e lerem a transcrição dela. Se desejarem, poderão retirar dela o que acharem necessário. Terão acesso, sempre que desejarem, a todos os dados referentes aos seus depoimentos e, também, ao trabalho final. Sintam-se à vontade para trazerem qualquer dúvida e, se quiserem, sair do trabalho a qualquer momento. Obrigado pela sua atenção e pela sua participação.”

Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado(a) Senhor(a)

Gostaríamos de convidá-lo a participar de nosso estudo “ESCOLAS RURAIS MUNICIPAIS DE UBERLÂNDIA SOB A ÓTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL – UM PANORAMA DOS ANOS 2000-2015”, que tem como objetivo analisar a prática da educação ambiental nas escolas municipais rurais de Uberlândia. Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido pelo discente Leonardo dos Santos Gedraite do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Camila Lima Coimbra, docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

A qualquer momento da realização desse estudo qualquer participante/pesquisado ou o estabelecimento envolvido poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Qualquer participante selecionado ou selecionada poderá recusar-se a participar ou retirar-se da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo aos mesmos. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Especificamente, nenhum nome, identificação de pessoas ou de locais interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma de TCC e em artigos acadêmicos, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização à instituição dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

Leonardo dos Santos Gedraite
Discente
Licenciatura em Ciências Biológicas INBIO/UFU

Eu, _____, assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da pesquisa “ESCOLAS RURAIS MUNICIPAIS DE UBERLÂNDIA SOB A ÓTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL – UM PANORAMA DOS ANOS 2000-2015”, permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados sem a menção dos nomes dos pesquisados.

Uberlândia, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do Pesquisado/da Pesquisada

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos, entrar em contato com os responsáveis pelo estudo:

Leonardo - e-mail: lgedraite@bio.ufu.br

Profª. Camila – email: camila.coimbra@ufu.br

Apêndice C - Transcrição da entrevista com Diretora Baru (da E.M. Cerrado)

Entrevista realizada em 24 de fevereiro de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

B: Baru

B: - Pelo tempo que eu estou aqui você vai percebendo o que que chega na escola. Uma coisa é a minha visão de cidadã, outra coisa é o que chega na escola...

L: - Aham

B: - ... para oferecer aos alunos. Esses dias ligou uma pessoa aqui como se eu conhecesse todo o projeto da bacia do rio Uberabinha. Nunca ouvi falar! Ai ela, ela, conversava comigo, eu falei para ela assim não adianta você ler essas questões. Eu nunca ouvi falar. E ela... aí eu disse para ela da minha posição, de estar no cargo há pouco tempo, ela falou assim não, mas esse projeto já existe com tudo. Eu disse moça... aí eu conversei com a **MARIA**, nunca chegou aqui. Então a pessoa partiu do pressuposto que nós sabíamos de alguma coisa, né?

L: - Não, eu entendo perfeitamente.

B: - Aham...

L: - Então vamos lá, só para a gente começar, assim. Queria que você se apresentasse um pouco, fala-se da sua experiência é... como diretora, como professora. Sua experiência em ambientes rurais.

B: - Especificamente rural?

L: - Pode ser tudo.

B: - Já está ligado?

L: - Já tá ligado.

B: - Ah, então tá. O meu nome é **BARU. BARU** [Nota da transcrição: Repetiu o nome, só que agora completo], né. Eu trabalho na zona rural a seis anos. Dentro da educação eu trabalho a quase 30 anos, né...

L: - Uma vida.

B: - É, uma vida, né? Uma vida mesmo, desde os meus 19 anos. E eu estou nesse ano me aposentando num cargo, né? A minha função, eu sou professora de língua portuguesa, de inglês, de redação. É.. Atuo no município a vinte e dois anos, numa escola periférica, que é..., numa escola periférica. E atuo nessa escola a seis anos. Também já trabalhei quinze anos

numa escola particular. Minha formação é letras, português/inglês, né. Sou graduada pela... pela Universidade Federal de Uberlândia. Fiz duas pós na minha área, em literatura e linguística, e fiz mestrado na área de linguística.

L: - Legal, então você já tem uma experiência grande.

B: - Grande! Eu acho que eu já trabalhei, com exceção dos pequeninhos, dos muito pequenos, os outros todos eu já trabalhei.

[nota de transcrição: interrupção da entrevista para pedir tesouras]

L: - E para você, o que é ser uma escola rural? Quais que são as principais características, é particularidades...

B: - Olha, é... vou te dizer em específico dessa escola rural. É uma escola que ainda mantém muito as características de zona rural, né. Porque os alunos aqui são, a maioria são moradores da região. É uma região, uma comunidade que preserva muito as tradições. Muitas crianças aqui os avós eram donos dos espaços, depois os pais, né, acho que até os bisavôs. Outras crianças, são crianças que são filhas de caseiros, então são pequenos espaços, que... que... o dono do espaço, do sítio, da chácara, contrata um funcionário e essas crianças vem né, junto com os pais e vem estudar aqui conosco. Há também, a pouco tempo, as crianças de assentamento que também tem dois aqui perto, e eles também vem estudar com a gente. Agora, esse grupo em si..., a gente tem também crianças de zona urbana, mas tem um grupo em específico... até foi o material da minha pesquisa de mestrado, né. Que tem muito as características da zona rural, né. Eles têm quanto a vocabulário, eles tem quanto a hábitos, eles tem quanto a algumas... é... como é que eu vou te dizer? É.. Comidas, então tem esses hábitos. Tanto é que, por exemplo, algumas festas que nós temos aqui, nossa é muito marcante para eles, né. Como a festa junina, que tem a cavalgada que a igreja..., que eles fazem aqui junto com o pessoal da igreja. Nesse... no espaço aqui, né. O espaço aqui é um espaço... eu diria assim bem cultural. Vamos dizer assim né.

L: - Legal.

B: - Então assim há uma..., hoje já tem muito... o outro, né, que vem além daqui. Mas as crianças tem ainda muito essa..., essa..., como é que eu vou te falar? Essa tradição. Isso, né.

L: - Interessante

B: - E eu assim, eu apaixonei por essa escola. Eu vim para cá fazer uma dobra, que é assim, eu tinha um cargo no município, aí eu vim para cá porque precisou de professor de português. Eu não conhecia. Me apaixonei. Não tinha passado pela minha cabeça trabalhar, ou não, na zona rural. Não, porque não passou. E aí eu vim, gosto, né. Eu vejo como uma

dificuldade, estou falando como professora de língua portuguesa, é... não sei se eu poderia chamar isso de isolamento. Mas assim, o fato como essas crianças vivem, na sua grande maioria, a interação social maior, ela se dá na escola. Porque o que acontecem com crianças que vivem, por exemplo, vamos pegar o bairro Morumbi. Elas estão... elas vão na feira, elas vão no açougue, elas vão na padaria, elas conversam com o vizinho, elas pegam um ônibus. O nosso aluno aqui, muitos não. Entendeu? Então a interação social, a ampliação de vocabulário, de conhecimento de mundo, ela é restrita. Por mais que falemos, eles têm celular, eles têm internet, mas só ter alguma coisa e não usar ela para. Não é, né, não é aquilo que melhorar aquilo que eu chamo de conhecimento de mundo. Então, por exemplo, uma vez que nós fomos ao Teatro teve que... Tsc, ao teatro, ao cinema. Teve criança que foi a **PRIMEIRA VEZ** [nota de transcrição: ênfase na voz] que ela foi ao cinema na vida. Difícil imaginar isso em Uberlândia, né? Mas é fato.

L: - Você é lá de Uberlândia mesmo?

B: - Eu sou. Eu sou Uberlandense. Sou uma rara, né?

L: - Legal, legal. É... E como você vê essa questão da ruralidade sendo trabalhada pela escola? Você acha que a escola trabalha esses pontos específicos ou geralmente, não sei como é que funciona aqui, se a secretaria municipal, o CEMEPE já manda o conteúdo...

B: - Não, nós temos uma base curricular comum. Eu sinto falta, vou te ser sincera, eu sinto falta... Eu já vi essa discussão muitas vezes no CEMEPE, de ter um grupo que pense as escolas rurais. Porque acaba que não tem um... algo específico da zona rural para ser trabalhado. E, na minha opinião, isso deveria ser trabalhado. Isso é cultural, isso é valorizar, né. Tanto é que, quando eu fiz meu trabalho de mestrado, além de procurar esse vocabulário próprio das crianças, eu trabalhei também porque esse vocabulário é importante. Que ele existe, que ele tem a sua função, e como ampliar esse vocabulário. Assim aí, mas voltando a questão, eu... eu vejo que há essa falta do trabalho com as escolas rurais. Vem algumas coisas. Vem. A secretaria, sempre que aparece, eles trazem. A gente já teve projeto de viola, as vezes tem algum seminário. Mas eu acho que isso deveria ser mais efetivado.

L: - Aham... Mas e em termos pedagógicos, assim, sei lá, conteudistas. O conteúdo é o mesmo da cidade?

B: - É o mesmo. Mas eu não discordo que tem que ser, porque o menino vai enfrentar é tudo. Mas eu acho que tem que ter um... uma parcela para isso, né. Nós, dentro da medida do possível, a gente trabalha. Mas você sabe que não é... é importante quando vem alguma coisa que já foi estudada, que já foi planejado, que já foi pensado, né. Nós aqui já fizemos algumas coisas sobre, pesquisa, e porque a escola tem esse nome de escola **Cerrado**. Porque

que é esse nome. Nós fizemos entrevistas com moradores. Nossa pedagoga, o doutorado dela... É uma pessoa interessante de você falar com ela, viu... O doutorado dela é em cima de alfabetização das escolas rurais.

L: - Olha que legal.

B: - Super bacana. O mestrado dela foi nessa área e o doutorado também. Muito bacana.

[nota de transcrição: interrupção da entrevista para entrega de documentos]

L: - Interessante.

B: - Aham. É bacana. O trabalho dela é muito bacana. Porque, você sabia ela defende, eu já li algumas coisas dela, é o esquecimento da zona rural. Porque Uberlândia... Uberlândia se instaurou e cresceu a partir da zona rural. Hoje se esquece, parece que Uberlândia é só aquilo e existem, se eu não me engano, são sete escolas rurais, escolas grandes, muitas...

L: - Treze.

B:- Ammm? Quantas?

L: - Treze.

B: - Treze, tá vendo? Já te falei errado.

[nota de transcrição: interrupção da entrevista por telefone e resolução de problemas referentes a falta de estudantes]

L: - Maravilha. E... Bom, então vocês trabalham pedagogicamente algumas coisas específicas e...

B: - Dentro do possível.

L: - ... para incorporar isso...

B: - E sempre que vem, nós somos abertos a vir. Igual teve o trabalho da... da... sobre a moda de viola. Os meninos amaram. Foi muito bacana, acho que é “viola de nós”, que chama o trabalho. Eles vi... Porque não foi só vir aqui apresentar a viola, eles fizeram oficina com os meninos, é... apresentaram as músicas é... sertanejo de raiz, acho que fala assim.

L:- Aham

B: - E os meninos depois produziram. Teve um momento que as crianças daqui foram para o Sabiázinho, de toda zona rural. Então há os projetos que chegam. Bacana.

L:- Aham

B: - Mas eu acho que precisa de mais coisa.

L: - Legal. É... Mudando agora da Zona rural para a educação ambiental, o que que é para você educação ambiental. E como você acha que isso é trabalhado aqui na escola. Como você vê isso ser trabalhado? Eu sei que você está a pouco tempo...

B: - Não...

L: - Mas...

B: - Bom, para mim, o conceito de educação ambiental. Vou dizer o meu conceito, né?

L: - Perfeito. É isso que eu estou atrás.

B: - Bom, para mim o conceito de ambiental é cuidar do ambiente. Mas quando eu penso o ambiente, é tudo. Eu estou no ambiente. Né? Então sou eu, o que está em volta de mim, as pessoas que tão em volta de mim. É todo esse espaço. Né, é tudo isso. É cuidar disso. Porque a gente pensa assim, ah é pouca coisa, é... falar assim para o menino jogar lixo no lixo. Mas não é pouca coisa. Porque por mais que isso seja dito, isso é esquecido. Então assim, é... é... eu vejo como esse trabalho de conscientização mesmo. E ação. Porque, às vezes, todo mundo sabe repetir algumas coisas desse... vamos dizer assim, nesse cuidado com o ambiente, nesse cuidado com o mundo. Isso já virou quase que um chavão. Mas e a execução disso? Então a gente tenta, na medida do possível, aqui na escola, fazer de tudo com... com esse trabalho. Por exemplo, hoje enquanto você estava me esperando que eu fui de sala em sala, eu falei de tudo e falei do cuidado que eles vão ter no momento que eles vão estar ali, né... nesse momento festivo que eles vão ter, de o lixo jogado no lixo, de não bagunçar, de não estragar os espaços. Sabe, esse trabalho assim de... do cuidado, né.

[nota de transcrição: interrupção da entrevista para entrega de documentos]

L: - Interessante. Então é uma coisa, né... presente e...

B: - É. E aí a gente tenta conscientizar as pessoas. A gente, por exemplo, assim... aqui... como já foi feito... porque é muito feito esse trabalho, dentro da escola. Aqui. Há professores que, até pela formação deles, se preocupam um pouco mais, como os professores da área de educação física, da área de ciências, né? Então vários projetos já foram feitos. E, às vezes, a gente surte... vê surtir efeito. Por exemplo, tem crianças, às vezes, que novinha vê, por exemplo, o desperdício da água. As vezes uma menina está limpando, lavando ali, e a mangueira está ligada e a água está só jogando fora. Eles vêm aqui e contam para a gente. Então eles acabam sendo também nossos... né, nossos... as pessoas que vão nos ajudar aqui a cuidar.

L: - Ó, que legal. É legal olhar essa...

B: - É... É... Então a gente tem, assim, muita vontade de fazer muita coisa, até pelo espaço. Né. Pela preservação. Eu costumo falar muito para os meninos, que a gente aqui. Eu não sei se você já foi em escola urbana. Você vê o privilégio de estar aqui, porque é um ambiente limpo... né, o ar é limpo, é... essa disposição das salas, você está vendo que o barulho é, daqui a pouquinho ele começa a ser assim, esse barulho é distribuído. Você vai em

uma escola urbana o barulho ele é... o barulho é intermitente. Então eu falo, e ressalto para eles, porque eles vivem quase que só aqui, a importância disso, desse ruído que nós não temos. Tão desgastante no ouvido, né... Então é... eu penso que tudo isso é ação, para o ambiente, pelo ambiente, no ambiente, né.

L: - Legal, Legal. Vocês têm planos assim... agora assim... gestão. Só por curiosidade, o que que você... você tem algum plano sobre projeto de educação rural, ou projeto de educação ambiental...

B: - Eu tenho um projeto interno. Né, nós estamos com um projeto interno junto a monitores, e ele vai ser ampliado junto aos demais professores, sobre o cuidado desse espaço. E a gente pretende autorizar, então a gente tem... assim, um projeto que está se estruturando, né. No sentido de... de... de cuidar desse ambiente. Cuidar e como nós podemos melhorar ele. E tudo, não é só o ambiente árvore, planta, jardinagem. Também. Mas também o cuidado com a sala, o cuidado com o colega...

L: - Legal. O meio ambiente como um todo mesmo.

B: - O meio ambiente como um todo.

L: - Legal, Legal. Deixa eu perguntar: Nesse tempo que você está aí, já imersa nesse processo educativo aí, com experiência na zona rural e também agora na direção, é...

B: - Uhum, uhum.

L: - Como você acha que... Nesses últimos dez anos... desde 2000 para cá, 17 anos. Como tem mudado essa questão da zona rural e da educação ambiental, aqui no município para você.

B: - Para mim seria difícil afirmar, porque o que eu tenho percebido, é que essa... essa ênfase, que é tão necessária, com o cuidado com o meio ambiente, ela já está na cabecinha das crianças. Entendeu? Dos jovens... É que... na minha opinião, é que isso tem que ser fortificado. Porque eu... eu... eu comparo com a minha existência: essas coisas não eram ditas, não eram faladas, a gente não se preocupava, parecia que estava tudo aí ao nosso dispor. Na época. Eu sou bem mais velha que você, né. Não parece...

L: - Nem tanto. Não parece.

B: - Muito, muito. E aí, é... então assim, na minha época não era assim. Então, por exemplo, eu lembro minha mãe punha o lixo numa lata, lev... é... é... Tinha um outro tipo de cuidado, porque não usava saquinho, não tinha sacolinha. Na feira minha mãe comprava as coisas, punha tudo era na sacola. Eu falo para as minhas filhas isso né, porque hoje a gente parece que tem que ter sacolinha né, pra por tudo. Uma série de coisas...

L: - Tem algumas coisas que eu não acreditei não. Eu passei no supermercado outro dia e eles pegaram mexerica, abriram a mexerica e colocaram numa bandejinha...

B: - De isopor...

L: - ... de isopor. Eu falei o que é isso...

B: - Tem demais. É...

L: - Mas para que isso?

B: - A gente está vendo assim, um certo comodismo, que leva a um consumismo e a um conformismo. É muito sério. Pensa no tanto que é gostoso você cascar [sic] uma mexerica. E é tudo, porque assim, hoje as pessoas querem comprar a abobrinha picada, o milho verde picado, a couve. Aí o que que eles põem? A bandejinha. Bandejinha e bandejinha, então é mais e mais coisa.

[nota de transcrição: interrupção da entrevista para compra de queijo e acertos do lanche. Fazer matrícula de uma nova aluna]

B: - É as coisas que acontecem né? Igual você falando das dificuldades da zona rural, por exemplo, igual aqui nós trabalhamos com todas... assim, para você é... é... Acho que, não sei se você já foi professor algum dia.

L: - Não, não. Pretendo ser, mas está difícil.

B: - Então o que acontece, nós temos aqui dos quatro, cinco anos até o nono ano. Nós temos três realidades diferentes. Isso pedagogicamente, administrar, e outras coisas, é muito complexo. E aí, por exemplo, os pequeninhos, simplesmente colocaram eles aqui. Né, então assim, tudo que adequou aqui foi a gente que foi adequando. Tem 3 meses que nós ganhamos esse parquinho. Porque a criança pequena precisa de uma série de coisas. Começa da sala, do ambiente, né. De uma série de coisas. Então assim aí..., é uma professora. Na cidade são dois, porque vai lá trabalhar com os pequeninhos cinco horários para você ver. É uma loucura. Porque maior, você traz atividade. Você consegue concentrar eles. E pequeno é energia. É um monte de outras coisas. E aí eles querem, é banheiro, eles não tem entende que não vai, é água. E essa escola desse tamanho. Então assim a gente enfrenta muita dificuldade com isso. E aí tem uma questão: chegou criança da zona rural ela tem o direito de ficar aqui. E é longe. É direito. Mas o professor também, né? Precisa dos auxílios dele para fazer um bom trabalho.

L: - Com certeza.

B: - Pois é Leonardo aí. E é isso que eu estava te falando. Eu... eu... vejo essa questão de... de... está sendo instaurada essa ideia, mas as vezes eu acho que a ação dela está, ainda está um pouco sem eficiência. Que as pessoas... as pessoas... Eu acho que algumas coisas mudaram mas eu acho que as pessoas ainda elas vão... Quando eu falo assim é uma maneira

geral. O pessoal vai precisar né... Ela não preocupa com a própria questão. Eu vou dizer por mim, porque quando a coisa aperta eu vou lá no mercado e compro tudo lavado. Né mas, e se não tivesse? Será como eu seria? Não teria esse recurso né?

L: - É. Muito Obrigado, mas eu acho que, basicamente, é isso que eu queria saber. E daí eu pretendo pegar isso aí, agora depois do carnaval já digitar tudo e depois voltar para vocês...

B: - A gente. Você liga, você tem meu contato. E a gente vai agendando.

L: - Perfeito.

[nota de transcrição: conversa agendando entrevista com a ex-diretora, depois desliga o gravador]

FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice D - Transcrição da entrevista com Diretora Buriti (da E.M. Cerrado Rupestre)

Entrevista realizada em 03 de Março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

B: BURITI

L: - Deixa eu ligar o celular aqui porque, vira e mexe dá pau no gravador e daí é mais fácil ter dois.

B: - Tranquilo. Com o MURICI e a MANGABA?

L: - Foi perfeito, peguei bastante coisa.

B: - Então tá.

L: - Então só para explicar... Não sei se você lembra, quer um resumo rápido?

B: - Uhum... Não, está tranquilo.

L: - Então Beleza! Então... Eu queria só que você se apresentasse rapidamente, falasse um pouco de onde você é. Essas coisas básicas só para...

B: - Tá. Meu nome é BURITI, eu sou formada em história e fiz pós-graduação em supervisão escolar. Atuou nessa escola tem seis anos como supervisora, mas sempre atendendo os alunos menores, do primeiro ao quinto, do fundamental I e atualmente eu estou na função de diretora escolar, atendendo a escola como um todo. Nossa escola hoje tem quase 500... tem mais ou menos 502 alunos. Funciona só no turno da manhã. Atendemos os alunos do distrito de [Nota da transcrição: distrito omitido para manter anonimato] e das fazendas ao redor, de [Nota da transcrição: cidade omitida para manter anonimato] e de [Nota da transcrição: cidade omitida para manter anonimato]. E dois assentamentos...

L: - Legal.

B: - ... que isso é importante.

L: - Uma pergunta: Que até... como eu trabalho em escolas rurais escolas...

B: - urbanas?

L: -... e educação ambiental. Você como diretora... Como eu falei, meu trabalho não é pegar a teoria e tentar encaixar na prática. É ver como é o conceito que está sendo aplicado pelos agentes...

B: - Sim.

L: - Então para você, como diretora, o que é ser uma escola rural para você? O que que é? Vantagens, Desvantagens, Particularidades.

B: - Então, existe um projeto do governo federal que é escola no campo. Essa exclusivamente tem diferenciais. Eu... Eu percebo. É essas escolas que realmente são afastadas dos núcleos urbanos, que não tem acesso à uma infraestrutura básica que os distritos têm. Hoje eu acho que a única escola que estava como escola do campo é a escola Campo Sujo, que fica na saída para o [Nota da transcrição: cidade omitida para manter anonimato]. A nossa escola ela tem... eu sou... eu trabalhei como professora na zona urbana e eu não percebo diferenciações nem na estrutura física, nem tão grande..., nem no público que a gente atende. É o que difere assim? As vezes o contato dos nossos alunos é maior com o campo. Essa questão do plantar, de estar mais próximo com a natureza, com certeza isso é maior. Mas em relação ao comportamento eu não vejo tanta diferença. É... O que é legal da escola rural é que já existem projetos externos que as vezes chegam para a escola, justamente para a gente tentar trabalhar o campo.

L: - É e vi uma placa...

B: -... Então nós temos a Syngenta que faz parceria com a gente. É, nós temos um projeto “Sanitarista Mirim”, o qual incentiva as crianças a ter contato com o campo. Eles têm informações sanitárias, que são extremamente importantes, e as crianças são as multiplicadoras disso em casa. Então a gente percebe esses projetos externos, tentando atuar para que o campo se aproxime mais das nossas crianças. Porque assim... Crianças que sã... moram no distrito de [Nota da transcrição: distrito omitido para manter anonimato], muitas delas, às vezes, não em acesso a fazenda, mesmo morando numa zona rural, vamos dizer assim.

L: - Sim.

B: - Então, eu... eu... comportamental eu não vejo tanta diferença. Em relação as propostas da escola... A proposta da escola, eu vejo mais influência desses projetos externos aqui do que propriamente da escola. Nesse ano, assim.... Houve essa tentativa de pensar a questão ambiental como um todo, é... o que as vezes... eu não sei... eu não sei como te dizer, assim... como eu te falei antes. Isso as vezes não era pensando o ano todo, o ano todo, as questões ambientais. Mas muito mais assim, é... em datas comemorativas, as vezes no mês do meio ambiente...

L: - Dia da água...

B: - Isso. E a nossa proposta não é essa. Para esse ano a proposta é trazer as questões ambientais, a questão da preservação, do espa... do cuidado do espaço onde você vive, o ano

todo. Que isso vire rotina no dia-a-dia das crianças. Mas não necessariamente isso precisaria ser implantando em uma escola rural, podia ser implantado em qualquer escola. Então não precisa, não teria uma diferenciação também. Então eu acho que é mais ou menos isso.

L: - Entendi. E para você, o que que é Educação Ambiental. Então, assim, eu sei que é uma pergunta difícil, mas...

B: - É...

L: - Mas... até para gente mesmo, porque existem vários conceitos...

B: - Então para mim, pensar no ambiente é pensar no espaço em que eu vivo. Então assim, eu penso muito mais no formato micro, vamos dizer assim. As vezes na minha casa, no espaço da escola... O cuidado no ambiente em que eu vivo, menor, para que isso seja propagado num todo. Numa questão ambiental muito maior. É... Mas quando eu penso em educação ambiental é eu tentar transmitir para as crianças alguns critérios para preservar esse ambiente onde a gente vive...

L: - Legal.

B: - Eu penso por esse caminho. E, e as... quando a gente pensa em educação ambiental, principal... Até dentro da escola isso acontece, a gente acaba restringindo a educação ambiental só para um professor de ciências, ou as vezes um professor de geografia. Então a gente precisa as vezes mudar um pouco isso e entender que a educação ambiental pode ser... interdisciplinar, vamos dizer assim. O professor de história pode trabalhar isso, quando a gente pensa no ambiente onde, onde... esse aluno vive, né. Mas isso assim, é na minha concepção, quando a gente pensa no ambiente como o espaço onde a gente está.

L: - Ok. É... O Meu o objetivo aqui é realmente ver a concepção de vocês, ver como é que isso pode ser aplicado. Ver como está sendo aplicado...

B: - Uhum...

L: - Então a ideia é justamente isso. A gente... Eu sei que eu peguei um momento meio de transição né, porque vocês estão todas começando todas agora né, como diretora. As diretoras, acho que 99% mudou né?

B: - É mudaram 80% da rede. Algumas das an... das escolas rurais permaneceram, como a CAJUZINHO do Cerradão, mas foi minoria, acho que duas ou três da zona rural. O restante todas modificaram.

L: - Então assim, eu sei que é um... um momento de transição. Mas eu queria ver esses conceitos para você, né, você como uma diretora de escola rural, e da educação ambiental. Do que você pensa dessa educação ambiental como diretora.

B: - É para a gente pensar... Independente da minha função, é necessário que as crianças pensem no espaço em que elas vivem e preservem esse espaço. No caso da zona rural, fica parecendo que a gente tem um compromisso até maior, porque eles estão voltados para um campo, que precisa ser cuidado, que a gente está destruindo constantemente, e que as vezes esse olhar da criança do campo deveria ser até mais abrangente do que eles têm hoje. Então eu acho que o primeiro passo, na verdade, é a gente levar essa noção de ambiente, de espaço para eles e de preservação desse espaço. E eles serem os multiplicadores disso nesse espaço rural e no espaço urbano que eles convivem normalmente.

L: - Legal.

B: - Para esse ano a nossa proposta é essa, na verdade. É... esse cuidado com esse espaço. Amplo, não restrito ao espaço da casa ou da escola. E agora tentando disseminar isso para o espaço de fazenda que eles moram. Então é..., como eu te falei, tem algumas fazendas que tem nascentes de rios. Então será que esses alunos têm esse entendimento, que é importante preservar esse espaço...

L: - Ou porque preservar?

B: - Isso. Aí a gente tem um papel fundamental, porque eles estão vivendo isso. E na educação isso faz diferença, porque eles estão presentes naquilo que eles estão estudando ou aprendendo é... então para esse ano a gente quer orientar as crianças nesse sentido. É, esses projetos externos que tinham, já pensavam um pouco disso, é... essa questão da preservação, principalmente das nascentes, ao redor aqui... a própria questão da utilização de produtos no plantio, principalmente agrotóxicos...

L: - ... defensivos

B: - Defensivos... isso já era, já é trabalhado à uns dois anos aqui dentro da escola, mas por conta desses projetos externos, principalmente da Syngenta.

L: - Aham...

B: - E... Mas porque trabalhar isso com eles, na zona rural? Porque eles estão em contato direto com isso. Posso te dizer que não é a maioria que está em contato, mas eu tenho números significativos de que... moram nas fazendas, que ainda tem um contato com o campo muito direto...

L: - E geralmente esses projetos externos da Syngenta é compensação ambiental, né? Que eles...

B: - Compensação. Exatamente. Sim, exatamente.

L: - Mas é interessante ter isso aqui. Esse vínculo. Que nem todos... tem escolas por exemplo... eu acho que... Minha opinião agora, só aproveitando o diálogo né? Não tem

muito esse diálogo entre a escola com o arredor, que nem a própria escola Cerrado, estão construindo uma ETA lá... uma estação de tratamento de água e esgoto...

B: - Aham...

L: - ... Do lado da escola e, eu até conversei com o professor da escola, e eles não foram lá na escola. Por exemplo, explicar o que que é isso para os alunos E levar para ver o que é uma ETA, o que é a obra de uma ETA.

B: - Entendi. Mesmo eles estando distantes da gente aqui, as vezes é... os nossos alunos do quinto ano, todos os anos, a pelo menos uns seis anos participam do ciência viva.

L: - É eu estou vendo vários troféus aqui [nota da transcrição: tinha uma estante com troféus na sala da diretora]

B: - É já tem uns seis anos que a gente participa e sempre é relacionado a questão ambiental. É um deles inclusive foi falando de uma estação de tratamento, uma dessas premiações, e eles visitaram a estação do bom jardim. E assim é um contato, a nossa proposta é que comece desde pequeno, para que eles tenham essa noção para o ensino fundamental 2. Isso é muito trabalhado do primeiro ao quinto ano. No quinto tem a culminância por conta da feira. É, já falamos de defensivos também, da... do cuidado que tem que ter com esses defensivos, na utilização deles, e na própria preservação das nascentes, também já foi abordado. Isso é uma constante na escola. Mas é muito pontual.

L: - Projetos pontuais.

B: - Até então projetos pontuais. [Nota da transcrição: falamos ao mesmo tempo]

B: - Exatamente.

L: - Eu acho que... com certeza. É por que assim, a gente quando pensa em educação ambiental, é muito recente, né? A lei de educação ambiental é de 99, então até implementar, etc. É um processo. E até querendo aproveitar, já emendar uma pergunta aqui: Sei que você está a pouco tempo na direção, mas acho que você tem uma vivência boa aqui na escola: Então como é que você vê, ao longo desses últimos 10, 15 anos, aí...

B: - Em relação ao próprio ensino disso?

L: - Em relação assim, ao conceito de educação ambiental, como isso vem evoluindo nas escolas, e depois a sua experiência pessoal, sem nenhuma escola específica, pode ser aqui também. Assim, o que que foi mudando ao longo do tempo. E também sobre a questão de ser uma escola de zona rural. Se mudou, não mudou.

B: - Então, nesses seis anos de escola rural, eu percebo uma constan... uma constante mesmo, porque nunca deixou de se abordar esse tema, nesses anos que eu estou aqui. De forma pontual, nunca deixou de abordar. Mas é, quando eu penso na questão ambiental, isso

chegando na escola, eu percebo que é muito mais uma questão externa de aproximação da escola do que uma própria questão das próprias escolas no geral. E as vezes, até dos próprios formadores, que são esses professores. Alguns, as vezes por falta de formação específica, ou ficaram ou não estudaram um determinado tempo, é não tiveram acesso a pesquisas em relação a isso, até a importância disso, e são tão tradicionais na forma de trabalhar e que não pensa essa questão. Acontece.

L: - Mas se a gente for pensar, então educação ambiental como disciplina...

B: - Uhum

L: - ... nos anos 90 não existia essa disciplina.

B: - Então, e quem está em sala de aula? Muitos que se formaram lá em 80, na década de 80, as vezes na década de 90, as vezes antes da legalidade disso. Então aí o que a gente vê? A gente vê muita propaganda, é... algumas ONGs e instituições que trabalham a questão ambiental é... as vezes não específico a educação ambiental para o ambiente escolar, mas o cuidado com essa, com a preservação do ambiente fora. Isso quando aparece na mídia, ou aparece para gente em outro espaço, internet, televisão e tudo, chega para a escola de alguma forma e os profissionais se vem obrigados a trabalhar por conta disso, por que é algo que está ali próximo das crian... dos alunos e tudo. É nesses seis anos, na nossa escola, eu não falo nem avanço, eu... eu... percebi uma constante mesmo.

L: - Não, mas é uma coisa importante.

B: - Se mantém, se mantém. Nos outros espaços que eu trabalhei, muito difícil. Não... não percebi grandes mudanças não. Falo hoje dos profissionais porque eu sei dessas formações, assim como eu professora de história não discuto muitas questões porque eu não fui habilitada para isso, eu não tenho formação específica para isso. É... mas esses projetos, os projetos externos, ou o que essas ONGs apresentam como uma possibilidade, para gente é muito viável, se aproxima muito mais. É, quando a gente fala, por exemplo, desses projetos externos, para algumas pessoas fica parecendo que é só uma questão financeira. Porque existe isso também. Os projetos têm que ser implantados e eles recebem para ser implantados dentro da escola. Mas pensando em valor e em avanço isso foi um avanço para a educação ambiental, porque eram temas que as vezes nem eram discutidos e que... Eu estou aqui desde 2010... De 2010 para cá, começam a ser discutidos. Por projetos financiados ou não. A gente tem uma vantagem aqui, especificamente, que são os próprios professores que sempre ficaram antenados nisso. Você conversou com eles, eles estão antenados.

L: - Eles são, nó...

B: - Eles são atenados nisso, eles têm essa necessidade, eles tem essa preocupação. Então para gente, a partir do momento que o servidor está disponível e vê isso como importante para escola, vai ser trabalhado nesse espaço. Do contrário não vai. E... então o avanço eu vejo muito mais fora da escola do que dentro dela, e... assim, com exceção, assim desses dois temas, aqui dentro da escola é uma temática sempre abordada, mas nos outros espaços que eu trabalho, e trabalhei, eu não percebi tanto avanço assim na questão ambiental. A própria separação de resíduos sólidos, assim, o tanto que isso é discutido na mídia e o tanto de gente que ganha dinheiro com isso, ou vive só disso, e algumas escolas nem discutem isso. E está presente há tanto... faz quanto tempo? Se está na mídia poderia ter discutido ou estar sendo discutido e ainda não é.

L: - Eu acho legal o projeto de vocês, eu ainda não li, só passei o olho né, mas quero ler e se vocês puderem me enviar por email...

B: - É eu vou te enviar.

L: - Eu achei muito legal.

B: - Então é isso... Existem algumas escolas que a própria prefeitura tentou implantar, como uma proposta. Ela até implantou, no município né, a coleta seletiva em alguns bairros...

L: - É.

B: - ... E isso tentou se passar para a escola, o que deveria ter sido um processo inverso. Deveria ter ensinado primeiro na escola, ter colocado isso como uma cultura mesmo das crianças, que elas mesmo já iriam fazer isso em casa. Não ia precisar de ninguém separar...

L: - Eu acho que de vez em quando, até... eu acho importante aliar esses dois.

B: - Exatamente

L: - Você tem a coleta, mas o pessoal não usa...

[nota da transcrição: interrupção da entrevista por um aluno]

L: - É você agora precisa...

B: - Sim, sim. Se não tiver problema.

L: - Não eu acho que já peguei tudo o que eu preciso.

[nota da transcrição: assuntos aleatórios e despedida]

FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice E - Transcrição da entrevista com Diretora Cajuzinho (da E.M. Cerradão)

Entrevista realizada em 06 de Março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

C: CAJUZINHO

C: - Você quer encostar a porta para amenizar um pouquinho ? [nota da transcrição: referente ao barulho externo de um lavador pressurizado da equipe de limpeza]

L: - Uai, não sei. Será que o pessoal não vai precisar.

C: - Não, pode encostar sim.

L: - Então vou encostar sim.

C: - É eu acho que ameniza porque o pessoal está lavando.

L: - Mas é tranquilo, o microfone ajuda bastante nesse ponto. Ele deixa mais fácil. Então, bom dia CAJUZINHO. Então, para quebrar o gelo, eu queria que você apresentasse. Fala-se da sua formação, da sua experiência aqui. Como é que você está nessa área.

C: - Ok. Meu nome é CAJUZINHO, né... Eu sou formada em pedagogia pela UFU, é... estou na escola a 22 anos, na direção a oito anos.

L: - Novinha, hein? (risos)

C: - (risos) Pois é. E assim, na... aqui é uma escola muito tranquila, né... nós temos poucos alunos. Atendemos o fundamental do 1º ao 9º ano. Somente no período da manhã e a tarde com o projeto do AEE e vamos iniciar, reiniciar, que nós já tivemos, é... o mais educação. Né... Então um projeto no contraturno também com os meninos. Ok?

L: - Beleza. E... Você mora lá em Uberlândia, você é daqui de Uberlândia mesmo?

C: - Não, eu sou de [Nota da transcrição: cidade omitida para manter anonimato], né, mas já tem 30 anos que eu estou em Uberlândia.

L: - Uberlandese. De carteirinha.

C: - É Uberlandense.

L: - E a primeira pergunta que eu queria saber é: o que é ser uma escola rural para você. Como você vê essa situação. Vantagens, desvantagens. Particularidades.

C: - É assim, a vantagem da tranquilidade, né. Nossos alunos são mais tranquilos, é um número menor de alunos em cada sala né, com relação a zona urbana. É... As nossas dificuldades aqui, a primeira é com o transporte, então assim é... principalmente em época de chuva. Acabou de chegar uma Van, porque estava atolada, então o aluno acaba sendo

prejudicado, de alguma forma, de certa forma, com relação ao transporte. É... Há muitas quebradas de Van né, devido as estradas de terra. Há muitas estradas de terra. Todos os alunos moram nas fazendas, então assim, tem alguns locais que são difíceis de acesso.

L: - Isso é interessante. Eu fui em muitas escolas rurais, mas que na verdade são escolas distritais, periféricas, mas urbanas.

C: - Aqui é rural, rural mesmo, né? No meio do nada tem uma escola.

L: - É. Não, mas eu acho legal isso.

C: - Então assim, é uma escola comum. Como as demais. Em termos, assim, de conteúdo, a gente procura desenvolver um bom trabalho. Preocupamos com a qualidade da educação. Não é porque é zona rural que é coitadinho. Não, a educação é de forma única, né. Então a gente tem o planejamento, tem os nossos objetivos, as nossas metas a cumprir com nossos alunos. Então assim, eu achei até interessante o depoimento de uma mãe que o filho saiu daqui no meio do ano passado e ele chegou lá [nota de transcrição: Uberlândia] , nós estávamos adiantados. Ele ficou lá revendo toda a matéria, aquilo lá. Por um lado a gente sabe que está caminhando né ta... ta...

L: - Isso é ótimo.

C: - ... caminhando. Né? Nossos funcionários todos moram na zona urbana né..., todos em Uberlândia. Não tem nenhum morador aqui, né... Só... Aqui é só os alunos mesmo. Então é, dos pequeninhos até o 9 ano, né. Do primeiro ao nono ano, num único turno, de manhã. Né, uma realidade diferente. A gente tem aluno aqui que é pego quinze para as cinco da manhã. Né, tem que acordar de madrugada, né. As vezes chega um pouquinho sonolento né, mas logo desperta né. Já tem um leitinho na entrada, com bolachas ou bolo, né, que é fornecido antes de ir para a sala. Eles passam ali na cantina e já tomam, vão para sala, e já começam...

L: - O batidão.

C: - O batidão. É... A... outra desvantagem que a gente percebe, principalmente aqui, na nossa escola é a questão da rotatividade de alunos. É um entra e sai de alunos constante. Devido ao um setor granjeiro... é... a gente tem muitas granjas aqui, no entorno da escola...

L: - É, eu vi umas 3 ou 4 plaquinhas só no caminho.

C: - Isso. Eeeee... então está tendo muito... muita rotatividade. Sempre houve. Agora com essa crise, muitas demissões, né, e aí a entra menino, sai menino, o ano inteiro. Isso prejudica um pouco o... o andamento da..., com relação a qualidade da educação.

L: - É... é difícil também...

C: - Daí você pega o menino, né... igual chegou pra nós essa semana né, principalmente do nordeste. A gente tem recebido bastante, Bahia, Ceará, né. Região do nordeste a gente tem recebido bastante aluno. Daí a mãe vem: Tem um pouquinho de paciência com minha filha, porque lá ela não aprendeu o que aprende aqui. Então assim, a gente percebe a dificuldade do aluno, né. Aí a gente tem os projetinhos de reforço né. Ai entra eventual ajudando, biblioteca, laboratório de informática... A gente faz uma força tarefa aí, para chegar esse aluno mas...

L: - Olha que legal, então já tem...

C: - ... mais ou menos ao nível de...

L: - ... um projetinho aqui na escola para isso.

C: - É, a gente sempre teve. Um projeto para esses alunos que tem uma certa dificuldade, uma maior dificuldade em relação aos conteúdos. Essa questão da rotatividade prejudica bastante. É... Prejudica bastante, porque a gente teve casos aqui do aluno sair [NT: da escola] hoje, daqui a quinze dias eles volta, daqui a um mês ele sai de novo, o mesmo aluno, e de repente passa dois meses o aluno volta. Por transferências de granjas né... as vezes tem uma granja nessa área e vai para outro lado, então assim...

L: - Eu trabalhei como biólogo, com licenciamento né. Então granja e uma loucura, de vez em quando, da... ou eles acaba o lote, ou da vírus, eles fecham a granja inteira...

C: - Isso. A rotatividade para nós é um sério problema. Agora a quantidade de alunos em sala, a gente tem poucos alunos. Nossa turma maior tem aí 22 alunos.

L: - Nossa, que é isso. Paraíso.

C: - É muuuito tranquilo. Paraíso. Eu falo que aqui é o paraíso. Um pedacinho do céu. No entanto, tem 22 anos que eu estou aqui na escola (risos) né, então é uma escola assim, bem tranquila. Os meninos, né, bem tranquilos. Respeitam. A gente tem 80% dos nossos alunos são de assentamentos. São alunos bem carentes, a gente tem um ou outro, que tem uma condição social melhorzinha. Assim, a minoria. Né, tipo assim, uns 5%. O restante é tudo carente mesmo.

L: - É uma realidade que a gente desconhece né.

C: - Outra dificuldade que a gente sente aqui na zona rural é o acompanhamento da família na escola, então quando a gente faz reuniões não tem como os pais virem. Essa mãe que eu estava atendendo agora pouco, é porque ela não compareceu na reunião de pais que nós fizemos. Devido ao trabalho, as vezes o patrão não libera né, é... outras precisam tirar leite de manhã, e a escola só funciona de manhã...

L: - É...

C: - Então fica... fica complicado. Então assim, no geral os pais tem comparecido. Nem que seja assim, picado, eles vem, procuram saber, nosso veículo de comunicação é bilhete, porque aqui é isolado com telefone.

L: - É, eu estou vendo aqui, o sinal não pega.

C: - Não, não tem sinal. Orelhão funciona quando deus quer. Você deu sorte de falar aquele dia.

L: - Não. Nem fala tem escola que até hoje não consegui contato. A Campo rupestre, [nota da transcrição: repito o nome, falo errado as duas vezes]...

C: - Campo rupestre [nota da transcrição: corrige o nome]

L: - ...por exemplo... não consigo. O leandro também. Mas o Campo Sujo está meio difícil né, eu tava vendo no grupo do facebook de professores que a escola tá quase impossível de chegar, até os ônibus estão...

C: - É, então assim, o acesso é difícil. Embora a gente que tenha 9 km de terra. Né. Você percebeu né, não é uma estrada assim...

L: - Não, é...

C: - É relativamente boa, né, mas a época de chuva né, muita poça d'água.

L: - Aqui quando chove forte deve ficar complicado. O pessoal deve dar uma penada...

K: - Então esse acesso a família na escola é complicado, por serem carentes, a maioria não tem veículo, não tem transporte. O transporte é para o aluno, as vans são postas para o aluno. Então muitos pais dependem de uma carona, ou de o patrão trazer. Fica complicado, as vezes eles se juntam, as vezes um tem um carrinho, pega o outro, o outro pega o outro, e vem um grupinho e aí a gente... né enfim. Então é assim nossa rotina né.

L: - Então é legal, eu gosto muito. Eu sou, de formação, o oposto né. Eu nasci e cresci em São Paulo capital na maior parte do tempo. E depois eu fui fazer biologia, eu fui para outra realidade. Assim, morei no interior de Pernambuco, morei no norte, daí você vê as duas... Mas eu gosto muito dessa questão mais rural mesmo. Bom, agora, mudando um pouco o tema, mas continuando. E educação ambiental. O que que é educação ambiental para você?

C: - É...

L: - Eu sei que é uma pergunta difícil mas...

C: - É uma pergunta assim... complicada nos dias atuais, né. Porque assim, educação ambiental é muito amplo né? Não é só, é... trabalhar lá no dia 6 de Junho, o dia do meio ambiente, e pronto...

L: - Não.

C: - (risos) Não é só isso... A gente tem essa conscientização né, do que é o meio ambiente, né. Do que é o meio ambiente. O meio ambiente, né, ele é a nossa vida. Não deixa de ser. Nós precisamos de... do ar, da terra, do sol... de tudo. Então, assim, por ser vital, a gente percebe grandes problemas, né, hoje em dia. Infelizmente causados por nós mesmos né. Infelizmente essa questão ambiental aí é uma polêmica no mundo inteiro, né.

L: - Nem fala.

C: - Mas assim, a visão que a gente tem, assim, enquanto professor, né, é passar um pouquinho, né, dessa conscientização para os nossos alunos. Porque assim a gente tenta um mínimo passar, embora a gente... aqui a gente não pratica muito, a gente, os professores fazem né um trabalho, com os meninos, desde o primeiro ano, né, mais principalmente na área de ciências, geografia, né. Mais...

L: - Mais afinidade

K: ... interligado. As matérias afins. Com... e vai trabalhando essa conscientização com eles, então assim, eles já chegam na escola com outra visão. Com relação aos assentamentos, vários desmatamentos por conta desse assentamento, né, então, assim né, aquela coisa assim, meio que você vive em uma realidade rural, onde eles... eles praticam ações nocivas ao meio ambiente, né, agrotóxicos, tudo né... tem uma fazenda gigante aqui, que tem lavoura, soja né. Então eles lidam com isso o tempo todo, aí não usam os equipamentos do agrotóxico, batem veneno de qualquer jeito né, então assim...

L: - É assim é uma das coisas que é mais...

C: - ... É uma coisa que assim, é muito difícil, a gente tenta com a teoria incutir aquela responsabi..., mas, Ah não tia, mas meu pai faz isso a muitos anos. Né. Tipo lavar o recipiente que vem o agrotóxico no rio e reutilizar aquela vasilha. Então isso é comum para os nossos alunos aqui.

L: - Exato. Eu sei...

C: - Infelizmente, não tem aquela noção do perigo que causa. Nós tivemos um projeto sanitaria mirim aqui a alguns anos atrás, nós fizemos três anos consecutivos, isso foi muito bom, sabe, muito bom mesmo. O pessoal do IMA veio, e deu palestras para os meninos, a gente foi em algumas fazendas, né. Com relação a agrotóxico... o uso do agrotóxico, quando deve ser usado, trouxe o equipamento, né. Nós fomos em três fazendas, né, uma no acampamento, e duas fora do acampamento, nessa fazenda grande, que é tudo industrializado e tal, mas né. Eles ainda não tem aquela consciência, né...

L: - Continuam...

C: - Por mais que a gente tente incutir na cabecinha deles, a pratica que eles vivem em casa é diferente. É muito complicado.

L: - Não. Esse que você tocou, por exemplo, é um dos pontos que eu acho mais importantes de ser tratado. Justamente essa junção. Porque muitas vezes a gente vê a educação ambiental, só dando uma palhinha aqui do... da minha visão né, apesar de que... que a educação ambiental é só essa questão de consciência, ambiente... E não é tudo que relacionado né. E daí ver essas relações. É... Minha experiência, eu trabalhei com licenciamento ambiental, antes da área de educação que eu estou trilhando agora e, por exemplo, defensivo agrícola, que é como eles chamam o agrotóxico agora, que é para evitar essa má fama, o pessoal usa... o mais comum é usar dez vezes mais do que a concentração recomendada do produto, e isso, em estudos de longo prazo..., um ano, dois anos não dá nada, dez anos, vinte anos, a chance de você ter um câncer ou outros problemas respiratórios graves, dependendo do produto, aumenta em cerca de 80%. Então assim, são coisas que é da realidade, e deveriam ser tratadas e o pessoal... é difícil tratar, né?

C: - É. Tem um... não sei se casa aí na sua pesquisa. De repente dá até para encaixar. Teve um pai que nos procurou, uma mãe que veio para a reunião, ali do assentamento. Eles fornecem verduras, eles têm uma horta muito grande, eles fornecem para as escolas do estado e parte de verduras para escola do município, ne. E agora eles estão com um projeto de educação ambiental lá... de reflorestamento.

L: - Olha que legal.

C: - Aí eles convidaram a escola, né, para participar. Se a gente poderia participar com eles. Eles já estão fazendo mudas de reflorestamento, plantio, já estão com um projetinho lá, se não me engano, junto com a UFU, que ela falou.

L: - Ó...

C: - Aí é um assentamento, bem pertinho aqui. Uns 10 km por aí. Da ACAMPRA...

L: - Olha, tenho interesse sim. Posso anotar? Acampra?

C: - É. Acampra. Dai ela...

[nota da transcrição: interrupção pela diretora para chamar aluna vinculada ao projeto - dialogo não transcrito aqui por divergir da entrevista]

C: - É um projeto legal, que eles estão começando agora com as estufas, as sementes, o plantio, reflorestamento, então assim... E ela veio convidar a escola para participar desse projeto. Eles vão entrar...

L: - E vocês estão participando desse projeto?

C: - Aí nós falamos que aceitamos, né, participar do projeto com eles e aí eles vão entrar em contato conosco, quando der início. Assim estava finalizando a construção, já iniciaram algumas mudas, sementes, essas coisas assim . Então assim, eu achei legal, eles falaram que vão ter palestras sobre educação ambiental com os meninos e a prática do plantio de novas árvores...

L: - Certo.

C: - Arborizar!

L: - Bem legal.

C: - Eu achei muito legal também, e é uma... uma mãe que está sempre aqui conosco e é de assentamento.

L: - O pessoal de Assentamento... Assentamento varia muito, né? A gente fala de assentamento...

C: - É.

L: - Como uma coisa só, mas nossa, eu conheci vários assentamentos. Tem assentamentos que são muito bons, tem assentamentos que são muito ruins. Tem aqueles que são mais ou menos, depende das pessoas.

C: - É. Vai variando o foco aí.

L: - Mas o mundo é isso, tem um monte de particularidades. Aproveitando deixa eu fazer mais uma pergunta para você então: Você que já tem uma experiência grande aqui, como você vê essa mudança, ao longo do tempo, nesse conceito de escola rural e de educação ambiental. Você vê alguma mudança? Não vê? Como é para você aqui. Sua experiência aqui.

C: - Olha a mudança é muito pouca. Nesses anos todos que a gente vê é mudança pouca, embora a gente... lembra que eu te falei, a gente tenta incutir, mas assim, é uma mudança muito mínima, no comportamento ambiental, muito mínima mesmo. Infelizmente né. Poucas mudanças. A gente vê uma ação aqui, outra ali, mas no geral mudança muito pouca mesmo.

L: Na maneira geral de trabalhar, tanto município, conteúdo, prática da escola, você acha que é a mesma coisa ao longo desse tempo.

C: - É não teve muita... Teve assim algumas feiras, alguns congressos né, que muitas vezes nem chegam para nós aqui, né. Que assim, quando a gente fica sabendo de algum congresso, de alguma coisa assim, já passou. A comunicação é... a comunicação é um pouquinho complicada.

[nota da transcrição: aluna vinculada ao projeto chega e passa o telefone e alguns dados - dialogo não transcrito aqui por divergir da entrevista]

C: - Então aí é... Assim, formação acadêmica, assim uma formação continuada, alguma coisa assim nessa área é muito pouca... Muito pouca que tem chegado.

L: - Eu me interessei muito no tema ambiental, primeiro pela minha formação como biólogo né, segundo que é um tema muito novo no Brasil. Se você for pensar em termos cronológicos, ele surgiu na década de 60. Ele começou a desenvolver e mudar de escala.

C: - Então assim, é muito pouca mudança né.

L: - No Brasil foi em 1999 que surgiu a primeira lei de educação ambiental e ela é muito ampla, não dá um conteúdo específico. Ele obriga a trabalhar, mas de maneira aberta... Hoje em dia, a minha visão né, você tem vários conceitos e várias práticas acontecendo no mesmo lugar, por exemplo aqui no município. Tive que restringir o foco da pesquisa né... E eu acho interessante a gente, primeiro conhecer todas essas relações. Porque não é uma questão de certo ou errado, é uma questão de conhecer como essa questão do saber ambiental, que você tem, que existe hoje em dia, como ela é aplicada, o que a gente pode fazer para ajudar, por exemplo, agregar. O que você acha que poderia ser feito nesse sentido, para agregar. Qual é a sua opinião? Qual é a maior dificuldade que você tem com essa questão ambiental aí?

C: - Eu acho, assim, que a dificuldade maior seria a conscientização mesmo, né. Tornar-se consciente, né, que ela precisa do meio ambiente e procurar alternativas de formação, alguma coisa assim, para tentar divulgar. O ano passado a gente participou de um seminário... como é que chama aquele seminário MARIA? Que a gente... daquele senhorzinho que a gente ficou apaixonada nele? Seu JOÃO. Foi um seminário lá na UFU, foi uma semana, o ano passado... Aí veio um sinhozinho que nós ficamos... nós optamos lá..., pelas palestras né. Gente nós ficamos apaixonadas. Assim, o quanto ele foi esclarecedor para nós, principalmente né, a questão de análise da terra. Né e tudo... Então quer dizer a pessoa tem que conscientizar, buscar conhecer, para transmitir, né. Não ficar só na mesmice ali, na comunidade né. Como se diz, tem que abrir as asas e procurar algo para trazer né, é... pra ver o que que a gente consegue melhorar com nossos alunos né. Buscar a formação. Eu acho...

L: - Legal, legal. Eu acho que, mais é isso mesmo que eu precisava. Você tem alguma coisa para complementar? Que você queira falar?

C: - Não, eu acho que é isso mesmo... Porque assim, incutir isso nos conteúdos, né... é não só a questão das ciências né, eu acho que a educação ambiental ela cabe em qualquer conteúdo, de forma interdisciplinar, e a gente procurar trabalhar essa conscientização dos alunos né? Abrir os olhos...

L: - Legal, legal. Obrigado CAJUZINHO, vou parar de gravar agora...

FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice F - Transcrição da entrevista com Diretora Genipapo (da E.M. Mata Seca)

Entrevista realizada em 17 de Março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

G: Genipapo

L: - Então, vamos lá. Eu vou gravar duas versões, só porque de vez em quando “dá pau” em uma, e é melhor garantir.

G: - Uhum...

L: - Bom dia! Primeiro eu queria que você se apresentasse. Falasse um pouco, rapidamente, de você. De onde você é, sua formação, a quanto tempo está nessa prática, a quanto tempo está aqui...

G: - Meu nome é Genipapo. Bom dia. Prazer em te receber, tá... O pessoal do [Nota da transcrição: distrito omitido para manter anonimato] te recebe com muito carinho. Eu estou na educação, então tem... 32 anos. Formada pedagoga, licenciada em didática, neuropsicopedagoga.

L: - Ó

G: - É. Gosto. Bastante. Acho que a escola precisa muito desses trabalhos que vocês traz, tá, porque faz com que a gente repense a nossa postura como profissionais da educação, para formar esse aluno melhor para o mercado de trabalho e até para a vida acadêmica dele também. Tá. Minha experiência começou já “a um pouquinho tempo” [NT: mudança no tom de voz, indicando brincadeira/ironia] lá na educação infantil. Posteriormente eu vim, como pedagoga, para o ensino fundamental I. Trabalhei já com jovens e adultos. Com colônia penal.

L: - Olha que interessante.

G: - Interessanteeee. Com alfabetização de jovens e adultos, tá. Diretora de escola por muito tempo, dei um tempo também de quatro anos, para descansar de direção de escola. Fiquei...

L: - Ó...

G: - Voltei para meu cargo de origem, que é pedagoga, orientadora vocacional, que é praia que eu amo... Trabalhar mais com o aluno. E esse ano eu retorno para uma experiência completamente nova: A zona rural!

L: - Interessante.

G: - Muito interessante. E uma outra realidade que é o ensino fundamental II, que é do 6º ao 9º ano, que é completamente nova essa experiência. Trabalhar com professor de aula especializada é uma... é uma gratificação muito grande, porque a gente sai daquele

comodismo do professor, só aquele professor que dá todos os conteúdos do 1º ao 5º ano, com exceção das aulas de educação física e literatura, mas o ensino fundamental dois, ele me traz essa gama de conhecimentos, que são vários professores dentro da mesma sala. Vários pensamentos, vários olhares e isso está gratificante para mim.

L: - Que beleza.

G: - Então é algo que eu posso dizer da educação: AMO!...

L: - Legal

G: - ... Com TODAS as problemáticas que estamos enfrentando. A problemática do salário, a problemática da não valorização, a problemática da previdência que está aí, tá. Esse governo... Não esse de agora, mas o governo no total, que olha para a gente com um descaso muito grande. Nós formamos... Nós escola, professores, formamos do presidente da república até o gari. Para você ver, nós estamos lá do comecinho lá... da profissão mais simples que existe, porém muito valorizada, até o presidente da república. Mas essas pessoas, quanto mais altas estão, parece que elas esquecem de olhar para o ponto principal, que é educação.

L: - Aham

G: - Enquanto nós da educação não pararmos de sermos chavões para os políticos. Virar chavão eleitoreiro... Nós vamos continuar nessa mesmice, tá. Mas com todos esses atropelos eu amo educação. E estou nessa escola agora, pronta assim. Meu último mandato, quatro anos e estou aposentando.

L: - Olha, que coisa boa hein?!

G: - Estarei já... estou na rabeira da aposentadoria. E vou dizer para você, assim, é um prazer. É um prazer mesmo. A educação me faz crescer, tá.

L: - Então, apesar de ser uma experiência nova para você, eu quero ver sua visão. Então não quero visão de livro, visão de...

G: - Não.

L: - ... Na sua experiência, como você vê isso. O que é ser uma escola rural pra você? Particularidades, vantagens, desvantagens...

G: - É igual como eu te falei, está muito novo para mim aqui. Eu gostaria de ter assim. Uma visão mais ampla, porém, mais coesa disso aqui. Mas a partir do momento que eu cheguei aqui, o que eu percebi, o aluno aqui, a impressão que eu tive, é que ele é mais dedicado. É. Essa foi a impressão que eu tive. A parte disciplina do aluno ela é mais tranquila, o envolvimento desse aluno com a escola ele é um pouco melhor. Embora que, temos vários agravantes, né..., que as vezes nós temos aquele aluno que por si só ele não gosta de estudar. Por si só, ele acha que a escola não merece um crédito maior em termos de respeito. Que enquanto aluno ele pode vir a se tornar um profissional da educação, mas que ele ainda não leva tão a sério... mas eu percebi que, na zona rural...

L: - Aham..

G: O quantitativo de alunos. Bem menor. Nós contamos com uma estrutura de mais ou menos duzentos alunos aqui, tanto manhã e tarde. Então é uma estrutura pequena, porém mais

aconchegante. Eles estão mais próximos da escola e por estarem as vezes num ciclo que, um é parente do outro... As fazendas são mais próximas... Então tudo faz com que esse aluno viva mais dentro da escola. A escola ela passa a ser um ponto de referência para ele, não só um ponto de estudo. Ela passa a ser um ponto de encontro para ele. E isso, e assim, me fez perceber que aqui parece que eles valorizam mais a escola. E eu estou gostando dessa experiência. Pedagogicamente falando, estou construindo o saber junto com eles. Estou assim, juntinho com os professores, porque como são ÁREAS, eu sei que eu não vou dar conta de... de... manter, conseguir... como é que eu vou dizer? Pegar todo o conhecimento...

L: - De cada área.

G: - É. De cada área, mais a visão de cada profissional. Eu estou conseguindo abstrair.

L: - Interessante.

G: - E está muito importante para mim isso.

L: - E como é que você trabalha, uma pergunta agora aproveitando essa experiência sua, como você está trabalhando com relação aos professores na escola? É você trabalha... tem uma interação?

G: - Sou CASADINHA com a pedagoga. Talvez pela profissão, pela minha formação, seja pedagoga. Eu estou casadinha com ela. O que que ela está fazendo no horário de módulo. O que que ela está fazendo, conversando, qual que é a relação que esse professor tem com esse aluno, quantos trabalhos que a escola fornece para ela ter, para ela dar uma boa aula, qual a relação dela com o professor. E eu vou perguntando, vou perguntando... Entendeu? Eu vou... faço muito aquela escuta, mas faço a devolutiva. O que que esse professor precisa que o aluno tenha para dar uma boa aula? Ele está com problema de disciplina? O aluno não faz uma tarefa? Ele deixa de... de estudar para as atividades dele? Então eu vou na sala. Hoje por exemplo, eu estou passando em todas as salas, e conversando com os alunos a importância de se estudar, a importância de ter boas notas, não pelo fato de ter nota não, mas pelo fato pessoal... O crescimento pessoal dele. Nós estamos passando, estou passando lá a questão das ocorrências, olhando caderno, vendo o que o professor... o que que ele precisa desse aluno. O que que o 5º ano tem que trabalhar para entregar para o 6º ano? Quais são os pré-requisitos que o aluno de 6º ano tem que ter para passar para o 7º ano? E quando a gente encerrar no 9º ano, eu tenho que perceber o que? Eu tenho que fazer uma avaliação de como que eu comecei o 5º ano, para eu entregar o 9º ano.

L: - Legal.

G: - Porque é fácil, eu falar assim, a culpa é da criança, a culpa é do adolescente, a culpa é do aluno. Mas e a minha parte enquanto formadora? Eu não estou colocando só a parte de direção de escola, não. Eu estou falando da minha parte enquanto formadora de pessoas. Porque aqui nos estamos trabalhando formação de caráter, formação de pessoas... Porque seu eu deixar ficar assim, do jeito que todo mundo quer, quais são as regras? O que que eu preciso estudar? Eu tenho quatro bimestres... Eu vou deixar para o último bimestre? Eu vou deixar para a prova final? Não eu começo agora no 1º bimestre. Eu já comecei, desde de o iní... assim, os primeiros dias de aula: O que que a escola José Marra precisa de vocês? O que vocês precisam da escola? Porque vocês saírem da sua casa, vir para a escola, passar esse tempo aqui e não aproveitar esse tempo, você está jogando a maior parte da sua vida fora. E

nós temos que fazer o que com nosso tempo? Otimizar esse tempo. Fazer valer a pena. Então eu entrei aqui. Quinto ano de manhã, eu dei o exemplo do 9º ano em termos de respeito com a escola, respeito com os colegas, respeito com os profissionais. Eles são exemplos para os menores. E a gente vai fazendo essa relação. O que que eu tenho, o que que eu sou de exemplo, o que que eu tenho que aprender, quais são os meus pré-requisitos? Daqui para frente, qual é o meu sonho? Aluno de 5º ano: Você está aqui até o 9º ano? O que você pretende ser? O que você espera? E é essa relação que eu estou construindo com eles...

L: - Legal. Interessante

G: - É isso que eu estou fazendo.

L: - Muito legal.

G: - (risos)

L: - Aproveitando o gancho aí. Agora é para você: O que que é educação ambiental? Como você acha que... O que que é isso? Eu sei que é um conceito difícil, e é uma pergunta meio... chata, mas é uma pergunta interessante. Para você, o que que é educação ambiental? Como que você acha isso pode ser aplicado? Vantagens, desvantagens...

G: - Eu não acho ela uma pergunta chata, nem acho um assunto chato. Eu só acho que é um assunto que deva estar MAIS presente. A gente tem que começar desde lá, a educação infantil. EU cuidar do meio ambiente que eu estou. Que eu faço parte dele. Eu estou na cadeia, ali do meio ambiente. E outra coisa, o meio ambiente ele me devolve o que eu coloco nele. Tá? É... quando você pergunta, educação ambiental, né? O que que é que a gente precisa? Aonde que está o ambiente? O que que tenho dele? O que eu espero dele? A questão reciclagem do lixo? Tá... A questão de eu cuidar melhor do ambiente que eu estou inserido? A questão dos 3 Rs lá... A gente tem que estar muito atrelado: eu tenho que reutilizar, eu tenho que usar aquilo... A carta da terra quando veio! Para eu cuidar da terra, gente. A Terra está pedindo SOCORRO! Tá... A questão do lixo... Quanto que que estou produzindo de lixo, daqui a um tempo vai chegar um momento que vai... teremos mais lixo do que pessoas. O que que eu estou fazendo com o meio ambiente quando eu joga ali um plástico... quando eu... eu joga simplesmente, eu joga pelo prazer de descartar. Quanto lixo eu estou produzindo. Sabe o que esse meu aluno ele tem que aprender em relação ao meio ambiente? Ao cuidado? E a zona rural ela traz o que? Tudo muito PRÓXIMO. Eu ainda consigo ver na zona rural, a LUA. Sem interferência tão grande da energia elétrica. Eu consigo ver o céu maravilhoso. Eu estou lá estudando no 9º ano... eu vou estudar planetas, o que que eu estou vendo? O que que eu ESTOU vendo ali? Eu estou estudando com o 5º ano, a questão das ciências, do meio ambiente em si. O que que eu estou fazendo com ele? Não sei se eu estou saindo fora da sua pergunta...

L: - Não, não. Pode falar...

G: - Mas eu preciso ensinar para esse aluno, eu preciso ver que, eu tenho que valorizar o espaço ambiental que eu estou para ele receber bem. Às vezes eu saio, eu observo o itinerário que eu faço da van, da cidade, tá... e venho chegando. O clima vai mudando, o ar vai mudando. Às vezes eu vejo o pessoal trazendo o leitinho colhido ali... É uma satisfação tão grande a simplicidade, não o fato de ser simplista, não é minha visão simplista da coisa, mas a simplicidade que eu percebo... Os alunos valorizando o pé de alface que colhe na horta. E na

cidade a gente está pegando tudo tão industrializado. Eu não sei se eu estou conseguindo responder bem, mas é isso que eu consigo perceber.

L: - Tá, tá tranquilo.

G: - E é a diferença que eu estou observando aqui. Eu vejo os professores trabalharem com tanto zelo, é... é... colher flores daqui do mato mesmo, e trazer para a escola e fazer análise com o microscópio.

L: - Olha que legal.

G: - A Professora está fazendo isso. Então é um diferencial que eu não estava observando antes e eu estou observando aqui. E a gente tem que atentar a que? O meio ambiente é o que? O meio ambiente é aonde eu estou inserido! E seu eu não cuidar, eu não estou cuidando de quem? De mim.

L: - Interessante.

G: - Vou deixar essa terra para quem? A questão da água! Eu posso desperdiçar água do jeito que todo mundo está desperdiçando? Tudo bem eu posso morrer daqui a dez anos, mas e a minha descendência? Para quem vai ficar essa terra?

L: - Interessante.

G: - E eu acho que é assim que eu vejo.

L: - Muito legal. E... aproveitando toda essa experiência, essa bagagem que você tem, você acha que ao longo desse período dos últimos 10 anos que você está na ativa você viu mudar alguma coisa em relação a zona rural, da educação ambiental, no ensino?

G: - Da zona rural eu não posso te responder porque, como eu já havia colocado, é a minha primeira experiência.

L: - Aham...

G: - Mas eu respondo que na zona urbana, o trabalho que muitos professores fizeram, de conscientização... Teve mudança sim. Eu percebo.

L: - Então você acha que está...

G: - É perceptível sim a mudança.

L: - ... está sendo mais trabalhado?

G: - Está. Os professores... não só os professores, mas quem está na educação em si, está com essa preocupação. Só que eu gostaria que fosse algo mais trabalhado. Sabe a questão da propaganda em si... A questão da conscientização... ser mais consciente.

L: - Aham

G: - As vezes pegar, sair da teoria e ir mais para prática. A gente precisa ter essa consciência mais ecológica, essa consciência mais de resgatar, de cuidar, de auto se sustentar... e reutilizar sempre. Sempre, sempre... Porque é... é... o exemplo que eu dou claramente: um copo de vidro e um copo descartável, o descartável ele é prático? Ele é. O copo de vidro te dá

mais trabalho para limpar, para cuidar? Ele dá. Mas e enquanto meio ambiente? E enquanto sustentação? E aqui a gente já faz esse trabalho... os professores já fazem esse trabalho.

L: - Legal, legal.

G: - Nós não estamos usando coisas descartáveis na escola. TUDO coisa reaproveitada.

L: - Legal. E está sendo trabalhado com os alunos isso?

G: - Com os alunos. Tá. Essa questão de Consciência, porque se você não passar pela consciência, você não passa por mais nada.

L: - Interessante. O que eu tinha para perguntar era mais essas perguntas mesmo. Agora a última é só um espaço aberto. Se você tem alguma coisa para contribuir com sua experiência, alguma coisa que você acha que eu não perguntei. Se você quiser fazer um comentário.

G: - Eu gostaria muito que vocês saíssem desse campo da pesquisa oral aqui e viessem realmente para pesquisa de campo. Entendeu? Tudo que você percebe lá, de como trabalhar o meio ambiente, quando eu saio do campo da pesquisa e venho para o campo da prática, porque. É aqui que o aluno está visualizando, é aqui na prática. Então eu gosto muito dos estagiários, estar aqui. Eu coloco assim: "Mão na massa"! Entendeu?

L: - Aham.

G: - Gosto do campo da pesquisa? É preciso... Lógico. Quantas doenças não foi descoberta a cura por que teve a pesquisa? Maravilhoso. Mas eu gosto muito também do campo da prática. E a escola está aberta para você. Venha quantas vezes quiser. Quer fazer um trabalho de campo com os alunos? Quer trazer uma experiência novas? Mostrar experiências? Venha. Contribua com essas crianças. Porque de repente hoje você está fazendo essa pesquisa, mas você pode se deparar daqui a oito anos, com um aluno daqui trabalhando junto com você.

L; Interessante. Verdade mesmo. Agora só uma pesquisa mas posteriormente eu pretendo mesmo aplic...

G: - Venha mesmo. E a turma daqui, os professores daqui, eu estou ENCANTADA. Com a disposição que eles estão trabalhando. Minha turma aqui merece sabe o que?... Não, em termos de salário também, muito, mas um reconhecimento de medalha de ouro todos os dias... todos os dias...

L: - Legal, interessante.

G: - É só...

L: - Muito Obrigado, vou para de gravar aqui...

FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice G - Transcrição da entrevista com Diretora Gurguri (da E.M. Mata de Galeria)

Entrevista realizada em 21 de março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

G: Gurguri

L: - Deixa eu gravar aqui com os dois porque é sempre bom ter um back up, porque o gravador dá pau, o celular dá pau... E daí sempre fica duas cópias.

G: - Certinho.

L: - Boa tarde Gurguri!

G: - Boa tarde.

L: - Então, vamos começar. Eu queria primeiro que você falasse um pouco de você: sua experiência na docência, a quanto tempo está aqui na direção, sua experiência aqui na escola. Um resumo do que você achar importante aí. Se apresentar...

G: - Sim, eu estou aqui na escola, nessa escola Mata de Galeria desde 2001, na prefeitura desde 1990, estou a 27 anos de...

L: - Novinha (risos)

G: - Novinha não (risos). Desde 199... Já estou com 48 anos, sendo que comecei com 21 na prefeitura, já efetiva e estou com 27 já de professora e atuando na direção a partir desse ano, fevereiro desse ano.

L: - Legal, Legal. E você formou aqui na UFU?

G: - Sim. Eu formei em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia, na época me identifiquei muito com o curso, e acabei fazendo um curso que eu gostei muito, e mesmo enquanto professora nesse tempo todo eu... eu me acho assim, até idealista. Eu gosto, não estou arrependida... é de ter seguido essa... essa carreira, essa profissão. Gosto, gostei do que encontrei também pelo caminho, apesar de todas as dificuldades e de todas as responsabilidades que a gente tem diante da... diante da vida né, dos alunos, dos colegas que a gente interage aí na profissão e mais assim, sempre tive mais coisas para colher de boas do que, assim, grandes prejuízos de... de ideias e do trabalho em si.

L: - Que bom, que bom. Muito legal. É... E aproveitando aí, é... você é daqui de Uberlândia também?

G: - Não, não sou de Uberlândia. Eu vim para Uberlândia eu era... Assim eu tenho família, a família do meu pai era daqui e a família da minha mãe, que não era. Eu vim eu era bem pequena. Eu sempre estudei aqui, desde a educação infantil. Me formei aqui dentro da cidade.

L: - Praticamente Uberlandense.

G: - É, mas não sou. Vim para cá eu já tinha cinco anos de idade. Eu sou de Piranga, MG. Faz divisa com Ouro Preto e Mariana. Divisa territorial mesmo.

L: - Que Legal.

G: - Então é outra Minas...

L: - É, é diferente mesmo

G: - É diferente. Daí sofri influência do nosso Cerrado aqui e da minha zona da mata de lá. Porque, conforme eu te falei, na criação tinha minha influência paterna daqui e minha influência materna de lá. Mas como lá..., até por uma questão assim de continuar os estudos, lá a... a cidade não oferecia. Então acabou que houve um processo migratório muito para Belo Horizonte e para outros locais. O nosso foi Uberlândia em função de... de pais da família do meu pai já serem daqui.

L: - Legal, legal. E agora. É...

[nota da transcrição: interrupção para entregar uma blusa esquecida não transcrita]

L: - Que que, aproveitando essa experiência toda que você tem com zona rural, o que que é ser uma escola de zona rural para você? Particularidades, vantagens, desvantagens. Mas, assim, na sua opinião. Na sua experiência, na vivência que você teve... O que que é ser uma escola de zona rural?

[Nota da transcrição: interrupção para definir questões de transporte, não transcrita]

G: - Então, deixa eu concentrar aqui novamente. Assim que eu me formei... eu formei em dezembro e a gente teve um concurso em Janeiro. Passei e a prefeitura me convidou para trabalhar em uma escola de zona rural. Eu estava com 21 anos e fui lá para escola... hoje chama Vereda.

L: - Conheço, conheço. Em [Nota da transcrição: cidade omitida para manter anonimato]

G: - É, em [Nota da transcrição: cidade omitida para manter anonimato]. Antes a escola chama Escola Municipal [Nota da transcrição: cidade omitida para manter anonimato]. E aí eu fui... já comecei trabalhando com zona rural, mas zona rural a gente geralmente tem escola com menor quantitativo de alunos e, como a carga horária de geografia são de 3 aulas semanais, a gente geralmente acaba tendo que completar isso em outra escola. Eu sempre completei com escola urbana. Então lá na minha outra escola, quando eu era professora eu tinha doze aulas, porque eram quatro turmas com 3 aulas semanais, e aqui, vim com a mesma realidade para cá, peguei doze aulas aqui e o... O... Cargo era de 16 horas lá. Dessas 12 eu completava quatro com EJA. O ensino de EJA, educação de jovens e adultos...

L: - Uhum

G: - É... na zona urbana, à noite. Uma realidade muito diferente da... da... em termos de... de convivência assim com as pessoas que trabalham, com adulto, em relação ao ensino

regular. Uma realidade bem diferente. É... do ponto de vista acho que assim, pedagógico, metodológico... mas acho que assim, dessa relação urbano rural, da convivência em si, dos espaços... Depois eu até quero falar das especificidades porque sempre tem alguma coisa, mas hoje o urbano e o rural se interagem o tempo todo, assim. Você quase... pelo menos nas experiências que eu tenho, as vezes você quase nem diferencia muito a questão assim, do rural e do urbano, em vários contextos de vida, do cotidiano mesmo das pessoas. Acho que hoje fica até difícil você delimitar assim. Mas na... na... Por exemplo, aqui na nossa escola, a zona rural. Você tem um número muito menor de alunos, você não tem problema, por exemplo com fila de espera, com excesso de alunos em sala de aula, ou fila de espera para matrícula. É... então as especificidades do rural em termos ass... em alguns termos, ela passa por aí. Mas também a gente acaba tendo contato com os meninos que tem outra prática de vivência com a natureza... eu não sei se é por aí também que, de repente você quer uma relação...

L: - Não eu, eu...

G: - Você está aqui livre?

L: - Eu estou aqui livre. A minha ideia é primeiro absorver realmente...

G: - Ah, o que que eu penso né? Então...

L: - ... A experiência de vocês.

G: - Então é... é..., agora a gente está querendo resgatar através de um projeto, mas sempre aqui na escola a gente teve projetos e sempre tivemos uma abertura para fazermos alguns projetos que a gente tivesse interesse de fazer. Mas, é... agora, aqui, a gente está começando um projeto para estar trazendo mais experiências de vivências do pessoal de zona rural para dentro da escola. Então a gente vai começar com o nosso jardim e daí, do jardim a horta, e as ervas... as ervas...

L: - Medicinais

G: - Medicinais e comestíveis.

L: - Oh, legal.

G: - Então a gente quer ver se os meninos mesmo trazem é..., qual a relação que eles têm, com uma flor ou outra, ou com uma planta ou outra, da relação de vivência deles mesmo. É claro que não vai ser é, assim, no caso das plantas, não serão plantas do Cerrado. Porque não cabe aqui, né. Serão exóticas, mas de toda forma a gente quer... a gente quer resgatar, mesmo que seja das exóticas, alguma coisa que eles já tenham em casa mesmo, que as vezes já era da avó, da roseira. Exótica, mas é... já aclimatada aqui, de coisa que eles trouxeram mesmo para gente, uma Dália. Não é? Não vai ser assim, uma espécie... as vezes comprada lá e simplesmente colocada, porque a gente, no momento, achou bonita. A gente vai querer essa parte da beleza também, da delicadeza...

L: - Aham, acho muito importante.

G: - É, e vai...

L: - Transformar o espaço que você está...

G: - Mas a gente quer estar trazendo essa... da... da... dos meninos, do conhecimento deles, da... da... relação que eles têm com ... com essas plantas né, com a alimentação, com a saúde. Então a escola rural ela acaba tendo algumas especificidades assim, que quando você fala, os meninos já conhecem e as vezes te dão até uma aula. E tem outros assuntos que realmente... então vamos super se agente tra... se a gente for tratar aí o problema do alimento com muito agrotóxico, com muito veneno. Eles sabem. Eles sabem e sabem muito bem, tem uns que até chegam a falar assim, nossa professora tem coisa lá de casa que eu mesmo não como. Tem uns que chegam a falar isso. É... quando vê o que está acontecendo lá na hora de produzir. Agora tem outros que já é ao contrário, ele fala assim, não... lá em casa não é desse jeito, então eles te muito essa relação, no debate de ver a... as práticas ambientais desse ponto assim de um alimento mais correto, assim, para saúde humana e para saúde do ambiente né. Bom, faz mas uma pergunta aí para não ficar...

L: - Não tranquilo, eu gosto de...

G: - Sem...

L: - A ideia é mais ouvir essa experiência de vocês mesmo...

G: - Então eu estou até falando assim, da minha experiência como professora, então enquanto professora eu via menino, quando a gente tratava as questões ambientais.... Porque elas sempre saíram, sempre saíram para aspectos que a geografia aborda, né. E, às vezes, até extrapolava, porque, em um diálogo, a criança vai colocando riquezas que as vezes você nem pensava que ia aparecer. Então eu... eu... eu estou te relatando do que eu via. Para agora, os professores que já me procuraram. A professora do AEE, que é um projeto é... para atendimento de crianças é... no extra turno, e aí a gente vai começar a fazer... começar a lidar com essa parte bem de sair da sala, sair lá fora, interagindo com a nossa... Até adorei o título que é “Terra, de agradecer a vida” então assim, a gente quer estar indo por aí. Mas eu sinto que uma escola de zona rural ela tem essa... essa... especificidade quando você vai tratar alguns assuntos, assim, de agricultura, de pecuária, eles vão ter mais exemplos e se inteirar de ver mais e... e... da própria hidrografia, a gente fez o ano passado aqui um trabalho da bacia hidrográfica do córrego olhos d’água...

L: - Olha que legal.

G: - É foi muito bom mesmo. Ficou lindo, gerou até um livro. Então a gente vê que o ânimo, a vontade de interagir com a aula é totalmente diferente de... daquel... das aulas que as vezes você está tratando um aspecto que assim vem de muito longe e que, conforme o jeito que você trabalha não vai estimular o aluno a estudar aquilo, apesar de eles gostarem das novidades também. Isso é óbvio. Mas eu falo na contribuição do discurso dos meninos é... a zona rural então o que vejo de especificidades são essas, alguns exemplos e vivências que eles têm lá no campo. Com relação ao Cerrado... com relação aos solos ou as plantações.

L: - Agora vou fazer uma pergunta meio difícil...

G: - Cruel? (riso)

L: - Cruel, mas fique tranquila, que assim... eu quero saber para você, como diretora aqui. O que que é educação ambiental.

G: - O que que é educação ambiental?

L: - É, quando a gente fala educação ambiental o que que é isso? Qual que é o conceito?

G: - Eu acho educação ambiental um conceito que poderia ser enorme e ao mesmo tempo podia ser bem...bem pequenininho, né? Então vamos lá... Put& q& pa&...

L: - Não é difícil, mas fique tranquila... Não tem resposta certa...

G: - É... Educação Ambiental... É, eu entendi o que você está falando, mas eu queria assim, não trair a mim mesma. É... Educação ambiental é você estar ligado a... ligado, ligada a... a... a forma com que você vai se relacionar com os ambientes... os ambientes em geral. Os ambientes naturais, os ambientes sociais. Eu acho que educação ambiental ela é... por isso que eu acho que as vezes ela é um conceito amplo demais, porque ela vai pegar a nossas relações humanas, o nosso trabalho modificando a natureza e, ou até respeitando as áreas ali, as poucas áreas que estão... que precisam ficar sem interferência humana. Mas as que precisam de... eu acho que, a educação ambiental nos faz lidar de uma forma ou de outra, em relação ao nosso cotidiano. É... na postura né, que seja a menor, por exemplo, de um lixo que eu vou descartar, como que eu vou lidar com esse lixo. Se isso é lixo mesmo, se, de repente, isso pode ser utilizado em outra coisa. Porque que não é utilizado, se não é utilizado. O que que pode ser feito para que isso possa seja visto não como um lixo, mas como... nessa visão tradicional de lixo que a gente tem, e não como algo que poderia ser matéria prima para outra coisa. Então eu acho que a educação ambiental é uma das saídas que a gente tem para um planeta que é finito, lidando com seres humanos que, as vezes tem..., as nossas ideias são infinitas né. Então eu penso que a educação ambiental vai nos aju... nos ajuda né, nisso aí.

L: - Interessante. Legal, legal.

G: - Juntamente com as posturas éticas, né. Por isso que eu falo, educação ambiental é um conceito muito amplo, porque vai virar isso tudo. Porque eu só acho que ética... A ética ela só existe porque tem hora que ela não acontece. Deixa eu explicar.

L: - Aham...

G: - Porque se alguém falar que é ético 24 horas por dia, aí eu vou falar que ética não existe, porque nós somos humanos e a gente faz...

L: - Com certeza

G: - E a gente faz exatamente aquilo que... se você fosse pensar de novo, ou quando você fala, não é o que você diz. Então, entre aspas aí, você está sendo anti-ético. Mas... mas eu acredito na ética por isso. Porque ela é algo interno, diferente da moral, que são valores externos que você pode ir pegando para conviver com o coletivo. Mas eu acredito na ética como valor interno, e que tem hora que a gente foge desses valores, mas que algo vai nos dizer, não ó... repensa aí, se você está indo pelo caminho certo mesmo e aí você mesmo pede desculpas né, para o outro ou para você mesmo e tenta refazer. Então eu acho que a educação ambiental ela passa por isso aí. Por que as vezes eu falo que eu tenho muita educação... que eu tento ter uma educação ambiental, mas não procuro saber minimamente de nada né... Do que eu como, como é produzido, como é vendido, como é comprado...

L: - Não, é difícil.

G: - Então que educação ambiental é essa? Que eu tenho? Eu tenho ela só até certo ponto...

L: - É..

G: - Então é por isso que eu falo a educação ambiental ela é um conceito amplo que a gente está tratando, mas que pode ser resumido também nessa... nessa consciência do viver cotidiano, das pessoas de uma forma mais sincera né?

L: - Legal, legal. E na prática da escola aqui. Como é que vocês trabalham isso? Como é que vocês lidam com isso?

G: - É... até então a escola, ela não tem nenhum programa assim, que eu acho que eu seja que seja legal. Legal não no sentido de legalizado, mas uma coisa que eu goste mesmo. E aí, em relação mesmo das coletas do que a gente faz, do tanto de material que gera, então a gente, a escola não tem uma proposta assim, de estar... de um projeto em parceria com... com... os outros órgãos públicos ou com a própria boa vontade aqui das pessoas. A gente não tem um projeto assim, nesse sentido não. Mas a gente tem... eu acho que tem uma equipe sempre preocupada em estar trabalhando isso com os meninos, de estar orientando-os quanto a questão da postura. Os meninos, é... eu não os vejo... Eu os vejo até bem. Eu não os vejo como é... como não estarem preocupados...

L: -Aham.

G: - ... com as questões ambientais.

L: - Já tem essa consciência, né?

G: - Sim, tem. A maioria tem, e nesses diversos aspectos da educação ambiental. O... o.. Eu acho. É claro né que são crianças, estão em formação.

L: - Com certeza, mas tem...

G: - Tem um ... tem um... eles têm sim. Portanto pelo... eu não sei... é... tanto pelo próprio trabalho dos professores, do que se fazia antes. Eu acho que é... ela é uma escola que assim, tem se preocupado com isso.

L: - Legal, legal e... para encerrar assim, nesses últimos, nesse... durante esse período que você...

G:- Então fevereiro e março até agora, até hoje.

L: - Não, não. Não só o período de direção, mas falando da sua experiência aí. O que você... você viu mudar alguma coisa nas escolas de zona rural, você acha que modificou alguma coisa, tanto no conceito como na prática?

G: - Não eu acho que esse conceito está vindo de um bolo só. A gente percebe que acaba que através das novas tecnologias mais coisas são, as vezes elas podem estar..., mais coisas elas chegam aos nossos alunos também. Muita gente tem acesso a internet, então a gente acaba vendo assim, um maior conhecimento, uma maior informação, sobre o assunto. Agora é... a gente concretizando mesmo coisas que nos deixariam mais esperançosos mesmo, ainda não estou vendo não.

L: - E em questão de educação ambiental. Você acha que tem mudado, não tem? Em questão de experiência você vê alguma coisa diferente?

G: - Então era aquilo que eu estava te falando. A... na minha cabeça a educação ambiental ela vem diluída em qualquer educador aqui da escola, seja até passando aqui na merendeira, quando vê uma coisa, um lixo e cata, ou não cata, passa por cima. O... o... ou quando alguém joga em qualquer lugar, sem... sem... então assim, eu vejo que isso vem melhorando, essa postura, essa educação, de que eu agindo assim, somado mais um monte de gente agindo assim, para onde nós vamos parar né. Se essa ação for errada... Pra onde... Um papel de bala. Se todo mundo jogar só um, aqui nós temos 205 meninos, mais os funcionários, cada um... vai dar 250 por dia. Né essa conta é simples... Então eu digo assim, eu vejo que isso vem melhorando, as crianças... do que eu comecei, eu... eu... vejo que as crianças tem... já tem mais vontade de... de... sair, jogar no local que lhe indica. Que eu acho que assim, se a gente tivesse uma coleta seletiva, eles ainda... eles estariam bem mais avançados. Mas você já vê que não é assim de qualquer forma, que eles já fazem uma relação com a questão dos insetos em um espaço coletivo, de muita gente. Que é diferente né, as vezes aquilo como um adubo lá na fazenda, né, ou lá na... na... na roça. Né, então a gente já percebe. Às vezes, quando eu comecei tinha menino que terminava de lanche e jogava o restinho de lanche no chão. Menino pequeno né, lógico.

L: - Aham...

G: - Então, se talvez lá ele tivesse galinha, tivessem os bichos que ia se alimentar e não ia gerar outros problemas, poderia ser né. Da vida do cotidiano, agora eles já não têm isso mais, por isso que eu falo, da relação do urbano com o rural está muito parecida. Os meninos já... você quase que... não tem muita fala partindo disso daí né.

L: - Interessante, era isso que eu queria saber, né. Agradeço aí o tempo, desculpa a encheção de saco...

G: - Que é isso. Eu que agradeço.

L: - Obrigado. Vou parar de gravar agora.

FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice H - Transcrição da entrevista com Professores Mangaba e Murici (Ciências - 9º ano da E.M. Cerrado Rupestre)

Entrevista realizada em 03 de Março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

MA: MANGABA

MU: MURICI

L: - Maravilha, estamos sendo gravados agora.

MU: - Que bom.

L: - Então, para começar eu queria, só para a gente quebrar um pouco o gelo, que vocês se apresentassem, de onde vocês são, é... onde vocês se formaram, como é que tem essa história, esse percurso de vocês.

MU: - Então Leonardo, eu sou formada em biologia pela Universidade Federal de Uberlândia, tenho mestrado na educação, também aqui em Uberlândia, e atuou como professora de estado e prefeitura, atualmente né, também com uma ligeira experiência nas escolas particulares, desde 86. Eu me formei em 87, né na... aq... na... em biologia. E só na rede municipal eu trabalho desde 91, com a área de ciências. Então a minha... é... o meu foco, lógico como todo professor de ciências, é o mais biológico e ecológico possível. Não tem uma linha a seguir, então eu poderia me rotular como uma..., e me encaixaria na concepção, o mais tradicionalista com um pouquinho assim, com umas pinceladas, dessa nova postura educacional que também não foca somente a fauna e a flora, e os ambientes, mas também já inclui..., já coloca..., já tira aquela visão antropocêntrica da ecologia. Então eu procuro encaixar, colocar, assim as relações pessoais, interpessoais, nessa problemática. Porque é uma atitude, a questão ambiental, é uma mudança de atitude. É cultural isso. Então, não vai ser de um dia para o outro que a gente vai conseguir superar, e vamos dizer assim, minimizar todas as questões, que são bastante amplas. Então desde..., toda a minha jornada, eu procurei estar permeando essa questão de educação ambiental em todo o currículo, do sexto ao nono ano, atualmente do sexto ao nono né? Mas, é... nem todos os conteúdos é permitido isso, mesmo

porque a gente percebe que é... nos livros didáticos, apesar de eu não ficar somente restrita a livro didático, ela não tem uma concepção de educação ambiental, não... não trata pontualmente essa questão. Mais o sexto ano com a parte de ecologia, né e o sétimo também quando trata da questão dos seres vivos, é focado. Mas especificamente o nono ano, que é a sua... seu foco... o foco do seu trabalho, quando eu trabalho a química e a física, eu sempre tive um cuidado de trabalhar voltado para a química e a física cotidiana, então usar os recursos mais naturais, ver essa questão... tratar a questão mais ambiental, mas acaba que é superficial de uma certa forma, porque acaba que o nosso currículo ele vai sendo assim, tão fragmentado é... compartimentado e a gente tem toda uma..., apesar de eu não ser assim rígida quanto essa questão do conteúdo...

[NT: Barulho do celular]

L: - Desculpa, deixa eu só tirar esse barulho do celular que atrapalha

MU: - É... A gente não pode fugir muito desse planejamento da escola.

MA: - Não...

MU: - Então acaba que trata, se refere, ou cita, muitas vezes essa questão ambiental. Na sala de aula a gente procura é..., conversando com os meninos, uma postura mais de educação ambiental com relação a questão do lixo. Do descarte né... do material, que sempre tem, principalmente de folha né, dos cadernos. Essa questão... Procurando sempre tratar. Mas não como uma área específica, trabalhar a educação ambiental...

L: - Ela é diluída no dia a dia.

MU: - Ela é diluída no dia a dia. Agora, é... este ano, quando eu e a Buriti assumimos a direção da escola municipal Cerrado Rupestre, aqui em [Nota da transcrição: distrito omitido para manter anonimato], a nossa preocupação sempre foi essa, enquanto cidadãs também, não só como educadores. Tanto é que, vou te passar aqui, se você quiser ler

[NT: Entrega uma cópia do projeto de reciclagem feito na escola]

L: - Vou querer.

MU: - Nós sugerimos para a equipe, como projeto da gestão, trabalhar a questão... a educação ambiental, com foco na coleta seletiva, mas não esquecendo também das relações, tanto é que se você passar pela escola, você vai ver que a identificação das salas agora, até para tirar aquele rótulo de A e B, mais fraca ou mais adiantada a turma, a gente procurou trabalhar a

questão dos valores. Então cada sala está identificada: ou a honestidade... O nono ano é a gratidão...

L: - Olha, que legal.

MU: - Para que a gente possa trabalhar a educação ambiental de uma maneira mais ampla. É uma questão... disciplina, vamos usar esse termo né, é disciplina... é disciplina... interdisciplinar! Que é uma postura interdisciplinar, ela permeia todas as disciplinas. Então a gente pretende com esse projeto estar abrangendo um pouquinho mais essa questão da educação ambiental, mas sem tirar o foco da coleta seletiva. Porque até então esse projeto é uma forma de não só mudar a atitude e postura frente a essa problemática ambiental, mas também de angariar fundos para caixa escolar, entendeu?

L: - Nossa, eu achei fenomenal é de um empreendedorismo assim... fenomenal. Muito legal mesmo.

MU: - Exatamente. Então a gente pretende isso, é..., pedimos no primeiro dia que a gente voltou, 6 de fevereiro desse ano, que esse projeto, essa questão, fosse contemplada também né, no planejamento anual, para ser tratada né, não só no mês de junho, com a mostra de trabalho, que seria esse..., pelo menos uma mostra de trabalho inicial, mas que se permeie em todos os conteúdos, do ano todo. Então é isso.

L: - Legal

MU: - Esse ano, o professor Mangaba já está com a gente tem uns seis anos né, e... esse ano ele est... assumiu as aulas do nono ano, então acho né, se apresentando, ele vai poder te falar como ele pensou, está pensando... porque esse projeto nós vamos disponibiliza-lo para todos, por email, até para você também posso mandar, para que então, tenha, a gente sugere algumas questões, mas que não tem nada cerceado. É livre para cada professor, dentro do seu conteúdo, dentro da... do... da maturidade de cada série né, ser aplicado da melhor maneira possível. Espero colher frutos positivos aí né.

L: - É. Fiquei interessado em acompanhar esse projeto, a ideia ficou...

MU: - A gente agradece.

L: - Obrigado. Bom.

[NT: Aponta para o outro professor]

MA: - Professor Mangaba. Eu sou professor da rede municipal desde 1989. É... sou biólogo de formação, formado na Universidade Federal de Uberlândia, e especialização em gestão ambiental pela católica, Universidade Católica de Uberlândia. É eu penso em educação ambiental como uma prática individual, da seguinte maneira: A gente começa pelo exemplo, então nada mais natural, que eu ter uma prática e cobrar a partir da minha prática, sendo um educador ambiental. E acredito que a transmissão desses valores para a comunidade escolar vai render frutos, com certeza, porque a palavra enverga, mas o exemplo arrasta.

L: - Ó...

MA: - Então eu acho que é por aí, essa forma de trabalhar a educação ambiental. Não adianta eu ter um discurso, e a minha prática ser outra.

L: - Interessante

MA: - Entendeu?

L: - Entendi. E deixa eu perguntar para vocês, aproveitando que a gente aqui, é uma escola rural né.

MU: - Uhum...

L: - O que, para vocês, é ser uma escola rural? Quais são as vantagens, desvantagens, particularidades, dificuldades, as principais características... O que que, assim baseado na sua experiência, na experiência de vocês, tanto experiência aqui né, quanto em outros lugares. O que que é isso? O que significa ser uma escola rural?

MU: - Eu acho que é um privilégio, não é Mangaba? Mesmo porque a estrutura da nossa escola, não sei se deu para perceber, não é uma estrutura que fica aquém das expectativas de nenhuma zona urbana.

L: - Eu percebi que a escola é muito bonita.

MU: - A gente tem uma estrutura boa, depois o Mangaba, se ele tiver disponibilidade, pode acompanhá-lo. Fique à vontade para conhecer. E, então, graças a deus nós tivemos aqui gestores, e pretendemos continuar dando esse suporte, não só é... estrutural, né, mas logístico também, para que este trabalho, e outros também, não só na área de educação ambiental, possam ser... colher frutos positivos. Então nem sempre tivemos aí apoio nessa área, porque a gente pensa, estou falando enquanto gestora e enquanto professora. Gestora a gente pensa o seguinte, que nós temos que dar uma contrapartida para o professor, dentro da sua

especificidade, dentro da sua formação, poder trabalhar. Mas tem... A escola tem que ter uma filosofia, um foco. Por se tratar de educação ambiental, a zona rural, ela nos abre um leque muito grande, porque a gente está aí, tem a disponibilidade de estar ali em contato, né? E os alunos também já tem esse trato.

L: - É. Posso só fazer uma pergunta: eu reparei, seu meio zolhudo, abelhudo: eu reparei que tem uma plaquinha de educação do campo da Sygenta.

MU: - Exatamente. Nós... é, as empresas também sempre tem ess... essa... esse foco, esse olhar diferente para a escola. Então nós estamos abertos, né, a esses projetos de educação ambiental, que até nos dão suporte, financeiro até muitas vezes. Você assim, perguntou a questão do problema. Nosso problema maior aqui é a questão financeira e esbarra principalmente, por exemplo, no transporte. Então é... enquanto professora, enquanto observadora, a gente observa que os colegas tem assim, uma formação muito boa, então nós temos um quadro de funcionários é... bem graduados, bem... né? Com uma postura muito bem, como que eu vou dizer nesse sentido? ... É... tem um suporte bom né? De conhecimento, de bagagem cultural, de formação, grande. Então nós não temos só especialistas, nós temos mestres aqui também na escola, e isso nos... nos dá suporte para qualquer tipo de trabalho. E o que mais falta é justamente esse apoio, esse apoio no sentido de gestão, para a gente estar trabalhando. A gente gosta muito de trabalhar com projetos, então tem sempre trabalhos de campo para Peirópolis, para o parque Siqueirolli, para o parque Sábua... Mas esbarra sempre com uma dificuldade financeira.

MA: - Questão financeira. Logística!

L: - A maioria dos professores é lá de Uberlândia?

MU: - Todos. A maioria, a maioria do sexto ao nono são de Uberlândia. Poucos mor... são moradores daqui.

MA: - Não tem ninguém daqui não?

MU: - Não. Do sexto ao nono todos são de Uberlândia, mas assim, do primeiro a quinto tem alguns que moram, que são residentes do distrito... Mas são poucos.

L: - E a maioria dos alunos é daqui mesmo, né?

MU: - Dessa área aqui é... abrangência...

MA: - Do entorno. Tem alguns alunos nosso aqui que são do município de Uberaba

L: - Deve ser fazenda né?

MU: - Exatamente. Das Fazendas. Daí tem os setores né, onde a proxi... escola é mais próxima daquele local. Temos assim uma... uns alunos também que são... assim, de pessoas que vem trabalhar na usina, ou vem trabalhar é... aqui nas fazendas ao redor. Então é muito flutuante. Principalmente da Bahia né, então a gente recebe muito aluno do estado da Bahia...

L: - A então vem o pessoal...

MU: - Vem de fora, porque o trabalho...

L: - Fluxo migratório né?

MA: - A indústria.

MU: - Isso, indústria de trabalho.

MA: - A sazonalidade aqui é... referente a plantações, traz muito migrante.

L: - Nossa, isso deve ser..., assim pensando de forma pedagógica é bem difícil né...

MU: - ...É bem heterogêneo.

L: - Porque aluno chega no meio, sai no meio, volta.

MU: - É. Mas é interessante porque sempre deixa uma contribuição, e isso enriquece bastante.

L: - E... Uma pergunta, assim, eu não sei como é aqui, mas tem uma pratica diferenciada pedagógica por ser uma escola rural ou geralmente é similar, aplica as...

MU: - Você fala de questão por ser... Aqui não é classificada como escola do campo, apesar de ser um distrito. A gente tem até os trabalho, propostas nesse sentido, mas ela não é caracterizada como escola de campo. E por ser um distrito, ela não é tão, basicamente voltada para o campo. Pela proximidade de Uberlândia. Ela segue um currículo, o currículo nacional né? Com as diretrizes é... é... propostas pela secretaria de educação, no caso o CEMEPE, e inclusive nos participamos. Mas assim não específico voltado ao campo. Né, justamente por essa transição, aqui é um distrito, é rural, mas não é tão assim característico né, essa questão de campo.

L: - Do ponto de vista prático, então, é mais ou menos a mesma coisa.

MU: - Exatamente. Então...

MA: - O que é praticado na cidade é praticado aqui.

MU: - Normalmente. É claro que tem, na concepção de cada professor... Aí entra a bagagem cultural, volta, direciona, mas não especificamente para aquela... para falar assim, aqui tem um currículo diferenciado por ser uma escola rural. Não. É o mesmo currículo. A abordagem que cada profissional dá...

L: - Legal, então a diferença é mais ou menos na prática, né? ... Deixa eu ver se tem mais algum coisa. Vocês acham que mudou alguma coisa durante esses últimos dez anos na educação ambiental, já que vocês são professores, vou colocar aqui, com todo o respeito, entre aspas aqui: da velha guarda.

MU: - Risos. Da velha guarda.

L: - Tem experiência. Acho que vocês são uma das equipes mais experientes que eu já entrevistei

MU: - Mais antiga...

L: - Como vocês vem essas mudanças ao longo desses dez anos?...

MU: - ... Muda.

L: - ... Porque sei lá, a lei de educação ambiental é de 99, então é uma lei recente...

MU: - Recente.

L: - ... E muitas vezes ainda não foi aplicada, passada...

MU: - Até a questão curricular né? Porque é uma temática transversal...

L: - Sim

MU: - Então ela não foi colocada numa... assim, de uma forma, vou usar esse termo inadequado, rigorosa, né? Assim, fechada, obrigatória. Então por ser uma temática transversal ela passa pela... pelo crivo aí de cada profissional, né. Agora, ao longo desse tempo, dessa jornada de trabalho, mudou muito. Mudou. É... não só, eu digo assim, porque todos os profissionais, ou a maioria deles, principalmente aqui da escola, né na... é normal...

MA: - O pessoal é mais antigo aqui.

MU: - Mesmo sendo, assim como eu e o Mangaba, que tem uma formação né? Eu de 87 ele de 89, vamos usar esse termo né, da velha guarda, mas pela formação continuada que a gente

sempre está fazendo, a gente muda muito a nossa práxis. E talvez, pela formação em biologia...

L: - Desculpa eu não quis dizer isso no sentido ofensivo, eu quis... eu acho que vocês podem ter sentido a mudança na prática né?

MU: - A gente é... então aonde eu quero chegar, no sentido... Você não ofendeu em hora nenhuma, tá. É... A nossa formação acadêmica, você passou recentemente por ela, você viu que precisa de várias reformas nessa área também, né. Mas pelo fato, é aonde eu quero chegar e esclarecer, não teve probl... questão de sentir ofendida, mas pelo fato de fazermos educação ambiental, oferecidos não só pela universidade, mas por outras instituições também, ou até mesmo pelo MEC, pode... tão mudando a concepção tradicionalista, revendo vários fatores, várias questões, né, vários pontos, e deixando então, as poucos, não vou falar que a gente deixou totalmente porque isso não acontece, a gente está sempre aprendendo, de ser, de ver a educação ambiental só naquela época do mês de Junho. Pontual. A gente vai, permeando no currículo, normal.

MA: - Durante o ano todo.

MU: - Durante o ano todo.

MA: - Aqui é trabalhado. E não somente na época... no dia do meio ambiente.

MU: - E não necessariamente de uma forma formal, por exemplo, de repente você pode olhar uma... uma atividade avaliativa minha anterior e não ver ali que eu estou trabalhando uma educação ambiental, ou no diagnóstico... Esse ano até tem, né? Voltado para essa questão de educação ambiental. Mas no dia a dia, na nossa práxis né, Entendeu? Hora a gente... vamos economizar um pouco caderno. Vamos

MA: - Economizar...

MU: - ... jogar lixo no lixo, entendeu?...

MA: - Jogar lixo no lixo...

MU: - Entendeu? Olha a questão da água... Então isso é feito. Como uma forma, como a gente faz na casa da gente.

L: - Cotidiano.

MU: - Cotidiana. Sem ter uma formalidade, então essa é a disciplina, vamos trabalhar isso só nesse momento... É uma mudança de postura, de atitude, que a gente pretende, não só nós da área de ciências da natureza, mas todos na escola...

L: - Legal, legal.

MU: - ... Tem essa preocupação.

L: - Eu gostei que geralmente o pessoal trabalha muito essa questão do valor ético, moral, né...

MU: - A gente sempre, sem aquela... é... deixar rígido no programa, no planejamento curricular.

L: - É uma questão de...

MU: - É. Por isso que eu te falei, depende da práxis de cada profissional. E, graças a deus, aqui nós temos um quadro docente, um quadro de funcionários preocupados nisso. Que a gente sente. E a... e tratamos também a questão do consumismo. Isso é... é uma atitude cultural, né. A gente ainda está em um sistema capitalista aí, e a mídia está sempre em cima, e a gente também procura trabalhar isso com os nossos alunos.

L: - Olha que legal.

MU: -... Não só na questão..., principalmente com a questão do uniforme, né. O kit, não é propaganda de um partido ou outro, mas só o fato da rede municipal fornecer um kit, já está...

MA: - De uniforme.

MU: - De uniforme, de material. Já está... Já evita um certo consumismo e aquela diferença, porque nós temos aqui diferenças gritantes sociais, né.

L: - Eu imagino.

MU: - Então, temos os filhos do fazendeiro, até do agregado da fazenda. Então isso da rede municipal, isso não é específico da escola Cerrado Rupestre, mas é uma postura da prefeitura municipal e isso é... já vem, né, agregando valor e vem nos ajudando nessa questão.

L: - Interessante, interessante.

MU: - Se a gente for observar, é uma questão política? É. Mas também tem um que de educação ambiental? Tem.

L: - Legal. É, eu acho que... minhas informações básicas são essas mesmo, se vocês quiserem complementar com alguma coisa que acham que faltou.

MU: - Estamos à disposição se você sentir que, né, ao redigir isso, relatar isso, achar que precisa de mais alguma coisa, estamos à disposição. Tanto eu como vice e professora, a Buriti como diretora e o professor também.

MA: - Quanto tempo esse projeto seu vai durar?

L: - Então, eu estou querendo acabar ele nesse ano. É meu TCC né, então a gente está um pouco restrito no tempo, então eu estou querendo coletar as informações no começo desse primeiro semestre, redigir e levar. E a ideia é assim, a partir da realidade, dos conceitos que existem no município, vou sintetizar isso e avaliar... avaliar não é o termo certo, mas ver essa relação.

MA: - Vocês têm todas as escolas rurais?

L: - Estou tentando, eu ainda não consegui entrevistar algumas, são treze.

MU: - São.

L: - Algumas o contato é um pouco mais difícil, até porque eu peguei uma época ruim né. Greve, transição de governo, eu comecei o ano passado.

MA: - Mas o município não tem greve.

L: - Não, não, a universidade. Porque por exemplo eu não pode começar o projeto antes de enviar para o comitê de...

MA: - Ética.

L: - Ética. Teve que liberar o comitê de ética, tive que matricular na disciplina, obter anuência da prefeitura, porque aquela...

MA: - Quem é a professor da Disciplina?

L: - É a Professora Camila Coimbra

MU: - Ela é sua orientadora

L: - Isso, agora abrem uma disciplina específica de TCC só com seu orientador. Então na verdade a disciplina é da biologia, mas quem está me orientando é a professora Camila da FAGED.

MU: - Está vendo que até na... na... Instituição federal, na graduação e na pós-graduação, até está havendo uma abertura de pensamento quanto a essa questão de educação ambiental, porque não tinha isso.

MA: - Não tinha.

MU: - A gente tinha uma disciplina ecologia no currículo antigo, mas que focava a questão de educação ambiental também, mas mais a flora e fauna. Era bem, assim, compartimentado mesmo.

L: - Hoje em dia muito dos conceitos utilizados ainda são restritos nesse ponto. Mas assim, a questão aqui do projeto não é nem, avaliar, julgar, analisar. É uma coleta de informações básicas e depois fazer um diálogo com é... tanto o projeto pedagógico do município/plano de ensino, que saiu ano passado, e maneiras disponíveis de trabalhar essa educação ambiental, porque tem escolas que estão muito bem e outras... por exemplo, aqui é uma escola que está muito bem estruturado o tema, eu achei... tem a parte de conteúdo, os professores estão preparados, tem um projeto para escola. Outras escolas tem um pouco mais de dificuldade até por não ter profissionais da área, etc. E como podemos auxiliar

MU: - Talvez até de... de apoio né? Porque tem que ter um apoio do gestor para você estar trabalhando.

[NT: telefone do entrevistado toca, interrupção na entrevista]

L: - Então, sem querer vir e impor uma coisa, é só uma proposta, ver o que no município hoje é falado em educação ambiental...

MA: - Praticado

MU: - Praticado

L: - Bom vou parar de gravar agora.

MU: - Não, é... eu até gostaria que você gravasse isso. A gente está a disposição para o trabalho, mas gostaríamos também do feedback.

L: - Com certeza, vou mandar uma cópia do trabalho final para vocês.

MU: - Porque isso aí para gente é um crescimento, enquanto profissional, enquanto gestores, porque tudo é formação para gente e a gente está aprendendo o tempo todo. Aceitamos também sugestões, vou mandar o projeto também para você estar lendo, tá? é um projeto

simples, não é um projeto academico, é um projeto mais de execução, para, voltado para aplicar na escola.

L: - Minha ideia é justamente essa: É não tentar pegar o universo da academia e tentar encaixar ele nas escolas, mas trazer o diálogo...

MU: - É. Até mesmo porque não... não tem como. A gente quando sai da academia a gente já vem com tantas ideias e a gente vê que na...

MA: - Práxis

MU: - Prática é... é... não tem como, não se adéqua. E no entanto, só vou frisar, o projeto não está fechado porque a gente vai agregar os projetos, sub projetos, nesse projeto grande. Porque a ideia não é... é mostrar o leque, mas não cercear a criatividade e a práxis do professor...

L: - É respeitar a autonomia do professor

MU: - É, respeitar.

L: - Porque só o professor sabe onde pega na sala de aula.

MU: - Nem só eu, nem a Buriti, tão pouco o Mangaba somos donos da verdade né. Então a gente tem uma percepção, cada um de nós, pela bagagem cultural mesmo, acadêmica., a gente tem uma visão de determinado ponto. E isso enriquece. E essas arestas são ótimas que existam...

L: - E tem muitas ideias boas...

MU: - para crescer. Enriquecem. Né.

L: - Muitas vezes o pessoal da universidade não sabe o que enriquece, o que acontece na escola.

MU: - É

L: - Às vezes um projeto desse enriquece muito mais do que colocar um conteúdo lá. Por exemplo, Reciclagem, um projeto desse aqui, que é trabalhado com os alunos, que eles tem essa vivencia, é muito mais importante do que chegar e falar, olha... esse é o tópico temos que reciclar.

MU: - E mesmo porque a... a... essa temática ambiental, ela é bem ampla, ela passa por vários caminhos aí. Que as vezes, na academia a gente não percebe isso, nem em livros didáticos, porque em livros didáticos também é muito pontual isso.

L: - Interessante, né porque um projeto desse depende muito da diretora, e muitas vezes ela não tem formação na área. **[NT: Interrupção perguntando da diretora. Conversas distintas, profissionais passam o email.]**

L: - Bom pessoal, vou parar de gravar. FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice I - Transcrição da entrevista com Professor Pequi (Ciências - 9º ano da E.M. do Cerrado)

Entrevista realizada em 24 de fevereiro de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

P: Pequi

L: - Por via das dúvidas

(som de preparativos)

L: - Bom dia Pequi

P: - Bom dia

L: - Então, é... A Primeira coisa que eu queria saber de você é que você se apresentasse um pouco, falasse um pouco da sua formação, de onde você veio, e a quanto tempo trabalha como professor de ciências, e em escolas rurais.

P: - Certo.. Ammm... Eu sou PEQUI. Eu sou formado, licenciado, pela Universidade Federal de Uberlândia, ammm... No ano de 2010 e logo após terminar eu já iniciei o processo de dar aula na..., de dar aulas na prefeitura né, de licen... como posso falar?

L: - Lecionar

P: - É lecionar na prefeitura e acabei ficando até hoje. Na verdade, não era o que eu esperava que eu fosse fazer depois que eu terminei a graduação, mas, ammm. Não (...)

L: - Nunca é, né? (risadas minhas ao fundo)

P: - Mas eu gostei. E estou aqui até hoje. Amm. Também agora leciono no estado também. Então nas duas esferas né? Esfera estadual e municipal, hoje eu leciono. Então, hoje eu ahhh meus alunos vão desde o sexto até o terceiro ano do ensino médio.

L:- Bom, dá para ter uma ideia legal do processo.

P: - É. Eu acho que quando varia um pouco a gente consegue ammm não estacionar num lugar só né?.

L: - E dai né, então você trabalhou com essa escola, já, rural desde o início?

P: - Sim, desde o início eu estou na escola do Cerrado. Ammm e sempre trabalhei com rural na prefeitura porque, como meu cargo na prefeitura... um cargo hoje de um professor são 16 aulas, mas ammm como aqui na escola só tem uma turma de cada série do ensino funda..., dos anos finais do ensino fundamental, então nunca completam as 16 aulas. Então são 12 aqui e 4 em outra escola sempre. E as escolas que eu dei aula também são rurais, então sempre deu para ter um...

L: - Olha aí, que interessante, legal.

P: - ... Da diferença. Ambientes diferentes, mas dentro do rural.

L: E deixa eu perguntar você já morou em área rural, sua família já ...

P: - Não, não. Sempre morei em área urbana, mas eu vim de uma cidade menor que Uberlândia. Mas rural, rural, não.

L: - Beleza!

P: - Só lecionando mesmo.

L: - Deixa eu perguntar: O que que é ser uma escola rural para você? O Que você acha que é esse conceito para você...

P: - Ammm. Eu demorei para entender, mas existe uma diferença entre escola rural e escola do campo. Uma escola rural na verdade, a única diferença da escola da cidade é o fato dela estar localizada na área rural do município. Mas ela não atende exatamente as especificidades do tipo de público que ela atende. Porque quando é uma escola do campo, pelo menos dentro dos conceitos que eu fui aprendendo no decorrer de 6 anos trabalhando em projeto, em algumas coisas, é que a escola do campo vai, de certa forma, é, ser flexível ao público que ela atende, e a nossa... A nossa não, não digo a nossa, mas as escolas rurais da rede elas não fazem isso. Imagino que no Brasil, em outras áreas do Brasil, também seja a mesma coisa né? Porque o homem do campo tem, é, certas, vamos dizer assim, diferenças na rotina do que o homem da cidade. Então, a escola não atende essas especificidades, de certa forma é o homem do campo que se adapta, e de certa forma eu acho que a escola rural, como ela tem as burocracias, o... o... o... a rotina de uma escola da cidade. É como se a gente estivesse sempre

ensinando que em algum momento esses alunos têm que sair do campo para ir para a cidade. Então tipo, a gente não está falando com eles, então existe a possibilidade de você ficar no campo. Não, a gente está falando pra ele assim ó, agora você vaza daqui porque no campo não é o lugar para você ficar. Eu pelo menos entendo assim, né?

L: - E você acha que, assim né, nesses anos que você está trabalhando mudou um pouco sua visão, ou não? Em termos de material, em termos de...

P: - Não. É, curiosamente, porque eu, eu, no caso eu trabalhei com o PIBID ammm em um período e foi uma experiência interessante. Então coisas que eu não tinha visto antes, por exemplo, o programa nacional do livro didático da escola do campo. Existe. Existe esse programa, mas por exemplo, se a gente for fazer uma análise do livro, igual a gente fez durante o projeto, ammm... O livro ele é um livro voltado justamente para essa coisa. Do tipo, saia do campo, não fique no campo. Ammm Ao mesmo passo que em outras coleções de livros, porque né a gente foi mais analisando coleções que chegam mas não são utilizadas. Porque a coleção do livro do campo ela não é utilizada (risos) ela só chega para a gente analisar e escolher. Na verdade, ela é do primeiro ao quinto, não é nem do sexto ao nono.

L: - É?

P: - É. Eeee Então, por exemplo eu acho que existe ali um certo desvalorização da identidade (sic). Quando eu falo assim na construção do material didático, em todo esse processo aí. Pelo menos eu... eu vejo assim...

L:- E assim, na prática o material que vocês usam é material, é o material mesmo da cidade (sic)?

P:- É o material padronizado para todos, é o mesmo livro didático.

L: - E vocês acham que tem alguma orientação... Orientação não, mas assim muda alguma coisa pedagogicamente o fato de ser uma escola rural hoje em dia? Ou não?

P: - Nnnn Não muito, eu acho que assim, é... é como a escola... O fato de a escola estar localizada numa... numa zona rural. Porque outra coisa, eu trabalhei em 3 escolas rurais diferentes e cada uma tinha uma identidade diferente, porque igual, aqui nós temos a escola rural que ela atende hoje alunos que são da zona rural, mas uma zona rural mais próxima da cidade, e alunos que acabam não encontrando vagas em escolas mais periféricas, que é alunos (sic), dos bairros.... Eu não sei se aqui é zona leste, mas é os bairros Morumbi, Dom Almir, etc., então mistura-se um pouco esses alunos, os alunos da cidade e os alunos que vem do

campo mesmo. Eu trabalhei em outra escola que ela fica em distrito, os alunos de lá já tem outra identidade, porque na verdade existe uma comunidade em torno da escola, apesar dos alunos virem também das fazendas próximas do distrito. E trabalho numa escola, trabalhei né, em uma escola em que ela é realmente zona rural, porque todos os alunos que vem, vinham de assentamentos de sem terra, e etcetera e tal. Então são três escolas com identidades totalmente diferentes e todas são consideradas rurais, porém a realidade com que é trabalhado é totalmente a mesma da cidade. Então ammm não é considerada a especificidade daquele aluno, é no dia-a-dia, na prática docente é claro que a gente tem que adaptar um pouco. Mas eu acho que nesse caminho aí a gente não consegue atender 100% do nosso aluno, acredito que na cidade também seja a mesma coisa, mas eu acho que no campo esse problema é mais visível e mais gritante.

L: - Beleza. Quais, você acha que são as principais vantagens e desvantagens de trabalhar numa escola dessas assim. Diferenças... Ou particularidades

P: - Ammmm...

L: - Para você.

P: - Para mim seria o número de alunos. A diferença está no número de alunos, porque eu imagino que, pela faixa etária, adolescente é adolescente em qualquer lugar. Mas são experiências diferentes, eu acho que, para mim trabalhar na zona rural, na prefeitura, nu... nu.... nu..., na esfera municipal e trabalhar na zona urbana na esfera estadual. Eu acho até que pra mim... Na minha prática, além das experiências... Não vou dizer que eu descanso a cabeça porque não é bem assim, mas pelo menos a minha cabeça não fica sempre naquela mesma coisa, então eu acho que para mim eu canso menos. Seria menos entediante do que dar 32 aulas na mesma série. Eu não gosto, então para mim é melhor ter essa variação de identidade de aluno para poder ammm ter experiências diferentes.

L: - Legal, legal. E agora, a questão de educação ambiental. O que é educação ambiental para você?

P: - Ammm Educação Ambiental. (pausa) Vamos lá.

L: - Pergunta difícil, não é?

P: - Não, não.. É.. É difícil assim, apesar de que a gente, eu sou formado em biologia, eu acho que é um termo difícil hoje em dia para trabalhar...

L: - Você vê tanta coisa na hora de definir...

P: - Para ser trabalhado...

L: - ... na prática.

P: - É a definição é meio confusa, mas eu acho que educação ambiental é como se trabalhar com os alunos de forma que eles se enxerguem como parte daquele ambiente. Mas, como parte transformadora, então por exemplo da mesma forma que nós temos que passar para eles que existe o fator humano modificando o ambiente, por um lado negativo, existe também a possibilidade de modificar o ambiente pelo lado positivo, e que eles são agentes para isso. Mas é complicado eu acho, é uma tarefa muito complicada. Assim quando a gente fala de educação ambiental parece que ela só é trabalhada na escola quando vem algum projeto. E que seja só uma função do professor de ciências ou de biologia, e na verdade isso não é verdade. Eu acho que todos... a educação ambiental ela é um tema transversal então tem que ser trabalhada com todos os conteúdos. Mas hoje em dia, como a gente sabe, é... é a famosa gavetinha né? Amm.... Eu tenho uma crítica ao professorado, que é o fato de que é meio que cada um no seu quadrado e as pessoas não misturam. E não gostam de trabalhar temas transversais, assim como a educação ambiental, a questão de gênero, de etnia, etc. E tal. É muito difícil de ser trabalhado hoje em dia. Por que os professores também vêm com seus pré-conceitos, ele traz o seus pré-conceitos, a sua bagagem para a escola, então é complicado de se trabalhar. Mas educação ambiental, pelo menos assim, nos últimos três anos, assim, eu sempre trabalho, desde que eu entrei na prefeitura eu gosto de trabalhar com os meninos muito o trabalho de feira de ciências. Então a gente sempre faz trabalhos voltados para parte ambiental. Mas nos últimos dois anos eu tenho tentando, pelo menos, trabalhar com os meninos de uma forma que..., por que os meninos têm a noção de que o meio ambiente é tudo aquilo que está fora da escola. Tipo assim, é a floresta, é o Cerrado, é o Parque do Sabiá, é o rio, é a fazenda. É isso que é o meio ambiente para eles. Não, eles não conseguem se enxergar como parte daquilo ali, então eles não conseguem nunca chegar ao ponto de querer falar assim: não, eu consigo modificar isso aqui por um lado positivo. Então nos últimos anos eu tenho trabalhado com eles mais ou menos nesse sentido. Até fiz um trabalho na outra escola, mas foi na área urbana, que é, que a ideia trabalhando com os meninos surgiu, era uma turma muito boa, que era, amm, a gente trabalhou "EUBiente", então, tipo, era como se eles conseguissem se enxergar como parte daquele ambiente que eles deveriam transformar, que inicialmente, a gente trabalhou com eles que era a escola. Como a gente pode transformar a

escola. Então para mim educação ambiental é isso, é começar do ponto de que essa criança tem que se ver como agente transformador do lugar que ela vive.

L: - Interessante, cara. Interessante mesmo. E assim na prática, na aplicação da educação ambiental em escolas rurais, você acha que é diferente? Não é? Quais são as vantagens, desvantagens...

P: - Sim, sim. Porque o aluno da escola rural ele tem a vivência de um ambiente menos modificado pelo homem, então quando você vai trabalhar, por exemplo, ammm seres vivos mesmo, o conteúdo curricular, é muito mais fácil você pegar as experiências deles anteriores, e trabalhar com aquilo ali, então você desenvolver com ele, aaa, os conceitos prévios que ele tem. E quebrar algumas coisas e transformar o... o... o... muitas coisas que são do senso comum em conhecimento científico. Mas assim a educação ambiental em si, ammm, na zona rural como eu vejo assim que é diferente? É mais fácil num ponto...

L: - Tá, foca na sua experiência mesmo...

P:- Sim, sim...

L:- Minha ideia é ouvir você que tá aí com a mão na massa...

P: - Sim, sim... É que eu estou tentando fazer um apanhado dos últimos anos que eu estou aqui, né.

L: - Esse pessoal que chega de repente com esse monte de pergunta né?

P: - Não, não. Mas é que estou tentando pegar um apanhado dos últimos anos que eu estou aqui na escola e, como eu falei das feiras de ciências, de trabalhar com eles essa questão sempre algum trabalho ambiental a... a... então eu acho que com eles é mais fácil, porque as turmas são menos numerosas do que na cidade e porque eles tem uma vivência em um ambiente menos modificado pelo homem. Então quando você parte de um ambiente menos modificado para trabalhar com o mais modificado, com mais ação antrópica ali, eu acho que é mais tranquilo. Eu acho que eles conseguem chegar a um ponto que, tipo aaa, quando ele chegar lá no ensino médio ele, alguns alunos que acho que lembram, tipo assim do trabalho que eles fizeram aqui na escola e conseguem pelo menos, eu imagino, aaaaa quando chega na cidade... Na zona rural não tem ensino médio, então quando eles vão para o ensino médio na cidade, eles conseguem lá... eles conseguem lá aaaamm pelo menos nesse sentido do ambiental, eles conseguem chegar um pouquinho melhor do que esses alunos da cidade, transpor essa passagem de modificador de ambiente, sabe. Porque eles já estão numa área que

é muito modificada, então para eles quebrar um conceito tipo é a o seu quintal é impermeabilizado. Então tipo, eles viveram a vida inteira achando que o normal é todos os quintais de todas as casas, serem cimentados. Então como é que você vai quebrar esse conceito com eles? É muito mais fácil partir da zona rural, ó, isso aqui é um solo que está sendo trabalhado de maneira natural, aquele ali já é um solo que ele foi impermeabilizado porque você cimentou, então tem a... qual é..., vamos dizer assim, os resultados disso, ou as consequências disso. Então acho que na zona rural é mais fácil por isso, porque ele parte de um lugar menos modificado.

L: - Legal ammm. Eu acho que assim, basicamente é isso que eu queria. Você tem mais alguma coisa que você tiver mais alguma coisa que fale nó... acho interessante falar dessa situação ou de alguma coisa...

P: ... Umm.

L: - Porque assim, nesses anos que tenho experiência geralmente é tratado como conteúdo próprio né? De Ciências ou...

P: - Eu acho assim que... Por exemplo falta a a... escola ahmm... trazer o aluno para o... o... o... conteúdo ou para o tema transversal de uma forma que ele se veja naquilo ali. Porque essa coisa de fazer o “pro forme”, por exemplo a temos que trabalhar o tema transversal, aí o professor vai lá por exemplo e faz uma redação ou um desenho, em uma determinada data do ano, o dia mundial do meio ambiente, então eu acho que é uma coisa meio que ammm... fazemos por que está no protocolo fazer...

L: - Sim.

P: - Os professores não conseguem ainda sair desse protocolo praaa... ter uma prática mais... Até o professor, eu acho que...que.. Se vê obrigado a trabalhar educação ambiental quando ele não gosta, por exemplo ou quando ele não se vê como agente também... quando ele não se vê como agente também [nota de transcrição essa parte foi repetida duas vezes mesmo no processo da entrevista]... igual o aluno não consegue se ver como agente as vezes o professor também não consegue se ver como agente. Enquanto o professor também não chegar até a sala de aula ammm... vou usar a palavra, não sei se é o correto, mas tipo... Militando em relação ao tema, ele não vai conseguir am... alcançar o aluno e vai continuar fazendo o protocolo para sempre, até ele aposentar. Mas daí vai demorar né...

L: - É agora vai...

P: - risadas

L: - Aposentadoria a partir de agora é mito cara. A gente não aposenta mais não.

P: - A gente vai morrer antes

P: - Espero que tenha ajudado aí

L: - Ajudou bastante, bastante. Eu acho que é isso mesmo. Muito obrigado pela sua participação

P: - Certinho.

L: - E bela camisa cara

P: - Risada. Valeu filho.

L: - É deixa eu fazer mais uma pergunta: posso pegar seu email?

P: - Pode

L: - Porque eu vou fazer o seguinte: eu vou transcrever...

P: - Aham

L: - ... totalmente a entrevista. Para depois, vou obviamente mudar nomes, etc.

P: - Eu tenho uma crítica em relação a uma coisa que eu acho que gosto de citar porque eu acho que é interessante. Que é quando chegam... a interação entre a escola e setores privados, ou setores públicos, mas que tem que fazer trabalhos educacionais. Sabe saúde, algum órgão público ligado a... a... parte ambiental ou..

L: - Ou então aqueles particulares, as usinas...

P: - Ou então, tipo quero reduzir o meu imposto, vou fazer um trabalho na escola. É muito aquém do que eles podem fazer, eles fazem o que, como é que eu posso falar? Eu vou ser sincero..., igual quando a Baru [nota da transcrição: a diretora da escola] falou que você vinha aqui eu já imaginei que nossa, aquele pessoal que vem aqui na escola todo ano, fingir que faz alguma coisa, que dá uma palestra para os meninos, assim... Eu sou bem sincero em relação a isso, as palestras que na minha aula elas já estão diluídas ali tipo... aqueles conceitos que eles estão falando ali, tipo uma coisa meio meia boca e eles acham, tipo assim, eles cumprem... assinam o ponto deles provavelmente lá no órgão público ou na empresa privada, e esses trabalhos meia boca vem para escola, as vezes, eu imagino que atrapalha as

vezes uma sequência de raciocínio que a gente está fazendo porque eles chegam no dia que eles querem, então falam assim, nós estamos vindo na escola, vocês tem que abrir as portas para nós, e na verdade esse trabalho não tem resultado nenhum, assim com os meninos. Eles vem, as vezes, a vamos fazer um concurso de desenho e vamos dar uma bicicleta. Então assim... Que educação ambiental é essa? Eu detesto, eu vou falar com sinceridade, eu detesto fazer trabalho junto com órgão público que não é da área de educação e com órgão privado que vai fazer trabalho na escola para reduzir imposto. DETESTO!

L: - Eu acho que... Eu tenho a experiência de trabalhar com licenciamento né...

P: - Ahmm..

L: - ... e daí todos os projetos vem com a cláusula da educação ambiental. E o que os caras fazem? Folder e palestrinha nesse tipo...

P: - Aham...

L: - ... assim o pessoal não entende que um projeto de educação ambiental tem que ter uma continuidade...

P: - Sim.

L: - ... um objetivo, uma avaliação, avaliar o que você realmente...

P: - Aham...

L: - ... qual foi a efetividade, o que mudou nos conceitos da região? Como você explica. E outra coisa, eu acho que hoje em dia a educação ambiental, o pessoal, estou falando minha visão pessoal agora, foca muito nessa questão de... é... bonitinho, bichinho, temos que preservar, você tem que preservar, e muito pouco numa coisa efetiva. Por exemplo, olha, o que é a educação ambiental hoje em dia? O que a gente está fazendo aqui? O que uma usina hidrelétrica vai fazer?...

P: - Aham...

L: - ... Como é que você participa de um processo de licenciamento? Como você vai...

P: - É.

L: - Sabe eu acho que falta muito essa questão... efetiva, que é o que você falou mesmo.

P: - Eu não vou falar que as temáticas que eles trazem são batidas, porque não são não, eu acho que a temática ambiental, qualquer ponto dela, nunca é batido, mas assim, a abordagem deles é totalmente tosca, ahm... superficial, e eu acho que as vezes não leva... Não tem um certo respeito com o trabalho que já está sendo feito na escola. Porque muitas vezes eles vem na escola, e aqui na escola eu sou tido como o chato do rolê por isso, por quê, ham..., é... quando eles chegam na escola as vezes para perguntar alguma trabalho, muitas vezes eu falo, tipo ó..., sinceramente, sinceramente, não. Não tenho saco mais e... aí então, tipo assim, eles vêm fazem o trabalho de qualquer jeito, porque é claro. Assim, eu não vou criticar a direção por isso porque todas as direções são assim. Elas têm que ter um trabalho administrativo, elas tem que receber pessoas de fora, etc. E tal. Para fazer eventos na escola e tudo mais. Movimentar a escola. Ammmm... Mas assim, eu não tenho saco mais para isso e eu acho que eles não respeitam o trabalho de quem já trabalha nessa parte. Por exemplo, porque eles não fazem um trabalho, tá. Somos de uma empresa tal, ou somos do IEF, somos do... sei lá, IMA. A, qualquer lugar desses órgãos aí. Ammm.. Vamos fazer um trabalho então com os docentes em vez com os alunos, ammm, educação ambiental, ahm... vamos pegar então os professores e vamos levar na usina do Pau Furado, que fica do lado da escola e muitos professores nem conhecem, porque nunca tiveram, a... por exemplo a capacidade de pegar os professores a... a..., o corpo docente, os funcionários e falar assim, não, vamos fazer um trabalho com eles levando na usina, mostrando para eles como que é...

L: - Ou vamos ver o que que é a mineração. Ver o que é o impacto ambiental? Vamos ver uma pilha de rejeito, uma pilha de estéril...

P: - Não, não é.

L: - Eu acho que se todo o pessoal, todos os alunos, tivessem a oportunidade de ver o que é uma pilha de estéril igual aquela que estourou da SAMARCO...

P: - uhum.

L: -... O pessoal ia. Nó. Pensar mil vezes antes de...

P: - Os alunos saem da escola sem desenvolver um senso crítico em relação a educação ambiental, acho em grande parte por isso.

L: - É mas...

P: - O mínimo que... a gente tenta, eu acho que... professor de ciências né? Porque como eu falei sempre centralizado na figura do professor de ciências ou de biologia. Uma visão... Só

um ponto para você observar depois, é o fato que está construindo aqui a estação de tratamento do lado da escola e... Você acha que eles estão respeitando a... a... a... o espaço da escola? Eu acho que não né, porque, aham... tipo, a escola você pode observar que ela já é prédio mais velho... imagina a questão das rachaduras e tudo o mais, não só disso, mas tipo... leva os alunos na obra um dia, para eles verem o que vai ser construído aqui. Faz um trabalho com eles. Só fizeram uma reunião com a escola, com o corpo docente, no início da obra, e nunca mais voltaram aqui. Só voltaram aqui quando caíram umas pedras aqui, dinamitaram uma coisa lá, então a escola não tem o espaço respeitado. Eu acho, né. Por diversos órgãos, diversas esferas.

L: - É... infelizmente eu acho que nada tem esse espaço. Inclusive eu abandonei essa área de licenciamento porque não aguentei mais. Eu falei não...

P: - Ahm.. É?

L: - O pior é que assim você faz um relatório hoje em dia. Você fala, ou, olha...

P: - Tá errado né?

L: - ... Assim geralmente você não pode emitir juízo de valor, mas você fala olha vai acontecer isso, isso e isso... e você tem que fazer isso... isso... isso... Daí você chega para o órgão ambiental, os caras ratificam, sai a condicionante, (barulho de mãos batendo), nego não faz, sai nova licença...

P: - Tá tudo errado, tudo errado. O público está errado, o privado está errado. O governo está errado.

L: - Eu acho que a gente tem que começar a mudar...

P: - Aham.

L: - Eu acho que... enfim. Que a gente tem que ter esperança...

P: - É.

L: - Se a gente não tem esperança a gente desiste.

P: - Tá difícil. (risadas) A gente tem... carrega ali, mas está difícil, está complicado, mas eu gosto do que eu faço. Então, por enquanto, ainda não desisti. Por enquanto...

L: - Mas legal cara. Essa parte aí que você falou para o final foi muito interessante. É uma visão que pouca gente fala mesmo, mas é o que todo mundo pensa. Eu também odeio isso, por

exemplo, em um projeto de educação ambiental a primeira parte deveria ser um contato com o professor. Primeiro, o que está sendo trabalhado. Como você pode...

P: - Até porque, como eu falei que é centralizado no... na... no professor de ciências, ou de biologia, ou etc. Ahhmmm Tem também os professores das primeiras séries, das séries iniciais do ensino fundamental, que a formação por exemplo é em pedagogia. Não estou falando que a formação seja deficiente, mas a formação em pedagogia ainda precisa ser bem revista, ammm, para trabalhar áreas específicas. Porque eu acho que a ciência, a educação ambiental, etc. tem que ser trabalhada desde lá, o ensino infantil. E não é porque a preocupação hoje é as crianças vão sair daqui alfabetizadas? Elas não podem ser reprovadas.

L: - É ?..

P: - Elas não podem ser reprovadas, mas elas têm que sair alfabetizadas. Então elas saem mal alfabetizadas. Nem uma coisa nem outra. Difícil. Mas desculpa o desabafo também.

L: - Não é isso aí. Obrigado Pequi, não vou ficar pegando muito do seu tempo aí.

P: - Não que é isso. Eu acho que é uma experiência diferente.

L: - Posso te pedir um favor? Você me passou o...

P: - Email?

L: - O email ou o telefone. Alguma forma de contato?

P: - Beleza

L: - Para eu mandar para você o áudio transcrito, minha interpretação, etc.

P: - É bom , porque geralmente, igual eu estava falando dos projetos que vem para escola, a gente nunca tem retorno. Nunca.

L: - Não, no final também eu vou disponibilizar para vocês o tcc. Não digo impresso, mas o pdf

P: - Não, Tranquilo.

L: - Porque....

P: - Com a data de hoje? (referente ao termo de consentimento que entreguei para ele no inicio da entrevista)

L: - Pode ser.

P: - Hoje é dia 24 né?

L: - É.

P: - Já fez em outras escolas?

L: - Não. Estou começando agora. Agora que... Porque assim, eu peguei o tcc no semestre passado para fazer o projeto. Daí greve, mudança de calendário da UFU. Acabei [o projeto] em dezembro. Daí sem chance, né? Vai atrapalhar mais que ajudar, porque fim de semestre, o pessoal tudo na correria.

P: - É complicado. Aí ia ser mais difícil para você viu?

L: - É... Deixa eu dar um visto aí na sua via.

P: - Quer que eu coloque o email aqui? No termo melhor não né?

L: - Melhor não. Vou desligar o gravador.

[FIM DA PRIMEIRA GRAVAÇÃO. O ENTREVISTADOR E O ENTREVISTADO CONTINUARAM A CONVERSAR SOBRE O MESMO TEMA LIVREMENTE, COMO O TEOR ESTAVA INTERESSANTE PARA O OBJETIVO DO TRABALHO, FOI GRAVADA NOVAMENTE O FINAL DESSA CONVERSA LIVRE]

P: - Outro ponto que eu queria falar é o fato da Universidade ter na sua..., na formação o objetivo de ensino, pesquisa e extensão, ainda está muito distante da educação básica, porque os projetos que a universidade consegue levar até as escolas, geralmente, além das escolas serem a... a... Universidade esquece de duas coisas, as escolas periféricas e as escolas rurais. As escolas periféricas da cidade elas são abandonadas pela universidade, eu acho. Não abandonadas, porque tem projetos, alguns projetos, como PIBID, que chega até algumas escolas de... mas, a... a... concentração de projetos, até pela facilidade para universidade, é feita em escolas próximas dela. Vamos citar aí o Messias Pedreiro, por exemplo, que diversos, n projetos, em várias áreas e vai olhar, por exemplo, se eles tem algum projeto em alguma escola do Tocantins, do Luizote. Não têm. E as escolas de zona rural também. Então, quando você fala assim o... o...

Professora: - Quer castanha?

P: - Não, não... quando você fala que... que... a educação superior tem o poder de... de... melhorar, já que vocês estão pesquisado o tema ahm.. Porque que esse resultado não chega na escola?

L: - Na minha opinião é um dever. Eu acho que hoje em dia muitas vezes, só dando uma resposta para você também, é porque muitas vezes o pessoal pega a teoria, vai lá, coleta os dados e tenta fechar, encaixar os dados na teoria...

P: - Sim, sim.

L: - Eu acho que não. Você tem que ver o que está sendo feito realmente. Qual que é...

P: - Sim. Já chega...

L: - ... o sujeito imerso... Pegar esses dados e falar olha, a gente tem essa situação. E daí, também do mesmo jeito, não é a gente que vai decidir, ou indicar alguma coisa...

P: - Uhum..

L: - É apresentar a situação e aí, eu acho que, o próprio... os próprios sujeitos tem que...

P: - Vão se...

L: - É...

P: - ... se transformando por afinidade, ali né? Nem que seja por exemplo por..., eu sei que tem burocracias para chegar um projeto em uma escola de educação básica, mas por exemplo, na hora de as licenciaturas da UFU procurarem escolas para estágio, da licenciatura. É uma maravilha. Porque daí o aluno vai estar lá na escola, vai dar umas aulinhas ali, pá, pá, rá, pá. Eles acham que, de certa forma, assim... a visão deles, assim, eu falo porque eu também já fiz licenciatura. Tipo assim, nós estamos fazendo um favor, porque o professor vai descansar da gente... dos seus alunos, durante um tempo. E não é bem assim as coisas.

L: - Aham.

P: - Mas por exemplo, algum projeto então, já que o ensino superior faz pesquisa. Porque esse resultado não chega na escola básica, então, por exemplo. Uma pesquisa de educação... A, nós pesquisamos que essa situação que a escola pública passa é ruim, é isso é aquilo. Mas tá, e a transformação? Ela tem que partir do ensino superior também, tem que existir essa relação entre educação superior e educação básica, e ela não acontece. Eu falo assim... eu faço uma

crítica porque eu trabalhei no PIBID e eu vi que o PIBID ficou muito aquém... eu falo que foi a experiência... eu aprendi demais, mas eu falo que eu aprendi mais que os próprios estagiários da licenciatura, porque amm... foi lá que aprendi essa diferença da educação do campo e da educação rural, foi lá que eu vi diversas palestras que eu nunca tinha visto sobre o tema, porque a escola está longe da cidade. Igual eu falei, está afastada do ensino superior, então essas oportunidades eu tive, excelentes, mas os estagiários que estiveram no projeto, eles aproveitaram muito pouco. Porque acaba, vamos dizer assim, sendo flexível, até demais, vamos supor assim, com a grade horária e tudo mais... E na verdade, assim, qual que era ação deles na escola? Acabou, no final, não ficando produto nenhum, sabe?

L: - Uhum...

P: - Eu, como supervisor dos estagiários, eu falo que não ficou produto nenhum para escola.

L: - É, eu sei que isso é muito comum. Essa questão de uso e... É muito... Você não cria uma... uma relação de..., até que você falou, de pertencimento, de produção, né?

P: - Eu trabalhei seis anos, eu trabalhava... não, sete ou oito anos, não sei. Eu estou com aquilo, esquecimento já... Mas eu trabalho aqui a quase oito anos, e tem uns quatro anos seguidos que a escola, comigo ou com professores diferentes, do ensino fundamental um e dois, professores ganharam na feira de ciências que é feita no... pelo setor da UFU responsável por essa parte de... é... educação, arte, ciência, etc. E tal, que é o DICA, né. Mas por exemplo, aí beleza, nós ganhamos quatro anos, a feira de ciências, em primeiro, segundo ou terceiro lugar. E aí? Nunca chegou, então, falou assim: aquela escola lá, ó, é boa. Vamos lá fazer um projeto lá. Também nunca tiveram esse interesse, só ficam... é... é meio que uma coisa pontual, não é uma coisa contínua. Vamos pegar aquela escola ali e vamos trabalhar continuamente com ela, porque ali tem potencial. Não. É uma coisa só pontual, a feira de ciências ali, apresenta, ganha medalha e fica só por isso. Então assim, meio que, acho que isso foi desestimulante, tanto que nos últimos dois anos eu não participei. Ahmmm

L: - Entendi, legal que você tenha essa visão.

P: - Fogo cruzado para todo mundo agora né, estou falando mal de todo mundo.

L: - Mas é bom, é isso mesmo. Uai.

P: - Mas é minha visão, pelo menos.

L: - Então é isso. Pequi.

P: - Obrigadão viu.

L: - Que é isso, eu que agradeço.

FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice J - Transcrição da entrevista com Professora Araticum (Ciências - 9º ano da E.M. Cerradão)

Entrevista realizada em 03 de Março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

A: Araticum

L: - Eu vou gravar aqui no celular e no gravador porque...

A: - É mais fácil depois né...

L: - ... Fica pelo menos mais dois backups. Porque já tive um azar, já roubaram gravador, já roubaram celular...

A: - Não, é tem que prevenir mesmo...

L: - Daí fica mais fácil, salvar né. Mas... Bom dia Araticum.

A: - Bom dia.

L: - Primeira coisa, gostaria que você se apresentasse, falasse de onde você é, onde você formou, sua experiência aqui no ensino, como é que é... Só para a gente começar a se conhecer.

A: - É, eu me formei em 2005 na UFU. Fiz licenciatura e bacharelado em ciências biológicas, fiz os dois ao mesmo tempo, fiz mestrado em genética e bioquímica, depois do mestrado, aí eu não quis seguir...

L: - Essa carreira?

A: - Essa linha né, dá área da pesquisa na genética e aí eu comecei a... eu voltei a trabalhar. Porque assim, quando eu estava na graduação, eu dei aula no estágio e fui substituta em uma escola no ano de 2005, aí eu fiquei, né entre 2006 e 2008 só para o mestrado, e 2008 eu voltei a trabalhar. Di eu dei aula em várias escolas, do estado e do município e dei aula em uma faculdade particular também, que foi quando as coisas mudaram para mim. Porque aí eu passei a dar aula e eu não quis mais aquela área da pesquisa mesmo, laboratório e tudo. Aí as

coisas mudaram, ali, eu dei aula 5 anos nessa instituição, dei aula dois anos na UFU como professora substituta, na área de prática de ensino...

L: - Olha que legal.

A: - Eu trabalhei lá, de 2010 a 2012. E desde 2012 trabalho na prefeitura. Foi quando eu tomei posse no meu concurso, naquele concurso que teve no final de 2012... foi 2013 que eu tomei posse, eu trabalhei 2012 como substituta, foi em 2013 que eu tomei posse na prefeitura. De lá para cá eu estou aqui nessa escola. Eu peguei aqui é substituição, né, eu peguei umas aulas de substituição... depois eu consegui...

L: - Ficar no cargo

A: - Efetivar aqui no cargo. O cargo era vago...

L: - Legal, Legal.

A: - Aí, de lá para cá eu estou aqui...

L: - Muito legal. E você mora lá em Uberlândia mesmo?

A: - Moro em Uberlândia. Moro em Uberlândia mesmo, fiz faculdade, tudo lá...

L: - E fazer uma pergunta para você então: Para você o que sig... o que é ser uma escola rural? Como é que você vê essa questão? Particularidades, vant...

A: - Você fala na escola como um todo ou no assunto específico da educação ambiental?

L: - Por enquanto na escola como um todo... É na sua experiência

A: - Na escola como um todo... A escola de zona rural para mim ela tem algumas particularidades sim. Eu acho que aqui a gente encontra alunos com uma pouca bagagem cultural, coisas que traz, assim de... de informação para a gente na sala de aula, assim, por exemplo: as vezes você vai discutir alguma coisa, e eles não... eles não daquilo que... que você está falando. Então eles têm essa bagagem cultural menor, para a gente poder puxar, à partir daquilo ali para a gente poder trabalhar. Eu acho que essa é uma das particularidades. Eu também acho eles um pouquinho mais fracos em conteúdo. Então eu acho, assim, que eles têm um pouco mais de dificuldade... na... na...

[NT: Barulho de professora de ed. Física perguntando de bola de basquete]

A: - ... nessa... Você quer sair daqui? Porque, as vezes a gente pode até ir para um outro lugar com menos barulho. Eu sei que para transcrição é difícil.

L: - Não, não. Tranquilo. Não isso aí...

A: - Então eu acho que eles... eles têm isso, acho que eles têm um pouco mais de dificuldade. Muitos trabalham, saem daqui da escola e tem trabalhos muito pesados. E eu vejo que, às vezes, para eles a escola não é muito assim... eu que... eu vou seguir isso na vida. A escola as vezes é mais socialização. Eu vejo muito isso. Que as vezes, assim vem para a escola em um momento para encontrar com os colegas e o estudo aqui, ele não é valorizado. Então assim tem essas três percepções. Que não é uma percepção só minha, que a gente comenta, comenta com colegas aqui de trabalho, dessas... dessas particularidades mesmo. Eu acho que uma das coisas que é mais difícil de trabalhar aqui é essa pouca bagagem que eles trazem.

L: - Entendi.

A: - Entedeu? Então, assim, eu trabalho em uma escola da zona urbana e você vê uma característica diferente dos alunos. É uma outra vivência de mundo. Que eles... que eles têm. Apesar dos nossos alunos terem tecnologia, mas não são todos que estão sempre assim. Nem sempre eles têm internet em casa, só um ou outro que a internet a cabo mesmo, se não a de celular 3G, são poucos que tem. Que eu... que a gente tem notícia né?

L: - É. E a região aqui é difícil de sinal, né?

A: - Exatamente. E como eles, assim, a condição financeira é menor, que a maioria é caseiro né. Filho de caseiro, que cuida de fazenda, e não dono de fazenda. Os que são donos de fazenda é muito poucos aqui nessa escola. É um ou outro, que a gente vê que tem uma condição melhor, que tem um acesso, que as vezes tem um notebook que pode fazer... assim, acessar e tudo, fazer um trabalho. Então é mais limitado nesse sentido. Acho que é isso mesmo, assim, as particularidades que eu vejo da escola, e uma coisa que me entristece a gente é essa perspectiva de... do estudo. De não seguir o estudo. Então a gente sabe, muitas vezes, no nono ano quem vai continuar e quem não vai continuar. Sabe que muitos querem na verdade um ofício e não pega, assim, a escola, como uma coisa, assim, que no caso...

L: - Vai ajudar...

A: - É... no caso. Não vê... não vê que isso pode levar eles até mais lá na frente, ter uma perspectiva de melhora... de melhor de vida a partir da escola. Aí a gente tem isso.

L: - E as vantagens, você vê alguma vantagem de trabalhar...

A: - Aqui? Eu vejo porque o componente indisciplina, que a gente tem dificuldade em escolas de zona urbana, é... é... aqui é menor. Então você tem alunos que são mais respeitosos, apesar de que a gente tem muitos problemas também, só que assim, a escola é menor, tem uma quantidade menor de alunos, logo a quantidade de indisciplina ela é menor também. Então assim, não quer dizer que não tenha, só que aqui é muito mais minimizado, se você for ver assim é bem pequeno em comparação. Então enquanto lá você tem uma porcentagem maior de aluno que te enfrenta, que te... né que atrapalha sua aula, aqui não, aqui você tem uma quantidade bem menor...

L: - Interessante

A: - Agora na... na... em Uberlândia, na cidade, a gente já tem menino que tem uma qualidade melhor. Uma qualidade melhor de escrita, uma qualidade melhor de leitura, de acompanhar o que você fala. Então a gente tem essa diferença, tem vantagem e tem desvantagem, né. Que aqui a gente tem um material mais bruto né, lá você já pega o menino mais... você tem assim... o menino tem mais coisa para te oferecer.

L: - Entendi. Interessante. E... É... E a questão da educação ambiental, como é que você vê a questão da educação ambiental?

A: - De forma geral?

L: - É, o que que é educação ambiental para você?

A: - É assim, do pouco que eu tenho experiência, né por que a minha experiência com educação ambiental realmente ela é muito pequena. Eu trabalhei... uma vez eu dei uma palestra assim, mas bem raso mesmo assim, eu não me envolvi com educação ambiental. Eu vejo a educação ambiental assim, de forma, mais ampla né. Porque o que agente as vezes vê circulando pela escola é um dia de preservação é aquele dia do meio ambiente, é aquele discurso muito jargão. Né. Que você tem que preservar, que você tem que cuidar, e as vezes, assim, não leva muito para aquele ambiente que a pessoa, o aluno está vivendo. Porque é aquele ambiente que a gente está é que é, é que deve ser cuidado e respeitado né, independente se é dia da árvore, se é dia do meio ambiente, se é dia daquilo, daquilo outro. Então eu acho que tem um pouco desse componente do ambiente onde a gente ocupa né. Que envolve vários fatores, né, desde, sei lá, lixo, cuidado com o ambiente da escola, cuidado com o corpo também, eu acho que é isso...

L: - Legal, Legal. E durante essa época que você está aí no ensino, você viu alguma mudança em relação as escolas rurais ou em relação a educação ambiental aqui na escola ou em todo...

A: - Não, não tenho nenhuma percepção disso. Não vejo nenhuma... nada acontecendo, não vejo nenhuma mudança, até porque eu não participo de nada relacionada a isso. Então, assim, de forma ativa não tem. Então assim quando a gente trabalha ecologia, ou quando a gente trabalha... no sexto ano a gente trabalha ecologia e no sétimo ano eu trabalho é... zoologia, botânica. Aí lá é que eu tenho alguma ou outra inserção, uma ou outra informação que eu falo e tal... Nossa está difícil hein?[NT: Referente ao Barulho na sala]

L: - Não, não, relaxa.

A: - Eu vou dar uma encostada aqui na porta [NT: Fecha a porta], vai melhorar

L: - Obrigado, não quero atrapalhar não. A vantagem do meu microfone é essa, ele foca bem no som aqui, e fica... diminui bastante o ruído.

A: - A é? Porque quando eu fiz as minhas foi difícil...

L: - Não, mas transcrição sempre é tenso. É um trabalho muito braçal né? Nossa, eu também estou enrolando para transcrever umas aí, e já estou com uma pilha lá...

A: - Vixe, é demais...

L: - Então tem mais um ano ainda, a gente está no meio de uma greve

A: - A é verdade, agora que vai começar o semestre né...

L: - É tenho mais dois semestres, até 2018.

A: - Coisa boa

L: - Mas é interessante. Você acha que, por ser uma escola rural a relação com a educação ambiental é diferente? Não é? Vantagens, desvantagens...

A: - Não eu acho que teria que ser, porque os meninos vivem muito mais esse ambiente, assim como um todo, viver mais plantas, animais, e as interações entre eles, né, que eu acho que deveria ser. Mas assim eu... não... não faço e não vejo nada de diferente, e de efetivo, em relação a educação ambiental. É meio que na Própria escola mesmo. Assim, eu não vejo nada. Não vejo e não faço. Eu não tenho assim, essa... essa... formula, não.

L: - É difícil, a gente trabalha como... com... muito conteudista, né? Não tem jeito de fugir.

A: - É, não tem. E aí, assim, eu... eu... até esqueci de perguntar porque que o foco é... é... são professores de 9 ano?

L: - É porque... para padronizar, porque as escolas rurais aqui, é nem todas têm as séries iniciais iguais, algumas tem o 4, algumas tem fundamental, algumas tem o quinto...

A: - Mas todas têm do sexto ao nono.

L: - Exatamente, todas têm o nono ano. Eu acho que nem todas têm... do sexto ao nono... Não sei.

A:- Provavelmente todas tem.

L: - Não sei.

A: - Até porque quando você fala em nono ano, quando a gente pensa no contexto do conteúdo do nono ano, foge muito da... da... do tema. Não do tema né. Não é que não tem con... Porque tudo a gente pode contextualizar, mas assim, especificamente do nono ano, por causa do conteúdo, vai ser... é difícil ver ações né. Mas na zona rural você vai encontrar. O professor...

L: - O que que é...

A: - Nono ano é física e química.

L: - Física e Química

A: - Física e Química... né, Física e química... Então, assim, é mais abstrato para os meninos. Nesse ponto. Mas na zona rural você não vai encontrar mais de um professor de ciências. Provavelmente um ou outro você vai encontrar, em uma escola maior, aonde tem laboratório você até encontra dois professores, mas a grande maioria é um só.

L: - É...

A: - Aqui, lá em Miraporanga. Você já... você vai em Miraporanga?

L: - Miraporanga eu ainda não fui, mas eu vou.

A: - Miraporanga eu conheço a moça, ela chama Thaís.

[NT: Diálogo sobre a professora, onde a Araticum passa alguns dados, interrupção da diretora. Seção não transcrita]

L: - Mas é interessante, a gente pensa na educação ambiental, é uma coisa recente. A lei é..., aqui no Brasil é de 1999, e ela trata a educação ambiental como uma... um conteúdo interdisciplinar e transversal, então tem que ser trabalhado, não em uma disciplina específica, mas em todas né.

A: - Igual a consciência negra cai no professor de história, a educação ambiental cai no professor de ciências, ou talvez, professor de geografia. Você está entrevistando só professor de ciências?

L: - Estou. Por questão de tempo. Como é um TCC e eu tenho pouco tempo... A maioria é trabalhada com professor de ciências, então para sistematizar eu foquei no professor de ciências... e na diretora, porque eu acho que...

A: - Porque passa pela gestão da escola...

L: - É... Mas é interessante, porque cada lugar tem uma cara né, diferente.

A: - É diferente.

L: - Você já trabalhou educação ambiental em outras escolas ou não?

A: - Não, em escola eu nunca trabalhei. Quando eu trabalhei na faculdade particular, eu orientei um trabalhinho de especialização de uma aluna, que foi interessante. A gente fez entrevista com dois projetos, projeto jogo limpo e o projeto do DMAE, que agora não lembro como chama, porque o DMAE tinha um projeto de educação ambiental. Não sei como é que chama.

L: - Legal.

A: - Daí a gente fez entrevista com esses dois projetos e foi muito interessante, assim saber, sobre os projetos. Esse trabalho da minha aluna está até publicado, na revista da FAGED. Eu não sei a data não. Não lembro...

L: - não eu procuro...

A: - A menina escreveu bem, daí fala desses dois projetos especificamente, mas assim eu não tenho... não tenho experiência com trabalho efetivo em escola, junto a aluno, junto a mudança as vezes de mudança de consciência dele antes e depois de um projeto. Isso aí eu não tenho nada, nada para te oferecer de informação.

L: - Isso é interessante, porque raramente esses projetos de educação ambiental tem esse antes e depois, essa avaliação qualitativa sobre o projeto. É eu vejo que tem, basicamente, se tem trabalhado muito a educação ambiental pelas empresas mesmo, como condicionante.

A: - Pelas empresas mesmo, é verdade, as empresas que vem nas escolas.

L: - E daí raramente eles fazem...

A: - Provavelmente a direção vai te dar informação, porque aqui já teve, já teve projeto. Eu não participei, mas eu acho que já teve projetos de empresas aqui, que vieram para cá sim.

L: - E geralmente não tem continuidade, o pessoal atende condicionante e acaba. Então não tem uma questão da avaliação... Eu acho que esse é um dos pontos que a gente tem que tratar, quando a gente avalia educação ambiental, a gente tem que sair um pouco desse universo fechado e avaliar o que está acontecendo... mas legal. Eu acho que assim, apesar de ser básica as perguntas, o que eu queria perguntar mais ou menos é isso, é ter essa noção de como é que está sendo trabalhado e as visões.

A: - É igual eu te falei, é mais no sexto e no sétimo que a gente tenta trazer essa questão. Mas tem uma coisa interessante, que se houver futuramente uma proposta de intervenção, de participação, da universidade com a escola. Nossos alunos eles conhecem muito do ambiente no entorno deles. Eles têm muito esse conhecimento. Eles conhecem coisas, veem coisas, que eu não... nunca vi. Então essa relação deles, com o ambiente deles, lá na casa deles, que eles vão mesmo para os locais, que eles conhecem plantas, que eles conhecem os animais, que eles conhecem o comportamento, que eles conhecem isso tudo, isso aí é muito interessante. A bagagem que eles trazem, dessa vivência do... do entorno deles é muito maior, do que a bagagem cultural que eu estava te falando...

L: - É...

A: - Então se você quiser saber como é que planta, se você quiser saber que planta é boa para isso, que planta aquele bicho come, como é que acontece a interação, pode perguntar que eles vão saber DE TUDO.

L: - Com certeza.

A: - Né? Então, isso aí deles é interessante. Eu acho... acho que as vezes até uma forma que poderia ser trabalhada né. O... a gente poderia, eu como professor poderia trabalhar com eles, seria partir disso daí. Desse ambiente que eles estão inseridos. Quais são as intervenções que

eles têm nesse ambiente e que o ambiente tem neles. Essa relação deles com o ambiente, é muito interessante. As histórias do sexto e do sétimo dos animais, das plantas e do porque que os bichos faz isso. Eu falo ham? Eu não sei porque esse bicho faz isso, não. Pelo amor de Deus. É interessante viu, é interessante. Eles deixam a gente em uma saia justa, tem hora... Com essas histórias. Não, porque o bicho tal faz isso? O bicho tal come isso? Gente eu não sei, não sei se esse bicho como isso (risada).

L: - Risada. É... Não, mas tem umas perguntas que eles fazem que você... Nó, como é que eles pensam nisso, como é que eles viram isso. É verdade. Deixa eu só fazer mais uma outra pergunta, a questão da escola rural aqui, a sazonalidade é marcante aqui? Você tem muita gente que entra e sai...

A: - Que entra e sai? Os alunos?

L: - É

A: - Tem. O pessoal comenta muito que tem, só que... que eu acho que é menos nessa escola. Desde que eu estou aqui, de 2012 para cá, eu não vejo assim tanto entra e sai. Ao longo do ano você tem assim uns quatro, uns três que saem, uns que vão embora para fora e voltam de novo, porque arrumou um emprego e não deu certo, daí volta pra cá de novo. Eu não vejo uma quantidade muito grande. Eu vejo que tem essa sazonalidade, mas não muita assim.

L: - Não é a maioria. A maioria são os alunos daqui da região mesmo?

A: - Não. A maioria são os alunos daqui da região mesmo...

L: - Legal. Nó e aqui... por exemplo, quando chove deve dar...

A: - Nossa pesada a estrada né?

L: - Uai, pesada...

A: - Eu achei, assim... é... é uma estrada mais tensa...

L: - Mais rural mesmo.

A: - É, porque tem escola que está no distrito né, aqui é mais rural mesmo. Aqui estamos bem dentro mesmo. Bem na fazenda.

L: - Achei legal, é uma das primeiras escolas que eu venho que tem essa cara de ruralidade intrínseca mesmo.

A: - É, essa cara de fazenda mesmo. É verdade, isso é verdade.

L: - Bom Araticum acho que é isso. Não vou ficar tomando seu tempo, é isso que eu precisava. Vou fazer a transcrição, devo demorar um ou dois meses, e depois retorno.

A: - A por mim não precisa preocupar. Eu sei como é pesquisa, nem precisa dar o retorno.

[NT: Falando sobre professora da Domingas camin, trocando dados, não foi transcrito por fugir do objetivo]

FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice K - Transcrição da entrevista com Professora Gravatá (Ciências - 9º ano da E.M. Mata Seca)

Entrevista realizada em 17 de Março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

G: Gravatá

L: - Bom dia professora Gravatá. Para começar eu queria que você se apresentasse, falasse um pouco de você. A quanto tempo você atua como professora de ciências, de onde você é, onde você se formou... Assim, essas coisas básicas.

G: - Bom meu nome é Gravatá. Eu trabalho a dez anos na área de educação. Eu sou do distrito de [Nota da transcrição: distrito omitido para manter anonimato] mesmo.

L: - Olha, que legal!

G: - É eu moro, morei aqui... A minha família, ainda continua aqui. Eu estou em Uberlândia, mas é mais por questão de logística mesmo. Por ser mais fácil de trabalhar lá, né. Meu marido, o trabalho dele também é lá, então assim, fica mais fácil.

L: - Aham

G: - Eu estudei a vida toda nessa escola... Até o 9º ano. Depois eu fiz ensino médio e prestei vestibular, fiz faculdade de biologia, na UFU também, que nem você...

L: - Olha, que legal.

G: - E sou pós-graduada em educação ambiental.

L: - Olha! Que bom.

G: - E... nessa escola aqui eu já estou... nossa, mais de seis anos? De seis a sete anos.

L: - Uai é uma experiência boa demais.

G: - Comecei primeiramente na escola particular e depois fui para a pública.

L: - Para você que está imersa nesse processo. O que que é ser uma escola rural para você?

G: - Olha a escola rural ela é totalmente diferente da escola urbana: as demandas são diferentes, o público é diferente, o acesso à informações, pelos alunos em casa, é diferente, o ritmo de estudos dos meninos é diferente e... A questão da... da mudança dos alunos. Por exemplo, a gente recebe um aluno, ele fica dois, três meses e aí ele sai e vai para outra escola. Então existe uma rotatividade dos alunos. E as vezes a gente começa o trabalho e a gente não finaliza esse trabalho com o aluno. E, às vezes, a gente já está desenvolvendo um trabalho e o aluno chega na metade do ano, no final do ano... Então, assim, é complicado por isso. Em contrapartida a gente tem poucos alunos por sala, então a gente consegue... pedagogicamente a gente conhece o aluno, e a gente trabalha nessa questão de desenvolver as habilidades daquele aluno, então dá para você trabalhar mais o particular do aluno. O que não acontece numa sala de 40 alunos. Porque eu também dou aula em uma escola urbana e então a gente percebe essa diferença, né. Aqui a gente conhece o aluno, a família do aluno, com o que o aluno trabalha... a família do aluno trabalha. E lá na escola urbana a gente não tem esse contato direto com o aluno. Então chega o aluno, ele é só mais um aluno ali dentro da sala de aula, às vezes, no máximo a gente conhece o nome do aluno, né, e não tem um trabalho tão efetivo quanto a gente tem na zona rural. Então tem entraves e tem benefícios de estar em uma escola de zona rural.

L: - Acho muito legal essas diferenças entre esses mundos.

G: - A dinâmica, né, é diferente. É diferente.

L: - E o que você acha do fato de ser uma escola rural, assim, interfere na sua prática.

G: - Bastante. Bastante. Essa questão de... Por exemplo, eu trabalho muito com o quintal da escola, então assim, a aula prática, ela flui naturalmente na sala de aula aqui. Então é muito mais fácil... Por exemplo, eu estou trabalhando aqui cadeia alimentar. Então eu saio com eles, eles observam os seres um se alimentando do outro. Eles têm essa vivência prática, então assim, os conceitos do livro, que as vezes são bem complexos... Por exemplo, herbivoria. Muito complexo, né? Entender um termo desse, memorizar um termo desse. Um aluno do 6º ano, então eu saio com ele e é... o pé de coco ali, eles viram as lagartas se alimentando daquela planta. Então isso é muito mais fácil de ser trabalhado, esse... essa proximidade com o ambiente, deles poderem observar, fazer experimentos em sala. Então, acontece de forma muito natural...

L: - Legal, legal.

G: - O que não... é impossível numa escola urbana. Como que eu vou tirar quarenta alunos e levar para um pátio? Que está todo cimentado...

L: - Aham...

G: - Não tem como. Então, aí, a tem a questão do bilhete, toda aquela burocracia que é chata de estar fazendo. Aqui não, ele está aqui, está dentro do perímetro da escola, então eu consigo sair com eles e fazer a atividade sem ter que... uma burocracia maior... Tudo isso facilita muito...

L: - O trabalho...

G:-... a vida do professor.

L: - Legal, legal. E agora vou fazer uma pergunta meio difícil.

G: - Ixi. Vamos pular essa? (Risos).

L: - (risos) Não, essa aqui é importante: Para você o que que é educação ambiental...

G: - Olha a educação ambiental ela é bem ampla né?

L: - É...

G: - Então vai desde de...

L: - Para a gente que estuda isso fica ainda mais difícil.

G: - Nossa, mais difícil ainda. Porque assim... é um todo, não tem como eu separar a educação ambiental da educação do próprio corpo, das questões culturais, da própria comunidade. Então assim, a educação ambiental ela tem... tem que ter uma visão mais geral. Ela não pode ser uma coisa simples. Quando fala em educação ambiental, já vem logo, aquela... Não joga lixo no chão. Isso está muito mais além dessas questões, está muito mais ligado a mudança... do próprio comportamento dos alunos. Não é uma questão de adestrar a criança, é dela compreender o ambiente. Que ela faz parte desse ambiente, que ela está inserida nesse ambiente e que... a nossa espécie ela faz parte, ela convive com os outros seres e tem essa interdependência com o ambiente. Não separar a criança do ambiente. Não separar o ser humano do meio ambiente, né. Porque parece que é uma coisa tão diferente e não é... Nós estamos inseridos no mesmo contexto. E assim, como que as práticas do dia-a-dia deles influenciam esse ambiente e como elas estão sendo influenciadas, né. E aqui ainda mais,

porque é uma escola rural. Então essas práticas que os pais exercem, né, nas fazendas, elas precisam ser orientadas também. No ano passado nos trabalhávamos com a horta, aqui, esse ano a gente ainda não conseguiu começar a horta. Mas na horta o que a gente...

L: - Mas legal. Interessante

G: - ... trabalhava. Então assim, preparação dos canteiros, a questão de produzir sem o agrotóxico, de limpar com a mão, a própria questão dos chás, para que eles servem... Resgatar essa cultura da... da própria comunidade. Então, assim, a gente sempre tenta trabalhar nesse sentido, de fazer uma parceria mesmo com... com o aluno.

L: - É

G: - Então eles trazem dúvidas para a escola. É... Acho que vai fugir um pouco do assunto, mas por exemplo...

L: - Não se preocupe com isso.

G: - Uma aluna do 9º ano, a gente estava trabalhando é... densidade, no 9º ano. E aí, a gente falando sobre cálculo de volume, né, então trabalhando a questão de massa, volume... E aí, ela veio com o questionamento que na fazenda, o pai dela quer construir um poço para fazer a irrigação. Como que ela calcularia então, é... que tamanho que seria esse poço. Aí inicialmente ela veio com o valor de 40.000 Litros. Aí a gente foi pensar como que poderia ser. Aí ela... eu ajudei ela a montar os cálculos e depois veio a questão da... que não queria que fosse quadrado, que seria circular... Como que ela iria calcular? Aí já entrou o professor de matemática para poder orientar como ela iria fazer esse cálculo matemático. Assim, para poder levar para o dia-a-dia deles mesmo.

L: - Legal, isso é interessante para caramba.

G: - Sim. Então, de vez em quando eles chegam com esses questionamentos, né. Aí eles chegam contando histórias, e aí a gente vai trabalhar em cima dessas histórias que eles chegam contando. Né. Que ah... Tal pessoa matou tal bicho. Ah, então assim, a gente abre esse questionamento...

L: - Cobra né?

G: - É... Matou uma cobra... E aí você vai falar... vai falar qual que é o impacto disso, né, de matar um animal. Mas como não matar esse animal se ele estava oferecendo perigo para a fazenda. Então assim, é uma série de questões, bem delicadas, e a educação ambiental ela vai

permeando esse dia-a-dia. Não é uma coisa, assim, estruturada, eu não dou aula de educação ambiental, mas a educação ambiental ela sempre permeia as conversas que vão sendo estabelecidas.

L: - Interessante isso que você falou. E... Queria que você contasse como que é a prática dessa educação ambiental... Você tem uma prática que se torna dependente deles, o que eles trouxeram...

G: - Isso, isso. Não tem uma... um projeto fechado que eu vou explicar sobre educação ambiental, a gente vai fazer algum trabalhinho. Não. Então é comum, aqui tem a questão do artesanato que a MARIA trabalha, ela... ela está afastada do cargo, por conta do... da saúde mesmo. Ela era cantineira, então ela está afastada, então ela desenvolve uma atividade com os meninos de artesanato, a partir e latinhas. Você está vendo? [nota da transcrição: aponta para objetos em cima da mesa]

L: - Olha que legal.

G: - Ela trabalha com esse tipo de projeto. Que não é o ideal, mas ela já está transformando lixo em uma outra peça. Não resolve a questão do lixo, mas...

L: - Ajuda bastante.

G: - Ajuda bastante. Reforma de móveis. Você viu aquele móvel bem antigo? Ela reformou. Ela trabalhou com aquele quadro. Esse aqui é de coador de café. Ta vendo, se você olhar, você consegue identificar ele assim. Ta vendo? Então aquele coador de café, que você faz o café, ao invés de descartar você faz o artesanato. A gente tem também o projeto da cultura empreendedora aqui, que é o bazar.

L: - Ah, eu vi mesmo quando passei no corredor uma arara com umas roupas.

G: - Então as pessoas doam, né as peças, a gente ganha doações. E, como a comunidade é pobre, então, a gente... eles compram essas peças a um valor né, simbólico.

L: - Mais acessível. Vocês não doam?

G: - Porque antes doava, mas as pessoas não tinham muito cuidado. Então quando a gente estabeleceu um valor simbólico, as pessoas pararam de descartar... Olha que interessante isso.

L: - É... É muito engraçado isso né. Tem um... Eu estava conversando com um colega meu que tem uma ONG... ele trabalha em uma ONG, com as aspectos lúdicos de jogos na

educação. Chama narrativa da imaginação. E eles tem vários trabalhos, em várias comunidades carentes, e eles também tem esse trabalho de angariar doações. Desde comida, roupa... E ele fala exatamente isso, ele não doa mais, porque a coisa doada se perde muito rápido. Ele deu um exemplo de doação de ferramentas. O cara pega a ferramenta doada e quebra a ferramenta, ou não guarda, deixa largado, ou perde... E aí, a partir do momento que ele começa a cobrar um valor simbólico esses problemas diminuem muito, mesmo sendo as mesmas pessoas.

[nota da transcrição: Pedagoga chega na sala e a entrevista é interrompida. Por se tratar de banalidades o trecho não foi transcrito. MARIA chega e é apresentada]

G: - É então, e essa questão a gente tem também. A partir do momento que eu doe, porque eu não desprendo, né, daquilo. Mas a gente ainda fica com aquela cultura de que aquilo era seu, que você cuidava. Então a gente tem uma relação meio complexa com... com o material, né.

[nota da transcrição: A entrevista é novamente interrompida por outras pessoas, trecho não transcrito]

L: - Olha as perguntas principais, norteadoras, são essas. E você com essa experiência, aí... a... uma pergunta interessante. Você que está imersa nesse trabalho, nessa escola, a mais de 6 anos... Tem uma experiência boa, na área aí, como você vê essa questão. Tanto a de ser uma escola de zona rural, como a questão da educação ambiental, como é que isso mudou ao longo desse tempo que você tem trabalhado? Mudou sua visão, não mudou, como, porque isso aconteceu.

G: - Olha... a educação ambiental ela muda né? E... e... e é muito complicado também, porque a gente vive numa sociedade de consumo. Infelizmente nós vivemos né, nessa sociedade de consumo. O tempo todo a gente é impulsionado para consumir...

L: - Verdade.

G: - E trabalhar com a educação ambiental numa sociedade altamente consumista... Você falar que isso aqui [nota da transcrição: aponta para um objeto manufaturado pela MARIA]tem muito mais valor do que eu ir ali e comprar um vaso novo, é complicado. Né.

L: - Ou então que uma roupa, só porque tem um símbolo, uma figurinha lá vale...

G: - Aham.

L: - ... bem mais.

G: - Ela vale muito mais. Né. Se tem o mesmo efeito, se tem a mesma utilidade, isso é complicado.

L: - Nem fala.

G: - Nem fala, né. Se você for num shopping comprar, por exemplo, umas peças dessas aqui [nota da transcrição: aponta para objetos manufaturados pela MARIA], quanto não vale? E só porque foi a... a... a cantineira que fez com coisa que eu ia jogar fora... qual que é esse valor? Entendeu? Então, tentar ensinar para os meninos a valorizar as pessoas, ela... é muito importante na educação ambiental. Quando eu valorizo a pessoa, o trabalho... É mais importante, que... entende? Então é mais uma questão de valorizar mais a identidade deles, a cultura deles, o lugar que eles vivem. Então assim, isso muda muito, né, o conceito que a gente tem de sociedade. Então, assim...

L: - Você acha que está mudando para melhor ou para pior?

G: - Eu acho que é para melhor. Eu acredito que seja... eu TENHO que acreditar que seja para melhor. Né, tenho que acreditar nisso. Porque eu trabalho com educação, então eu tenho a obrigação de achar que eu estou contribuindo para melhorar...

L: - Aham.

G: - Se a gente vai acertar, ou não... né...

L: - É, mas e os alunos que chegam para você. Tem mudado isso de algum jeito, seja a consciência, ou... não sei...

G: - Muda. Muda um pouco. Mas ainda a gente está engatinhando, porque mudar comportamento não é fácil. Mudar comportamento, maneira de agir, maneira de pensamento, é muito difícil. Mas... já tem melhorado, né. A questão... Aqui é uma questão complicada ainda, que a gente tem que discutir... não sei se, quando você estava vindo para cá... é até um projeto que eu quero desenvolver com eles esse ano... do lixo, na estrada. Não sei se você percebeu?

L: - Percebi. Eu... é... eu sou biólogo também. Eu sou formado e eu trabalho... eu trabalhei um tempo com licenciamento ambiental, mas eu parei e falei não, isso não é para mim... Eu trabalhei até aqui em [Nota da transcrição: distrito omitido para manter anonimato], em alguns projetos, e eu passei demais na estrada aqui. E realmente tem um problema de coleta de lixo.

G: - Complicadíssimo.

L: - É... é uma questão difícil de lidar também.

G: - É difícil de lidar mas já melhorou bastante a questão do lixo, nossa, a gente passava até os... os próprios passeios eram cheios de lixo. Hoje a quantidade de lixo é menor. A questão da praça também... antes tinha bastante lixo. Ainda tem? Bastante, mas assim, já diminuiu consideravelmente. A questão de colocar o lixo para coleta e não... aqui tinha muita prática de queimar o lixo.

L: - Aham

G: - Então, assim, já diminuiu bastante essa questão de queimar o lixo. Tem famílias que continuam fazendo isso?

L: - Tem.

G: - Tem.

L: - Isso é muito difícil de mudar

G: - Sabe, você acaba de falar aqui, fala sobre o problema da poluição, o que isso acarreta para saúde. A criança está com a informação, mas... até chegar em casa e processar isso. É uma coisa cultural. Muito forte, né.

L: - Muitas vezes os próprios adultos são responsáveis por isso.

G: - Mas, assim, eu acredito que a gente está mudando e vai continuar a melhorar bastante isso... a questão da higiene pessoal dos próprios alunos também. E não dá... não adianta desvincular a educação ambiental com as próprias condições de vida que esses alunos levam, né, a gente tem agora... recentemente... um assenta... não é um assentamento. Um... um... loteamento novo, nas chácaras ali perto do entroncamento dos distritos de [Nota da transcrição: distrito omitido para manter anonimato] e [Nota da transcrição: distrito omitido para manter anonimato] eles fizeram um novo loteamento.

L: - Faz tempo, né?

G: - Não faz tanto tempo, não. Eu acho que foi o ano passado. Tem uns dois anos que esse loteamento foi feito. E as chácaras saíram por um valor bem...

L: - Acessível.

G: - Acessível. Então as famílias compraram em grupos e dividiram em terrenos. Então agora eles começaram a fazer casas nesse local. Sem esgoto, sem água tratada, sem energia elétrica...

L: - O loteamento foi oficial ou foi... foi... clandestino?

G: - Foi oficial. Mas era um loteamento de chácaras, então, acredito eu... não sei a lei, mas acredito eu que não tenha obrigação nenhuma de oferecer essa infraestrutura.

L: - É...

G: - Isso aí a gente tem que ver... E aí, o que eles fizeram... grupos de pessoas se juntaram, cada família, comprou a chácara, e fracionou aquela chácara. Então virou um novo... praticamente um distrito. Sem água tratada, sem esgoto, sem coleta de lixo...

L: - Aham.

G: - E nos temos alunos nossos aqui que vem...

L: - De lá.

G: - De lá. Né, que eram de outras fazendas, eram de fazendas, eram do distrito, que pagavam aluguel e que para sair do aluguel foram para lá. Então, como que eu vou falar para uma pessoa dessa não queimar o lixo? O que que ela vai fazer com o lixo? Ela vai ter a paciência de guardar esse lixo e trazer para descartar aqui no distrito? Então assim, a condição social ela está completamente ligada a questão ambiental também.

L: - É verdade.

G: - Né? Então assim, a medida que a pessoa também vai tendo uma certa... um certo... não seria nem conforto... seria condições mínimas de moradia... Quando a gente fala educação ambiental a gente está ligado também com doenças, então se um local não tem saneamento básico, então a criança vai vir doente para a escola!

L: - Verminose...

G: - Verminose. Então assim, a saúde pessoal está ligada a essa saúde ambiental também. Então essa saúde ambiental ela... tem reflexo, tem reflexo dentro da sala de aula. Como uma criança que vive em um barraco de lona, sem acesso a água tratada, sem acesso a energia elétrica... como que essa criança vai desenvolver uma habilidade na escola? Como que eu

vou passar uma pesquisa? Aí você... aí entra na questão da própria didática. Como que eu vou passar uma pesquisa para um menino fazer se ele não tem acesso nem a energia elétrica.

L: - Não... sim. É...

G: - Né?

L: - Essas realidades você tem que adaptar muito a prática, porque realmente...

G: - Tem... tem... Como que eu vou passar uma tarefa de casa? Ele não vai fazer. Não tem nem lugar para ele sentar em casa. Como que ele vai fazer essa tarefa? Então ele tem que fazer essa tarefa na sala de aula mesmo. A maioria das vezes os pais são analfabetos. Como que vai orientar a criança em uma tarefa de casa? Então o que eu tenho que passar como tarefa de casa? Coisas que o menino realmente... que ele dá conta. É uma leitura do livro... Então o livro didático, na escola rural ele é um apoio. Porque o aluno não tem outra fonte de pesquisa. Entende?

L: - Entendi.

G: - Nossa você fica... você usa o livro didático? Uso o livro didático sim, porque é a fonte de informação que aquele aluno meu tem.

L: - Aproveitando esse gancho aí. A questão do livro, como é que você vê essa questão do livro para o ambiente rural? Eles estão adaptados, não estão ainda...

G: - Um... não. Você tem que fazer as adaptações. O livro didático, ele vem com conteúdo mesmo, né. O conteúdo propriamente dito ali. E aqui a gente trabalha muito a leitura e a escrita dos meninos. O foco da escola é a leitura. O carro chefe da escola é o projeto literário, é a leitura.

L: - Interessante.

G: - É a leitura. Leitura, leitura, leitura... Ler e escrever. Porque a gente acredita que quando ele lê e escreve, em qualquer outra... se ele precisar aprender sobre a história da China, ele dá conta, porque ele consegue ler, né.

L: - Sim.

G: - Então é a base da escola. É a leitura, a escrita e a interpretação.

L: - Eu acho isso fenomenal...

G: - Então assim...

L: - ... porque faz falta...

G: - ... E é difícil...

L: - Interpretação...

G: - Muito difícil. Você tem que ver o tanto que é difícil trabalhar desse jeito. Muito difícil, porque você conhece o aluno, você vê as dificuldades dele. Ali. Sabe. E é muito... nossa, é bem interessante trabalhar com esse tipo de coisa. E todo mundo trabalha com essa questão. Lê pra mim o conteúdo de ciências. Leitura... Interpretação, leitura... interpretação, vamos ler, vamos ler, vamos ler... A gente traz livros, com assuntos ligados ao conteúdo, para que eles tenham bastante leitura mesmo. Então o livro didático ele funciona bastante nessa questão da leitura dos textos. E, isso é muito sentido no 6º ano, porque a linguagem dos livros didáticos do 1º ao 5º tem uma linguagem completamente diferente do 6º ao 9º. E é uma interpretação completamente diferente. Então eles sentem muito no sexto ano, essa diferença do livro didático... Mas é algo que tem uma certa linearidade que nem sempre é... é real, mas ele tem um começo, meio e fim. Isso para o aluno é importante que ele tenha começo, meio e fim, e não seja só trabalhado coisas assim, jogadas. Ele precisa ter uma sequência, não sei nem se lógica, mas uma sequência ajuda ele a nortear melhor na questão do... da aprendizagem. Se não fica coisa muito solta. Se eu começar... hoje trabalho um texto, depois trabalho outro texto, o aluno fica perdido. Ele não sabe o que ele está estudando e trabalhando...

L: - Entendi.

G: - Entende? Ele fica meio perdido...

L: - Interessante.

G: - O livro didático te ajuda. Te dá um certo caminho, mas as vezes você trabalha um texto aqui, você vai lá no livro... porque eles não..., aqui xerox é contado. Internet eles têm acesso só no laboratório de informática. Então o livro didático é fonte de conhecimento ainda para eles. Então não dá para passar uma pesquisa que ele vai fazer em casa, vai estudar aquele assunto e vai se aprofundar naquele assunto, não... é o que o livro tem para oferecer. E aí a gente explora bastante o livro, nesse sentido. Da... da... leitura, da interpretação. Mas sempre o carro chefe é a leitura e a interpretação.

[nota da transcrição: interrupção MARIA volta para pegar coisas da sala]

L: - O principal era isso. Você tem alguma coisa que você é... acha que é necessário, que você queira contribuir nesse tema de zona rural ou educação ambiental? A partir da sua vivência...

G: - Não eu acho que eu falei sobre tudo. Os projetos que a escola desenvolve, né, a realidade dos nossos alunos, que é bem diferente... Acho que é isso.

L: - Obrigado Gravatá.

G: - Eu queria ter ouvido mais você. Só eu que falei...

L: - Você irá ouvir, porque agora o que eu farei, é... o objetivo eu vou pegar essas transcrições e o trabalho final e vou disponibilizar para todo mundo. Eu vou nas 13 escolas rurais. Tem 13 escolas de zona rural aqui né. Então to agendando... Algumas vezes dá certo, outras não... Eu já tenho quatro entrevistas feitas...

G: - Uhum...

L: - Então essa entrevista aqui, eu vou digitar tudo, do jeito que a gente falou, literal... Dai vou fazer uma interpretação e, em um segundo momento, eu vou voltar para você com essa questões e a interpretação. O que eu estou relacionando ele com a minha visão, com a teoria... Porque o que eu quero com meu TCC é... olha a visão que a gente tem de ser uma escola rural e de educação ambiental nessas escolas, em Uberlândia, é essa... O que a gente pode fazer... um sincretismo aqui... Baseado na teoria. O que que são os pontos positivos, o que são os pontos que podemos melhorar...

[nota da transcrição: parte para troca de emails e dados de contato, conversas sobre outras escolas - omitidas por motivo de sigilo]

L: - Obrigado Gravatá, vou desligar o gravador.

FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice L - Transcrição da entrevista única com Diretora Araça, Pedagoga Bicuíba e Professora Barbatimão (Ciências - 9º ano da E.M. Vereda)

Entrevista realizada em 20 de Março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

A: Araça (Dir)

B: Bicuíba (pedagoga)

R: Barbatimão (professora)

L: - Bom, bom dia. Primeiro eu gostaria que vocês se apresentassem. Falassem um pouco de vocês. De onde vocês são. A quanto tempo vocês trabalham na área de educação, o básico...

A: - Como nós conversamos aquele dia. É... Meu nome é Araça, né. Estou na direção, iniciei agora no início de fevereiro. E aquilo que eu te falei, eu estou entrando agora, então não sei te falar nesse momento é, como que... que... estava sendo trabalhado, como é que vem sendo trabalhado essa questão na escola.

L: - Não, mas fique tranquila. Minha ideia aqui é, eu entendo que, por questões inerentes ao processo, né, porque teve essas trocas de gestões, e tudo. Eu sei que isso é um pouco... Tem quebras, mas a ideia é...

A: - É ainda não houve um debate é... é..., desse grupo, né Bicuíba. É... é... eu vim de uma outra escola, também de zona rural, mas com realidades assim...

L: - Diferentes.

A: - Diferentes, né.

E: - Eu sou a Bicuíba. Nesta escola eu estou a sete anos, mas na educação eu já vou completar 28 anos.

L: - Ó, tempinho bão, né?

E: - Tempinho bom...

L: - Legal.

R: - Eu sou Barbatimão, professora de ciências da biologia. Eu vim aqui para essa escola em 2011 e tomei posse em 2012. Estou aí já desenvolvendo o trabalho já a um tempo com os alunos, agora também estou na rede estadual de ensino e trabalho também em outra escola de zona rural.

L: - Qual?

R: - É que... o Freitas, outra escola também. E também formei pela Universidade Federal de Uberlândia, fiz licenciatura e bacharelado, e fiz especialização em gestão ambiental e também em perícia e auditoria ambiental.

L: - Ó... legal. Vocês todas são aqui de Uberlândia mesmo.

A: - Somos daqui.

R: - Eu não sou não.

E: - Eu sou de Araguari. É perto... (risos)

L: - É...

R: - Eu sou do leste de Minas, chama Nova Era a cidade, perto de Belo Horizonte.

L: - E vocês moram por aqui ou moram na cidade?

E: - Uberlândia.

R: - É, Uberlândia.

A: - Eu moro em um setor de chacarás, né, mas também na sede.

L: - Na sede?

A: - É.

L: - A primeira coisa que eu queria saber de vocês é o que que é ser uma escola de zona rural. Mas o que que é para vocês, com a sua experiência, o que que define ser uma escola de zona rural, as vantagens, desvantagens. Já que vocês já trabalharam em um período vasto, aí, vocês têm uma experiência boa nessa área. O que que é, para vocês, ser uma escola de zona rural.

E: - Aham.

E: - Olha trabalhar em uma escola de zona rural, eu vejo como diferencial a questão é... é... dos alunos, e o tipo de vida que eles têm, diferente dos alunos da cidade. Né. Eles já... eles vivem no ambiente rural, eles participam da vida das famílias, é na questão da... do trabalho. Eles já, desde bem cedo, desde bem pequeno, eles já participam desse trabalho. Tudo que envolve a questão rural eles têm conhecimento. Mesmo os alunos que moram aqui dentro do distrito, porque nós temos alunos que moram no distrito de [Nota do Transcritor: Nome do distrito removido por questão de anonimato], e alunos que moram nas fazendas, cujas as famílias são de trabalhadores rurais. Porque os nossos alunos, é... 99% são trabalhadores nas fazendas. Não são donos de fazendas. São trabalhadores, são empregados, das fazendas aqui da região.

A: - [NT: fala uma palavra baixa impossível de transcrever]

E: - Então. Eles começam a lida bem cedo, então eles já começam a ter um conhecimento, sobre a terra, sobre o cuidado, né, com os animais. Isso eu acho um diferencial muito importante, e que a gente pode aproveitar na... na questão pedagógica.

L: - Legal.

E: - É muito. Eu achei... isso, do que eu estou aqui, é, acho esse diferencial muito importante. Porque é algo... Quando a Araçá me falou a respeito do seu trabalho, eu pensei a questão é... da natureza, a questão sobre... do ambiental, ela já está introduzida no pedagógico do professor, porque não tem como ele desvincular.

A: - Porque está inserida, né.

E: - É, ele traz aqui para escola.

A: - Agora Leonardo, uma coisa que eu acho interessante assim, no início. Porque eu tenho... aqui eu estou iniciando né, mas eu tenho doze, quase treze anos de escola rural. Eu trabalhei no [Nota do Transcritor: Nome da escola removido por questão de anonimato] e também no [Nota do Transcritor: Nome da escola removido por questão de anonimato], que é um pouco abaixo.

L: - Aham...

A: - E aí, o que eu percebi, dentro dessa questão, quando a gente vai trabalhar esse tema. Mesmo eles estando inseridos nesse processo, como a Bicuíba falou, é... tem alguns conceitos que... que são natos deles, que a gente, é difícil até de... de... adentrar. Porque

assim, é comum um aluno falar para você assim, tia é... esse final de semana eu comi capivara, eu comi tatu. É... paca. Né. Para eles isso é normal.

L: - Uhum.

A: - Né, então é... é... complicado você falar, porque educação ambiental ela está inserida em tudo né, preservação, não só do ambiente, mas do ambiente como um todo, do animal, flora e tal. E aí, isso foi uma coisa que eu custei assim, a gente colocar na cabeça do menino, sabe.

L: - Aham, eu sei...

A: - Até mesmo, pela... como a Alessandra falou, até mesmo, como são trabalhadores e não donos, tem aquela dificuldade financeira, né. Então acostu... é costum... e mesmo a questão cultural, sócio-cultural deles, que já vem de... de gerações.

L: - É... Eu tenho... é... agora é uma opinião pessoal nessa parte, né. Eu acho que na verdade a caça ela deveria ser regulamentada aqui, porque, minha experiência trabalhando como biólogo é que, ela existe, tem comunidades que precisam disso. Porque é fácil a gente falar, quero comer carne, vou no açougue e tudo bem. Mas tem lugar...

A:- Mas eles não...

L: - ... tem lugares que não tem energia elétrica. Quando eu fui fazer meu mestrado, por exemplo, Chapada Gaucha, no norte de Minas, a maior parte da população rural vivia sem energia elétrica. O cara não tinha uma geladeira. Assim, para ele chegar na cidade era assim...

E: - Ainda conservava como nos tempos antigos.

L: - ... É, quatro horas de carro, se não chovesse. Se chovesse ele não conseguia sair de onde ele morava...

A: - Aí como você fala que não pode montar uma... uma arapuca para pegar o passarinho, sendo que aquilo é o alimento que ele tem, né.

L: - É, é a fonte de proteína dele. Então assim, isso aí. É óbvio que tem casos e casos, mas...

R: - É a questão, os dois lados da moeda né, eu sempre trabalho isso como..., eu faço sempre essas comparações, mesmo que, né comigo mesmo, em relação aos meus alunos, que eu tenho na cidade e os que eu tenho aqui. São os dois lados da moeda mesmo, por exemplo, para mim é muito mais fácil trabalhar a questão ambiental no sexto ano, que está dentro das diretrizes, com os alunos daqui. Porque eles têm noção. Cadeia alimentar. Eles sabem qual que é o

predador, eles já sabem qual que... Eles sabem como funciona esse ciclo natural, diferente do que ocorre com os alunos da cidade. Muitas vezes você fala assim, a um Preá, uma onça, que que é isso? Não sabe, ou sabe só de ouvir falar. Eles já têm essa vivência do ambiente natural deles, mas ao mesmo tempo que eles já tem essa vivência, como a Alessandra disse, é muito complicado. Quando eu cheguei aqui, em 2011, era comum eles falarem, nossa entrou uma onça lá, meu pai está doidinho para matar. Porque tava pegando a galinha. Aí até você chegar e falar, olha a onça é um animal que está em extinção, tem outras formas, e explicar que é o ser humano que invadiu o ambiente. Para eles é difícil essa compreensão, eles já têm esse dogma na cabeça deles, não invadiu a fazenda, é nossa... Mesmo que seja outro trabalhador, tem que matar...

E: - É...

R: - E essa questão da caça é interessante de colocar, porque nem sempre a caça deles é por alimento

E: - Não, aqui não.

R: - Deve ter uns quinze dias, eu acho que eu até comentei com a Bicuíba. Um gupo do nono ano falou que ia caçar, mas gente vocês foram caçar o que? A professora a gente achou só rolinha, passarinho, meu pai achou uma cobra. Eu falei, ah, ainda bem que vocês não acharam outra coisa. Vocês iam comer? Não para brincar. É uma diversão.

E: - É só matar por matar

L: - Sim.

R: - Então aí a gente entra com esses conceitos, eu acho que é muito importante a gente frisar, se for necessário realmente, ou se for uma questão de sobrevivência... Você encontrar uma serpente, ou ela entrar na sua casa... Mas essa questão do equilíbrio, de que não é matar por matar, não é diversão. Eu acho que a gente tem que estar sempre conversando com eles e deixando claro. Essa é uma das maiores dificuldades, porque para eles é muito normal matar bicho, muito comum.

A: - É.

E: - É.

A: - É, aqui ó... nos estamos tendo um problema sério, que a gente até esta trabalhado esse ano com eles. Foi encontrado um macaco morto na região, né, aí o que que eles colocaram na cabeça? Que tem que matar o macaco porque o macaco que ta trazendo a febre amarela.

L: É, é difícil.

A: - Sabe, eles não conseguem entender que esse macaco é vítima. E a gente até..., né Bicuíba, nós temos discutido isso.

E: - Uhum.

A: - Sabe, é conscientizá-los que o macaco, ele é vítima.

L: - Sim, é igual você né.

A: - Se não vamos sair matando é... é... imagina

E: - É

R: - Todos os animais. E é muito forte isso, em relação... é tem essa diferença, mas o ensino de educação ambiental, eu não acredito que seja diferente. Porque, por exemplo, os alunos que tem aqui, todos são muito conectados...

E: - Uhum

R: - ... Eles sabem tudo que acontece em Uberlândia, tudo que acontece no mundo

A: - Sabem.

E: - Sabem, não tem mais essa distância, essa diferença.

R: - É...

E: - Porque hoje a globalização né, ela está em todo lugar

R: - Chegou

E: - Eles tem informação de tudo.

R: - Tem muitos autores que defendem né, que na zona rural tem que ter um ensino diferenciado. Eu, por exemplo não concordo.

E: - Eu não concordo também.

L: - Interessante.

R: - Até porque esses alunos que estão aqui, eles estão em Uberlândia todo dia, se deixar...

E: - É.

R: - Falta aula, hoje vou para cidade

E: - É, vai para cidade.

R: - A vivência deles campo, cidade é muito intensa.

E: - Uhum...

R: - Então não adianta nada, não adiantaria, você, para o público que a gente tem aqui, você dar uma educação voltada somente para o rural, sendo que o destino deles, o futuro deles, o que eles realmente almejam, está lá na cidade.

E: - Uhum...

L: - Interessante.

R: - Então seria assim, parti. Já chegou aqui, algumas teorias, algumas pessoas, sugerindo isso, mas eu, particularmente não acredito que isso funcionaria aqui.

E: - Eu também não, não concordo.

R: - Aqui não. Pode ser que em alguma outra zona rural funcione.

A: - Primeiro porque assim, quando a gente fala assim, aqui é um distrito, a gente está falando com um distrito. Não, porque a gente percebe que essa informação chegou também nas fazendas, sabe. Tem alunos nossos que não precisa mais a gente ter aquela preocupação, nossa o aluno tem que ir lá na cidade para fazer uma pesquisa por causa da internet. Não, eles têm isso lá, né. No campo.

E: - É tranquilo.

R: - Eles ficam sabendo coisa antes da gente. Os alunos daqui, os mais interessados, chegam professora a senhora viu, saiu a reportagem desse animal, aconteceu isso, isso. Igual, encontraram uma serpente gigante lá, eles souberam antes de mim. Eu cheguei aqui, aí que eu fui pesquisar.

L: - É foi massa.

R: - Eles tão conectados sempre.

E: - É, o tempo todo.

L: - Esse bicho foi muito massa, eu curti. É o quinto exemplar que acharam, foi até um colega meu que achou.

R: - Olha, que legal.

L: - É o quinto exemplar que acharam, de uma jibóia rara que acharam no Vale do Ribeiro, que o pessoal só não está declarando ela extinta porque não tinha passado o prazo de 20 anos da IUCN né. Ela é muito burocrático, porque hoje em dia para você declarar um animal como extinto tem um processo...

A: - Levaram ela para onde?

L: - Não, ela está solta. Eles, esse indivíduo, eles levaram ela para o Butantan, pesaram, mediram, coletar sangue, colocaram um rádio transmissor. Daí soltaram ela no mesmo lugar, e agora eles estão acompanhando qual que a área de vida dela.

R: - Legal.

A: - O medo é achar ainda alguém que, a tá matando galinha, pá, eu vou matar.

L: - Não, por incrível que pareça, é no vale do ribeira, a região. Eles têm um trabalho de pesquisa e diálogo forte na área, inclusive que achou foi um produtor rural que olhou e ó, é o bicho que eles estão procurando. Daí botou ele no galão e chamou o pessoal para lá. O problema maior sabe o que é? Tráfico. Quando saiu a reportagem começou a aparecer grupo de facebook assim, o pessoal vendendo. Então o pessoal foi para lá só para capturar. E vendendo por coisa assim, tipo 100 mil euros. Umas coisas...

A; - É porque é raro...

L: - Mas...

R: - E essa questão de monitoramento, eu trabalhei com felídeos né, aqui em Uberlândia...

L: - Olha, que legal.

R: - E o pessoal de Araguari, do pau furado, eles têm uma organização de controle, dos felídeos, dos grandes felídeos dessa região. Aí eu cheguei aqui, a minha conversa com os meninos era sempre essa. Eles adoravam, eu contava aí apareceu uma onça, meu pai está doido para querer matar, eu falo gente não faz isso, pode ser que essa onça seja uma do projeto, e se for da problema. E você inserir essa questão da legislação, porque isso eles não

têm esse conhecimento. Eles acham que é matar e pronto, e não vai dar nada, né. É o que eles sempre me falam, não professora, não vai dar nada não, ninguém vai descobrir. Aí é a hora de introduzir esses conhecimentos, conceitos novos, não eles são monitorados, porque estão em extinção, tem grupos de pesquisa... Aí eles ficam assim, sem saber. É bem interessante a gente trazer essa realidade para eles, da questão do monitoramento das espécies daqui.

L: - Olha que legal. E aqui têm uns bichos legais. Eu tive oportunidade de trabalhar aqui, né, perto da fazenda pontal em [Nota do Transcritor: Nome do distrito removido por questão de anonimato], e do outro lado do rio, né. Para um inventário de uma pequena central hidrelétrica...

R: - É legal você lembrar de hidrelétrica, né Bicuíba. A gente desenvolveu um trabalho muito interessantes...

E: - Uhum.

R: - Inclusive a gente foi premiado lá na UFU né, na ciência viva...

E: - É.

L: - Olha que legal.

R: - É sobre os impactos que as hidrelétricas, né as PCHs, nessa região, causaram. Era uma turma muito boa, os alunos entrevistaram várias pessoas da região e a gente fez um levantamento, uma pesquisa mesmo, sobre os impactos que essas hidrelétricas causaram. Eles foram nas fazendas, perguntaram, e tiveram assim, é... a percepção, né, dos moradores. Em respeito a flora, a fauna, a temperatura... Eles falam que mudou muito, os animais que eles costumavam ver no rio, não veem mais. A transposição de locais...

L: - A qualidade da água, nossa...

R: - Sim, sim...

L: - Se vocês tiverem oportunidade de ver essas hidrelétricas aqui, nossa é...

R: - É complicado, né. E eles contam mesmo a história. Nossa, alagou a fazenda de fulano e eu tive que mudar, foi um trabalho bem rico que a gente desenvolveu né.

E: - Foi na época dos... das perdas de emprego que várias famílias tiveram. Tiveram que ir embora daqui.

R: - Exatamente. É algo ambiental que marcou essa região.

E: - Marcou bastante.

R: - Foi a introdução dessas PCHs aqui. Bem interessante.

L: - Isso... Esse projeto, se possível eu quero demais ver ele. Assim... Na minha ótica, a educação ambiental ela tem que partir do local, sabe.

R: - Sim, sim.

L: - E é... eu acho isso fenomenal. Por exemplo, o pessoal quer colocar outra hidrelétrica aqui, em baixo de Malagone. E daí você vai lá faz...

E: - Sim, sim

R: - É complicado.

L: - E daí os donos de terra querem vender, porque, de vez em quando, eles pagam bem de indenização...

R: - Sim, sim

L: - ... Mas o diálogo mesmo, do impacto social na região, fica muito restrito né.

E: - Ele não ocorre [NT: Falado ao mesmo tempo do final da frase anterior]

R: - E a gente descobriu vários aspectos, que se você tiver interesse, eu posso te mandar o trabalho. Inclusive ele vai ser publicado pela revista da UFU...

L: - Ó.

R: - Porque ficou bem rico, eles pediram para publicar. A gente descobriu, por exemplo, das promessas dessas empresas. Você lembra Bicuíba?

E: - Lembro.

R: - Prometeram que iam vir fazer coisas para a escola, para os alunos, para os moradores...

E: - É.

R: - No início eles fizeram, depois eles não fizeram nada mais.

E: - Nada, nada.

R: - Sobre o resgate de flora também...

L: - Sabe o que eu acho mais interessante desse ponto?

R: - Um...?

L: - É a falta da compreensão da legislação ambiental e da participação do público.

R: - Sim.

L: - Porque, por exemplo, daí o que que é. Ele ganha uma licença, que vem com uma condicionante. Daí a condicionante no primeiro ano tem educação ambiental. Depois o próprio técnico da SEMAD tira, por pressão...

R: - Exatamente, as partes finais lá, de todo projeto de licenciamento, não foi realizado aqui. Isso assim, eu acho que nem foi divulgado, a gente que colocou né, como fala de outras pessoas,...

L: - É que isso aí mudou, está mudando e vai mudar de novo. Aí é uma questão de legislação estadual, por incrível que pareça.

A: - Mas assim, essas legislações acabam sempre favorecendo o lado mais forte.

R: - Sim.

L: - Sim e não. Agora mais sim. É... tem sempre uma briga boa, tem sempre uma parte do pessoal dos órgãos ambientais, por exemplo o IBAMA tem um pessoal muito forte, que exige mesmo. O problema é que, como é que é decidido aqui agora? É no IEF, na SUPRAM, aqui do triângulo...

R: - Uhum..

L: - ... E muitas vezes você tem problemas, tanto na formação dos técnicos, o pessoal chega cru sabe, não sabe, mas daí tem a pressão das empresas e é pouco funcionário para muito trabalho. Então acaba influenciando. Mas qual a questão que eu acho importante, a maior parte das pessoas da cidade não conhece isso. Você pode ir lá fazer pressão no órgão ambiental. Você é um morador daqui, você pode ir lá e falar. Olha vem cá, porque parou a educação ambiental na escola? Porque vocês não colocam na condicionante novamente?

R: - Exatamente. E não tem fiscalização né. Implantou, pronto, acabou. E as pessoas realmente são muito passivas. Quando a gente fez esse projeto, as entrevistas, era muito interessante. As pessoas sabiam. Nossa faltou isso, falaram que ia fazer isso... em relação... é... que eu achei interessante, da consciência deles, em relação ao resgate de fauna e flora.

Falaram que ia tirar os bichos, ia tirar as plantas, só que a gente viu muito pouco. Sabe essa parte inicial assim, eles falaram bastante.

[NT: Toca o sinal]

L: - Vocês tem aula agora?

R: - Eu teria

A: - Não a gente vai organizar.

L: - É? Se vocês quiserem eu espero, se tiver outro módulo... Eu não quero atrapalhar não, vocês na logística.

R: - MARIA você vai lá um pouquinho?

A: - A MARIA fica lá.

L: - Certeza?

A: - É porque a gente já tinha combinado. O legal de ser agendado, porque daí dá tempo da gente é... é...

L: - Se programar.

A: - É se programar.

L: - É com certeza. Eu acho que a primeira parte, quando você vem para a escola, é respeitar a dinâmica da própria escola. Então, eu acho que isso é uma questão básica de respeito, né.

R: - É, mas assim, em relação ainda a essa questão de educação ambiental a percepção que eu tenho...

L: - Opa perai, antes da gente continuar, essa é a próxima pergunta. Só quero dizer mais uma coisa antes.

R: - Ah sim.

L: - A questão de ser uma escola rural para vocês, eu já vi que tem uma diferença interessante para vocês aí, e que eu acho assim, muito importante trazer também. Mas uma dúvida, aqui o fluxo de alunos muda muito? É sazonal?

A: - A rotatividade é MUITO grande. Até mesmo por isso... é... é... uma das questões né, como a maioria, são trabalhadores rurais, não deu certo. Veio lá do Norte, ou veio da sede

para cá, e tal... e começa a trabalhar, então ele traz os filhos. Aí um mês e não deu certo, ele sai. Aí tem... nós temos alunos aqui, que vai lá para o norte, saí daqui e vai para o norte, fica dois, três meses e depois retorna novamente. Então assim, a rotatividade na zona rural é... E você vai perceber isso, que essa rotatividade não é só aqui.

L: - Não. Por isso que eu perguntei, todas as escolas falam disso.

A: - Sabe... É essa rotatividade, ela é muito grande. Eu eu ainda acredito, que a rotatividade ela seja tão quão, ou maior do que a zona urbana.

L: - É eu achei interessante...

E: - Esse é o maior problema que a gente tem.

L: -... Porque todo mundo que eu conversei. Todas as entrevistas que fiz até agora, já fui em 5 escolas, falaram disso.

E: - E te digo que ela aumentou bastante de um tempo para cá, por essas questões econômicas. Sociais... que vem transformando a vida dos trabalhadores né. Então hoje o fazendeiro não tem mais condição de ter o mesmo número de empregados que ele tinha antigamente, então ele reduziu bastante e muitas famílias ficam mudando de um lado para outro. Um aluno que está aqui, ele fica um mês, e vai para outro lugar, depois ele pode voltar. Ou ele pode passar um ano e depois voltar, daqui um ano.

L: - E essa é uma dificuldade grande pedagógica, né?

E: - Muito

A: - Muito [NT: Ao mesmo tempo]

R: - Sim.

L: - Como é que vocês lidam com isso? Uma pergunta difícil...

E: - Uma pergunta difícil. Aqui, o que a gente tenta, como esse aluno as vezes ele vem de um estado para cá. De um estado... Por exemplo, norte e nordeste, nós estamos recebendo muitos alunos. Aí um... ele... ele está totalmente é... é... desvinculado do que está... do que é a questão pedagógica aqui, do que estão as disciplinas.

A: - De todo o contexto, né.

E: - Todo... Aí então, nós temos que começar a ajudar esse aluno para ele inserir nesse processo. Só que aí a gente cai num problema, quando a gente está com ele...

A: - Consequindo.

E: - ... Consequindo, ele vai embora. Aí ele pode ir para outro estado, ou para a região mesmo. Ou ir para a cidade.

A: - Às vezes, aí, até cai nessa questão da educação ambiental. Quando a Camila é... a Barbatimão começa a fazer o trabalho, que ele já começa a ter essa conscientização, né. Entra uma turma, que pensa totalmente diferente, porque a gente falou, as vezes a questão é mais cultural do que...

R: - Uhum.

A: - ... Econômica, e daí você tem que... que... meio que parar ali e tentar colocar esse aluno sabe, pensar da onde a gente tá.

R: - uhummm

E: - E olha, é uma coisa triste de se ver. Nós estamos com aquele aluno que chegou do nono ano, né Barbatimão, ele veio do nordeste do país. Ele não... Ele não sabe somar, ele não sabe diminuir, ele pouco escreve o nome. No nono ano! Conhecimento ambiental ele não tem nenhum.

L: -Eu tive oportunidades... nesse trabalho de licenciamento eu já morei no interior do nordeste, morei em Petrolina, trabalhei na região interior de Pernambuco, Ceará, Paraíba... E no norte também, e assim, é... norte... pantanal... você sai do sudeste, é... são outros mundos. Realidades completamente diferentes.

E: - Aqui a gente pode ver bem isso, não é Barbatimão?

R: - É bem precário

E: - É uma realidade constante nossa. Constante. Ultimamente eu te digo que tem chegado mais alunos do Norte de Minas e nordeste do país. E tem sido uma luta... árdua para poder colocar esse aluno, encaixar ele, e... e... ele conseguir inserir ali e começar o processo pedagógico.

L: - É...

E: - E é uma coisa muito triste de se ver. Por exemplo, esse aluno do nono ano...

L: - Não, é...

R: - Já está muito tarde né...

A: - A gente sabe que num... num tem condições, que ele não deveria estar aqui... [NT: no nono ano, aponta para o diário para exemplificar isso]

E: - Como que a gente vai fazer tudo que ele precisa?

A: - Mas o que e como fazer para vencer essas etapas? Não podemos voltar...

E: - Não

R: - Não

A: - Não pode.

E: - Não existe isso.

A: - E não temos tempo hábil...

E: - Para colocar ele

A: - ... para recupera-lo mesmo. Sabe?

E: - Para trazer ele...

A: - Para o processo.

E: - ... para esse processo de ensino e aprendizagem. Que ele precisa.

L: - Eu sei.

E: - Que ele vai precisar. E ele não vai ter. Isso dói! Isso dói muito em nós...

L: - É complicado.

E: - Porque eu olho... ele não vai ter, quando ele chegou, ele parecia um bichinho, né. Porque ele tem medo de ser ajudado, ele tem vergonha. Ele chega ali num ambiente aonde ele vê que todo mundo está caminhando, e ele vendo uma coisa que ele nunca viu... E isso?

L: - É, eu realmente acredito que essa deve ser uma das situações mais difíceis na docência.

E: - É difícil.

R: - E outra coisa que chama a atenção é, mesmo quando, né, são esses casos de norte e nordeste, muito é a questão do... do currículo nacional. Que não é o mesmo.

A: - Não é o mesmo.

R: - Por exemplo, até mesmo aqui em Uberlândia que a rede estadual difere, por causa do CBC, da rede municipal. Daí muitas vezes, em relação a esse fluxo, eu percebo muito, por exemplo, eu sigo, né, o currículo da prefeitura aqui no município, inclusive é o que acompanha o material didático, e você chega no estado, a gente recebe, por exemplo, alunos que vieram do estado. Aí a matéria, não sei se você já fez essa análise, diferente do CBC.

L: - Não.

R: - O CBC pega os conteúdos de ciências vira uma bola de neve.

E: - Vira.

R: - Por exemplo, eles dão reação química no 8º ano sem o aluno saber o que é reação química, aí muitas vezes eu estou dando uma matéria aqui e o aluno fala, não, eu já vi isso aqui. Mas a outra matéria que eu já dei, ele não viu. Então fica lacunas no conhecimento. Essa questão curricular deveria ser levada mais a sério, na minha opinião, e ter uma padronização. Porque com essa... em relação ao fluxo de alunos, eles são muito prejudicados quando eles têm que mudar de escola.

A: - Aham.

R: - Porque quando é uma mesma rede, tudo bem, acompanha direitinho...

A: - Sim.

E: - É.

R:- ...Por exemplo, município município, estado estado,

E: - É tranquilo.

R: - É tranquilo, mas para o outro, do municipal para o estadual, se chegar na particular então... É muito diferente.

E: - Muito diferente.

R: - E de outras regiões ainda, mais diferente.

E: - Aí que piora a situação.

R: - Piora. Então os alunos são prejudicados e eu acredito que o movimento em relação a padronização deveria ser levantado, porque infelizmente não é só na zona rural que tem esse fluxo. Zona urbana também, o tempo inteiro. Ainda mais como a Araça falou, essa relação, com o momento que a gente está vivendo, econômico, está acontecendo muito isso na zona urbana também. Os alunos, inclusive das particulares, retornando para a escola estadual, só que o currículo é muito diferente. Para o aluno acompanhar, é muito difícil, principalmente no ensino fundamental, que é a base de tudo. Se ele pula, no 6º ano por exemplo, meio ambiente, que é... que a gente estuda, chega no 7 vai estudar os seres vivos não sabe dos biomas, dos ecossistemas, não vai conseguir compreender. Então eu acho que essa padronização curricular deveria ser levada a sério à nível nacional...

E: - É, a nível nacional.

R: - ... Porque é uma dificuldade muito grande que a gente encontra. Muito difícil.

E: - Isso é um desrespeito. Um desrespeito com todos que estão aí. E conosco, que somos profissionais da educação.

R: - E pensando um pouquinho a diante, com essa reforma aí do ensino médio, que está sendo proposta.

E: - Nossa!

R: - Vai ter aluno que vai, por exemplo, sair do ensino médio, se fizer escolha pela área de humanas, sem estudar o corpo humano. Sem saber, por exemplo, onde é o estômago, o coração. Por que? Porque muitas vezes pulou de escola em escola, perdeu conteúdo e...

L: - Sem contar a questão da escola sem partido, o corte das aulas de sexualidade, entre outros problemas maiores.

R: - Exatamente, exatamente. Falhas assim na formação, pessoal mesmo, porque quem não tem esse ensino fundamental, a base, não consegue... A compreensão de mundo fica diferente.

L: - São tempos muito difíceis... MUITO difíceis!

R: - Sim, sim. É muito complicado. E o que a gente tenta né, fechando aí, pelo menos o que eu tento, é encaixar esse aluno como parte do ambiente. Tem aluno que pensa, nossa o meio ambiente é lá. Eu sempre aço a dinâmica no início do ano. Do 6º ano. Faz um desenho aí do meio ambiente, do que vocês mais gostam. Muitos não se inserem nesse ambiente é lá, e o ser

humano acima de tudo e de todos, então eu tento colocar isso muito... Essa questão em sala de aula, que nós fazemos parte do meio ambiente. Exatamente por nós fazermos parte do meio ambiente, as consequências estão vindo e caem sobre a gente, além de cair sobre as outras espécies. Essa questão ambiental, eu acredito que trabalhando dessa forma, quando a gente se sente parte, a questão de preservar, de conservar fica muito mais fácil né?

A: - Fica mesmo.

R: - Quando eles conseguem perceber, nossa se eu joga esse poluente no rio, eu que vou comer o peixe do rio, vai chegar em mim. Ou se eu lanço agrotóxico demais na planta, eu vou comer. Então isso a gente trabalha muito com os alunos, essa percepção, do todo. Eu faço parte disso. E eles até mudam muito. Inclusive quando a gente trabalha a questão do ser humano como animal. Eles odeiam falar... nossa eu não sou animal...

L: - (Risos)

E: - É

R: -... Mas quando você explica direitinho, fala da percepção, eles se sentem dentro. Desse processo ambiental. De tudo. E, acho que é isso.

L: - Legal

E: - É isso mesmo.

L: - Só fechando com as duas últimas perguntas. A primeira já foi meio que trabalhada, mas eu queria ouvir a opinião de tudo mundo. É: O que que é a educação ambiental para você. Assim, eu não quero um conceito externo de autor... é para você, que está trabalhando, quando você fala estou trabalhando educação ambiental, o que que é educação ambiental. O que você vê como educação ambiental?

E: - Uhum

A: - Pode falar [NT: Aponta para Professora Ana Barbatimão]

R: - Para mim, educação ambiental é educação para vida, porque o ambiente é tudo, né. O que eu trabalho, é o nosso corpo, a nossa casa, o nosso quarto, a cidade... tudo. O planeta como um todo, então é uma forma né... educação, é você se preparar para viver nesse ambiente, para viver consigo mesmo, com os outros... é uma questão de organização para poder viver. Então educação ambiental para mim é o básico para vida. Se você não se educar, você não

consegue viver bem consigo, você não cuida do seu corpo, você não cuida da sua família, da sua casa, do seu ambiente, muito menos colabora para o geral, para a cidade, para o estado. Então para mim educação ambiental é isso. É o preparo para a vida, do indivíduo para o mundo, e assim a gente consegue compreender melhor o mundo...

A: - Eu acho que você não tem nem como educa-lo né sem... sem mostrar assim, como eu vou me educar, educar criança fora de um contexto. Porque a educação ambiental ela está num contexto, porque ela está no geral, não tem como separar né..., é... é... é aquela coisa, que eu acho que se trabalha desde... deveria se trabalhado desde casa, entendeu? Aquela bagagem que você deveria trazer já um conceito é... estruturado de casa.

L: - Interessante.

A: - A conscientização dá própria família né?

L: - Interessante.

E: - Eu também vejo dessa forma. A educação ambiental, ela é o todo. É só... é... é... O respeito a nossa casa comum. Todos deveriam ter esse conceito formado, mas a gente vê que as pessoas, muitas vezes, elas deixam... é... é como a Barbatimão colocou. Ela... é... se não se educar. Se isso, depois, vai gerar problema para mim. Eu penso assim, não, a educação ambiental ela está só lá fora, ela não... eu não faço parte disso não. Ela faz... o problema está é só lá fora. Eu tenho visto um trabalho que está sendo feito pela igreja católica sobre os biomas, foi lançado agora na campanha da fraternidade, daí eu estou achando interessante algo que está acontecendo no ambiente aonde eu moro. Como a igreja tem conscientizado as famílias a respeito da importância, do cuidado com o meio ambiente, e como a pessoa, que está ali, na sua casa, pode fazer o bem para a natureza, eu, ultimamente estou vendo que meus vizinhos, agora que conscientizaram da importância de colocar o material reciclável lá fora, para o caminhão passar. Ninguém colocava. Eu... eu ainda colocava o meu lá fora e... eu pensava, será que já passou porque não estou vendo ninguém colocar. Aí agora, eles estão colocando. Como que eu, dentro da minha casa, eu posso contribuir para a natureza. Então, olha que penas coisas que a pessoa pode ajudar e pensa que não é importante.

L: - É interessante.

A: - Bacupará e quando você falou isso é... é... do... Isso não vai... Esse problema acontece lá e não aqui.

E: - É, e não aqui.

A: - Então, em uma realidade diferente. Eu quer..., até está na sua área, vocês dois me respondam [NT: Biologia, indicou eu e a Prof.^a arbatimão], eu estava conversando e uma pessoa discutiu aquela questão de Mariana e que aí né, essa questão hoje do mosquito da febre amarela, tem muito a ver com aquela situação, com a morte do... de...

E: - Desequilíbrio

A: - É... Desequilíbrio ambiental é... é... com a morte dos sapos. Eu não sei se isso procede, então que veio desencadeando esse...

E: - Desequilíbrio que aconteceu...

L: - Processo?

A: - Esse processo.

E: - ... Na natureza

R: - Eu acredito que no local sim, eu não acredito que isso tenha influência direta, eu não sei se você pensa diferente, a nível de Brasil.

E: - A nível de Brasil, né.

R: - Naquela região, inclusive eu tenho uma parente que mora lá, na cidade de Belo Oriente, que foi afetada. E lá, realmente, é bem precário, realmente morreram muitos animais, e lá, aquele ecossistema local, ali, realmente eu acredito que tenha essa alteração, mas eu não sei se isso a nível de Brasil, a nível de Minas teria. Eu acho que, eu não sei se é muita maldade da minha cabeça pensar, de querer colocar, por exemplo, aqui a gente sabe, se tiver casos aqui é o mosquito, mas colocar a culpa de um acidente que ocorreu lá em Mariana numa falta de preparo nosso aqui. Muitas vezes as pessoas têm essa tendência, acontece uma coisa lá e a culpa de tudo o que acontece agora vai ser aqui, e tira a responsabilidade da gente de não deixar lá a água parada em casa.

E: - É, de ter o cuidado.

R: - Não.

L: - Não, mas...

A: - Eu acho que assim é um processo, tanto é que isso começou naquela região.

R: - Sim, sim

L: - Eu... eu tenho uma visão um pouco diferente. Não essa questão de culpa, mas o que eu posso te falar com, sei lá... minha formação científica. É muito difícil a gente colocar um mecanismo explícito, assim falar, olha a culpa foi aqui. Porque? Porque você não tem um estudo antes e um estudo depois, você não acompanhou. Até porque a própria SAMARCO não deixou acompanhar. Demorou muito para conseguir, porque o acesso foi fechado. Eu tenho até alguns colegas que trabalhavam em um grupo de pesquisa lá na região, e trabalhavam lá no vale do rio doce. E por incrível que pareça, sabe qual é o maior controle populacional de mosquito? Peixe. Larva de peixe. Então como os peixes sumiram, aumentou muito o número de mosquitos lá. E quando você aumenta muito o nível de mosquito, você aumenta a probabilidade de transmissão de febre amarela, que já existia na região. Porque lá sempre existiu, tanto que você era obrigado a vacinar para trabalhar lá. E daí com o aumento do fluxo de pessoas indo para lá (repórter, exército, os próprios funcionários da SAMARCO, a equipe de limpeza) e como esse acidente atingiu uma região vasta, quando a gente pensa em um foco epidemiológico. Que é o que, não é só a região. Porque o que que acontece com uma doença que é transmissível, se eu fui contaminado, eu trabalhei lá, por exemplo eu ajudei a limpar a calha do rio, e depois eu voltei para BH. E lá um mosquito me picou, eu acabei de transmitir a doença para BH. Então você cria um novo foco. Então sim, isso é uma coisa que vai ser muito difícil de provar, eles não vão deixar provar isso, mas que tem uma alta probabilidade da pandemia de febre amarela estar relacionada a ampliação daquele foco lá, por um desequilíbrio no nível de mosquito, sim.

A: - Então daí a gente tem essa necessidade de pensar e até de levar uma fórmula de pensar que o problema não está lá. Ele pode começar lá, entendeu, lá em um determinado local, mas ele pode chegar aqui.

L: - Sim. E daí outra coisa que ela falou é verdade nesse ponto. O problema, que mesmo se uma pessoa infectada chegar aqui, e não tiver muitos vetores. Se o mosquito estiver controlado aqui, não espalha. Mas o problema é que não estava, e agora espalha.

R: - É a questão, a responsabilidade é de todos.

A: - E isso é uma coisa que a gente vem trabalhando... esse ano nós iniciamos aqui, falamos da questão da dengue, né, a Barbatimão com as armadilhas, ela desenvolve um trabalho muito bonito dentro da escola.

L: - Que legal.

A: - E aí, você é... é... anda aqui no distrito, você percebe que assim, ainda falta muito, né?

E: - Por mais que a gente trabalhe.

A: - Por mais que a gente venha, trabalhe todos os dias, e fale todos os dias, e... igual agora mesmo, se você for aqui no laboratório de informática, você vai ver que os meninos estão vendo sobre a questão da preservação da água, porque essa semana a gente está trabalhando questão da água.

E: - É.

A: - Então assim, os conteúdos estão programados e a gente trabalha no decorrer de todo o ano, vários é... é... temas, Barbatimão. Eu não sei como a gente pode falar né?

R: - Sim, sim.

A: - Mas tudo relacionado, voltado grande parte, para essa educação ambiental, porque como diz a Barbatimão, ela não é separada, ela está inerente ao processo.

L: - Legal, eu reparei que em vários projetos, além da temática, água, essas coisas, vocês te projetos locais também.

A: - Sim

E: - Sim, sempre tem

L: - Muito legal.

R: - E uma dificuldade muito grande é a pessoa assimilar e colocar isso em prática. Por exemplo, a gente sempre fala muito com os alunos, pelo menos eu falo. Eles jogam lixo no chão. Aí eu fico assim, nossa lá na sua casa sua mãe deixa você jogar isso no chão? Não, ela não deixa não. Se eu jogar ela me bate. Pois é, você está aqui e você fica tantas horas, porque você não faz? Aí ele começa a pensar. A impressão que dá é que a teoria eles têm, se chegar para qualquer aluno aqui e perguntar da dengue, né que a gente já fez o trabalho, já fizemos redação. Eles vão saber. Mas eles não colocam em prática.

E: - É, o difícil é colocar em prática.

A: - Outra é dar aula né... (risos)

R: - Não eles sabem.

A: - Tem aluno aqui que faz um discurso que é maravilhoso...

R: - Sim

L: - ... mas na prática...

A: - Mas na prática é coisa que tem que bater todo dia. É esse ambiente que você quer? Você gosta de conviver num espaço nessa forma aqui? Sabe então essa reflexão diária ela acontece que praticamente com todos, não só na disciplina da Barbatimão. Sabe...

R: - E essa questão não é porque são os alunos daqui não. É geral. É o ser humano... O ser humano é...

L: - Eu acho que a nossa sociedade, especificamente, eu acho que até gosto de discutir, porque a gente não se vê como agente transformador...

R: - É.

L: - A gente sempre culpa. A é porque é político, eu não posso fazer nada, político é sempre assim. Ou a é assim mesmo, o que vai adiantar eu fazer isso. Eu acho que hoje em dia a gente, assim a gente todo mundo, eu... eu me incluo nessa também. É muito difícil a gente falar eu posso fazer alguma coisa, estou ajudando, e fazer. A gente sabe mas olha é fala, olha...

R: - Ou espera que alguém faça. Se eu fizer só não vai ajudar. É igual a questão da preservação de água. Porque ela é muito mal discutida, porque a gente fala olha se você escovar o dente com a torneira fechada você vai economizar água. E daí você vira e pega no município, olha como é o uso d'água. Ah, 95 % é usado na agricultura com irrigação de grande porte e indústria. Tipo uma coca-cola usa trinta mil litros de água por hora. Que é basicamente o gasto de setores, bairros. E por exemplo, enquanto a fábrica da coca-cola estiver em atividade, se ele abrir ou fechar a torneira, não vai fazer muita diferença. Eu tive..., engraçado porque assim, a gente conversa isso né e ...

A: - É, quando a gente começa a conversar a gente olha e fala é até difícil, falar dessa preservação. Quando você pensa do lado das indústrias, porque a gente fala aqui, que tem que preservar, cuidar das nascentes, cuidar da... da... dos rios, dos córregos e tal. E daí você vê as grandes empresas jogando todo aquele resíduo nos rios. Infelizmente você vê o Uberabinha, que eu falo assim, é uma das grandes riquezas que nós temos no nosso município, sendo destruído e não poder fazer nada assim. É... te dá uma sensação de... de... impotência.

L: - O meu sonho...

A: - Sabe? O meu discurso não está valendo nada. Sabe aquela coisa quando você para assim e fala assim, eu não estou conseguindo é... é... contribuir para esse processo.

L: - Eu sei. Eu sei porque, eu até trabalhava nesse processo e falei, nó, eu não aguento mais... Porque tem umas horas que você não acredita no que está vendo mesmo, tanto por questão...

R: - É, não...

L: - ... de falta de... Porque hoje em dia o que acontece no licenciamento, a decisão não é só do relatório técnico, né.

A; - Não, eu acho que está muito relacionado as políticas públicas, né. Mal elaboradas, mal executadas...

L: - É falta de participação na sociedade eu acho, hoje em dia...

R: - Também é muito o capitalismo, tudo visa o lucro, o ambiente é só um detalhe.

A: - É um detalhe

E: - É.

R: - Infelizmente.

L: - É, mas o capitalismo eu acho mais difícil a gente mudar, porque envolve muita... uma questão social muito forte. Mas, por exemplo, a gente pode começar...

R: - Sim.

L: - Agora a última pergunta: Durante esse tempo que vocês estão aqui, durante esses últimos 10 anos, vocês veem essa situação mudar, com relação a educação ambiental. Tanto quanto aos conceitos de vocês, quanto a aplicação. Ou então quanto a essa questão de zona rural. Mudou alguma coisa? Não mudou? Eu sei que isso já foi trabalhado no diálogo até agora, parcialmente, mas assim eu queria ouvir de cada uma de vocês...

A: - Eu acho que acaba é... caindo nesse. No que eu acabei de falar agora né, que assim, tem questões que... que a gente vê assim. Lógico não vamos desistir, somos brasileiros né, a gente não desiste jamais... Mas com a questão do macaco, a gente sabe que nós vamos falar, falar, mas infelizmente ainda alguns irão morrer. Né, a gente não vai conseguir atingir como um todo.

L: - É uma pena. Aqui tem umas populações legais, aqui na região, eu cheguei a coletar e a gente viu muito Bugio. Uns bichos bonitos.

R: - Eu vi na mata atlântica lá na..., porque minha família é de lá, é bem interessante. Em relação a educação ambiental, aqui na escola teve um projeto chamado “sanitarista mirim”, lembra Bacuparí?

E: - Aham. Sim.

R: - A Bacuparí sabe melhor... Daí tinha que diagnosticar problemas ambientais aqui dentro da escola. Todos eram agentes ambientais. Aí eles diagnosticaram um problema que estava sendo muito comum o desperdício de alimento durante o lanche. E eles conseguiram, hoje foi sanado esse problema não é Bacuparí.

E: - Foi sanado. Sim.

R: - Hoje o desperdício é quase zero.

E: - Quase zero.

L: - Olha que legal, isso aí eu acho que, por exemplo, é um projeto efetivo e muito significativo né.

A: - É

R: - Sim.

E: - E esse projeto também trabalhava a questão da importância do trabalho desenvolvido no campo e a importância desse aluno, que está aqui, um dia permanecer no campo. Também ajudando a família. Porque sempre a visão é ir para fora, mas o que que você pode fazer, estudando, aperfeiçoando, adquirindo conhecimento, e do campo?

L: - Interessante.

E: - Então isso aí foi uma coisa que eu achei que... porque quando... antes do projeto a gente via assim, quase que a maioria, né Barbatimão, pensava assim, né. Eu vou estudar e vou para tal lugar. Ah, eu vou para Uberlândia, daí eu vou para outro lugar, outro estado. Aí muitos abriram a cabeça e conscientizaram que eles poderiam, com todo o conhecimento que eles vão adquirir, melhorar a vida da família aqui no campo. Inclusive nós visitamos uma fazenda, que é bem próxima aqui, não é Barbatimão?

R: - Aham.

E: - Aonde os três filhos do produtor rural é... estudaram, fizeram graduação na UFU, na época que nós fomos eles estavam concluindo o mestrado e trabalhando no campo. Melhoraram a vida da família.

L: - Olha que legal.

A: - E aí, em cima disso, esse ano nós estamos buscando parcerias, aonde até tivemos tivemos um, uma formação aqui, do SENAI.

L: - Olha que legal.

A: - Para... pra... é o que eu falei, vamos explorar aqui. A produção de banana está crescendo muito, então vamos pedir pro SENAI, eu quero que eles tragam oficinas sabe, do que a gente pode fazer, da banana. Que é algo que eles têm aqui, que eles podem produzir e... e... ganhar, se sustentar com isso, ao invés de pensar nessa rotatividade, né

L: - Aham...

A: - Então assim, dentro do artesanato, o que que dá para fazer? Ah vamos trabalhar fibras? Ah... curso culinário com geléia, com os potes... até mesmo decorados com os fios, com as fibras da bananeira, com papel, sabe? Então a gente está... tá buscando essa parceria para trabalhar.

L: - Interessante. Legal

A: - Uhum

L: - Eu acho que aqui, para mim é isso. [NT: Avisos sobre transcrição e retorno das informações]

L: - Vou parar de gravar aqui por enquanto. FIM DA GRAVAÇÃO.

Apêndice M - Transcrição da entrevista única com Diretor Camboatá e Professora Gabiroba (Ciências - 9º ano da E.M. Mata Ciliar)

Entrevista realizada em 28 de Março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

C: Camboatá (Dir)

G: Gabiroba (professora)

L: - A gente sempre acaba reutilizando né?

C: - Equipamento diferente aí.

G: - Você trabalhou com o que?

L: - Eu trabalhei com... com licenciamento, porque assim, eu fiz bacharelado, fiz mestrado e daí fui trabalhar com licenciamento. E daí eu me especializei em herpetologia, que é réptil, anfíbio, sapo, cobra...

G: - Você fez a graduação aí?

L: - Não, eu formei em Lavras e fiz o mestrado em Rio Preto. Daí, por... essas andanças pelo mundão afora eu vim para cá e agora eu estou fazendo só licenciatura. Então, na verdade, por incrível que pareça, eu não fiz quase nenhuma matéria da biologia né, porque eliminaram quase tudo né, eu fiquei fazendo apenas as matérias da licenciatura. Então na verdade, eu conheço da biologia, os professores da licenciatura - a Ariadne, a Daniela, Lúcia.

G: - A Ariadne é legal, a Lúcia também, a Daniela eu não conheço.

L: - Acho que é uma leva mais nova aí [NT: de professores]

G: - Você pegou o PGDE lá? Política e Gestão da Educação? Como que é o nome do cara lá?

L: - Peguei, com o professor gente boa? Enfim, foi meio... burocrático né?

G: - Nossa chato aquilo ali. Mas vamos lá, não quero tomar seu tempo.

L: - Vamos lá. Então vamos começar. Primeiro quero agradecer a participação de vocês e, eu queria que vocês apresentassem um pouquinho de vocês. Assim, rapidamente falassem o

percurso de vocês, a experiência que vocês têm com escola rural, esse percurso até vocês chegarem até aqui...

C: - Certo. É, então, meu nome é Camboatá, sou formado em geografia pela UFU também, né. Tenho especialização em coordenação pedagógica e sou da zona rural. Inclusive eu moro na zona rural.

L: - Olha que legal.

C: - É... Eu habito a zona rural, na região da [NT: Nome do Distrito omitido por questões de sigilo] para, só que no município de [NT: Nome do município omitido por questões de sigilo].

L: - Ah, tá...

C: - Então, é uma paixão minha, eu já tenho 21 anos de prefeitura, de... de... de professor na rede municipal e tenho um período também na rede estadual. Estou na gestão pela terceira vez, né. Já fui gestor tanto no estado quanto na prefeitura anteriormente. E estou de volta. Agora, comecei agora em fevereiro, né, essa... terceira gestão. É... Tenho paixão também pela questão ambiental, né, com esse ruralismo, horta... E a vontade é de... A vontade minha era de estar sempre trabalhando com projeto nessa área, produção de muda, conscientização ambiental, coleta seletiva de lixo... né? Reaproveitamento de... de... de... material orgânico, e tal., né. Mas assim, fica mais à vontade né. Nas poucas vezes que eu desenvolvi alguma coisa, nós encontramos um obstáculo maior que nos impede de continuar.

G: - Não, mas a educação deu muito certo né?

C: - Então, mas acho muito pouco. Muito pouco um ano... Deu muito certo naquele período né, um trabalho muito bonito na época e tudo. Serviu! Teve aluno que chegou aqui e me contou, olha professor, eu estou... lá em casa eu fiz um canteiro assim e assado, você me dá um pouquinho de semente? Então teve um resultado. Mas o que eu fico chateado é das coisas não ter uma... sequência. Né.

G: - Deixa eu esperar para não cortar ele, mas...

C: - Não, pode ir... já terminei, né.

G: - O ruim da gente conversar é que nós podemos cortar toda hora.

L: - Não, mas pode ficar tranquila no diálogo, a ideia é uma coisa mais livre...

G: - Meu nome é Gabiroba né, eu sou professora vai fazer... O 5º ano de docência, entre o estado e o município. Sou professora de ciências e Biologia. Formada pela UFU e terminei uma pós, agora recente na UFOP...

L: - Legal, legal...

G: - É, em educação ambiental e os espaços dos educadores sustentáveis. Ahmm... o Camboatá falando, a nossa dificuldade, eu acho, na zona rural. Tem a questão de a gente ter que vir e sair né... igual eu venho aqui três dias na semana. Nos três dias que eu venho, eu dou cinco horários seguidos. No ano passado eu ficava um pouco mais, mas aí eu fico cinco horários seguidos. Então são cinco horários em sala de aula. A gente termina e a van já está esperando. Então assim, tem uma... e aí por conta disso, o Camboatá não teve na época apoio suficiente, eu acho, de nós, né Camboatá?

C: - É...

G: - ... de nós, né, de nós, outros professores. Tem a questão também da gente ser mais conteudista né, tem que cumprir e tal, um determinado currículo e aí, eu acho, que o Camboatá fica mais chateado nessa parte, não teve assim... não foi geral.

C: - Não foi possível.

G: - Foi um trabalho... foi um trabalho desenvolvido mais ele e os meninos, e assim, com todas as dificuldades... Ele quase sozinho, não é Camboatá?

C: - É, infelizmente era...

G: - Foi, é entendeu? É... a gente esbarra... eu acho que a frustração dele é essa. Se eu estiver errada você me corrige.

C: - Não, é por aí mesmo, né, Gabiroba?

L: - Problemas logísticos.

C: - É...

G: - Tem também o que vem de cima para baixo, imposto.

C: - Fica até meio contraditório né, a gente está numa escola de zona rural que... temos a clientela grande de meninos... de família de assentados, né. Que tinha que está desenvolvendo uma... um projeto de questão de... de... auto sustentabilidade deles né, assim, pelo menos em termos de alimento. Sem uma alimentação saudável não tem... (Pigarro)

L: - Você também mora na zona rural? Não, você mora lá em Uberlândia... [NT: Olhando para Gabiroba]

G: - Não, eu moro em Uberlândia, mas eu sou de zona rural, minha família é de...[NT: Pigarro do Camboatá em conjunto com a fala impediu a transcrição dessa palavra], meus pais ainda moram lá...

L: - olha, que legal.

G: - E coincidentemente eu vim dar aula na zona rural.

L: - Uai, mas isso é bom.

G: - É... Não é? Parece um negócio, o universo assim...

C: - É.

G: - Eu desde novinha, assim, sempre estou em zona rural. Então muita coisa que eu converso com os meninos, igual recentemente eu estava conversando com eles... Tem um aluno nosso que está sentindo dor nas mãos. E ele virou para mim e perguntou Gabiroba o que você acha que eu tomo? Olha, você precisa ir a um médico? Mas o que você está fazendo? Olha eu acho que é o leite, eu estou tirando leite. Mas você está tirando leite na mão? Eu tiro... E olha, Meu pai e minha mãe, quando eles tiravam leite na mão, eles não conseguiam posição para dormir. Eles ficavam a noite inteira assim, sabe... Então assim, assunto deles eu entendo, a gente para a aula para poder trocar uma ideia.

L: - Então, já engatando isso aí, minha primeira pergunta é: O que é ser uma escola de zona rural para vocês? Mas daí eu quero... eu quero nas suas palavras, baseado na sua experiência... Hoje em dia quando a gente fala que é uma escola de zona rural, o que que isso significa para vocês? Vantagens, desvantagens particularidades...

C: - Eu vejo como uma escola de clientela diferenciada. Mas, o trabalho da escola, para mim é praticamente o mesmo, né, da zona urbana. É a gente obedece uma mesma legislação, o que a Gabiroba falou, a questão conteudista né...

G: - As mesmas diretrizes né, as questões...

C: - Eu fico preocupado... Às vezes eu estou ali, dando aula de geografia né, eu falo da questão ambiental, falo... mas não saio com o menino ali fora porque tem alguém que me alerta, olha pode cobra aí na mata ciliar. A gente tem uma aqui próxima, e eu nunca levei um

menino para visitar ali. Ah vai que, né, uma cobra e tal. Então eu vejo assim, a gente... A clientela é diferenciada. Eu estava comentando... ainda mais a gente que atendemos o pessoal que... que... de famílias de assentados, de famílias que vieram para morar, para viver da terra, né. Então essa clientela é diferenciada. Eu tenho aluno aqui não conhece a cidade. Tem alunos que vem de outras regiões... e mesmo daqui mesmo, tem crianças que não conhecem o centro de Uberlândia. E... eu vejo também como muito carente. Eu jogo que, eu gosto de estatística, eu jogo que 80% dos nossos alunos são carentes. E muito carentes.

G: - Em tudo, em questão material, em questão afetiva...

C: - Exatamente. Em tudo.

G: - A autoestima também.

C: - É.

G: - É... é... a... como que eu vejo a zona rural né? A gente tem uma clientela bem mista, diferente, bem mista né. Então a gente tem os meninos... os filhos dos assentados, tem filhos de quem vem trabalhar nas granjas, tem filhos de empreiteiros, tem o pessoal do abrigo, a gente atende ainda. Então assim, a gente tem uma clientela...

L: - Pessoal do que?

G: - Do abrigo.

L: - Ah, tá. Do abrigo.

G: - Do abrigo, isso. A gente tem uma clientela bem mista mas é como o Camboatá falou, embora seja diferente, eles são mais amorosos, eles são mais apegados conosco... A escola para eles as vezes entra como uma diversão, né, porque muitos aqui, você fala em Shopping, é uma coisa surreal...

C: - Não faz parte.

G: - Cinema? É uma coisa assim, então assim, o que a gente pode fazer com eles, para chegar, ao mesmo nível, vamos dizer assim, de conhecimento, né Camboatá...

C: - É.

G: - ...com os da... da... da zona urbana, a gente tenta. Então a gente trabalha... a questão de conteúdo é muito parecida. No tratar com eles, a gente tem um tratamento diferente, né Camboatá?

C: - É.

G: - Porque é mais amoroso, assim, é... é mais... ah, eles são mais delicados com a gente, são mais apegados com a gente. Eles saem daqui, eles voltam para nos visitar. Hoje a gente está com uma aluna, tinha uma aluna visitando. Ontem tinha uma aluna visitando. Então sempre tem aluno visitando, eles sentem saudades do clima daqui, de como a gente lida...

L: - Legal.

G: - Mas... na questão ambiental, peca do mesmo jeito que a gente peca na zona urbana, as vezes até mais, né Camboatá?

C: - É.

C: - Pois a gente está dentro de um laboratório né? A gente está dentro de um espaço...

G: - Isso.

C: - ... que nos oferece essa condição. Assim, eu digo de... de... você tem exemplos aí de Cerrado. De local que já está degradado. De mata ciliar, que... igual aqui em baixo, né?

G: - É.

C: - Lavouras, monocultura, agricultura familiar. A gente tem... Poderíamos estar explorando isso melhor, né?

G: - É, e a... se você colocar então as duas são muito parecidas, zona rural com zona urbana, mesmo com as diferenças... eu digo quando a gente trata, né, mesmo com as diferenças entre eles. E... realmente a gente tem um desperdício, digamos assim, a gente não consegue sair do nosso currículo, do que a gente tem que fazer, entendeu? As provas quando vêm, vêm da mesma maneira, então a gente tenta lidar da mesma maneira da zona urbana, porque se não nossos meninos ficam para trás.

C: - E tem um diferencial também, por aqui ser um setor que tem muitas granjas, então ele oferece emprego. E há uma rotatividade grande. Então a gente recebe muito menino oriundo do Nordeste, do maranhão, até do norte também. No caso, do Pará. E... do norte de Minas principalmente, então a gente recebe... Há uma... tem uma quantidade de alunos que são da escola desde novinhos, né, mas tem uma rotatividade também, grande. Porque o pai arruma emprego, a granja precisa de mão de obra e busca, daqui a pouco não deu certo com o patrão e

já está mudando. E o outro problema que nós enfrentamos também é a falta da estrutura familiar. Não que isso seja assim...

G: - Exclusivo daqui, né? Mas...

C: - É, é... Mas eu vejo que faz muita falta a referência de família para eles. Não que eu ache que tenha... que só assim que vai... Não é. Então tem muito menino que tem... o menino... tem caso aqui que o menino tem o irmãozinho um, a mãe, vai ser a madrasta do outro irmãozinho, o outro o pai é o padrasto do outro, então... Você entendeu?

L: - Aham...

C: - Então a gente tem esse problema aqui. Daí gera uma carência. Já chegou menino em mim... chegar e abraçar e falar que tem vontade de ter um pai. E eu falo, mas cadê seu pai? Não, eu tenho padrasto, tal... A gente também enfrenta isso aqui.

G: - É, e essa carência também é em parte, um pouco, pela autoestima. O ano passado a gente teve um projeto de leitura, né, a... a... a escola fez um projeto de leitura realizado as sextas. E nesse projeto a escola toda parava para poder ler e debater questões de respeito, auto estima, essas coisas. Porque os nossos alunos eles tendem a imaginar que os alunos que estão na cidade são melhores que eles. Né? Então quando eles vão... e eles tem uma vergonha também. Então quando vai fazer, vai falar de qualquer coisa. Ah, não, mas porque lá em Uberlândia é assim, lá em Uberlândia é assado... Entendeu, então eles tem uma... parece que é um negócio que já é uma... uma... um... assim, como é que eu falo isso? Mas... se sentem inferiores aos da cidade. Entendeu? Então a gente tenta trabalhar isso também. Então já tem um tempo a gente vem insistindo muito para os nossos alunos do 9º ano prestarem prova do IFTM, que é o instituto federal. E falando para eles né, vamos tentar, vamos... Então a gente tenta estimular o máximo. Teve caso de alunos nossos que são muitos bons que passaram na prova e desistiram para poder estudar..., para poder trabalhar aliás... Então tem isso também, alunos nossos que as vezes vão muito bem até o meio do ano, arrumam um emprego e daí param, porque tem que sustenta... tem que ajudar a sustentar aquele núcleo familiar deles ali, da zona rural, porque eles... né, na cultural deles já está na idade de trabalhar, então abandona e depois volta. Que é o caso do JOÃO, né?

C: - É.

G: - É, esses alunos que vem, por exemplo, de outras regiões, Maranhão, Nordeste... A gente chega aqui com casos de alunos que chegam para nós, que... para gente ele tem que estar no

6º ano, a gente vai avaliar, a criança não sabe escrever, não sabe interpretar, não sabe nada... Então tem que ter todo um trabalho em cima disso. Muitos né, chegam para gente fora de faixa, dessas regiões também, e semianalfabeto.

C: - A maioria...

G: - Nós estamos com casos aqui extremos, então assim, a rotatividade é muito grande, porque eles né... os pais vão trabalhar em outras regiões e voltam e, ao mesmo tempo, eles também param uma vez para ajudar a família, mas daí não dá certo no emprego e eles voltam a estudar... Ou então se casam. Não é isso Camboatá?

C: - É.

G: - A gente tem caso aqui de meninos que se casam muito cedo também... Porque está... está no... está enraizado na cultura deles que é a partir daí, entendeu, que vai a vida.

L: - É difícil. Lidar com isso aí devem ser bem... difícil, assim, né. Esse fluxo de alunos...

G: - Rotatividade.

L: - É, difícil...

G: - Na cidade também é. Aqui a gente tem uma proximidade maior, a gente fica sabendo casos mais detalhados. O aluno chega para gente e fala, Gabiroba, está acontecendo assim, assim e assado. Então, como vou dizer, a gente fica sabendo mais. E tem essas questões que se somam né. Que é a questão da cultura e tal. Que é diferente a questão dos alunos... eu dou aula no estado, eu dou aula em uma escola extremamente carente, mas meus alunos lá, eles vão ao cinema com os pais. Vão ao clube, um negócio assim, que para eles, isso é assim. É muito diferente. Ir ao cinema... Eles estão combinando. O nono ano está combinando de ir ao cinema. Uma coisas que eles combinam meses antes para poder ir...

L: - Tipo um evento...

C: - Planejado (risos).

G: - É... (Risos) Entendeu? Então isso... embora eu considere o ensino aqui, porque tem mais proximidade, menos alunos e tem, vamos dizer assim, mais facilidade para trabalhar em sala, tem essas questões que não nos ajudam. É... né, que eles não têm as vezes acesso as coisas externas, então eles ficam mais presos ao mundo da escola.

L: - Entendi. É difícil mesmo.

G: - É.

L: - Até porque o trabalho na roça, assim, só quem conhece sabe...

G: - Ah sim, é puxado.

L: - ... Não tem fim de semana, não tem feriado...

C: - É.

L: - ... Vamos tirar leite? É tirar leite todo dia de manhã...

G: - Igual, você imagina se um aluno chega e fala que essa semana sente dor nos braços, nas mãos, porque... por conta de tirar leite...

C: - É...

G: - Daí então como ele concentra?

C: - Outra dificuldade que eles têm também, é que nos temos alunos que acordam três e meia da madrugada.

G: - Isso.

C: - Porque? Porque ele é o primeiro a ser pego pelo transporte. E aí ele vem, tem que andar todo um percurso, e chega aqui as vezes vinte para as sete, por aí. E ele... as vezes ele chega já reclamando de problema estomacal. Náusea...

G: - Tem muito isso, muito aluno que vem...

C: - Então eles têm essa dificuldade também

G: - ... com fome.

C: - É. Aluno chega com fome. É... e com problema mesmo, náusea, dor de cabeça... muito comum. Às vezes eu tenho que ligar para um pai. E aí o pai não pode vir buscar... tem todo aquele, estou trabalhando, é só ele, e tal. Então assim, são diferenciais que, na cidade não tem, né. Isso num... num... E tem vezes que dificulta até as reuniões também, quando a gente vai fazer uma reunião com os pais, a frequência é mínima. Porque, a esse horário estou tirando leite, a esse horário estou na granja, então não posso sair, né. Esse horário tem... A dificuldade do transporte. Eu não tenho condução... Né? Então nós enfrentamos vários problemas...

L: - É aqui deve ter...

C: - Que dificulta essa interação com a família.

L: - Deve ter gente que mora muito longe aqui, aqui né, porque...

C: - Tem.

G: - Tem, e igual, eles chegam com fome. O Camboatá, né, a... a direção, a vice direção, tem que dar comida para os meninos. Porque num... num... chega sentindo dor de estômago, dor de cabeça... E a gente pergunta, o que você comeu hoje? Não, não comi não. Porque acorda cedo e meio que acorda de certo na correria né, porque nessa tão... até o nono ano... e aí você acorda lá três e meia, quatro, cinco. É o máximo, é os que acorda mais cedo... mais tarde...

C: - É.

G: - Aí chega aqui e já vai para sala. É aquela correria, né, para pegar o transporte. Ele nem come não.

L:- É, é difícil né. Bom, agora vou fazer uma pergunta difícil: O que que é educação ambiental para vocês? Mas assim, não quero discurso teórico não, o que que você vê como educação ambiental, o que que você vê como educação ambiental na escola... Particularidades, vantagens, desvantagens... Coisas que... é... projetos. Enfim, sintam-se a vontade para falar sobre isso.

C: - Eu... eu... Primeiramente a minha preocupação, quando você fala em educação ambiental, é primeiro fazer com que o aluno entenda o que que é isso. Conscientizar ele da necessidade... sobre o que é meio ambiente e tal, conscientizar ele sobre a necessidade de preservar, mostrar o que está acontecendo no mundo, né, igual aconteceu em São Paulo é... está ameaçado de acontecer novamente, eu estava vendo uma reportagem falando que as... as... barragens já estão com um nível muito baixo, apesar das chuvas, terem sido mais intensas, né. Então primeiramente seria conscientizar eles dessa necessidade. Agora a importância de se preservar. É... porque o que eles trazem de casa, eles contam, o pai caça, a matou uma Paca, né, professor o senhor já comeu paca?

G: - Cobra, matou cobra.

C: - Cobra...

G: - Eles trazem muita cobra para gente, para o laboratório de ciências. E a gente fala, a gente não quer cobra... Não quer que mata a cobra, entendeu?

C: - É... Então eles... assim, a cultura que eles vieram, eles não tem essa noção, né. Para eles não tem problema... Não, mas tem que derrubar, tem que plantar e tal... Então assim, a preocupação inicial da gente é essa. Agora é o que eu estou falando, muitas vezes que eu tive envolvido em projeto, as vontades era sempre de produzir muda, de levar para ele plantar em uma determinada área do local dele, né... Mas aí a gente fica muito restrito só ao que está no livro mesmo e não tem desenvolvido nenhum projeto nesse sentido, né. Então fica mais nessa mesmo, na teoria... e a prática pequena. É por aí.

G: - Bom, para mim, a educação ambiental ela... ela vai um pouco além de ambiente, eu acho. Porque assim, eu penso o seguinte, nossos alunos eles ainda não estão conseguindo lidar nem com a realidade deles. Primeiro. E eu acho que fica difícil, você sair de uma... dessa condição, por exemplo, para pensar porque não desmatar determinado lugar se eles ainda não estão conseguindo nem entender aonde eles estão, não estão conseguindo entender o que que isso afeta... não estão conseguindo... Entendeu? Então eu penso assim, quando a gente trabalha as aulas de ciências, né, e as aulas, não só de ciências, quando eu levo os meninos para o laboratório de ciências, eu tento levar eles para a casa deles. Cobra, por exemplo, o exemplo da cobra. Porque que não deve matar, né, a serpente? Porque que... é... Qual que é a importância dela em uma cadeia alimentar? Né. Lá na sua casa está aparecendo muito sapo? Está tendo muito besouro, essas coisas? Então assim, eu tento fazer um pouco, eu acho que vai um pouco para a casa deles a educação ambiental. Antes. Converso, eu dou muito exemplo. É eu dei... Eu dou muito exemplo da minha casa também, porque meu pai é produtor rural, então eu vivo dentro dos impactos ambientais né?

L: - (Risos)

G: - Eu estou DENTRO deles. Então eu sei tudo que o meu pai faz de errado. Tudo que eu já tentei colocar para ele de... ó, isso aí é errado. Que ele NÃO faz...

L: - É... Isso a...

G: - E que aí eu coloco para os meus alunos. Eu falo, olha, você está vendo isso aí, que o pai da Gabiroba, que a Gabiroba está vivendo. O que está acontecendo? Você está vendo isso? Recentemente a questão da água, que o Camboatá falou, lá em casa, né, na fazenda, o meu pai não cercava as nascentes... Não cerca ainda, porque eu acho que ele está esperando nós todos

morrermos primeiro para passar por um período de... né, e todo... desde antes de eu me formar, desde sempre, eu falo, pai, isso aqui ó, não pode deixar desse jeito, tem que preservar, não pode desmatar, porque isso aqui não está certo... Recentemente nós tivemos uma seca muito grande, 2014, né Camboatá? 2015?

C: - É, 2014, 2015... Ela repetiu, né?!

G: - 2015! Muito grande e pela primeira vez na fazenda faltou água.

L: - Secou a nascente...

G: - Secou a nascente! E meu pai veio para mim e falou assim, é, vou mandar cercar essas nascentes para pode restaurar. Então eu trabalho muito com isso, sabe. Um exemplo, porque não adianta eu falar de uma questão mais distante... E aí eu falo para os meninos, eu falo... Inclusive eu trouxe um texto nessa época falando da importância das matas ciliares, para trazer essa questão de exemplo. Era alguma data comemorativa, não lembro... de água, não sei, uma questão assim... Eu falei, olha... Vocês estão vendo isso aqui? Vai resultar nisso. Vocês estão vendo é... essa questão agora, por exemplo, é... meu pai usa Ocitocina, na fazenda dele, para aplicar no gado, para poder descer o leite das vacas ... Aí eu converso com os meninos, na casa de vocês ainda usa ocitocina? Não, Gabiroba, isso está ultrapassado, a gente não usa mais não. Pois então, o que que eu... qual que é o risco da ocitocina que ninguém fala, né? Será mesmo que aplicar hormônio na vaca duas vezes por dia, para ela poder descer o leite, será que isso é saudável? Entendeu? Eu acho que vai... eu acho que vai, a educação ambiental ela vai um pouco para dentro da casa da gente antes... A questão de roupa, eu converso muito com os meninos e falo... outro dia eles ficaram chocados comigo porque eu falei de roupa de brechó. Entendeu? Eu falei gente, vocês estão muito fora da moda... No resto do país o pessoal já está trocando roupa pela internet! Vocês estão ó... estão OUT, estão OUT! [NT: estala os dedos] Mas para eles é um negócio assim... eu acho que desmistificar essas coisas um pouco... que você pode usar roupa de brechó que não é roupa de defunto...

L: - Aham... (risos)

G: - ... E assim, mesmo que for de defunto o defunto já morreu, né...

L: - É.

G: - ... Ele não vai voltar. Você pode trocar roupa, você pode usar roupa dos outros, então assim. Eu acho que vai um pouco para dentro, né, da... da casa. Agora na questão da

disciplina, é uma disciplina que quando a gente vai trabalhar, a gente trabalha sozinho, né, Camboatá?

C: - É.

G: - É, embora ela esteja... é, nas leis, ela esteja... olha é uma disciplina que permeia todas as outras, né?

L: - Aham...

G: - É... Você vai ter um negócio de água, por exemplo, olha, Gabiroba você podia fazer isso, Camboatá, você podia fazer isso... Entendeu? É restrito...

C: - É.

G: - É como se ciências e geografia fossem salvar uma situação, que eu não consigo entender, porque não dá para colocar, por exemplo, numa aula de matemática, numa aula de... história.

L: - Uhum...

G: - Entendeu? Então eu acho que é por aí...

L: - É, é... um dos... dos motivos que eu estou fazendo esse trabalho é por causa disso. Porque você vê a lei de educação ambiental, ela é interessante. É de 1999...

G: - Ela é linda!

C: - É...

L: - Ela é linda, mas... quando você pensa na prática, você fala como é que que isso vai acontecer? Porque pela lei é um tema transversal e interdisciplinar, que tem que estar presente, sempre...

G: - Tem que estar presente...

L: - ... E em todas as matérias.

G: - Ela tem que estar presente mas, ao mesmo tempo, o currículo fala para você: Olha Gabiroba você tem que... , as diretrizes do município, você tem que dar isso no 6º ano, né. Ao mesmo tempo chegam aí umas provas externas, agora parece que está diminuindo essa questão de provas externas, que vai cobrar EXATAMENTE o currículo do 6º ano. Entendeu? Isso aí não vai cair para o menino, ele vai entender isso aí mais para vida dele mesmo.

L: - É.

G: - Ele vai falar, meu, porque que... né?

L: - E daí... é engraçado isso porque, várias vezes, fazendo as entrevistas as professoras falam não mais, porque você está pegando o professor do 9º ano, você não sabe? É... é no sexto ano esse conteúdo aí... Ecossistema e...

G: - É tem isso aí também...

L: - E... eu falei aham... E eu tentei justamente para quebrar essa linha né, porque já que é um tema transversal, presente em todas as séries... além de padronizar, porque todas as escolas aqui têm 9º ano né...

G: - A gente tenta... Igual, na disciplina de ciências de 9º ano, a MARIA e eu, nós trabalhamos juntas, nós somos duas professoras de ciências aqui, daí a gente chega na parte de reações químicas, MARIA vamos fazer um sabão de óleo para mostrar para os meninos que dá para fazer? Vamos fazer um sabão de óleo. Vamos mostrar para eles que dá para vender? Daí a gente pega e faz... Vamos fazer é... apresentação de trabalhos sem usa isopor, sem usar E.V.A... usando materiais recicláveis para ver se os meninos saem dessa cultura de que tudo tem que usar isopor, tudo... Entendeu?

L: - Aham

G: - ... Tudo é... a MARIA vai fazer... vai montar os experimentos dela, uma parte, com garrafa PET, vamos...a gente vai montar nossos terrários do sexto ano, a maior parte... A gente tenta. Mas não sai da ciências... Não sai da geografia... e, não consigo entender ainda, eu, na minha formação, como fazer diferente assim, se não vier um trem de cima para baixo, entendeu? Se não tiver os cursos, se não tiver... Porque querendo ou não, a gente foi formado nesse sistema também.

C: - É

L: - Não, mas... você... você... para... para pensar... Lógico é um problema de formação também... ma... quando que surgiu o movimento ambiental? Década de 60, 70?

G: - Por aí foi...

L: - Quando começou a surgir as disciplinas? Agora, década de 90, 2000... Dentro da universidade, né... E isso ainda não foi incorporado a todo o processo [NT: dentro da universidade] e muito menos na sociedade, né?

G: - Sim...

L: - Por exemplo, um dos mitos que o pessoal tem, a economizar água... Quando você escovar os dentes fecha a torneira. Daí você vira e fala, legal, isso é o suficiente? Não...

G: - É, a gente tem um espaço muito além da casa né... Políticas públicas né...

L: - Exatamente

G: - Quem combate o desperdício de água não é em casa, quase. É grandes indústrias que tem um encanamento em uma quantidade de água que não é divulgada...

L: - Ou irrigação...

G: - Irrigação...

L: - Irrigação que é na zona rural. Porque na irrigação você tira a água do lençol freático e volta ela direto para o ciclo, de novo, vai direto para o rio e para o mar... Ela não fica mais disponível, então acaba baixando o nível do rio.

G: - Isso, também...

L: - O gasto de água, se você parar para pensar em um município, 90% é indústria... A BRF aqui, essas granjas de suinocultura gastam o que? Dependendo 1000m litros de água por minuto? Ou mais...

C: - É um absurdo o que eles gastam...

G: - É, o que a gente vê... faltam políticas públicas, faltam punições, faltam para os grandes. Aí vem para sua casa e fala não... mas ajuda, você cria uma consciência no menino que as vezes, vai ser um empresário da vida né?

L: - Ih... isso aí é difícil. Eu estou nessa lida a muito tempo e ainda tenho que achar um...

G: - Vocês entenderam? Depois que virar empresário ele muda também a mentalidade, se não for um trem, por enquanto que vem, de cima...

L: - Uma última pergunta, só para não estender muito, já que vocês têm aula aí... Durante essa experiência que vocês tem aí, nesses cinco anos [NT: aponta para Gabiroba], ou durante

esses vinte anos[NT: aponta para o Camboatá], vocês acham que mudou alguma coisa, tanto na prática da educação rural, quanto na prática da educação ambiental? Vocês perceberam alguma mudança, como isso foi, assim, na sua experiência?

C: - Eu acho assim, muito pouco, mas acho que teve uma mudança, porque eu estava falando agora mesmo, porque são conteúdos que as disciplinas surgiram recentemente. Daí quando a gente vem e depara com um problema, igual foi o ano passado, igual o anterior... problema de água. Daí de repente está no jornal, as novelas começam a reproduzir aquilo, malhação também... Aí parece que há um interesse maior, então aí o aluno já começa a observar mais. Daí ele já me conta que lá perto tem isso, tem aquilo, que o vizinho faz isso, que o vizinho tira água do rego para ele, larga o debaixo sem... Aqui está chegando, via irrigação da horta, na porta da escola aqui. Não sei se você observou aqui.

L: - É, não, mas essa irrigação é de boa

C: - Eu sei que é de boa. É horta...

G: - O problema é o pivô né? Soja

L: - Nossa você olha aqueles pivôs de soja, a outorga daquilo lá, só a casa de maquinas deles, vixe...

C: - E também, nos livros didáticos, também acho que está mais presente também, a discussão. Eu...

G: - Foi bom você falar disso...

C: - Eu, por exemplo, que dou geografia é hoje... os livros, pode ser trabalhando Europa, pode ser trabalhando África, trabalhando América, Brasil, né? Sempre vem um texto trabalhando a questão ambiental, a questão da água, né, a dificuldade que os países passam, traz gráficos... Então eu acho, assim, que teve uma evolução, uma evolução que foi... que foi obrigado a ter, porque há uma preocupação global né, em relação a água. E... está colocando isso na cabeça dos meninos. A questão da energia, e tudo...

L: - Mais ou menos né

C: - Então assim, houve uma evolução, não está como a gente gostaria, mas aí e nem como deveria ser né... Houve uma pequena evolução, mas está faltando muito ainda, né? Eu acho que falta muito. Falta programas, projetos, eu de repente, poderia até... eu entendo que

deveria trabalhar com todos os conteúdos, interdisciplinar... Mas de repente, até mesmo ter a matéria específica né?

G: - É, já... já existe essa proposta...

C: - O que a gente está vendo aí é do governo tentando enxugar, tirar conteúdos né...

L: - Não, assim, eu acho a legislação linda, mas eu acho que ela um pouco problemática no seguinte ponto... isso não é passado, fizeram a legislação e nem preocuparam com o projeto, por exemplo, um plano nacional de educação... Você não tem isso incorporado de verdade, você tem por exemplo, os conteúdos e só.

G: - É, e quando você pega o livro didático, por exemplo, meu trabalho de TCC foi justamente analisar os livros didáticos sobre os aspectos da... da agroecologia, no meu conteúdo, de ciências. Você vê hoje nos livros didáticos traços, pontuais... uma coisa assim, ah, a agroecologia ela vem para substituir a agricultura convencional, fim. Já encerra naquele parágrafo ali. Você não traz um texto explicando o que que é a agroecologia... Mas assim, se você pegar o conteúdo do começo ao fim, você o mesmo conteúdo que está sendo trabalhado a 3 anos atrás, a 6 anos atrás... Os livros as vezes só mudam figuras...

L: - E a roupagem, né?

G: - Entendeu? A capa, as figuras e as vezes insere aí um... Porque isso deve estar vindo para eles, de cima para..., você tem que se mostrar mais sustentável no seu discurso. Ah, então vamos inserir um texto complementar, um parágrafo, uma situação só e está bom. Daí já entra dentro do que está pedido. Daí está ok. Então eu vejo isso, os livros são iguais, o currículo também não mudou, a educação ambiental quando você vê ela na legislação, ela é... ela é... ela ainda não é uma disciplina, mas também pode ser uma disciplina, também não está definido também...

L: - É, atualmente, na legislação em vigor, ela só é disciplina para curso técnico e ensino...

G: - E superior, eu acho

L: - ... superior. Desde de... 2000.

G: - Isso né. Então fica assim, muito livre...

L: - No resto ela tem que ser trabalhada, mas como tema transversal.

G: - Um tema transversal que você trabalha quando pode, se você não pode também está tudo certo... É... mas também é uma forma de educar os alunos, não é a questão de ser só uma disciplina, é um modo de viver, eu acho. E assim, não tem que ser diferente. Então assim, a mudança que eu vejo, ainda é pequena. Pode ser por conta da questão de... ahm... de ser novo né, de ser muito novo a educação ambiental. Então a gente está com quantos anos de educação ambiental... Camboatá faz a conta aí... De 60 para cá.

C: - É se for...

G: - Quarenta...

L: - Quase 60.

C: - É, mas, eu... por exemplo, eu dei aula na década de 90 e quase não se falava.

L: - Não

G: - É, então, o Camboatá as vezes pode...

C: - Depois que saiu a questão da globalização, o assunto de aquecimento global... Aí começou a bater um pouco mais no assunto né. Aí veio a reforma, e tal... Aí veio os temas transversais.

G: - Isso.

C: - Então eu vejo que foi bem recente, viu Gabiroba. Que de fato a gente está trabalhando...

G: - Mas então, às vezes, por isso que a gente olha, por exemplo, eu analisei livros de pouco tempo né, então um espaço curto né, de dez, vinte anos, ainda não é suficiente para eles, né, mud... apesar de que eu acho que é. Porque se você acompanhar uma rede social, se você acompanhar as vezes o google, você tem muito mais, uma gama muito maior de conhecimento do que se você pegar um livro didático de ciências... Da área ambiental.

L: - Mas...

G: - Então. É para mim teve pouco...

C: - (riso) A evolução foi pequena né.

G: - Foi, porque a gente não conseguimos fazer nossos alunos até hoje encontrar o lixo da sala de aula.

C: - É (risos), exato.

G: - Você entendeu, a gente não conseguiu até hoje... Né

C: - É... o problema da bolinha, né, a gente está... eu...

G: - De fazer os meninos né, respeitar o material didático deles, respeitar o que eles usam, a gente não conseguiu nem isso...

C: - É.

G: - Quem dirá partir disso para uma mata ciliar.

L: - É, sim... Mas... Obrigado viu pessoal. Se vocês quiserem, por último, compartilhar alguma experiência, acharem que faltou alguma pergunta interessante... Se vocês quiserem falar alguma coisa, fica o espaço.

G: - Não, eu gostei da sua entrevista, porque geralmente vem assim as entrevistas: o que você está fazendo na sua escola?

C: - É foi diferente, né?

G: - Quais são os projetos que a escola está trabalhando? O que que... Nunca ninguém pergunta qual que é a nossa realidade primeiro, igual você. Geralmente é o que você está fazendo.

C: - É

L: - É muito complicado, porque eu acho que, assim, isso também. Eu... que... meio... que conversando com a Camila tentei mudar. Porque de vez em quando o aluno vem muito cru, né... Pega aquilo lá e..., a teoria toda e quer aplicar na prática...

C: - É

L: - E quando você trabalha um pouco você vê que, na verdade, é muito mais difícil...

G: - É

L: - E muitas vezes, o que mandam você aplicar, algum iluminado que fez lá e não tem o mínimo sentido na prática.

G: - Nunca foi na escola, né.

C: - A minha vontade aqui era de ter um projeto ambiental, no sentido de reflorestamento, porque a gente tem a capacidade de produzir mudas. E pegar, o menino, traz para mim

sucupira, traz barbatimão, traz semente né?... Traz araticum... e vamos fazer muda. Porque aqui nós temos uma área grande degradada

G: - E uma de compostagem também, né?

C: - Compostagem também...

G: - Para mim é muito...

C: - Então tem área degradada aqui que não pode ser utilizada e está ali com braquiária. Então, quer dizer... Eu acho que não seria tão caro, ter uma parceria com a prefeitura, ou com uma ONG. Uma ONG uma vez já me falou, olha nós vamos recompor isso tudo aí, nos vamos produzir a própria muda. Mas assim, é aquele barulho na hora e depois dissolve. Então... Eu num... é uma vontade minha. Que talvez até vá se tornar realidade, agora que eu estou na direção, de repente a gente cria um projeto, eu produzo as mudas em um ano, e no outro a gente transplanta aí, chama a prefeitura para fazer os berços... Tenho um irmão que é agrônomo e ele não gosta de falar cova não....

L: - Risos

C: - Ele fala, cova é para defunto, você vai fazer um berço. Você vai por mudinha lá, você vai preparar e tal (risos)... Ele não gosta que fale cova (risos)

L: - (risos) Tá certo, uai.

C: - Você vai por um bebe ali, para desenvolver. Uma muda. Mas eu... eu quero assim, já que estamos falando o assunto, não sei se te interessa, se você vai trabalhar... Como é que vai ser, mas eu tenho em mente fazer esse projeto, produzir essas mudas e depois colocar elas em um lugar que precisa, né.

L: - Nossa, legal. Vamos correr atrás de IFTM...

C: - Acho que agora depende muito de mim porque né...

G: - O IFTM é uma boa...

L: - Mandar email para a SEMAD porque muitas vezes tem empresa aí que tem condicionante ambiental um tecnico deles pega uma empresa grande dessas e arruma financiamento...

C: - Eu tenho uma parceira bacana aqui que é a BRF. Apesar de todo estrago que ela faz no mundo (risos)

G: - (risos) A gente tem que aproveitar né...

L: - (risos)

C: - Mas... eu precisei de esterco, quando eu fui tocar a horta, eu fui lá e conversei com um veterinário responsável. Ele me mandou 18 metros de esterco de galinha, que é um dos mais nutritivos, despejou ali. Deu mau cheiro na escola inteira... (risos). Mas nós usamos...

L: - (Risos)

C: - Eu tenho parceiros. Eu acho que agora, eu... é que ainda não deu tempo de eu me soltar aqui porque eu estou na transição, burocrático. Tanto a parte de... o pior é o financeiro.

L: - Nossa, nem fala...

C: - São seis contas em banco, e o recurso tal é uma conta separada. Todo recurso vem com verba separada, então eu estou nesse período de...

L: - Adaptação.

C: - Me chamaram para direção em janeiro, em fevereiro fui nomeado e agora nós estamos em março.

L; - Aham...

C: - Então eu não tive tempo de trabalhar ainda... no que eu gosto. Gabiroba. Então por enquanto eu tô muito ocupado com isso aqui [NT: bate numa pilha grande de papeis], atas e tal... Corre no cartório, mexe com testemunha inclusive. Mas ainda não tive tempo de, olhar o céu, o horizonte, e agora vamos desenvolver um projeto? Vamos... Apesar da área ali é da ABAN, é de assentados, mas é uma área que precisa ser recomposta, né. Se deus quiser num ano produz sementes, no outro planto, e teremos muda aí.

L: - Boto fé, o que eu puder ajudar estou aqui, adoro esses projetos locais.

C: - Então se deus quiser eu vou... Agora com você veio ainda, trazendo a tona aí... quem sabe a gente, né... até dá uma acelerada e coloca isso logo.

L: - É, ele falou um negócio e parece que isso borbulha, né?

C: - É bom né, ele traz e a gente fica... ele ficou até preocupado de chegar. E eu falei, não rapaz, nós vamos estar recebendo, já veio UNITRI. Nós vamos receber e fazer nosso papel...

G: - É estamos de braços abertos.

L: - Muito obrigado pessoal, vou parar de gravar. FIM DA GRAVAÇÃO

Apêndice N - Transcrição da entrevista única com Diretora Bacupari e Professora Jatobá (Ciências - 9º ano da E.M. Campo Limpo)

Entrevista realizada em 27 de Março de 2017.

Legenda:

L: Leonardo

J: Jatobá

B: Bacupari

L: - Deixa eu só fazer um backup aqui, porque essas coisas, depois perde... Boa tarde.

J: - Boa tarde.

B: - Boa tarde.

L: - Para começar eu queria que vocês falassem um pouquinho de vocês. É... Como é que e a sua experiência..., pode ser uma de cada vez, aqui na escola. Quando começaram a trabalhar com educação, aqui na escola, de onde vocês são, onde se formaram. O que vocês quiserem falar para apresentar vocês.

J: - Ótimo.

B: - Meu nome é Bacupari, sou professora do primeiro ao quinto ano, tem vinte e seis anos que eu estou dentro da escola municipal de Campo Limpo, quando eu entrei aqui na escola eu tinha 22 anos, e nunca mais sai...

L: - Olha.

B: - Então assim, nós temos uma história de amor aqui dentro da escola. De amor não só ao prédio, de amor as pessoas. As crianças, aos professores, as pessoas que ficaram comigo aqui esse tempo todo, que existem muitas. As que já se foram, que aposentaram, as que adoeceram, que não estão mais aqui, mas que tem muitas lembranças boas. Nossa escola não é uma escola bonita, mas é uma escola cheia de amor.

L: - Ah, eu acho aqui bonito sim.

B: - É um prédio velho né? A diretora não tem sala.

L: - Ah é?

B: - Não tem. E também não faço questão, de sala. E... nossas crianças são crianças muito carentes, muito pobres. São crianças que, a tempos atrás eram filhos de fazendeiros, hoje as nossas crianças não são mais filhas de fazendeiros, são filhos de arrendatários. De empregados mesmo. É na maioria são pessoas que estavam passando fome na cidade, que os fazendeiros buscam para vir para cá. Para vir para roça, e eles vem, sem saber nem qual é o trabalho do homem do campo. Crianças que não tem as vezes nem o que vestir. Aqui nós temos. Nem o que comer. Porque são crianças... são pais de quatro, cinco, filhos. Então assim... mas é uma escola que a gente recebe crianças da cidade também. Crianças que vem de ônibus. A gente fala que a escola municipal de Campo Limpo ela é um reformatório. Nós já pegamos muitas crianças que os pais vieram aqui pedir, porque são crianças que estão envolvidas com droga, na cidade. Crianças que estão no meio de muita violência e que vem para cá, e a gente nunca falou não. Nunca nós negamos. E a gente sempre vence. A gente sempre consegue levar eles até o fim. Vencemos.

L: - Olha, legal.

B: - Graças a Deus. É... Nosso grupo é um grupo bom, um grupo coeso. Nós temos as nossas diferenças, mas a gente tenta resolver conversando, se respeitando, cada um respeitando o espaço do outro. E aqui tem aquele ditado, a gente briga, briga, mas não mexe com o outro não, que a gente toma as dores, sabe?

L e J: (risos)

B: - Então é uma escola assim... é uma escola de amor, eu falo.

L: - Que legal.

B: - É... Para você ver, aqui a gente consegue os pais para limpar a escola. A gente consegue os pais para organizar a escola...

J: - Pintar.

B: - ... Para pintar a escola.

J: - Essa sala foi pintada por um pai.

L: - Olha que legal, então tem um apoio né?

J: - Tem.

B: - Tem, da comunidade.

J: - Se precisar de leite.

B: - Então, eu participo da... do conselho comunitário da região de Campo Limpo, junto com o presidente que é o seu JOÃO, que é uma pessoa muito especial. Sempre está apoiando a gente aqui também, nós temos uma parceria aqui com o IFTM. Muito boa. A gente sempre que precisa de espaço físico, de professores, eles estão aqui com a gente. Inclusive a professora de Ciência, a Jatobá, vai fazer um trabalho com o laboratório de ciências com os alunos.

J: - Usar o laboratório deles.

L: - Olha que legal.

J: - Tem mais alguma coisa que você quer saber?

B: - Se você me perguntar onde mora cada criança.

J: - Ela sabe.

L: - Você sa...

B: - Quem é o motorista de cada criança aqui. Porque eu tive oportunidade, enquanto a... Tem 16 anos que eu estou fora da sala, não como diretora. Eu fiquei um tempo na biblioteca, ajudando a Suzana que era a diretora que pegou nesses 16 anos. E depois a Jatobá, que [NT: atualmente] é professora de ciências. E durante esse tempo elas me deram uma oportunidade de conhecer isso. Então eu agarrei essa oportunidade.

L: - Olha que legal.

B: - Quando elas me deram... me confiaram o transporte e os alunos, tanto uma quanto a outra. Então essa questão aqui fora ficou por responsabilidade minha, então nesse decorrer desse tempo eu pude conhecer, e sem contar que eu sou dessa região. Eu moro aqui, minha família quase toda é daqui.

L: - Ë? Você mora aqui na...

B: - Não, já morei. Tem 15 anos que eu mudei daqui. Eu morei 14 anos aqui.

L: - E agora está em Uberlândia.

B: - É.

L: - Legal.

B: - Então, é... se você me perguntar quem é quem. Quem são os alunos, onde moram. Eu conheço todos os pais.

L: - Nossa, é muita fazenda.

B: - Conheço todas as fazendas. Todas as roças. Então, assim e eu falo isso com orgulho. E o transporte também. Se você me perguntar de transporte aqui dentro da escola, eu falo. Isso eu aprendi. Muito bem. Então tenho sempre segurança em relação... Eu falo, quando me pergunta de Campo Limpo com relação a professor, funcionário, aluno, eu tenho a maior tranquilidade em falar. Tanto que, quando você falou que viria, eu falei que você poderia vir.

L: - Uai, eu agradeço imensamente.

J: - É eu tenho... Deixa eu me... É, Jatobá, desde 1991 que eu sou professora.

B: - 25 anos!

L: - Olha igual ao parque?

J: - Igual ao parque, só que o parque não é meu.

L, U e B: (Risos)

B: - Mas é tio dela.

J: - É tio avô, tio avô.

L: - Legal

J: - Os Jatobás são todos de uma única linhagem. Né. A gente veio para cá com meu bisavô, que veio da Itália para o Brasil. E estou desde 1991 como professora, aqui no Campo Limpo desde 1993, né, como professora. Fiquei 3 anos na direção da escola.

B: - Quatro.

J:- Quatro?

B: - É? Foi quatro anos naquela época? Não foi 3, era 3. 3. 3 anos na direção, estou aqui com a Bacupari esse tempo todo. A gente está aqui é... família, a gente já está dando aula para os netos aqui. Já dei aula para os pais, aí os pais foram embora, agora os meninos já foram embora também. Eu sempre trabalhei no estado e no município. Eu acho que quem trabalha

no estado tem uma visão diferente de quem trabalha na prefeitura. Eu acho que parece que o estado...

B: - É mais distante.

J: - Não, ele é mais amplo. Não sei, parece que quem trabalha no estado tem uma visão melhor do todo do que quem trabalha só na prefeitura. Eu acho que aqui você fica muito no mundinho, sabe. Quando você trabalha no estado você tem uma visão maior. Né. E acho que é só.

B: - É casada com o secretário da escola.

L: - A escola aqui é uma família mesmo, hein

J: - Ah é. Casei... arrumei marido aqui. Casei não, arrumei marido aqui. Ela, o marido dela trabalha aqui também.

B: - Meu marido é motorista.

L: - Legal.

B:- Eles cuidam da horta da escola. Eles que plantam a horta da escola.

J: - A gente tem uma parceria muito boa com o pessoal, com os motoristas. Essa questão que a gente precisa, sempre eles tão disponível para gente, ajuda bastante também. Muitas vezes eles até levam a gente para cidade, para fazer algum projeto e nem cobra nada, né. Ou cobra só um valor simbólico, alguma coisa assim. E aqui a gente tenta fazer o possível, né.

B: - Se ajudar!

J: - Igual a Bacupari falou a gente tenta se ajudar, não é. Sempre da melhor forma possível, a... a questão dos alunos nossos, né. Os alunos da manhã, muito engraçado, eles são bem mais pobres do que os da tarde. Engraçado isso né, os pequenos... Era para ser os mesmos né, está na mesma escola, mas não... não são.

L: - Essas coisas são difíceis de explicar.

J: - É. Os da manhã, que são os menores, né de quatro?

B: - Quatro anos...

J: - De quatro a...

B: - 11 , 12

J: - Onze, doze, são bem mais carentes. Bem mesmo, até de você olhar você já vê isso. Os da tarde não são tanto. São poucos...

B:- São alunos que vem... Bahia também, sabe. O pessoal da Bahia que está passando fome, vem para cá. Principalmente de Jacobina...

J: - Ah é, eles vêm... de Jacobina.

B: - Eles vêm muito para cá, é quatro, cinco filhos. Com os dentes todos estragados, cariados, destruídos, cheios de perebas. Que a gente pede para... para... Nós temos aqui também, eu esqueci de falar, um posto de Saúde, que tem um doutor, chama doutor JOSÉ. Ele está aqui a 20 anos...

L: - Olha que legal.

B: - ... Que é um parceiro nosso. Então ele... ele atende as crianças da escola. E nós temos dois dentistas que faz um projeto, o doutor JOSÉ e o JOÃO, que quando a máquina lá está estragada, o compressor, eles fazem um trabalho de conscientização com as crianças. Toda semana eles vêm aqui. Quando está estragada eles vêm duas, três vezes. É... É... Prevenção.

L: - Legal.

B: - E já melhorou demais, nosso alunos tinha os dente quase tudo podre. Os que vem de fora é que a gente vê a diferença.

J: - Dá dó mesmo.

B: - Então aqui, antes da gente começar a trabalhar, primeiro a gente trata da criança. As perebas, as feridas, os piolho. Sabe?

L: - Não...

J: - Se você precisar tirar bicho-de-pé a Bacupari sabe.

L: - Oiá...

B: - Bicho-de-pé. A gente tira bicho-de-pé... Berne!

J: - Berne.

L: - Nó...

B: - Já tirei demais. Teve um dia que o Doutor JOÃO pediu para vir um aluno aqui, deficiente, que tinha bicho-de-pé no joelho, para eu tirar.

L: - Nossa.

J: - Ela é boa para tirar bicho de pé.

L: - Isso é difícil, hein?

B: - Não é não, qualquer um tira...

J: - Agulhinha tira. Tem que ser uma redondinha...

B: - Inteirinho. Então assim, é o que eu te falei, é uma família, é uma história de amor, a gente não administra achando que o diretor está lá em cima. Aqui todo mundo da opinião. É uma equipe que administra mesmo, sabe. E a gente troca ideia, conversa, acha o que não dá certo e a hora que a gente tá no aperto, todo mundo se ajuda. Os que não se ajuda é minoria. E a gente ensina, a gente ensina. Os que chegam aqui e não consegue trabalhar em grupo, a gente ensina eles a trabalhar.

L: - Muito bom

B: - Mas isso como muito amor, sabe.

L: - Bom, bom. Aqui tem um diálogo, uma proposta, não fica só naquele quadradinho né .

B: - Não, e não é autoritarismo que administra a escola. Não pode ser mais. Uma escola democrática né, precisa de pessoas, por que as pessoas têm opinião diferente, têm visão diferente. E talvez a sua visão praquela momento não é legal... eu... eu não consigo... eu... assim, a gente está junto a tanto tempo, que quando eu tenho alguma coisa assim para fazer, eu... eu confio demais na Jatobá. Eu já falo, Jatobá faz isso. Às vezes eu nem falo, ela já pega os negócio e, sabe, já vai organizando. Isso porque ela sabe, viveu isso aqui também né, 25 anos aqui não é dois dias.

L: - Não.

J: - Essa sala aqui é uma sala que a gente desenvolveu um projeto aqui de dislexia. Então a gente tinha... ficamos dois anos aqui com 15 anos, por isso ela é diferente...

B: - As mesas.

J: - As mesas, a cor...

B: - Eles trabalhavam juntos.

J: - É, eles trabalhavam em grupo aqui, né. Aí a supervisora que coordenava esse projeto ela passou para o turno da manhã, então não teve mais como ela continuar essa coordenação né. Mas agora ela está desenvolvendo de manhã, né.

B: - Tá.

L: - Legal.

J: - Porque, é muito engraçado, é muito fácil para você falar assim, não, esse menino não aprende. Não é? Muito fácil. Mas...

B: - Porque?

J: - Porque né, vamos ver porque.

L: - E como fazer ele aprender.

J: - Como fazer... Aí a gente quis... montou aqui uma sala de... tinha na faixa de 14 a 16 alunos, para esses alunos com mais dificuldade, não só de dislexia, mas com dificuldade. Tinha outros problemas também...

B: - De aprendizagem

J: - De aprendizagem... E a gente trabalhava, como se diz, no... no... no nível deles sabe.

L: - Construindo junto com eles.

J: - Isso, construindo junto com eles, e devagar, No tempo deles, né. Limitando.

B: - Muito lúdico. Muito lúdico...

J: - Muito lúdico, pouca coisa escrita, mais eles montando as coisas, né.

L: - É dá para ver que aqui tem algumas coisas bem legais.

J: - É, então muito bom. Essa turma funcionou muito bem. Alguns alunos, assim, melhoraram bastante. Outros não, você vê que eles têm aquela limitação mesmo, né. Então quando estava aqui, ele tinha um rendimento, agora na sala normal, não é fácil você trabalhar... Né mesmo a gente... você viu que a gente tem poucos alunos, não é? Uma faixa... a sala que mais tem aluno tem 24 não é?

B: - É.

J: - 24. Mas mesmo assim, se você tem dois lá com mais dificuldade, você não...

L: - Eu sei como é que é...

J: - Tem 23 que está te puxando um pouco mais para frente, você chega um pouco naqueles lá, mas você não consegue dar a atenção que a gente dava aqui. Que era diferenciada.

B: - Muitas vezes a gente atende telefone, é pai e mãe desesperado pedindo socorro. Muitas vezes os pais chegam aqui, mudando para a fazenda, porque ficou sabendo que no Campo Limpo é uma escola diferenciada.

L: - Olha só.

J: - É.

B: - Nós temos alunos do Canaã aqui, com dislexia.

B: - Então assim...

J: - Morada Nova.

B: - ... Nós temos um aluno que foi expulso do Teresa Valsé, de quatro anos. E a gente... ele... ele agredia, voava em qualquer um, e hoje ele está aqui, você tem que ver ele. Uma graça. Mas isso não é só por competência não, sabe... É muita oração! Muita entrega a Deus.

L: - Aham

B: - Sabe a gente entra na escola, a gente entrega a vida das crianças, a nossa vida, para Deus. E ele faz a Obra.

L: - Que bom.

B: - Então assim... Muitas crianças... A gente já ajudou criança demais. Olha, vou te dar o exemplo, de um que ficou aqui 4 anos. Os pais moram na cidade, o pai era usuário de droga, parou de usar droga, e o menino veio para cá porque estava quase entrando nesse mundo, de drogas. Ele ficou aqui 4 anos, ele saiu daqui com duas dependências. Esse ano ele entrou na escola, ele já foi expulso da escola da cidade, a mãe já veio aqui para voltar ele para o nono ano, porque não sabe que escola coloca ele na cidade.

J: - Porque ninguém quer ele na cidade.

B: - Ninguém quer...

J: - Ele não para, você entendeu? Aqui a gente tinha uma atenção maior para ele, né.

L: - Vocês estavam acolhendo.

J: - É e tinha uma... vigiava melhor, sabe, tinha um controle melhor dele. Porque é uma escola pequena, todo mundo conhece a mãe, o pai, ele. Então tem um controle melhor aqui...

B: - Esses... esses...

J: - Na escola grande você não tem esse controle.

B: - Esses pais que moram na fazenda hoje é difícil até de fazer uma plantação de horta. Porque assim ó, eu tenho uma fazenda, eu vou até lá no Morumbi e pego uma família pobre, que está passando dificuldade e trago para cá. Com quatro, cinco filhos normalmente vêm. Então essa pessoa nunca tirou leite, esse pai, essa mãe, acomodou e nunca plantou nada. Então ele chega aqui na fazenda e tem que trabalhar muito, porque vida de fazenda não é brincadeira...

L: - É difícil.

B: - Tem que trabalhar muito e tem que fazer uma hortinha. Eles não conseguem. Tem que ser uma orientação sabe. A gente fica preocupada, ou... A gente traz manga aqui para o lanche deles, eles ficam loucos com manga. Eu falo: gente, na sua casa não tem um pé de manga? Não. Então tem que plantar um pé de manga. Na sua casa tem um pé de goiaba? Não, não tem tia. Eles ficam doidos com isso, porque eles gostam de verdura e de fruta. Então você vê, é por isso que eu falo para você assim, é uma falta de orientação, sabe...

J: - É.

B: - ... Porque quando a gente começou aqui eram os donos da fazenda, eles tinham suas hortaliças, seu gado...

J: - É... O menino chegava aqui, mas ele tinha... Porque o nosso horário é invertido né? Os maiores a tarde? Porque eles ajudam a tirar leite. Entendeu? Então os maiores ajudam a tirar leite...

L: - Posso aproveitar esse gancho aí que vocês estão trazendo para fazer uma pergunta?

J: - Pode.

B: - Pode fazer.

L: - O que que é para vocês ser uma escola rural? O que que define uma escola rural? Mas assim, eu quero saber na opinião prática de vocês... Particularidades, dificuldades...

J: - É... Esc..

L: - ... Vantagens...

B: - Escola rural eu acho que não tem que mudar currículo porque o menino é da roça. Porque ele não é menos inteligente do que o da cidade...

L: - Uhum...

B: - Eu acho que a gente tem que aproveitar o que ele tem em casa e trabalhar na escola. Porque quando você trabalha a plantação, o que que ele plantou, o que que ele vai plantar. Ele pode chegar em casa e fazer a diferença. O que ele aprende na escola fazer diferença lá. Nossos alunos não tem uma praça, nossos alunos não tem um shopping... O único dia que eles vão lá é quando eles vão fazer as compras do mercado. Quando o patrão leva para fazer a compra e as crianças vão, né. Então, eu acho que o ensino não tem que ser diferenciado, eu acho que tem que ser aproveitado o que eles têm, e trabalhar. Isso não significa que... a lá na cidade, lá na cidade eles ensinam equação. O que eu vou fazer com equação na minha vida? Se tem tantas outras coisas que eu vou poder aproveitar no meu dia-a-dia. Então eu acho que assim, não é mudar o currículo não, que é lá. Lá no alto mudar, não é lá, nem é lá. Não é vir de cima para baixo, eu acho que deveria sentar com os professores, o que que essa criança está precisando aprender? É isso que a gente fazia no projeto estrela. O que que essa criança precisa para ela, para ela lá fora. Que leitura de mundo que ela tem que ter?

J: - A gente trabalhava até, por exemplo, a química, né, com os meninos aqui do estrela. Só que trabalhava diferente. Eu não dava para eles um texto de quatro páginas lá, de reação química para ele decorar. Não, então vamo, vamo fazer assim ó. Então vamos entender o que que é, e sempre trabalhando assim um texto claro, pequeno e uma atividade prática por cima. Então ele fazia. Então é isso.

B: - Porque, porque o governo faz propaganda para o homem voltar para o campo né?

L: - É... Isso, assim... não querendo influenciar, mas eu acho que tem muitos problemas com...

B: - Então, aí o homem volta para o campo. O que que ele tem para oferecer para o filho dele? Como que um... uma criança que não tem um curso de inglês aqui, um curso que pode ser

oferecido para o filho dele, vai competir com um menino lá no vestibular, que fez o curso de inglês na cidade? Como que uma criança daqui vai competir com uma criança que vê jornal? Vê televisão, que tem interne, tem tudo... Entende? Então assim, eu acho que não tem que ser um currículo diferenciado em questão de conteúdo, mas acho que tem que ser diferenciado em questão deles aqui.

L: - Adaptar os conteúdos.

B: - É, isso.

U - É... e a 20 anos atrás eu acho que Campo Limpo realmente era uma escola de zona rural. Com alunos de zona rural. Porque esses alunos eles trabalhavam nas fazendas...

B: - Eram os filhos dos fazendeiros...

J: - Eles sabiam plantar, eles sabiam tirar leite, sabia o que que era a fazenda, né. E hoje, a gente não tem isso. Hoje se a gente tiver, o que, uns...

B: - Uns 30%.

J: - Uns 30% que sabe, que... que trabalha na fazenda. Que a mãe está na fazenda, que o pai está na fazenda, que sabe mexer com vaca, com horta, com esse tipo de coisa. Então é uns 30% só, porque a gente está numa posição geográfica né, vamos falar assim, que a gente está... a cidade está aqui ó. O IFTM está aqui, e a gente atende o pessoal das chácaras, Valparaíso e Vale do Sol, você viu quando estava vindo para cá?

L: - Vi as placas, assim mas não sou daqui. Só para explicar, eu sou meio do mundo. Minha família é de São Paulo, a capital,. Eu sou formado, sou biólogo, mas eu fiz só bacharelado ainda. Dai eu fiz meu bacharelado em Lavras, que é Sul de Minas, Fiz meu mestrado em Rio Preto, São José do Rio Preto. Trabalhei um tempo no Nordeste, em Petrolina, trabalhei no pantanal, no norte. Daí eu, trabalhei principalmente com licenciamento, com obras...

B: - Ih andou demais hein.

L: - Andei, daí eu cansei e falei não eu vou...

J: - Quieta.

L: - Quieta um pouco, daí eu vim para Uberlândia e porque meu pai veio para cá também, trabalha na UFU, e eu estou fazendo licenciatura, eu entrei como portador de diploma...

J: - Uhum...

L: - Para ter também, estava pensando em tentar mudar para essa área, tentar começar uma carreira em educação. Apesar de ser um pouco difícil, mas eu vejo bem...

B: - não é difícil, não. Se você gosta...

J: - Se você gosta é fácil...

B: - Você falou assim educação é difícil. Não sô, não é assim não, não é difícil não, toda profissão é difícil, mas quando a gente ama é diferente. A gente tem prazer em fazer...

L: - Com certeza.

J: - Tem um material, deixa eu cortar um pouquinho, da... da educação do campo né? Os livros específicos para a educação do campo. Você sabe disso?

L: - Eu sei...

J: - Que existe isso né.

L: - Não, mas o que eu quero saber aqui, entendam uma coisa, o que eu quero ouvir aqui é vocês... O que é educação rural para vocês.

J: - Ah... O que que é diferente aqui né?

L: - Como você vê essa situação.

J: - Engraçado, eu não tinha... sinto essa diferença. Sabe da educação na zona rural e na cidade lá, em uma escola central, que é a que eu dava aula. Então muitas vezes aqui, os alunos daqui que a gente já teve, eles conseguiam ter um rendimento melhor do que os da cidade.

B: - A diferença é só, eu acho que...

J: - E a gente tinha aqui, a gente tem alunos nossos aqui que fizeram engenharia. Tem vários alunos que fizeram faculdade...

B: - Direito.

J: - Direito, professores... Tem uns que seguem, fizeram pedagogia.

B: - Administração, meu filho

L: - Olha, que legal...

J: - O filho dela...

B: - Meu filho saiu daqui...

J: - ... E...

L: - Deixa eu pontuar minha visão aqui: Então não é diferente. Você não tem que ficar tolhendo, como a educação do campo, com conteúdos específicos.

J: - É. Eu não vou pegar e trabalhar com ele horta, gente. Não vou trabalhar só horta com ele. Ele que vai me dar aula de horta. Você entendeu, se ele mexe com plantação, ele que vai me dar aula de horta. Sobre isso, não sou eu que vou explicar para ele como ele vai plantar.

L: - Legal, deixa eu fazer mais uma pergunta. As outras escolas geralmente eles falam assim, quando eu pergunto o que é ser uma escola rural, salas menores...

B: - Como é que é?

J: - Sala menor. Menor quantidade de alunos (risos).

L: - É.

J: - Campo Limpo tem um conceito... meio diferente, né Bacupari. Porque a gente já teve turma aqui com 40 alunos.

B: - Eu dei aula para 37 alunos. Porque você está percebendo que essas salas são diferenciadas, são quadradas? Não são aquelas compridas, que nas outras escola são. Porque esse... eu falo que... esse prédio aqui, ó. Ele é um barracão né? Ele não tem o padrão das escolas. Nós temos um termo cessão do IFTM.

J: - Ah é. Detalhe, esse barracão não é nosso.

B: - Essa escola não é nossa. Esse termo de cessão a cada 3 anos a gente tem que renovar ele.

L: - Aham.

B: - Nós temos 7.962 metros quadrados para construir uma escola..., quando você for [NT: embora], depois das casas..., só que não tem verba. Nós não temos acessibilidade aqui, não sei se você percebeu. Nós não temos.

L: - Não. Eu acabei, assim, não reparando muito porque só entrei e vim para cá.

J: - É...

B: - Nós não... nós não temos acessibilidade, essa escola já fechou-se para sempre. Nós chegamos aqui na porta, tinha um cadeado ali, ela fechada. Simplesmente pegaram os nossos alunos e levaram para [NT: Nome do distrito removido por questão de anonimato] e para [NT: Nome do distrito removido por questão de anonimato], e falou que não iria reabrir a escola. Aí você vê. Nós ficamos loucas.

L: - Nossa.

B: - Aí o que que a gente fez? Nós nos unimos. Para reabrir a escola, foi uma luta. Ou eu estava com o pé quebrado, foi terrível. Meu filho nasceu assim..., meu pé estava quebrado, eu estava de 7 meses. A gente foi para o para o [NT: Nome do distrito removido por questão de anonimato] ... Foi muito difícil, né Jatobá? para [NT: Nome do distrito removido por questão de anonimato]... sabe que eu...

J: - É, eu não estava... Meu marido estava nessa época.

B: - Quando a gente está na casa dos outros tudo é mais difícil, né. Então...

L: - Com certeza!

B: - ... a gente começou uma luta para reabrir essa escola. E nós conseguimos reabri-la.

L: - Uai, que bom.

B: - Porque aqui tem uma história. Nós não podemos jogar essa história no lixo.

L: - E, não, sem contar que tem uma comunidade que precisa aqui.

B: - Então, e aí... A gente voltou para cá.

L: - O fluxo de alunos muda bastante também aqui?

B: - De mais. Rotatividade? Tem demais. É o que eu te falei, eu vou lá no Morumbi pego uma família para trabalhar aqui na fazenda. Aí o pai fica um... dois meses. O pai... lá da cidade, ele não dá conta de acompanhar o trabalho da roça.

J: - Acordar 5 horas da manhã.

L: - Aham...

B: - Não ter sábado e domingo, para ficar atoa.... Porque tem que tirar o leite todo dia. Ele não aguenta. Ele não consegue ficar, aí o que ele faz? Ele muda.

L: - Volta para cidade?

B: - É, ou volta para cidade, ou vai para outra fazenda tentar em outro lugar. A vou mexer, com granja, porque tem muitas granjas por aqui, da Sadia. E daí, de lá, ele muda de novo. Então tem alunos que entram aqui, vai lá para o [NT: Nome do colégio removido por questão de anonimato]. E volta duas, três vezes, durante o ano.

J: - É tem aluno que vem três vezes no mesmo ano.

L: - A Cerradão né. Tem... Lá eles...

B: - A rotatividade é muito grande

L: - ... lá falaram também que tem muita granja, e assim, quando morre o lote, ou acaba um lote, daí todo mundo...

J: - vai embora...

L: - ... vai embora. Daí volta, vem de outro lugar.

B: - Então, aqui nós não temos assentamento, né. Lá no Mata Ciliar tem muitas crianças sem-terra...

L: - O Mata Ciliar eu vou amanhã de manhã.

B: - Te muitas escolas... O para [NT: Nome do colégio removido por questão de anonimato] tem assentamento. Nós não temos. Nós tínhamos 300 alunos daqui, mas daí mudou um pouco o zoneamento. Tem muitos alunos que foram para para [NT: Nome do distrito removido por questão de anonimato]. Justamente por causa desse horário que a Jatobá falou. Porque de manhã funciona aqui os menores. E a tarde os maiores. Então tem muitos pais que acham que os menores têm que estudar a tarde, né?

J: - Ainda mais que tem que acordar 5 horas da manhã...

B: - Mas já foi comprovado que criança que estuda a tarde rende muito menos que a da manhã, por causa do sono. Então assim, é isso que eu te falo. Eu acho que zona rural não tem que ser diferenciada, a gente tem que trabalhar todos os conteúdos com aluno, mas dentro da realidade deles...

J: - Eu acho que a diferença que a gente tem aqui é essa questão do conhecimento de quem que é o menino

L: - Aham...

J: - Porque na cidade você não sabe quem que é o pai, quem que é mãe. Você vê o pai uma vez ou outra...

L: - Se ver.

J: - É, se ver. Aqui

L: -Eu sei porque a minha...

J: - Aham. Não, pode falar...

L: - A minha esposa, a gente ainda não é casado oficialmente mas é juntado... Ela trabalha no Museu, e realmente tem, ela me conta que ...

B: - Qual museu?

L: - A escola museu de Uberlândia, a Escola estadual de Uberlândia.

J: - Ah sei.

B: - Conheço, eu estudei lá.

L: - Ah, é? Então

J: - Aqui não. Aqui então, por exemplo, o 6 ano. No 6 ano tem o JOSÉ. O JOSÉ é filho do JOÃO...

B: - Foi meu aluno no segundo ano.

J: - ... E da MARIA, que foi aluno da Bacupari. Que foram meus alunos também. A... a... mãe deles morava lá também no Valparaíso, a Vó né, também mora no Valparaíso... Aí então... você entendeu? Se cria uma...

B: - As raízes ainda.

J: - É as raízes. Sabe, tem essa questão.

B: - Poucas, mas tem.

J: - Né, então, tem a fulana que tem... existe muito isso ainda. Então em cada sala, o sexto ano é uma... eu acho que é um exemplo bom para eu te dar, tem... tem... 17 alunos. Desses 17 alunos, tem 5 que eu dei aula ou para pai, ou para o pai e para mãe, ou para o tio.

L: - olha só que legal.

J: - Então é... é uma média boa, não é?

L: - Ô.

J: - Uma média boa.

B: - E eles...

J: - Então a gente conhece isso, né.

B: - E eles gostam, assim....

J: - Essa questão é meio família não é.

B: - É. Meio família sim

J: - Meio família. Eu acho que aqui funciona tipo...

B: - É uma família.

J: - Tipo uma família, assim.

B: - É... Se você falar na prefeitura, eles falam muito bem de Campo Limpo. Qual que é o diferencial de Campo Limpo? É o cuidado, é o cuidar. Então esses meninos que vem da Bahia, Jacobina principalmente, tem demais... Esses meninos chegam aqui, a gente procura dar um trato primeiro, sabe? A gente leva no dentista, leva no posto de saúde. Organiza roupa. A gente tem um brechó. Que faz todo mês, a gente separa sapato, roupa...

L: - Olha que legal.

B: - Todo mundo trás. Tem até um cantinho lá, que a gente vai colocando as coisas, e depois os pais vem, eles mesmo organizam aqui na frente sabe. Geralmente isso acontece de manhã. Aí eles levam roupas para os pais.

L: - Nossa que legal.

B: - Teve uma criança aqui, que teve um assalto lá na fazenda onde eles moram. Levaram até as roupas deles.

L: - Tsc.

B: - Hoje ele levou shorts, camiseta, tênis, porque não tem. Nem uniforme, levaram até os uniformes.

L: - Difícil.

B: - Aí acaba que assim, o que... que acontece, a gente vai tendo um laço.

J: - É

B: - Não só de escola, de professor... Um laço de carinho, de amor.

L: - Legal.

B: - Aí quando eles saem, eles choram, os pais vêm aqui falar que eles ficam muito tristes.

L: - uai, mas vocês construíram uma relação, né?

J: - É. Tem muito essa questão aqui, né. A Bacupari sempre trabalhou essa questão social com os alunos. Né. E..., assim, essa questão do precisar, né? Quem precisa de uma atenção maior, né, a gente sempre olhou isso e sempre procurou resolver esses problemas. Assim, o que a gente pode ajudar, né, no que a gente pode ajudar...

L: - Legal, agora uma pergunta... É um pouco chatinha, mas vamos lá. O que que vocês entendem por educação ambiental? Mais aí o que eu quero saber é o seguinte: Qual é a visão de vocês, que vocês tem sobre isso. Não quero aquela visão decorada de texto ou ...

J: - Tá.

L: - Como vocês entendem o trabalho aqui na escola, nessa questão, nesse conceito de educação ambiental. O que que é isso para vocês.

J: - A gente briga, briga, briga aqui com os meninos, né. A questão do lixo, porque aqui o maior problema que a gente tem é a questão do lixo dos meninos. Que eles jogam o papel de bala...

B: - Eles mesmo catam, olha ali [NT: aponta para a janela]. Você vai ver uma... uma... uma carreta de trator ali. Você está vendo?

L: - Deixa eu ver... está meio, perai [NT: levanta da mesa e vai até a janela].

J: - É porque põem o lixo dentro.

L: - Ah... Agora vi.

B: - Ele mesmos limpam a escola.

J: - Eles mesmos limpam a escola. Mas eles mesmo não têm essa consciência.

L: - Não tem.

B: - Eles, cada um, chupam uma laranjinha e jogam o saquinho.

J: - É, e a aqui a gente já brigou com isso. Já vigia a sala para ver se não joga, e... eu vou te falar é difícil.

B: - Tem... nós... Nós fizemos uma parceria com o JOSÉ, é um professor do IFTM sabe. Ele fez as lixeiras...

J: - É, tinha até as lixeiras.

B: - Tinha até as lixeiras aqui.

J: - Ainda tem algumas.

B: - Ele começou o trabalho, foi muito bom, todo mundo abraçou...

L: - Legal.

B: - Só que aí, ele saiu do projeto e entrou outro. Daí desandou.

J: - Era a lixeirinha do reciclável e não reciclável. A gente tinha essas duas lixeiras em cada sala. Né, então o próprio aluno fazia isso... Né... Mas eu não sei se é uma... uma... questão.

B: - Não, funcionou. O diferencial é isso. Funciona enquanto existem pessoas que estão dispostas e acreditam, que é possível a mudança.

J: - E está ali.

B: - Quando essa pessoa sai...

J: - Trocam.

B: -... e entram os outros, que não acreditam na mudança, elas não investem. Então desanima, porque a gente só trabalha com incentivo, se você não incentiva porque você vai fazer? E o JOSÉ incentivou a gente. Ele vinha aqui, ele queria saber o que estava acontecendo, ele passava nas salas.

J: - O que foi feito e tal...

B: - Quando o outro entrou, ele desmotivou, então se você é desmotivado... Desmotivou a direção, desmotivou os professores, desmotivou os alunos... o negócio não vai.

J: - Chama o da UFU, o que veio aqui? O do chapeuzinho...

B: - O JOÃO.

J: - JOÃO.

B: - JOÃO. Você conhece o JOÃO?

J: - É o JOÃO

B: - Ele é da dengue, do *Aedes aegypti*.

L: - Não, não sei ele é da biol...

J: - Da geografia?

B: - Não sei...

J: - Da geografia, da geografia.

L: - Não, eu... eu... assim...

J: - É, ele é da geografia.

L: - Eu entrei como portador de diploma, então eu eliminei muitas matérias, estou fazendo mais de licenciatura mesmo. Então eu estou fazendo muitas matérias, mas mais na biologia e na educação.

B: - Essa educação ambiental, eu acho que ela tinha que começar em casa. Se eu te levar em algumas casas aqui, você vai assustar. Tem lugares aqui, que você olha debaixo da mangueira, tem tanto lixo...

J: - (risos) Do lado da casa.

B: - ... Tanta sacolinha. Sabendo-se que a vaca, se comer a sacolinha, ela vai morrer... mas tem. Eles acabam de comer a comida e joga. Então, na verdade, a... essa educação ambiental eu acho que ela deveria começar do menor para o... para os espaços, né.

B: - Porque a gente trabalha com as crianças aqui, pensando-se que a gente vai trabalhar com seus pais, não é? Não é?

L: - Mas a maioria dos pais não fazem...

B: - Não fazem! É isso que eu estou te falando...

J: - A questão do agrotóxico, né, que eles usam. Eu acho que é uma questão muito grave, né. E eles tem esse manuseio direto.

B: - Não põem Proteção

J: - Não usam proteção. E deixa eu te falar uma coisa...

B: - Mas é perigoso.

J: - ... É uma coisa assim, como é que eu te falo... Não acreditar. Que eu acho que não tem outra definição. Ele não acredita que aquilo é tóxico...

B: - E que pode vir a fazer mal.

J: - ... e que pode matar ele. Eles não conseguem acreditar. Eles acham que, por exemplo, não, assim... ah, você é mulherzinha, por isso que você está de máscara, de luva. Você entendeu.

L: - É eu tenho um pouco de experiência com esse ponto, não com educação, mas com licenciamento. Não sei se vocês sabem, mas a empresa tem que ir lá e conversar com eles...

J: - Não.

L: - daí você mostra estudos que demonstram, por exemplo, que o contato com round up, ou atrazine, por tempo prolongado eleva a chance de o cara ter um câncer em 20 anos. Ela aumenta mais de 30 vezes. Mas aí o que acontece, eles não entendem isso...

B: - Nossa.

J: - Não. Não é uma coisa igual a você queimar o dedo, que né? Que você pusesse o dedo e queimasse, desse uma bolha, na hora. Aí eles, talvez até acreditariam mais. Mas como não fica uma... na hora ali, você não vê aquilo, né, está interno, você não consegue... Né. Aqui é difícil você trabalhar esse tipo de coisa, a gente tenta né, mas...

B: - Aí a gente tem um projeto. Esse projeto é... são com os alunos da tarde, é aquele lá que você está vendo, a caçambinha ali fora. Eles vêm de manhã uma vez por mês, para organizar a escola. Aí eles vêm, limpam a escola todinha, recolhe o lixo, coloca lá. Se você olhar... hoje a escola está limpa, aí eles passam na sala de manhã, aí eles fala, nossa, puxa mas é difícil hein. Aí eu falo, para vocês verem, o quanto é cansativo, o quanto é difícil manter limpo. Pronto?

J: - Daí sujam a tarde... (risos)

B: - Então a gente tenta fazer isso com eles. Sabe? Coloca o lixo no bolso, coloca o lixo em uma sacola, depois você vai lá e descarta o lixo. Mas é o que a Jatobá falou, é um trabalho assim... de formiguinha, sabe. Bem lento.

J: - Semana passada eu estava conversando com eles a questão de serpentes, né, que aparecem em casa e tal. Os meninos falando de algumas que eles viram. Aí eu falei, pois é, o que que atrai a serpente para perto da sua casa? Aí um falou rato. Aí eu falei, o que que atraiu o rato. A comida, que está lá do lado. Aí eu falei o que que tem que fazer? É você não pode deixar lixo em volta né, eu falei, e deixa né? (Risos)

B: - E deixa.

J: - Então você num...

L: - É

J: - Sabe, fica complicado.

B: - Eu falo para ele, o quintal da casa da gente, é o mais importante...

J: - Eu acho que essa educação ambiental é o que a gente está falando aqui mesmo, é a questão de casa. Sabe, mas eu acho que muitas vezes um pouco da pobreza de espírito mesmo, quando uma pessoa não tem nada, né. Então, nada é nada, né.

L: - É difícil.

J: - A gente tem algumas exceções. Você lembra daquela casa que você foi? Das menininhas, que a mãe que morava... Como é que era? A mãe foi embora e as meninas morava com a avó e com o pai, as meninas pobrinhas, que a... que a MARIA arrumou a casa para eles, fez a doação.

B: - Ah, o JOSÉ.

J: - Né a Bacupari disse que a casa era de terra, né, o piso. Sabe, uma casa super pobre, mas que limpa... limpa. Assim ao extremo.

B: - Limpa. As camas não tinha nem lençol direito, mas limpinha.

J: - Então é poucas as coisas, assim, que a gente vê.

L: - Infelizmente.

J: - Então assim, são poucas as coisas... Tem menino que chega aqui que não dá para ficar na sala, do tanto que ele está fedendo.

B: - Tem que dá banho.

J: - Está fedendo mesmo.

B: - Tem que dá banho.

J: - Tem uns que... né? Teve várias situações...

B: - Nós temos um aluno que chegou, eu estava de atestado, eu voltei e falei já vou descer os meninos para estar vendo. Daí eu desci todos e falei, uai esses são novos. Daí ele desceu mancando, daí eu fui atrás e tinha um negócio desse tamanho, sem brincadeira, na perna dele. Uma pereba viva, em carne viva. Tinha até vareja.

J: - Pergunta se ele sabe o que é pereba.

L: - Eu sei sim.

J: - Você sabe (risos).

B: - Tinha até vareja. Um pano podre, um pano sujo amarrado, ficou colado. Virou um trem esquisito, aí eu levei no posto de saúde para limpar, a menina falou misericórdia. Então assim, a pobreza deles é assim, é muito, sabe. Piolho. Piolho descendo assim, sabe.

L: - Deixa eu perguntar umas coisas aqui, já que vocês trabalham aqui tem um tempinho pequeno (risos)...

J: - Aham...

L: - É vocês acham que mudou um pouco essa questão, alguma coisa... é sobre a questão da escola rural ou sobre a educação ambiental durante...

J: - A escola rural, aqui, mudou totalmente. Porque gente realmente dava aula para alunos de...

B: - Filhos de fazendeiro.

J: - De zona rural. Agora não. Agora a gente tem uma minoria...

B: - Proletariado, arrendatário.

J: - É menino que está aqui no Valparaíso, os pais trabalham na cidade, ele estuda aqui, pela comodidade da van.

B: - Alunos que vem da cidade.

J: - Alunos que vem da cidade e vão morar com vó, com vô, com tio com padrinho aqui.

B: - Alunos que moram na cidade e vão para rodovia pegar a van para vir para a escola.

J: - É.

B: - Vem de ônibus...

J: - E assim, são crianças que NÃO TEM CONTATO COM TERRA [NT: ênfase da entrevistada]

L: - Entendi

J: - Então, por exemplo, o aluno que trabalha... que mora no Valparaíso, que é uma chácara, mas não planta nem uma... uma...

B: - Cebola.

L: - Nem uns temperinhos

J: - ... Nem uma moita de cebola, ele não é da zona rural. Eu acho que ele não é da zona rural.

L: - E sobre educação ambiental, vocês acham que mudou alguma coisa? Durante esse período melhorou, piorou?

J: - Eu acho que os... os alunos antigos eles tinham uma consciência melhor.

B: - Educação de berço.

J: - É. Sabe, eles tinham um respeito melhor. Pra... para tudo, no geral, inclusive nessa questão ambiental. Então eles tinham uma questão dentro da sala, a questão da higiene da sala.

B: - Porque vem de casa, a educação vem do berço. Porque nós não tínhamos tanta tecnologia quanto agora.

J: - Não.

B: - Porque agora você não convive mais com o outro. Você convive com seu aparelho de celular...

L: - É.

J: - Você não convive mais com o outro para saber falar um não, para saber um sim, para saber que está errado. Para saber que pode perdoar, para saber que pode amar. Você convive com um aparelho que quando ele pifa, você vai lá e troca, e você faz o que quer com ele e ele

não te responde nada, de mal, de coisa que você não queira ouvir. Se quiser você muda, né. Então o que que aconteceu, os pais entregaram os seus filhos para a tecnologia e para a escola. Aí a escola, ao invés de ensinar conteúdo ela tem que reeducar o filho, que chega na escola. Porque eu não sou contra tecnologia, eu sou a favor, desde que ela seja usada para o bem. É o que a gente está vendo não é isso. A gente está vendo filhos que chegam em casa, até na zona rural, e o pai coloca ele em frente à televisão e dá o celular para ele porque é mais viável do que você sentar e conversar. A tempos atrás não. Os pais, os filhos chegavam em casa... Eu te falo porque eu morei na fazenda, meus filhos estavam lá em volta, não tinha tanta tecnologia, a gente conversava, a gente brincava, a gente se aproximava e se amava. A gente aprendia a conviver uns com os outros. Hoje não. Ele... o Mundo está indo para um caminho assustador. Eu me preocupo. Eu estou com... Vou fazer 50 anos, estou aposentando, e a Jatobá também. Só que eu estou muito preocupada com essa geração. É uma geração que não preocupa em ver uma árvore. Não preocupa em ver o sol...

L: - Desculpa [NT: empurro e deixo a mesa torta]

J: - As mesas foram mal feitas.

B: - Que não preocupa em valorizar as coisas bonitas do meio ambiente. Se ela quiser, ela vem aqui e está muito bom, então essa geração ela não... ela não valoriza o que ela tem em volta.

L: - Isso é verdade.

B: - Não valoriza. Então assim, eu acho que a gente tem que parar. Tem que parar e, opa, o que está acontecendo? Porque tem tanta morte? Tanta destruição? Porque está destruindo tudo? Porque a gente não está vendo esse lado, que foi colocado para gente, olha aí. Você olha pela janela e você vê tanta coisa bonita. Você acha que os... os adolescentes...

J: - É um dos diferenciais da zona rural é você conseguir vim distraindo né, você tem essa, ainda mais agora que está chovendo né, a visão é muito boa.

B: - Você está conversando com os alun... aqui é proibido celular. Mas se não fosse, você estaria conversando com os meninos pelo celular, sabe. Então, aí... isso é preocupante.

J: - Até a questão de roubo, aqui não existia isso. Sabe se você deixasse seu celular aqui, ó, o menino chegava, achava e falava assim: Tia, eu achei esse celular. Não era? Eles achavam dinheiro e entregavam dinheiro para gente. Né, a um tempo atrás. E agora a gente já começou a ter esse tipo de problema.

B: - Então eu acho assim, a... a questão ambiental...

J: - Pior, de uns cinco anos para cá...

B: - Tem muita teoria e pouca prática.

J: - Pouca prática. É.

B: - ... Tem muita teoria e a mídia fala, e todo mundo, vamos fazer. Mas não faz. Então eu acho que a gente tem que parar e ver o que está dando errado, o que não está funcionando e mudar isso. A nós temos que mudar isso rápido. Rápido.

J: - O povo só preocupa quando tem enchente, roda os carros, roda todo mundo. Então a, tem alguma coisa que está errada né? Vamos dar uma ajeitada aqui, nisso aqui. Mas o que que é? O que que aconteceu? O lixo que entupiu o ralo, o esgoto. O que que foi. Entendeu? Mas só quando tem uma...

L: - Um problema.

J: - Um problema...

B: - Então é que...

J: - É que ele lembra da questão ambiental.

B: - ... Ao invés de, desculpa a palavra, ter tanta porcaria na mídia e nessa internet. Que o povo procura e salva, o que não presta. Porque não vamos fazer um trabalho de conscientização. Não sei como! Não sei como vai ser, a caminhar para esse lado do bem... Um trabalho de conscientização, que a mídia faz. Ou os programas na televisão, pelo amor de deus gente... Aquele amor e sexo? O que que é aquilo?

J: - Não, e é só sensacionalismo.

B: - Então.

J: - Aquelas mortes, roubo, aquela coisa toda...

B: - O que eles gostam de ver é essa coisa toda. Porque você não trabalha então... Tem que ter teoria? Tem que ter teoria sim, mas vamos usar a prática então. Enquanto Campo Limpo, o que que nós vamos fazer para melhorar essa questão ambiental? Mas tem que fazer. Não é só trazer o papel, vamos ler, chegar ali e a escola fez... Não é um faz de conta, a gente não pode

viver um faz de conta, porque o mundo, o Brasil está afundando. Em questão ambiental. Cadê os fiscais? O que está acontecendo?

J: - Pois é, mas mesmo aqui é... tem uma. Meu irmão tem uma clinica na..., como que chama aquele bairro lá? Tem uma clínica no Uberlândia Shopping...

B: - UNITRI

J: - Rua da paz, como é que chama lá?

B: - Do lado da UNITRI.

J: - É. Aqueles bairros chiques lá. Dai estão construindo um prédio...

B: - Morada da Colina.

J: - Em um lugar que é... que é... Você viu? Está construindo um prédio. Lá, primeiro que não poderia ter prédio lá, de não sei mais do que quantos andares. E esse acho que são quatro ou cinco andares. Agora como? Me explica como.

B: - Poder de manobra da massa. De manobra, muito grande.

J: - Está vendo como é difícil você trabalhar esse tipo de coisa? Então aqui não pode... Mas é engraçado, os nossos alunos, quando você começa a apertar eles assim, eles tem até uma noção boa.

B: - É muita teoria, pouco tempo.

J: - Igual eu estava te falando, a questão da cobra, né. Então e a... né. Porque a cobra está lá perto da sua casa?...

B:- Olha...

J: - ... É o lixo...

B: - Meu filho...

J: - ... Os meninos criou uma... os meninos estavam falando do tio, que criou uma jibóia no paiol, para comer os ratos. Olha que interessante.

L; - Isso aí é uma boa.

J: - Não é? Pôs a jibóia, e disse que a jibóia ficava lá no paiol e comia os ratos.

B: - Meu filho estudou aqui até o nono ano e estudou com ela. Aí ele foi... um dia ele foi picado por cobra. Aí depois o pessoal foi conversar com ele, como que foi né, na hora, tudo, ele contando. Porque minha professora, achei tão bonitinho, nunca vou esquecer, explicou que quando a cobra picasse não podia amarrar. Meu primo queria amarrar meu braço e eu falei não, não pode. Eu aprendi que não pode. Aí depois eu perguntei para ele, quem é a professora que te ensinou JOÃO? A Jatobá. Então você vê, tirou isso para a vida dele levou para a vida dele.

L: - E qual foi a cobra que picou ele?

B: - Jararacuçu.

J: - Jararacuçu! Se tivesse...

L: - Apodreceu?

J: - Não mas chegou a dar...

B: - Celulite.

J: - ... Deu Celulite. Se amarra, tinha ferrado com tudo.

B: - Daí ele, diz ele, que quando eles pegaram lá a cordinha ele falou não, não pode. Ele não falou o nome dela quando ele estava contando para todo mundo lá em casa. Mas depois eu perguntei. Gente, foi uma aula valiosa, porque ele levou para a vida dele. Então é isso que eu falo, o que que tem que ser o diferencial. O diferencial é trabalhar coisas que a criança vá usar na sua vida, não é só ficar em cima de textos, leituras de texto, só isso... Que trabalhe com a criança isso, mas a prática também. Né?

J: - Aqui nós já fizemos horta com eles, a muitos anos atrás. Já trabalhamos a questão de mudas também, algumas mudas a gente plantou com os meninos...

B: - Teve o viveiro.

J: - Fez um viveirinho de mudas, algumas eles plantou aqui, outras eles levaram. Tinha uma parceria com o pessoal da agrotécnica, que eles têm um viveiro grande lá. A gente pegava algumas coisas lá.

B: - Isso aqui é o paraíso.

J: - Aqui é. E assim a gente tem uma assessoria, da agrotécnica e da IFTM, né

B: - Muito grande.

J: - Muito grande. Então assim, o que a gente precisa, eles ajudam a gente mesmo.

B: - E o que é mais importante dentro de uma comunidade, dentro de uma instituição. E que eu valorizo muito, enquanto gestora, enquanto diretora, enquanto professora, enquanto gente, ser humano... É a união. É o respeito, então eu falo assim, aqui você pode conviver aqui, que você não vai ouvir ninguém falando ma; um do outro. Principalmente a tarde, o grupo da tarde. Sacaneando um com o outro sabe?

J: - É, tem um grupo muito bom a tarde.

B: - Se um pode ajudar, o outro, o outro traz de casa, arruma emprestado, busca, sabe. Então o que a gente tem aqui de ciência, é o que ela pediu de socorro para um lado, para o outro, pediu, está conseguindo as coisas.

J: - É, isso tudo é doação.

B: - Abre aí para ele ver.

L: - É eu vi.

B: - Não abre esse armário, aí dentro tem mais coisas. Esse armário está cheio

L: - Caiu aí.[NT: caiu um documento, Bacupari levanta para abrir o armário]

J: - Ah agora eu vi.

B: - Pode deixar, eu vou pegar. Ela está preocupada com...

L; - Olha que legal

B: - Preocupada com...

L: - O que isso tem modelo [NT: didático, do corpo humano]de ponta aí, hein.

J: - É

B: - Aí ela vai, pede para um, pede para outro, e vai conseguindo as coisas...

J: - Tipo empréstimo. Não, empresta aí, depois devolvo. Umas coisas meio assim sabe.

L: - Legal.

B: - Você não tem que procurar quem manda e quem é o dono, tem procurar fazer. O fazer junto. Quando a gente erra junto, dói menos, mas quando a gente acerta junto, é bom demais. Né?

L: - É.

B: - É bom demais. Então é isso.

L: - Legal, foi muito interessante a entrevista...

J: - Ficou faltando alguma coisa?

L: - Não, era só isso mesmo. Essas perguntas básicas mesmos. Agora vou parar de gravar...[NT: Agradecimentos e discussões aleatórias sobre política e aposentadoria]. FIM
DA GRAVAÇÃO